

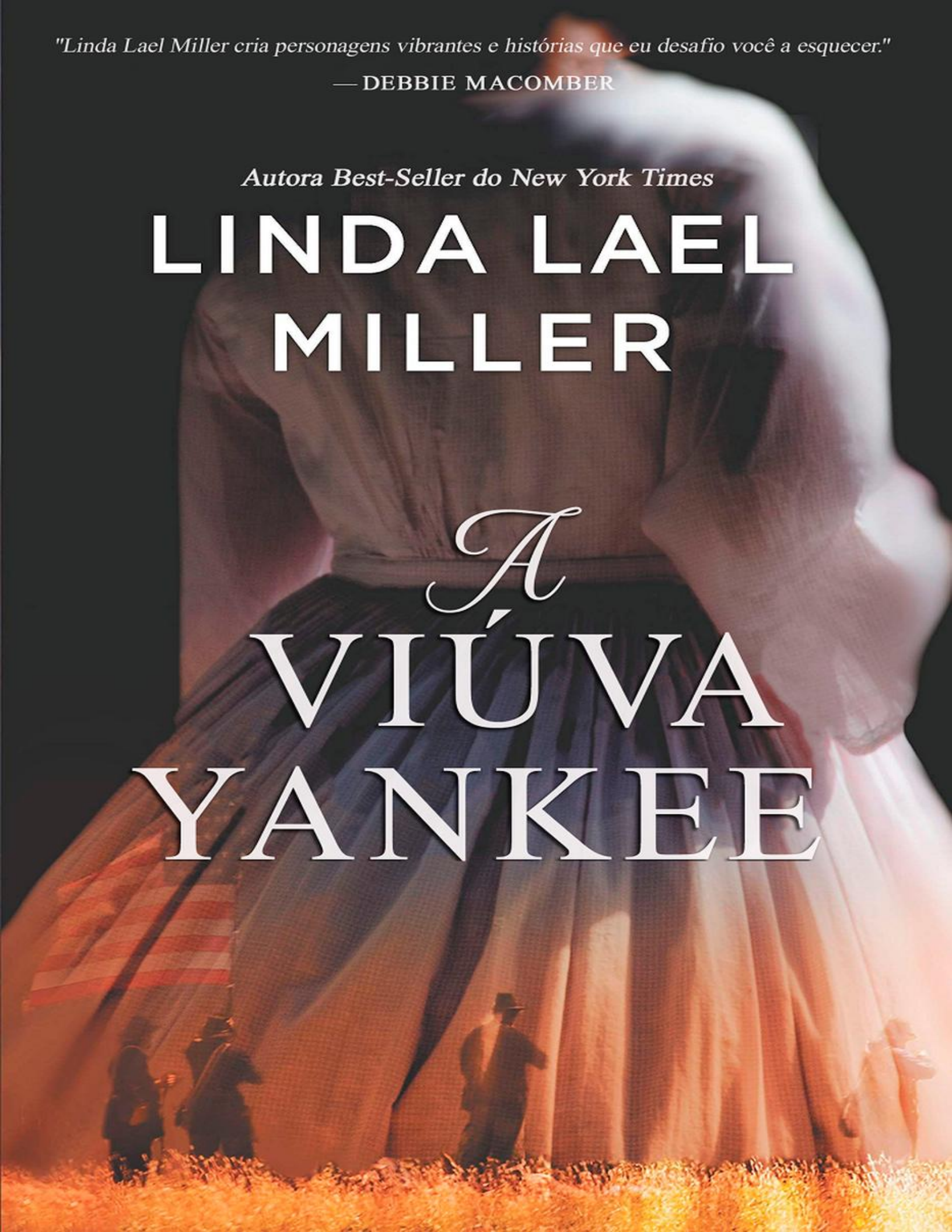
"Linda Lael Miller cria personagens vibrantes e histórias que eu desafio você a esquecer."

— DEBBIE MACOMBER

Autora Best-Seller do New York Times

LINDA LAEL
MILLER

A
VIÚVA
YANKEE





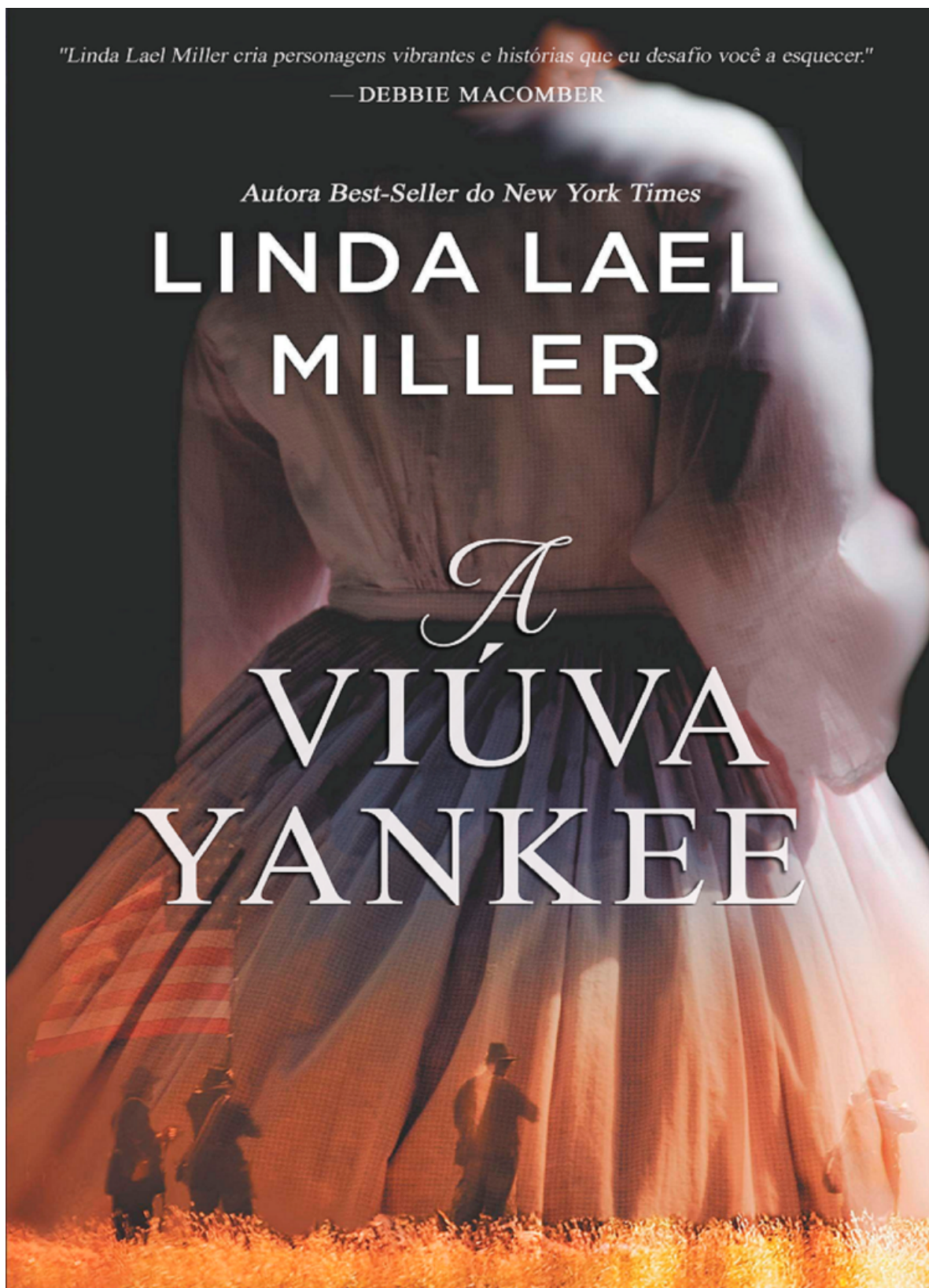
"Linda Lael Miller cria personagens vibrantes e histórias que eu desafio você a esquecer."

— DEBBIE MACOMBER

Autora Best-Seller do New York Times

LINDA LAEL
MILLER

A
VIÚVA
YANKEE



Sumário

[Dedicatória](#)

[A Viúva Yankee](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

AGRADECIMENTOS

FICHA TÉCNICA

*Em memória de Mary Ann Bleecker Readman, minha prima, minha
consciência e minha querida amiga. Sinto sua falta a cada momento
de cada dia.*

A viúva Yankee
Linda Lael Miller

1

Chancellorsville, Virginia

3 de maio de 1863

Jacob

A primeira bola Minié atingiu a mão esquerda do cabo Jacob Hammond, a segunda, seu joelho direito, cada golpe deixando um corte irregular em seu rastro; outra cortou sua coxa direita um instante depois, e então ele perdeu a conta.

Uma névoa carmesim acobreada caiu sobre Jacob quando ele se dobrou e depois mergulhou, com o que pareceu uma graça estranha e prolongada, em direção ao terreno acidentado. No caminho, ele notou a grama dobrada e quebrada, brilhando com sangue fresco, os sulcos profundos deixados por balas de canhão, saltos de botas e os cascos de cavalos em pânico.

Uma clareza peculiar tomou conta de Jacob naqueles momentos entre a vida como ele sempre a conheceu e um outro jeito de ser, já inevitável. Os limites de sua mente pareciam se expandir além do crânio e da pele, correndo para fora em uma velocidade vertiginosa, disparando em todas as direções, subindo além das copas das árvores, além do céu, além das fronteiras distantes do próprio cosmos.

Por um instante, ele entendeu tudo, todo mistério, toda falsidade, toda verdade.

Ele não sentiu nenhuma emoção, nenhuma alegria ou tristeza.

Havia paz, porém, e a doce promessa do esquecimento.

Então, com um puxão tão rápido e tão violento que enojou sua própria alma, Jacob estava de volta dentro de si mesmo, um prisioneiro atrás de barras de ossos fraturados. O lampejo de conhecimento extraordinário se foi, um fato que entristeceu Jacob mais profundamente do que a probabilidade da morte, mas uma pequena parte da experiência permaneceu, uma habilidade de pensar sem obstrução, de ver seu passado tão vividamente quanto seu presente, de visualizar tudo que estava ao seu redor, como se de uma grande altura.

Felizmente, não houve dor, embora ele soubesse que certamente viria, desde que permanecesse vivo o suficiente para recebê-la.

Algo parecido com uma amarga diversão tomou conta de Jacob então; ele percebeu que, inexplicavelmente, não esperava ser abatido neste campo de batalha selvagem ou em qualquer outro. Não importa a carnificina indescritível que ele testemunhou desde seu alistamento no grande exército do Sr. Lincoln; com a arrogância da juventude, ele se acreditava invencível.

Ele assumiu que os homens de azul lutavam ao lado da justiça, comprometidos com a tarefa de consertar uma nação dividida, restaurando-a ao seu antigo todo. Apesar de todos os seus defeitos, os Estados Unidos da América eram a nação mais promissora que já surgiu da velha ordem de reis e déspotas; mesmo agora, Jacob estava convencido de que, qualquer que fosse o preço, não deveria ser permitido falhar.

Ele estava disposto a pagar esse preço, ainda estava disposto.

Por que então ele ficou chocado, ou melhor, *afrontado*, ao descobrir que a conta havia chegado, na íntegra, e que seu próprio sangue e respiração, sua própria substância, era a moeda necessária?

Porque, ele pensou, a vergonha tomando conta dele, ele estava disposto a morrer apenas em *teoria*. Por vaidade ou ignorância ou pura ingenuidade, ele de alguma forma, sem saber, declarou-se isento.

Bem, lá estava. Jacob Hammond, marido de Caroline, pai de Rachel, filho, neto e bisneto de gente forte e de mente elevada, atual proprietário de uma fazenda modesta, mas fértil, alguns quilômetros ao sul do pequeno, mas produtivo município de Gettysburg, Pensilvânia, não era mais vital para a nobre busca da justiça duradoura para todos do que qualquer outro homem. Em qualquer esquema maior, nem sua vida nem sua morte realmente importariam.

Ele sabia que seus ferimentos eram graves, que uma morte rápida era o destino mais misericordioso que ele poderia esperar, e ainda assim ele queria muito viver, voltar para sua amada esposa, para sua filha, para a modesta, mas próspera fazenda que brilhava em seu interior. Sua memória, mais bela que o próprio céu.

O sacrifício era terrível, indizivelmente.

Valeu a pena?

Jacob ponderou sobre essa questão, decidiu que, para ele, valeu.

O país havia sido destruído, osso e sangue, talvez para nunca mais ser consertado. Estava longe do ideal estabelecido por aqueles intelectos ousados que se reuniram na Filadélfia em 1876 em uma explosão de brilhantismo rebelde.

De alguma forma, no calor sufocante de um verão na Pensilvânia, e ainda assim sem dúvida mais frio do que seus temperamentos coletivos, por dissidência, por ganância, mau humor, teimosia e todos os tipos de outras falhas mortais, esses homens notáveis forjaram uma filosofia, uma visão gloriosa do que uma nação, um povo, poderia se tornar.

Para Jacob, sangrando no chão, no meio de uma guerra sem fim, esse objetivo parecia mais distante do que nunca, sem esperança, até mesmo impossível.

E ainda, se ele pudesse, ele teria lutado, morrido não apenas uma vez, mas mil vezes, não pelo país como era, mas pelo objetivo nobre e sagrado sobre o qual foi fundado, liberdade e justiça para todos.

Seja qual for o custo, a União deve se manter unida.

Tanta coisa pendia na balança, tanta coisa. Não apenas a esperança e a coragem daqueles que já partiram, mas a liberdade, talvez a própria existência, daqueles que ainda não nasceram.

Em solidariedade, os *Estados Unidos* podem ser uma força para o bem em um mundo faminto e desesperado. Dividido, seria ineficaz, dois grupos brigando, fadados a se dividir em fragmentos ainda menores e mais fracos ao longo do tempo, muito ocupados posando e brandindo sabres para atender às demandas de um futuro frágil ou ficar no caminho de novas tiranias, certas para surgir.

Consideramos essas verdades evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais...

Essa crença, por mais inspiradora que fosse, irritou as consciências das pessoas pensantes desde que brotou da pena da caneta de Thomas Jefferson, como deveria.

Como muitos de seus contemporâneos, o próprio grande homem mantinha escravos.

A contradição inerente não poderia ter escapado a uma mente tão brilhante quanto a de Jefferson, nem a sutil diferença no fraseado enquanto ele escrevia aquelas palavras importantes. Ele não havia escrito que *alguns* homens foram criados iguais, mas que *todos os* homens o eram.

Uma oposição enérgica à instituição indefensável da escravidão foi levantada, é claro, mas no final, a conveniência prevaleceu. Representantes das colônias do sul, com seus vastos campos de algodão e outras colheitas valiosas, certamente enfrentariam a ruína sem seus milhões de

trabalhadores não pagos. Eles se recusaram a se juntar à rebelião contra a Grã-Bretanha se a escravidão fosse proibida.

Como a luta certamente fracassaria sem eles, a concessão havia sido feita.

Mas qual era o valor da liberdade se ela permanecia na esfera dos homens brancos enquanto excluía todos os outros?

Infelizmente, a questão era grande demais para um homem em vias de morrer, sozinho e longe de casa.

Não havia nada a fazer a não ser deixar ir. Nos recantos mais profundos de seu coração, naquele lugar tranquilo além do medo, da dor e da fúria, Jacob orou para que a vontade de Deus fosse feita, nesta questão de países e guerras.

Então, com aquele pedido feito, ele levantou outro, mais egoísta. *Cuide de minha amada esposa, nossa filhinha e Enoch, nosso amigo de confiança. Mantenha-os todos seguros e bem.*

O pedido era simples, um entre milhões como esse, sem dúvida, chegando aos ouvidos do Criador nas asas do desespero e da tristeza, e não houve o momento da Estrada para Damasco para Jacob, apenas o rugido da batalha que fazia o chão tremer. Por aí. Mas, mesmo em meio ao trovejar dos canhões, ao estampido das carabinas e ao estalo ardente dos mosquetes, ao tilintar das espadas e aos guinchos estridentes de homens e cavalos, ele encontrou certo consolo.

Um sussurro de esperança. Talvez ele tenha sido ouvido.

Ele começou a flutuar então, para frente e para trás entre a escuridão e a luz, o medo e o esquecimento. Quando ele emergiu, a dor estava esperando, como um espectro pairando sobre ele, pronta para descer, pousar sobre ele, esmagá-lo sob seu peso.

Consequentemente, Jacob voltou a refugiar-se lá no fundo, onde ainda não podia chegar.

Horas se passaram, talvez dias; ele não tinha como saber.

Eventualmente, porque a vida é persistente mesmo diante da desesperança e da agonia implacável, o esconderijo interior tornou-se menos acessível. Nesses intervalos, a dor brincava com ele, como um gato com um rato. A fumaça queimava seus olhos, que ele não conseguia fechar; subia, ardendo, em suas narinas, esfolava sua garganta em carne viva. Ele estava com sede, com muita sede. Ele se sentia tão seco quanto a palha do

milho do ano anterior, imaginando o sangue de sua vida escorrendo, embora lentamente, para a terra devastada.

Para suportar seu sofrimento, Jacob pensou em casa, conjurou imagens vívidas de Caroline, calmamente bonita, mais propensa ao riso do que às lágrimas, corajosa como qualquer homem que ele já conheceu. Ela o amava, ele sabia disso, e seu coração descansava seguro com ela. Ela sempre aceitou suas atenções no leito conjugal com aquiescência bem-humorada, embora talvez não com uma paixão igual à sua, e embora dissesse a si mesmo que esse era o jeito de uma boa mulher, às vezes se perguntava se, para Caroline, fazer amor era simplesmente mais uma tarefa conjugal. Mais um dever a cumprir, depois de um dia lavando e passando, cozinhando e costurando, cuidando da horta atrás da casa e colhendo maçãs e peras, damascos e pêssegos nos pomares quando os frutos amadureciam.

Jacob não era o tipo de marido que subestimava os esforços da esposa. Sempre que possível, ele lhe dava uma mão solícita, pouco preocupado com o que constituía “trabalho de mulher”; ele não hesitava em trocar uma fralda, juntar ovos ou estender a roupa lavada.

Não, trabalho era trabalho, quer coubesse a um homem ou a uma mulher fazê-lo. Como fazendeiro, porém, ele tinha campos para arar e colher, gado para cuidar, ferramentas e carroças para manter e, mesmo com a ajuda de Enoch, fazer tudo isso exigia toda a luz do dia e, muitas vezes, parte da noite.

Ah, mas Caroline. Caroline.

Ela era uma pura maravilha para Jacob. Seu preço, se é que se podia definir um, estava de fato muito acima dos rubis; ela pode ter sido o modelo da mulher descrita no capítulo trinta e um de Provérbios. Ela era certamente virtuosa e olhava *“bem para os costumes de sua casa e não comia do pão da ociosidade”*. Além disso, ela *“estendia a mão para o pobre”* e *“estendia a mão para o necessitado”*.

Caroline não apenas atendia às muitas exigências do casamento e da maternidade, como também era um membro ativo da *Ladies' Aid Society* local. Essas mulheres estavam entre suas amigas mais próximas, todas determinadas a servir à causa da União e a apoiar e encorajar os soldados que lutavam por ela.

Ela havia escrito para ele sobre como elas se reuniam regularmente nas casas umas das outras, essas guerreiras na frente doméstica, para fazer colchas e camisas, consertar cobertores e tricotar meias, engarrafar frutas e

vegetais e outros alimentos, escrever cartas para almas solitárias em acampamentos militares distantes e planejar campanhas e estratégias para o futuro.

Elas também se aventuravam na comunidade, bajulando amigos, vizinhos e estranhos, dispostos a pedir e pedir emprestado, se não roubar, quaisquer itens que um soldado pudesse achar útil, pós para dor de cabeça e outros remédios convenientes dos farmacêuticos, sabão e grãos de café e bálsamo caseiro para lábios rachados e calcanhares com bolhas de quem os tivesse para dar.

Gettysburg era uma próspera cidade mercantil, com muitos residentes prósperos e, nos primeiros dias da guerra, as doações eram generosas. Os mercadores ofereciam mercadorias em caixotes, farinha e feijão em barris. Os fazendeiros traziam suas colheitas abundantes de batatas, abóboras, cenouras, cebolas e nabos para as senhoras em carroças, muitas vezes com grandes pedaços de carne de porco salgada e potes cheios de ovos frescos, preservados em copo d'água.

Ele viu por si mesmo, quando voltou para casa em uma breve licença, como toda essa recompensa era cuidadosamente classificada e catalogada pelas senhoras de Gettysburg antes de ser enviada, principalmente pelas ferrovias, para um centro de distribuição em Baltimore, de onde seria dispersada para frentes de batalha e hospitais em todo o Norte.

É claro que, à medida que a guerra se arrastava e a inevitável escassez aumentava, o fluxo de boa vontade havia diminuído consideravelmente, mas Jacob sabia pelas cartas de Caroline que a escassez apenas redobrava a determinação de generais de anáguas como sua esposa. Em suas palavras, elas simplesmente “arregaçavam as mangas e trabalhavam um pouco mais”.

Caroline não era estranha às dificuldades, nem a maioria de suas amigas.

Ela estava acostumada a suportar problemas, decepções e mágoas, tendo tido mais do que sua porção justa de todas essas coisas, e suportava com notável estoicismo, apesar do estado atual da nação.

O trabalho agrícola era repleto de perigos; colheitas poderiam ser destruída por granizo, seca ou geada, incêndios florestais e pragas de gafanhotos, ou tornada sem valor por uma queda nos preços.

Ele e Caroline enfrentaram vários desastres e superaram, embora não sem esforço.

Ainda assim, a vida tinha sido mais difícil para Caroline do que para muitas pessoas, desde o início.

Ela tinha apenas quatro ou cinco anos quando uma febre a atingiu, repentina e cruel, levando sua mãe, pai e irmã mais nova no espaço de um único dia. Caroline também adoeceu, mas de alguma forma ela se recuperou.

Seus avós paternos, Doc Prescott e sua esposa, Geneva, a acolheram e cuidaram dela com todo o carinho, mas ela estava doente há algum tempo e sofria muito por sua mãe, seu pai e sua amada irmãzinha.

Mais perdas se seguiram; seu avô morrera recentemente, e ela chorara junto aos túmulos de duas de suas amigas mais queridas nos últimos meses, ambas mortas no parto, junto com seus filhos.

E então, antes de sua preciosa Rachel, houve os bebês perdidos, dele e de Caroline, o primeiro no meio da gravidez, uma criaturinha enrugada, ensanguentada e azul, levada em uma bacia para ser enterrada, o segundo, um menino, levado a termo, mas natimorto.

Foi Enoch, que Deus o abençoe, quem cuidou daqueles corpos impossivelmente pequenos, colocou os dois pequenos para descansar no pequeno cemitério da família, disse palavras sobre eles e chorou como se fossem de sua própria carne. Mais tarde, ele esculpiu lápides para eles, cruzes de madeira robustas, com menos de trinta centímetros de altura, sem nomes ou datas.

Agora, com sua própria morte tão próxima, Jacob desejou que Caroline não tivesse tentado ser tão forte ou trabalhado tão duro para esconder sua dor dele, de todos, segurando-a e guardando-a como o mais obscuro dos segredos. Se ao menos ele a tivesse procurado e a tomado em seus braços e a segurado com força, ele a seguraria até que ambos pudessem se soltar e chorar suas tristezas juntos.

Infelizmente, a própria dor de Jacob tinha sido uma coisa afiada e congelada, trancada dentro dele.

Não havia como voltar atrás agora, e o arrependimento só iria minar a pouca força que restava para ele.

Ele se refugiou na lembrança de coisas mais felizes, encontrando um breve abrigo da tempestade crescente de dor recente. Em sua mente, ele viu a pequena Rachel correndo para encontrá-lo quando ele voltava dos campos no final do dia, sujo e encharcado de suor e exausto, enquanto sua filha estava tão fresca quanto as flores silvestres que florescem ao longo do

riacho no verão. Vestida com um de seus minúsculos vestidos de chita, rosto e mãos limpos, ela corria para ele, rindo, os braços bem abertos, as marias-chiquinhas esvoaçantes, os olhos azuis brilhantes brilhando de prazer.

Querido Deus, Jacob pensou, o que ele não daria para estar lá, levantando aquela criança preciosa em seus braços, colocando-a em seu ombro ou girando-a e girando até que ambos ficassem tontos.

Foi então que a saudade de sua esposa e filha cresceu demais, e Jacob voltou sua memória para campos ensolarados, fluorescentes e verdes, para riachos cintilantes cheios de peixes. Em sua imaginação, ele estava ao lado de seu fiel amigo Enoch, mais uma vez, ambos tão próximos quanto irmãos gratificados pela visão de uma colheita abundante, por saber que, de qualquer maneira este ano, seu trabalho árduo traria uma recompensa.

“Deus abençoou nossos esforços”, dizia Jacob, baixinho e com admiração, pois acreditava que o mundo era um lugar essencialmente bom naquela época. A guerra e todas as suas brutalidades eram apenas histórias contadas em livros, ou passadas de geração em geração por velhos.

Ele viu Enoch tão claramente como se estivesse ali no campo de batalha com ele, em vez de quilômetros e quilômetros de distância. Ele ficou vívido na lembrança de Jacob, o homem negro que seu pai comprou, libertou e contratou por conta própria para trabalhar na fazenda da família anos atrás, sorrindo ao responder: “Bem, não vejo como o bom Deus deveria receber *todo* o crédito. Ele pode enviar sol e chuva, mas, pelo que sei, ele não gosta muito de arar”.

Jacob invariavelmente ria, não importa o quão esfarrapada fosse a piada, teria rido agora também, se tivesse fôlego para isso.

Ele mal notou que o terrível estrondo da batalha havia desaparecido para os débeis gemidos e gritos baixos de outros homens, rebeldes e homens da União, caídos e deixados para trás na ácida urgência do combate.

Ele sonhava, ou pelo menos *achava* que estava sonhando, com o céu de que ouvira falar durante toda a vida, pois vinha de uma longa linhagem de pessoas que frequentavam a igreja. Ele viu os portões imponentes, cravejados de pérolas e pedras preciosas, abertos diante dele.

Ele também teve um vislumbre das lendárias ruas de ouro e, embora não visse anjos nem entes queridos há muito falecidos esperando para recebê-lo em qualquer reino celestial que agora ocupassem, ele ouviu música, quase

bonita demais para ser suportada. Ele olhou para cima, viu um céu deslumbrante, não apenas azul, mas de alguma forma *tecido*, uma tapeçaria brilhante de inúmeras cores, cada uma brilhante, algumas familiares e outras além de sua capacidade de descrição.

Ele hesitou, não por medo, pois certamente não poderia haver perigo ali, mas porque sabia que, uma vez que passasse por este portal em particular, não haveria como voltar atrás.

Talvez fosse uma blasfêmia, mas o coração de Jacob se encheu de um desejo pungente por um céu menor, outro paraíso mais humilde, onde os portões e cercas eram feitos de madeira talhada à mão ou pedras simples colhidas nos campos, e as estradas eram trilhas sinuosas de poeira e terra, sulcada por rodas de carroça, neve profunda e brilhante e chuva pesada.

Se estivesse em seu poder, e ele sabia que não estava, ele teria trocado a eternidade naquele lugar de paz e beleza inefáveis por um único e abençoado dia comum em casa, acordando ao lado de Caroline em seu colchão de penas, provocando-a até ela corar, ou observando, tocado pelo amor dela, enquanto ela preparava o café da manhã na cozinha da casa em uma manhã comum.

De repente, as doces visões se foram.

Jacob ouviu sons abafados, mas distintos. Homens, cavalos, algumas carroças.

Então nada.

Talvez ele estivesse imaginando coisas. Sofrendo alucinações.

Ele esperou, ouvindo, os olhos sem piscar, secos e rígidos nas órbitas, ardendo de suor, areia e sangue coagulado.

O medo queimava em suas veias quando os primeiros minutos depois que ele foi ferido voltaram. Ele se lembrou do choque de sua carne rasgando, como se estivesse acontecendo tudo de novo, um pesadelo acordado de amigos e inimigos passando por eles, gritando, atirando, sangrando, passando por cima dele e sobre ele. Ele se lembrou dos cascos dos cavalos, levantando manchas no chão a poucos centímetros de onde ele estava.

Jacob se forçou a se concentrar. Embora não pudesse ver o céu, ele sabia pela luz que o dia estava terminando.

Ele estava sozinho?

Os ruídos voltaram, mas agora estavam mais distantes. Talvez o grupo de homens e cavalos tivesse passado por ele.

A perspectiva era sombria, enchendo Jacob de desespero silencioso. Até mesmo um bando de *Rebs* teria sido preferível a ficar impotente em seu próprio sangue, imaginando quando os ratos e corvos viriam festejar com ele.

Uma bala inimiga ou a misericórdia rápida de uma baioneta seria infinitamente melhor.

A esperança se agitou brevemente quando um soldado federal apareceu em sua linha de visão, como se emergindo do vazio. A princípio, Jacob não tinha certeza se o outro homem era real.

Ele tentou falar, ou fazer o menor movimento, indicando que estava vivo e precisando de ajuda, mas não conseguiu.

O soldado aproximou-se, agachou-se ao lado dele, e um vislumbre de seu rosto imundo, barba por fazer, rígido de crueldade, destruiu as ilusões de Jacob. O homem o rolou bruscamente de costas, sem nenhum esforço para procurar pulso ou qualquer outro sinal de vida. Em vez disso, começou a vasculhar os bolsos de Jacob, resmungando baixinho, pegando seu relógio e o pouco dinheiro que carregava, já que a maior parte de seu pagamento ia para Caroline.

Jacob sentiu-se ultrajado, mas ainda estava impotente. Tudo o que pôde fazer foi observar o outro homem agarrar sua mochila, tateando para levantar a aba de lona e enfiar a mão dentro dela.

Finalmente, o *chato*, como eram chamados os ladrões, vagabundos e desertores, cedeu à frustração e jogou os pertences de Jacob no chão, revirando-os.

Olhe para mim, pensou Jacob. *Eu estou vivo. Uso o mesmo uniforme que você.*

O necrófago não respondeu, é claro. Não permitiu que seu olhar repousasse sobre o rosto de Jacob, onde ele poderia ter visto consciência.

As vozes, os cascos pisoteando, as carroças sem mola se aproximavam.

O homem amaldiçoou, frenético agora. Encontrou a surrada Bíblia de Jacob e jogou-a para o lado com pressa enojada, as páginas finas esvoaçando ao cair, como um pássaro com a asa quebrada. O copo de lata padrão, prato e utensílios logo seguiram, mas o ladrão bastardo parou quando encontrou o pacote de cartas, todas de Caroline. Talvez acreditando que poderia encontrar algo de valor em uma ou mais delas, ele as enfiou em sua própria mochila.

Jacob lamentou por aquelas cartas, mas não havia nada que ele pudesse fazer.

Exceto ouvir.

Sim, ele decidiu. Alguém estava chegando, uma pequena companhia de cavaleiros.

O ladrão ficou mais agitado, olhou por cima do ombro e depois voltou a pilhar, febril agora, mas ganancioso demais para fugir.

Por fim, decidiu-se pelo único objeto que Jacob tanto apreciava como as cartas de Caroline, um pequeno estojo de couro com dobradiças de latão embaçado e um fecho delicado.

Ele viu um lampejo de interesse perverso nos olhos do homem, enquanto ele abria a caixa e via as miniaturas dentro, uma de Caroline e Jacob, tirada no dia do casamento, parecendo tradicionalmente sombria em seus melhores trajes, a outra de Caroline, com um bebê. Rachel em seus braços, a criança resplandecente em um pequeno vestido de batizado com renda e um gorro combinando.

Não, Jacob chorou interiormente, odiando seu desamparo.

— Bem—, o homem murmurou. — Não é uma linda família? Talvez eu vá procurá-las algum dia, oferecer minhas condolências.

Se ele pudesse, Jacob teria matado o *chato* naquele momento, estrangulado a vida dele com suas próprias mãos, e nunca se arrependido do ato. Embora ele lutasse com todas as suas forças, tentando reunir os últimos fragmentos de sua força, o esforço se mostrou inútil.

Era o pior tipo de agonia, imaginar este homem lendo as cartas, anotando o endereço do remetente em cada envelope, procurando Caroline e Rachel, oferecendo uma pretensão de solidariedade.

Tirando vantagem.

E Jacob não podia fazer nada para detê-lo, nada para proteger sua esposa e filha desse monstro ou de outros como ele, os renegados, os inimigos da decência e da inocência em todas as suas formas.

O vagabundo fechou a maleta, colocou-a junto com as cartas dentro da mochila e agarrou-a, pronto para fugir.

Foi então que uma figura apareceu atrás dele, a sombra cinzenta de um homem, que plantou a sola de uma bota bem no centro das costas do ladrão e o jogou esparramado sobre a estrutura inerte de Jacob.

A dor foi instantânea, latejando em cada osso e músculo do corpo de Jacob.

— Roubar de um homem morto—, disse a sombra, de pé, seu tom amanteigado e suave misturado com desprezo. — Isso é baixo, mesmo para um yankee.

O vagabundo se levantou, tateou em busca de alguma coisa, provavelmente seu rifle, e empalideceu quando não encontrou nada. Muito provavelmente, ele deixou cair a arma em sua ânsia de roubar um de seus próprios homens.

— Eu deveria atravessá-lo com esta minha bela espada de aço, Billy, — o outro homem meditou distraidamente. Ele deve ter cavalgado à frente de seu destacamento, desmontado nas proximidades e movido silenciosamente por entre os corpos espalhados. — Afinal, agora é uma *guerra*, não é? E você é meu inimigo, tão certo quanto eu sou seu.

A visão de Jacob, para começar pouco nítida, tornou-se ainda mais turva, e havia uma batida em seus ouvidos, mas ele podia distinguir os contornos dos dois homens, agora parados um de cada lado dele, e captou o leve murmúrio de suas palavras.

— Você não quer me matar, Johnny—, raciocinou o ladrão, com uma nota de ansiosa simpatia em sua voz, levantando as duas palmas como se estivesse se rendendo. — Não seria honroso, com nós, garotos da União, em total desvantagem. — Ele respirou fundo com um assobio estranho e rápido. — De qualquer forma, eu não estava machucando ninguém. Apenas fazendo bom uso de coisas que este pobre sujeito não precisa, estando morto e tudo.

A essa altura, Jacob estava ciente da presença de homens e cavalos por toda parte, embora não houvesse tiros de canhão, nem gritos, nem estampido de fuzis.

— Você quer que esses homens vejam você assassinar um homem desarmado? — persuadiu o homem chamado de Billy. — De onde eu venho, você seria enforcado por isso. É um crime de guerra, não é?

— Não somos “de onde você vem” —, respondeu Johnny friamente. A baioneta presa ao cano de sua carabina brilhava na fumaça persistente e na poeira levantada pelos cavalos. — Esta é a Virginia —, ele continuou, com uma nota de feroz reverência. — E você é um intruso aqui, senhor.

Billy, o nome universal para todos os soldados da União, como Johnny era para seus colegas confederados, cuspiu, imprudente em seu medo. — Eu acho que as regras são quase as mesmas, seja no Norte ou no Sul, — ele arriscou. Até mesmo Jacob, de seu limitado ponto de vista, viu o

terror por trás de toda aquela fanfarronice. — Um homem elegante como você, um oficial, aliás, deve saber como é. Mesmo que você não seja enforcado por matar sem motivo, certamente será levado à corte marcial, assim que seus superiores descobrirem o que você fez. E isso certamente deixará uma mancha em sua reputação de cavalheiro sulista, não é? Basta pensar, *senhor*, na vergonha que toda aquela gente bem-educada na velha plantação terá de enfrentar, e será por *sua* conta.

Um sorriso lento e imperturbável formou-se no rosto manchado de fuligem do capitão confederado. Seu uniforme cinza estava rasgado e sujo, o latão de seus botões e insígnias opacos, e suas botas estavam gastas, mas mesmo Jacob, com sua visão prejudicada, podia ver que sua dignidade era inata, tão parte dele quanto a cor de sua pele e de seus olhos.

— Pode valer a pena esperar—, respondeu ele, quase cordialmente, como um homem debatendo algum ponto menor de ética militar em um elegante jantar distante do barulho e da fúria da guerra. — O prazer de matar um rato de latrina como você, quero dizer. Quanto a esses homens, a maioria deles está sob meu comando, por acaso. Bem, eles viram seus amigos, primos e irmãos espetados por baionetas yankees e despedaçados por seus canhões. Na verdade, ontem mesmo, eles viram o general Jackson... livre de um braço. — Com isso, o capitão fez uma pausa, engoliu em seco uma vez. — Provavelmente, eles dariam vivas quando você caísse.

Vagamente, Jacob sentiu a bravata nervosa de Billy Yankee. Em quaisquer outras circunstâncias, ele poderia ter se divertido com o comportamento do sujeito, mas ele podia sentir-se recuando cada vez mais na escuridão da morte que se aproximava, e não havia espaço nele para emoções frívolas.

— Agora, isso simplesmente não é cristão—, protestou Billy, convenientemente ignorando seu próprio lapso moral.

O capitão deu uma risada rouca, dolorosa de ouvir, e balançou a cabeça. — Um bom sentimento, vindo de gente como você. — No momento seguinte, seu rosto endureceu, aristocrático mesmo sob as camadas de suor seco e sujeira. Ele se virou ligeiramente, mantendo um olho em seu prisioneiro, e gritou uma convocação para o nada que se estreitava rapidamente ao redor dos três.

Vários homens se aproximaram apressados, embora fossem invisíveis para Jacob, e os sons que faziam eram fracos.

— Tire este pedaço de esterco da minha frente antes que eu perfure sua carne sem valor com minha espada pelo puro prazer de vê-lo sangrar—, ordenou o oficial. — Ele é uma vergonha, até mesmo para esse uniforme.

Houve palavras de resposta, embora Jacob não pudesse entendê-las, e Jacob sentiu uma briga quando o ladrão resistiu à captura, um Judas moderno, balindo as promessas de um traidor, disposto a trair os homens que lutavam ao lado dele.

Jacob esperou, esperando que o oficial cavalheiro seguisse seus homens, continuasse com seu trabalho de supervisionar a captura de casacos azuis feridos, a recuperação de suas próprias tropas, vivas e mortas.

Em vez disso, o capitão se agachou, como o ladrão havia feito antes. Ele pegou a mochila de Jacob que Billy foi forçado a deixar para trás, remexeu dentro dela, tirou o pacote de cartas e o estojo de couro contendo as imagens da amada esposa e filha de Jacob. Ele abriu, examinou as imagens dentro, sorriu tristemente.

Então ele enfiou os itens dentro do casaco ensanguentado de Jacob, parou como se estivesse assustado e olhou diretamente em seus olhos.

— Meu Deus—, disse ele, baixinho. — Você está vivo.

Jacob não pôde reconhecer o comentário verbalmente, mas sentiu uma lágrima escorrer por sua têmpora esquerda, em seu cabelo, e isso, aparentemente, foi confirmação suficiente para o capitão confederado.

Agora, pensou Jacob, ele seria baleado, tirado de seu sofrimento como um cavalo ferido. E ele daria as boas-vindas ao livramento.

Em vez disso, muito baixinho, disse o capitão. — Espera aí, yankee. Você será encontrado em breve. Ele fez uma pausa, parecendo sério. — E se por acaso você encontrar um certo contramestre da União chamado Rogan McBride, em algum lugar ao longo de sua jornada, eu ficaria grato se você dissesse a ele que Bridger Winslow envia seus melhores cumprimentos.

Jacob duvidava que ele viveria o suficiente para ter a chance de fazer o que Winslow pediu, mas ele marcou os nomes cuidadosamente em sua mente, do mesmo jeito.

Outra voz falou então. — É alguém que você conhece, capitão? — um soldado perguntou, com preocupação e uma medida de simpatia. Afinal, não era incomum em ambos os lados encontrar um amigo ou parente entre as baixas inimigas, já que as linhas de batalha geralmente atravessam cidades, igrejas e mesas de jantar.

— Não—, respondeu o capitão rispidamente. — Só mais um Federado morto. — Uma pausa. — Continue com seus assuntos, Simms. Podemos ter os casacos azuis sob nosso calcanhar no momento, mas você pode ter certeza de que eles voltarão para enterrar o que sobrar do que eles não puderam reunir e transportar agora. Melhor se não arriscarmos uma escaramuça depois de um dia de luta dura.

— Sim, senhor—, Simms respondeu com tristeza. — Os homens estão desanimados, agora que o general Jackson foi abatido.

— Sim—, respondeu o capitão. A tristeza raivosa brilhou em seus olhos. — Por suas próprias tropas—, acrescentou amargamente, falando tão baixo que Jacob se perguntou se Simms tinha ouvido.

Jacob sentiu a partida do outro homem. O capitão demorou, tirando o cantil do cinto, abrindo um pouco a tampa com um movimento hábil de uma das mãos, deixando o recipiente ao alcance de Jacob. O gesto provavelmente era inútil, já que Jacob não podia usar as mãos, mas foi um ato de bondade, mesmo assim. Uma afirmação da possibilidade, embora remota, de que Jacob pudesse sobreviver de alguma forma.

Winslow ergueu-se em toda a sua altura, observou Jacob solenemente, então lentamente se afastou.

Jacob logo perdeu a consciência novamente, acordando brevemente agora e então, surpreso ao se encontrar não apenas ainda entre os vivos, mas não molestado por vermes. Quando alerta, ele ficava olhando para o céu noturno, mergulhado no silêncio profundo dos mortos, mais um corpo entre dezenas, senão centenas, espalhados pela grama encharcada de sangue.

Em algum momento da manhã seguinte, ou talvez na manhã seguinte, as carroças chegaram novamente e soldados da União com rostos sombrios empilharam os corpos como lenha, um em cima do outro. Eles estavam inquietos, esses homens cansados da batalha, ansiosos para completar sua missão sombria e voltar para trás das linhas da União, onde havia pelo menos uma aparência de segurança.

Jacob, mudo e imóvel, foi um dos últimos a ser levantado, agarrado rudemente por dois homens em casacos azuis empoeirados.

A dor foi tão repentina, tão insuportável que finalmente, *finalmente*, ele conseguiu soltar um grito baixo e gutural.

O soldado que sustentava as pernas, pouco mais que um menino, com a pele manchada e sem perspectiva de barba, engasgou. — Esse homem ainda

está conosco—, ele disse, e parecia tão assustado, tão horrorizado e pálido que Jacob temeu que o garoto desmaiasse, deixando seu fardo cair.

— Bem—, disse o outro homem, rispidamente alegre, — serei um filho da puta se Johnny não deixar alguns respirando desta vez.

O menino se recuperou o suficiente para virar a cabeça e cuspir. Para o alívio de Jacob, o menino permaneceu de pé, seu aperto firme. — Alguns —, ele concordou a contragosto. — E cada um deles melhor morto.

A escuridão voltou então, envolvendo Jacob como o abraço de uma sereia do mar, puxando-o para baixo.

2

Washington City
15 de junho de 1863

Caroline

Nada que Caroline Hammond tivesse ouvido ou lido sobre a capital do país poderia tê-la preparado para a realidade do lugar, a fuligem e a fumaça, as multidões de soldados e civis se acotovelando, o barulho das rodas das carroças, o relinchar dos cavalos e o zurro das mulas, a alegria áspera fluindo pelas portas abertas de muitos salões e casas de prazer.

Ela manteve o olhar firmemente desviado enquanto passava um após o outro desses estabelecimentos, horrorizada com a mesquinhez de tudo, com os gritos grosseiros, o barulho de pianos mal afinados e canções alegres cantadas vigorosamente e desafinadas, e, aqui e ali, socos acompanhados de quebra de vidros e até alguns tiros.

Mais de uma vez, Caroline foi forçada a atravessar a rua, para evitar filas de carroças de bois, carroças de ambulância e homens montados que não davam atenção evidente aos infelizes pedestres.

Proprietária de uma fazenda, Caroline não era uma pessoa de constituição delicada. Ela matou, limpou e depenou muitas galinhas para o jantar de domingo, ajudou seu marido, Jacob, e Enoch Flynn, o homem contratado, abateu porcos no outono e trabalhou até os tornozelos na terra do celeiro diariamente.

Aqui, nesta cidade de más maneiras, barulho incessante e fedores repugnantes, os efeitos eram, é claro, ampliados, cercando-a por todos os lados, esmurando seus sentidos sem piedade.

Correntes de urina animal espumosa corriam entre os paralelepípedos quebrados e esterco fumegava em pilhas, aumentando o miasma enjoativo. No limite de sua visão, ela viu um soldado vomitar copiosamente em uma sarjeta e sentiu sua própria garganta subir, escaldante, até o fundo de sua garganta. Os companheiros do homem pareciam se divertir com o espetáculo, dando tapinhas nas costas do amigo que vomitava e repreendendo-o com advertências jocosas e ruidosas de natureza desagradável.

Ver o estado deplorável dos uniformes desses homens, concebidos como símbolos de uma causa nobre e orgulhosa, completamente maculado não apenas por todo tipo de sujeira, mas pelo comportamento indecente dos homens que os usavam, fez com que uma cor furiosa surgisse em suas bochechas. Apenas sua prudência e a urgência de sua missão, localizar seu marido ferido, possivelmente à beira da morte em um dos numerosos hospitais improvisados de Washington City ou, se ela tivesse chegado tarde demais, em um caixão de pinho, a impediu de caminhar até os canalhas e repreendê-los severamente por trazerem tal vergonha sobre seus companheiros mais honrados.

Como eles ousavam se comportar como réprobos, seguros à sombra da Casa Branca do presidente Lincoln, enquanto seus camaradas de grande coração lutavam bravamente em campos de batalha encharcados de sangue por todo o país?

Ela ficou mortificada, além de magoada, mas sua raiva a sustentou e a manteve se movendo em direção às fileiras de tendas hospitalares visíveis à distância.

Em direção a Jacob.

Ela pensou no recorte de jornal listando os mortos e feridos escondidos em sua bolsa. Ela leu a lista várias vezes desde o momento em que o jornal foi colocado em suas mãos, leu-o durante o dia de viagem de trem de Gettysburg, a pequena e tranquila cidade no interior verde da Pensilvânia em que ela viveu, ou perto dela, toda a sua vida.

A essa altura, o recorte estava esfarrapado e amassado, um talismã maligno, desprezado e ainda assim necessário, o único elo que ela tinha com o marido.

A informação que continha era incrivelmente escassa, listando apenas que, entre outros, o cabo Jacob Hammond havia caído em batalha em 3 de maio, quase seis semanas atrás, em Chancellorsville, Virginia . Ela soube por outras pessoas que todas as baixas de seu regimento haviam sido transportadas para a capital para receber atendimento médico.

Como neta de um médico rural e ex-agente funerário, Caroline sabia o que seu marido, Jacob, e outros como ele teriam de suportar se sobrevivessem, aglomeração, sujeira, comida ruim e água contaminada, poucos cirurgiões e atendentes treinados, escassez até mesmo dos suprimentos mais básicos, como curativos limpos, láudano e éter. O

saneamento, o inimigo mais eficaz da sepse, segundo seu falecido avô, ainda era praticamente inexistente.

O fedor de latrinas abertas, banheiros privados e públicos e enormes montes de esterco em terrenos baldios finalmente forçaram Caroline a largar sua bolsa por tempo suficiente para tirar seu melhor lenço de domingo do bolso de sua capa e pressionar o pano macio em seu nariz e boca. O cheiro de água de rosas, aplicado generosamente antes de ela sair de casa, havia desaparecido com o tempo e a distância e, portanto, proporcionava pouco alívio, mas era melhor do que nada.

Caroline pegou sua bolsa e caminhou decididamente em frente, não porque soubesse onde encontraria seu marido, mas porque não ousava ficar parada por muito tempo, com medo de que seus joelhos cedessem. Ela tentou localizar algum tipo de escritório central, onde um funcionário pudesse procurar o nome de Jacob em um volume de registros e encaminhá-la para ele, mas o esforço foi em vão. Frustrada e ansiosa, ela se deixou levar pelo caos geral e pela desorganização de uma cidade em tempo de guerra.

Impulsionada por uma crescente sensação de desespero, ela se apressou, através do caos de uma cidade sob constante ameaça de cerco, fazendo o possível para transmitir uma confiança que não sentia. Sob o semblante robusto, o medo corroía seu estômago vazio e agitado, latejava em sua cabeça, procurava e encontrava as regiões secretas de seu coração para fazer o pior.

Ela não tinha escolha a não ser continuar, não importa o que fosse exigido dela, e ela não tentou ignorar o pavor implacável. Isso seria impossível.

Em vez disso, ela caminhou, abrindo caminho entre a multidão, cruzando para o lado oposto da rua em um esforço quase inútil para evitar bêbados cambaleantes, brigas de rua e homens que a observavam com muita ousadia. Tendo aprendido há muito a futilidade de esconder seus medos, ela decidiu enfrentá-los, com calma e firmeza, da melhor maneira que pudesse, de qualquer maneira.

Como muitas vezes ela ouviu seu amado avô, Doc Prescott, comentar que fechar os olhos para um problema ou uma situação problemática servia apenas para piorar as coisas a longo prazo. “Enfrente as coisas de frente, Caroline,” ele sempre a aconselhava. “Enfrente o que vier em seu caminho e, se estiver certa, a Providência virá em seu auxílio.”

Ultimamente, ela não tinha visto muitas evidências para apoiar a última parte dessa afirmação, mas, novamente, a Providência não tinha nenhuma obrigação discernível de explicar a si mesma ou suas maneiras de questionar os mortais, particularmente à luz da estupidez, ganância e crueldade até agora exibida pela raça humana.

Uma a uma, Caroline confrontou as possibilidades assombrosas, as imagens vivas em seus pensamentos. No cenário mais imediato, ela não conseguiria encontrar Jacob, mesmo após a busca mais árdua que se possa imaginar. Houve um engano, e ele foi levado para outro lugar, ou morreu na viagem, e foi enterrado em uma cova anônima, uma que ela nunca seria capaz de localizar.

No próximo, ela encontrou o marido, mas *não* chegou rápido o suficiente para segurar sua mão, acariciar sua testa, pedir-lhe uma despedida carinhosa. Ele já havia sucumbido e tudo o que restava dele era um cadáver deitado em um caixão caindo aos pedaços.

Mas havia mais um quadro a enfrentar e, de muitas maneiras, era o mais terrível de todos. Ali, Jacob estava vivo, horivelmente mutilado, indefeso, forçado a suportar o insuportável até que a morte o libertasse de seus sofrimentos em dias, semanas, meses, ou anos.

Se ela soubesse o que esperar, Caroline pensou, ela poderia ser mais capaz de se preparar de alguma forma.

Mas então, como alguém *poderia* se preparar para o choque de ver um marido amado fraco e dilacerado? Suponha que Jacob estivesse tão desfigurado que ela não o reconhecesse ou, pior ainda, permitisse que o choque ou a consternação transparecessem em seu rosto, em seus modos, em seu comportamento?

Ela cambaleou, não se atrevendo a respirar fundo como seu corpo ansiava, temendo que os cheiros terríveis de doença, sofrimento e morte finalmente a dominassem, tornando-a inútil para Jacob justamente quando ele mais precisava dela.

E isso não serviria.

Pelo que restava do dia e da noite, Caroline vasculhou uma tenda após a outra, parando ao pé de cada cama, forçando-se a olhar diretamente para o rosto de cada homem. Alguns dormiam, cinzentos com a palidez da morte que se aproximava, alguns gemiam ou choravam em silêncio, olhando para o telhado de lona caído como se pudessem ver o céu através dele. Alguns

levantaram uma mão implorante para ela, acenando fracamente, o nome de outra mulher em seus lábios.

Outros não tinham a mão para levantar e a chamavam com os olhos.

Um toque na mão, uma sobrancelha. Uma palavra gentil. Uma simples bênção. Talvez uma oração.

Tão pouco a pedir.

E muito.

Caroline fez um esforço para contornar os precipícios desmoronados de suas tristezas individuais, para não perder o equilíbrio e perder a cabeça por tanto tempo em tal desesperança que ela nunca poderia encontrar o caminho de volta para o ar e a luz e a terra firme.

De volta a Jacob.

Por causa de Jacob, porque ele era seu marido e ela sua esposa, ela prosseguiu, parando apenas o tempo suficiente para olhar cuidadosamente cada rosto, se de fato algum estivesse visível, e não envolto em bandagens, como tantos estavam. Nesses casos, ela estudou as formas, as formas e os contornos, medindo linhas, como um cartógrafo mapeando o terreno.

A maioria dos corpos era claramente definida sob cobertores ou lençóis finos, um fato que ajudava, mas também preocupava. Caroline viu muitas superfícies planas onde deveria haver braços ou pernas, e teve que se proteger contra uma compaixão tão avassaladora que ameaçava consumi-la. O tempo todo, mais por necessidade do que por virtude, ela confiava em seus instintos mais íntimos; ela iria, ela *deveria* reconhecer a paisagem, as colinas e depressões, do único corpo que ela conhecia intimamente. De Jacob.

Em algum lugar, em um desses catres, em uma dessas tendas ou além, no transbordamento, ele estava esperando por ela, esperando que ela viesse até ele, talvez chamando seu nome.

Ela não deve falhar com ele.

O tempo logo se tornou irrelevante; restava apenas uma urgência motriz.

Quando o crepúsculo caiu, as lanternas foram acesas, seu brilho opaco desaparecendo na escuridão cada vez mais densa que se acumulava nos cantos e se acumulava na serragem e no chão de terra, como águas intangíveis, silenciosas e subindo lentamente.

Havia muito poucos ajudantes, a maioria soldados se recuperando de seus próprios ferimentos, e Caroline não teve oportunidade de perguntar se

alguém sabia onde Jacob estava; eles estavam muito imersos na tarefa de cuidar dos feridos e ela *não podia* interrompê-los. Enfaixado, magro e cheio de cicatrizes, mas andando, movia-se entre os catres, carregando baldes de água, segurando conchas nos lábios ressecados, sussurrando palavras roucas de consolo desajeitado para um e outro. Em cada tenda também servia um pequeno contingente feminino, algumas aparentemente voluntárias, outras contratadas. Todas usavam vestidos e aventais simples e robustos, devidamente lavados, mas ainda exibindo manchas, embora tênues, de manchas antigas, juntamente com manchas recentes.

Essas manchas esmaecidas, pensou Caroline, eram as marcas de seu serviço, medalhas macabras de seu valor.

Ela observou essas mulheres, de passagem, enquanto levavam tigelas de caldo ou mingau de fubá para os pacientes que conseguiam se alimentar sozinhos, pacientemente colocando a comida na boca dos que não conseguiam. Pareciam incansáveis em sua dedicação e ela sabia que faziam muito mais do que servir refeições e trazer água; elas limpavam feridas, trocavam curativos, tiravam pontos, administravam remédios, anotavam cartas ditadas em vozes hesitantes e faziam com que fossem postadas. Algumas estavam sentadas ao lado da cama e ela podia ouvir enquanto liam em voz alta, mensagens de casa, versos de poesia, passagens bíblicas favoritas. As mulheres ouviam as últimas palavras e cantavam refrões familiares, desde o mais sagrado dos hinos até pequenas cantigas engraçadas conhecidas por todos os alunos. Ela sabia que elas faziam o que podiam, entendendo, como certamente deveriam, que por tudo que davam, nunca seria o suficiente.

E elas ainda estavam aqui, entre esses homens, fazendo diligentemente o seu melhor enquanto deixavam outras partes de suas vidas não vividas. Muitas, ela presumiu, eram viúvas, enquanto outras eram esposas ou noivas, mães ou irmãs de soldados.

Caroline, embora atordoada e sentindo-se de alguma forma separada de si mesma, maravilhada com a coragem e devoção altruísta de todas essas mulheres, sentiu a atração disso.

Mas ela continuou se movendo.

Até que, finalmente, ela não aguentou mais. O cansaço pulsava através dela como a batida de um segundo, um coração muito maior que o dela. E embora os cheiros e os horrores circundantes ainda a enojassem, ela sabia

que ela mesma teria que comer logo, então encontrar um lugar para descansar antes de retomar sua busca por Jacob.

Ela se sentiu derrotada por seus próprios limites, emocionais e físicos.

Naqueles primeiros momentos de procura, o lar parecia ainda mais distante do que era, mais sonho do que memória recente, um lugar que ela apenas imaginara.

Rachel. Avó. A Fazenda. Jacob, em sua última visita a casa antes de Chancellorsville.

Ela ansiava por seus entes queridos agora, e pela pessoa que ela era na presença deles, pela paz da terra, tão verde e vasta em contraste com este mar de humanidade sufocadora.

Sua mente voltou para o início de sua jornada. Ela havia saído às pressas, pedindo à avó que contasse às amigas o que havia acontecido.

O vagão estava lotado, os assentos duros e fuliginosos cheios.

Sentada, Caroline havia suado em sua capa de viagem durante todo o caminho, sua bolsa descansando em seu colo, seus braços firmemente ao redor dela, com cuidado para não encontrar os olhos de ninguém, chegando mais perto da janela quando um homem corpulento em um uniforme empoeirado da União caiu no assento ao lado dela. Ele cheirava a suor, uísque velho e dentes podres, e seu corpo pressionava Caroline, prendendo-a.

A princípio, o corpulento soldado tentou puxar conversa com ela, mas, além de um aceno inicial, ela não lhe deu atenção. Em vez disso, ela olhou através do vidro escuro para o campo que passava.

Embora persistente, o estranho acabou desistindo, soltando um suspiro tempestuoso e mudando de posição. Seu alívio durou pouco; ouviu o rascar de um fósforo, sentiu o cheiro de enxofre e depois de tabaco.

A fumaça do charuto floresceu ao redor dela em uma nuvem azulada, ardendo em seus olhos, raspando no fundo de sua garganta.

Milagrosamente, seu café da manhã havia permanecido.

Em retrospecto, o incidente parecia trivial agora, muitas horas depois, quando o crepúsculo se aproximava e ela estava no centro de mais uma tenda, com a miséria humana por todos os lados.

Uma mão puxou levemente o tecido de sua capa naquele momento, fazendo com que Caroline se sobressaltasse de modo que ela quase deixou cair sua mala de viagem.

— Espero não ter te assustado—. A voz era feminina e gentil e transmitia uma fadiga que nenhuma quantidade de sono ou descanso poderia curar.

Caroline se virou, segurando a alça de sua bolsa com mais firmeza agora, e com as duas mãos, não por medo de que fosse roubada dela, mas porque nenhum dos braços poderia aguentar o peso dela sem o outro.

Uma mulher magra estava ao lado dela, simples como uma galinha de lama em seu vestido marrom. Seu cabelo era grisalho e ondulado ao redor de seu rosto enrugado, e seus olhos tristes fitavam o rosto de Caroline. — Você está procurando alguém?

Alguns soluços surgiram de repente de algum lugar no fundo de Caroline, e ela mal conseguiu sufocá-los. — Meu marido—, disse ela, com dificuldade. — Cabo Jacob Hammond. Ele foi ferido em Chancellorsville... procurei por horas, mas não consigo encontrá-lo em lugar nenhum...

A mulher deu um tapinha no braço de Caroline e interrompeu gentilmente: — Você sabe o nome do regimento de seu marido, Sra. Hammond? — ela perguntou.

— Sim—, Caroline respondeu, reunindo o que restava de sua dignidade. — Jacob serve com o Décimo Primeiro Pensilvânia. — *O Décimo Primeiro Sangrento*, ele o chamou.

— Ah—, a mulher disse com um pequeno suspiro. Ela se animou, o que não é pouca coisa em tal hora e em tal lugar, e então acrescentou: — Sempre que possível, tentamos manter os doentes e feridos com seus regimentos, para fins de ordem, é claro, mas principalmente porque eles parecem se sair melhor se houver alguém que possam conhecer por perto.

Caroline curvou-se para largar a bolsa. — Você pode me dizer para onde os membros do regimento de meu marido foram levados?

A mulher suspirou novamente. — Eu posso pedir—, ela disse suavemente, seu rosto cheio de compaixão, — mas não esta noite, eu temo. Sem pressão da caneta de plantão a esta hora. — Ela deu um tapinha no braço de Caroline mais uma vez. — Volte logo pela manhã, e eu ajudarei se puder.

Tudo dentro de Caroline clamava por encontrar Jacob *agora*, mas ela reconheceu que havia chegado ao fim de seus recursos pessoais. — Obrigada—, disse ela.

A mulher assentiu e estendeu a mão para Caroline, que retribuiu. Dedos fortes e calejados, nodosos e grossos nas juntas, fecharam-se em volta dos

dela. — Eu sou Bessie Engle—, ela começou. — E esta tenda é a número dez. Lembre-se disso, ou você pode não encontrá-la novamente. Certifique-se de perguntar por Bessie quando chegar aqui, caso eu esteja fazendo alguma coisa ou descansando meus pés.

— Eu sou grata, Sra. Engle—, Caroline disse, temendo que sua voz falhasse.

— Apenas Bessie—, foi a resposta. Bessie estava sorrindo, mas então uma carranca franziu sua testa. — Você tem um lugar para ficar, Sra. Hammond? Algumas pessoas aqui para cuidar de você?

Caroline hesitou, pensando em como era estranho que essa gentileza pudesse levá-la tão perto de perder o que restava de sua compostura.

— Não—, ela disse. — Pretendo procurar uma pensão ou, na falta dela, procurar hospedagem em um hotel modesto. Talvez você possa recomendar um lugar respeitável, não muito caro?

Bessie balançou a cabeça. — Você não tem ninguém aqui em Washington City? — ela persistiu.

— Só meu Jacob—, Caroline respondeu.

— Provavelmente não há um quarto vazio em toda a cidade—, Bessie continuou. — De qualquer forma, não é um em que você gostaria de ficar. Não, não vai adiantar você ficar vagando por aí à noite sozinha.

— Oh—, Caroline disse, murcha. Em sua pressa para chegar à capital e encontrar Jacob, não havia ocorrido a ela que poderia não haver alojamento disponível quando ela chegasse. Afinal, a cidade era tão grande.

No momento seguinte, porém, ela pensou em uma possível solução. — Vou voltar para a estação de trem e passar a noite ali—, disse ela. A estação, por mais modesta que fosse, tinha paredes e teto. Certamente as pessoas iam e vinham, e nem todas podiam ser bandidos e canalhas. Ela passaria a noite acordada, permanecendo vigilante. Ela ainda tinha um pedaço de pão, um pouco de queijo e uma maçã guardada em sua mala de viagem, para não passar fome.

— Bobagem—, Bessie disse imediatamente. — Venha passar a noite comigo e com as outras enfermeiras. Temos uma barraca e, embora não seja muito, você terá uma cama para dormir e pessoas ao seu redor.

Caroline, sentindo-se completamente grata, agradeceu a Bessie novamente.

— Você parece esgotada — disse Bessie, claramente satisfeita por o assunto ter sido decidido, e para sua satisfação. — Haverá pessoas para

substituir a mim e as outras daqui a pouco, e então iremos e instalaremos você. Enquanto isso, sente-se um pouco dentro da tenda, e vou preparar um pouco daquele mingau que os homens comeram no jantar.

Cansada demais para discutir, Caroline seguiu Bessie ao longo do amplo corredor entre ainda mais catres, onde os homens roncavam, murmuravam ou xingavam, baixinho ou não, até uma tenda menor separada por vários cobertores suspensos em postes, formando uma divisória. Ali havia algumas cadeiras, um pequeno fogão e duas camas cobertas com cobertores amassados.

Caroline largou a bolsa, sentou-se e imediatamente se arrependeu, sem saber se teria forças para se levantar novamente.

— Vou buscar o mingau—, Bessie disse a ela. — Você apenas descansa.

— Por favor, não se incomode, Bessie. Eu tenho comida. Queijo e pão e uma maçã. Ficarei feliz em compartilhar com você.

Bessie fez uma pausa. — Sou grata pela oferta—, ela disse, quase sussurrando, — mas eu como o mesmo que esses homens comem. Não parece certo fazer o contrário.

Caroline sentiu uma pontada de vergonha. Sua humilde refeição, embalada na cozinha de casa antes do amanhecer daquela manhã, pareceria um banquete para homens que subsistiam de mingau de fubá, biscoito duro, sopa rala e feijão cozido. Ela sabia pelas cartas de Jacob que tais alimentos eram comida padrão do exército, tanto no acampamento quanto nos hospitais.

Seu desgosto deve ter transparecido em seu rosto, porque Bessie sorriu e apontou um dedo para ela. — Vá em frente e aproveite sua refeição—, ela ordenou bem-humorada. — Não há razão para você se sentir mal com isso. — Uma pausa. — Apenas não deixe nenhum desses pobres sujeitos saber o que você comeu, isso é tudo. Duro com seus espíritos.

Com isso, ela se foi, para atender a um coro de chamadas de além da divisória de tecido.

Caroline ficou sentada por um tempo, depois comeu parte do queijo e todo o pão, mas cada mordida não tinha gosto de casa, mas de privilégio injustificado.

Caroline passou a manhã seguinte esperando notícias de Bessie e ajudando de qualquer maneira que pudesse, dobrando bandagens, endereçando envelopes para as famílias dos soldados, qualquer coisa que qualquer um dos funcionários lhe pedisse para fazer. Enquanto trabalhava,

ela conversou com outra jovem que lhe disse que “um famoso escritor” conhecido por sua gentileza e compromisso com os soldados estava trabalhando como curador de feridas em alguns dos hospitais. Quando ela ouviu o nome, Caroline imediatamente o reconheceu, seu avô tinha pelo menos um dos livros de Walt Whitman em sua biblioteca, um volume de poesia, ela lembrou. Essa breve lembrança de Doc Prescott trouxe-lhe conforto e tristeza.

Mais tarde, no calor úmido e pesado do meio da tarde, ela ficou ao pé da cama de Jacob, grata e emocionada, imaginando se o teria reconhecido se não tivesse sido escoltada até aquele local específico por um oficial da União, Bessie sabia. Rogan McBride, um contramestre interino, pesquisou vários registros, fez muitas perguntas e finalmente encontrou um funcionário da ambulância que se lembrava de pegar um homem do Décimo Primeiro durante a batalha em Chancellorsville. O menino lembrou-se de Jacob por duas razões: o soldado parecia estar morto no início, quase matou ele e seu parceiro de susto, e por causa das cartas enfiadas dentro de seu casaco, endereçadas a um cabo chamado Hammer ou Harmon ou Hamilton, ou algo assim. Se ele se lembrava bem, eles levaram o sujeito para a tenda sessenta e oito.

Agora, com o capitão McBride como seu acompanhante, Caroline olhou para o marido.

Ela poderia muito bem ter passado por Jacob, ele parecia tão diferente, com seu rosto magro; cabelo selvagem e emaranhado; e barba desgrenhada, e seus olhos vazios que pareciam não ver. Havia sombras abaixo deles, roxas como novos hematomas, e sua pele brilhava de suor. O osso do crânio se projetava e o peito, envolto em bandagens encardidas, estava afundado. Era como se lhe faltasse substância, faltasse vida.

Ela agradeceu ao capitão McBride sem encontrar seu olhar; ele acenou com a cabeça e disse que voltaria se e quando pudesse. Logo um paciente uniformizado entrou na tenda, com o braço esquerdo apoiado em uma tipóia.

— Não podemos dar muita água a ele—, disse ele. — Comida, também não. Ele não consegue engolir muito.

Caroline olhou para o rosto do marido, outrora bonito e bronzeado por uma vida inteira trabalhando sob o sol do verão, agora cinza e muito magro.

Jacob acabara de completar vinte e quatro anos em seu último aniversário, longe de casa, em uma calmaria entre escaramuças e batalhas,

sua vida mal começada.

— Você pode sentar com ele um pouco, se quiser—, disse o soldado. — Ele pode ouvir você. Difícil dizer, mas...

Caroline ficou congelada.

Por um momento, ela imaginou se ouvir dizer: “Não, eu nunca o encontrei”, para todas as pessoas que esperavam seu retorno.

— Mas seus olhos estão abertos...— ela sussurrou. Mas apenas a cor deles, azul celeste, era a mesma. Eles costumavam ser expressivos, cheios de malícia; agora eles poderiam muito bem ter sido feitos de vidro.

— Está assim desde que chegou aqui—, respondeu o soldado com simpatia. — Ele nunca os fecha. E... — Seguiu-se um momento de hesitação que aumentou a apreensão de Caroline um grau ou dois. — Bem, ele não pode falar. Tem o pescoço cheio de estilhaços, e aí está a caixa torácica...

Caroline levantou uma única mão, um pedido de silêncio.

Ao redor deles, homens gritavam desesperadamente por água, morfina, éter ou a própria morte. O soldado pigarreou mais uma vez e continuou seu caminho, como o capitão havia feito.

Caroline ajoelhou-se entre a cama de Jacob e a próxima a ela, onde um homem dormia, revirando-se nas garras de algum pesadelo, destinado a despertar para outro, muito possivelmente pior. Sob o lençol sujo, sua forma era claramente definida, uma forma abreviada, uma perna terminando no joelho, a outra no meio da coxa.

Caroline não queria saber o nome do pobre homem, ou o que havia acontecido com ele, ou quem, se houvesse alguém, o esperava em casa. Ela não suportaria saber.

Ela ansiava por esquecer tudo, exceto Jacob, até que houvesse apenas os dois, sozinhos no meio de um vazio cinzento e inconstante. Ela pegou a mão esquerda do marido e sussurrou o nome dele.

Ela viu uma lágrima se formar em seu olho e soube então que ele reconheceu sua presença. Ela sentiu seu coração se despedaçar. Ela se inclinou e beijou suavemente sua bochecha, então seus lábios finos como papel. Seu pescoço e peito estavam enfaixados.

— É Caroline, meu amor—, ela disse, quando pôde confiar em si mesma para formar as palavras. — Estou bem aqui e ficarei com você para sempre.

Ela pensou ter visto os lábios de Jacob tremarem, mas ele não emitiu nenhum som.

Outra lágrima escorreu por seu rosto.

Jacob ainda não emitiu nenhum som, mas Caroline sabia o que ele estava tentando dizer a ela. Ele aguentou de alguma forma, apesar de todo o seu sofrimento, esperando por ela.

Agora, finalmente, ela estava ali. Ele poderia começar o processo de desapego.

A garganta de Caroline apertou, e demorou muito para que ela encontrasse sua voz novamente. Quando o fez, ela falou suavemente com Jacob, contando-lhe como sua Rachel estava prosperando, como ela podia recitar o alfabeto e contar até cinquenta, como ela adorava seu pai e sempre o adoraria. Caroline cuidaria disso, garantiria que ele nunca fosse esquecido.

Ela disse a ele que o amava e que sabia que ele também a amava.

Ela disse a ele que Geneva, sua avó, enviou seu amor e Enoch enviou seus melhores desejos. Então ela o informou sobre o estado das plantações. Por fim, ela recitou as palavras reconfortantes de seu salmo favorito, o vigésimo terceiro, com os olhos ardentes ao terminar com *“E habitarei na casa do Senhor para sempre”*.

Depois disso, ela simplesmente segurou sua mão, acariciou sua testa e alisou seu cabelo. Ela não tentou enxugar as lágrimas dele, pois eram dele, de alguma forma sagradas, e ele tinha o direito de derramá-las como quisesse.

Por horas, parecia que ela não se movia, desconsiderando a dor nos joelhos, não prestando atenção às outras queixas que seu corpo levantava.

Ela podia dizer pelo ritmo da respiração de Jacob quando ele dormiu, então sentiu seu despertar em sua própria carne, uma sensação suave e sacudida de alerta.

Eventualmente, um médico parou, embora Caroline estivesse apenas periféricamente ciente dele, desejando que ele se retirasse de um espaço destinado apenas para ela e seu marido. Ela estava guardando aquele espaço e queria segurá-lo sem intrusão.

As palavras do médico pareciam abafadas, como se falassem de uma grande distância.

Os ferimentos de Jacob eram críticos, o médico disse a ela, mas nenhum em particular foi grave o suficiente para causar a morte. No entanto, seu

marido não conseguia se alimentar adequadamente por causa dos ferimentos no pescoço e na garganta; água e caldo deviam ser administrados gota a gota, pois até uma colher o fazia engasgar. Ele estava sucumbindo lentamente, pois não conseguia mais se manter adequadamente hidratado.

Caroline não olhou para o médico, nem falou. Ela simplesmente esperou que ele fosse embora.

Ainda assim, ele continuou. Não demoraria muito agora, explicou. — O sofrimento do paciente...— ele ao menos sabia o nome de Jacob? —... logo terminaria.

Ela queria gritar: — Jacob! O nome dele é Jacob!

Mas ela não o fez.

Depois vieram as perguntas. Ela planejava reivindicar o corpo de seu marido pessoalmente? Ou ela preferiria que fosse enviado para casa para o enterro?

"Isto."

"O corpo."

Como se Jacob tivesse se tornado algo diferente de uma pessoa. Como ele tinha certeza de que Jacob não podia mais ouvir?

Ela sabia que tinha direito a pensão por morte? Ela trouxe roupas funerárias ou preferia que “os restos mortais” fossem enterrados de uniforme?

Querido Deus, o homem era ofensivo. Certamente, era prematuro tomar tais decisões. Indecente, até.

Se isso não significasse largar a mão de Jacob, Caroline teria tapado os ouvidos com as próprias mãos, bloqueando a torrente de palavras.

Quando o médico finalmente saiu, ela continuou sua vigília em silêncio. Não pensava no amanhã, nas respostas às perguntas do médico, nos preparativos, na viagem de volta; nenhuma dessas coisas parecia importante. Em vez disso, ela pensava em Jacob, apenas em Jacob.

Ela se ajoelhou ao lado dele e segurou sua mão, silenciosamente testemunhando seu amor, tendo dito tudo o que precisava dizer. A guerra o havia mudado. Como não poderia, depois de Antietam e todas as batalhas que a precederam? Depois de Chancellorsville?

Ela tinha dezessete anos quando eles se casaram. Ela era completamente inocente, apesar dos vislumbres roubados de algumas das gravuras em

alguns dos livros de medicina do avô e de uma cabeça cheia de fantasias de contos de fadas.

Jacob sempre foi carinhoso com ela. Eles não mereciam mais tempo juntos?

Seu Jacob estava morrendo. Tudo o mais era insignificante à luz dessa realidade.

Era quase meia-noite, quando Jacob deu um estremecimento quase imperceptível, e então se recuperou brevemente de uma forma que parecia milagrosa, dadas as horas de silêncio.

— Caroline—, Jacob disse, em um gemido doloroso.

Assustada, ela engasgou, segurando o rosto dele entre as mãos, virando a cabeça dele ligeiramente para ela, olhando nas profundezas de seus olhos.

Ela viu desamparo ali, e um apelo. — Jacob? — ela sussurrou, com medo de que ele não tivesse falado nada, que ela tivesse imaginado o som de sua voz, que de alguma forma conjurasse a ilusão de seu próprio desejo e desespero.

— Aproxima-te...

Com os olhos ardendo, Caroline inclinou a cabeça para baixo, sua orelha direita tão perto da boca de Jacob que ela sentiu sua respiração fraca contra seu cabelo e sua bochecha.

As próximas palavras de Jacob foram tão difíceis que doeu ouvi-las. — Eles estão vindo. Os rebeldes. Leve Rachel... fuja... — Então ele fez uma pausa, uma pausa tão longa que Caroline levantou a cabeça novamente para procurar seus olhos.

Será que ele quis dizer que eles estavam vindo para Gettysburg, para Adams County, e queria que ela deixasse a fazenda, partisse para algum lugar mais seguro? Essa era a única promessa que ela não podia fazer; Gettysburg era o único lar que ela conhecera, e a terra que os ancestrais de Jacob haviam colonizado era o único legado de sua filha.

Mas ela também não podia mentir.

Caroline mordeu o lábio inferior e não disse nada. Uma de suas próprias lágrimas caiu na barba desalinhada de Jacob e brilhou lá.

Ela assistiu, com o coração partido, enquanto seu jovem marido, outrora tão forte e vibrante, realizava sua última luta. Ainda segurando o rosto dele entre as palmas das mãos, ela esperou.

Finalmente, Jacob convocou o suficiente de sua vida que rapidamente minguava para falar novamente. — Eu... te... amei... muito...

Caroline assentiu, chorando muito agora. — Eu sei disso, marido—, disse ela. — E eu também te amei. — Assim que as palavras saíram, ela baixou a testa para a dele, incapaz de suportar a intensidade de seu olhar.

Ela se sentia tão crua, tão despedaçada, como se sua carne tivesse sido arrancada, expondo cada nervo, cada emoção, cada segredo, mesmo aqueles que ela escondia de si mesma.

Sim, ela pensou ferozmente, ela *tinha* amado Jacob. Ela o *amava*.

A respiração dele se movia suavemente em seu cabelo, como uma carícia. Um som baixo e estrangulado escapou dele, embora ela não pudesse dizer se era uma risada ou um soluço.

— Você é tão... linda—, disse Jacob.

Ela soluçou, agarrada a ele. — Ah, Jacob, eu...

— Silêncio, agora—, ele resmungou. — Seja forte. Prometa-me...

Caroline ergueu a cabeça, com o rosto molhado, e assentiu vigorosamente. — Eu prometo—, ela disse, mas mesmo enquanto falava, ela viu que Jacob tinha ido embora, deixando apenas uma imobilidade absoluta para trás, como um eco silencioso.

Ela enxugou as lágrimas com as costas da mão. Jacob sempre valorizou a dignidade, e ela não o desonraria criando um espetáculo na presença de estranhos.

Ela permaneceu ao lado da cama de Jacob por um longo tempo, e logo alguém veio buscá-la, murmurando condolências que não podiam começar a acalmar sua dor. Os dedos de Caroline tiveram que ser soltos da mão de Jacob, embora isso tenha sido feito com cuidado, e ela foi erguida e apoiada até que pudesse ficar de pé sozinha.

Ela olhou para o marido e viu que alguém estava cobrindo seu rosto. Ela sabia que ele seria levado em breve.

E outro soldado, doente ou ferido ou ambos, ficaria no lugar de Jacob.

Bessie tinha sido chamada, despertada de seu sono cansado, pois ela apareceu ao lado de Caroline em sua camisola e um xale esfarrapado, seu cabelo grisalho preso em uma trança e pendurado sobre seu ombro. O efeito era estranhamente feminino.

— Venha—, ela sussurrou, envolvendo um braço em volta da cintura de Caroline. — Você verá seu homem pela manhã, você tem minha palavra. Tome suas decisões então, criança. Não essa noite.

Caroline permitiu que Bessie a levasse embora, como se ela fosse uma pessoa cega vagando por um labirinto.

Só agora, dois dias depois, no vagão de bagagem, com suas laterais de ripas deixando entrar fatias salpicadas de luz do sol, sentada no caixão de madeira de pinho de Jacob, sobre o qual estendeu sua capa, Caroline se permitiu lembrar os detalhes do que viria a seguir. Depois de entrar nos confins sombrios da tenda das enfermeiras, uma vez que Jacob foi levado, ela se lembrou de uma xícara sendo colocada em suas mãos e ouvindo a silenciosa ânsia de Bessie de beber seu conteúdo. Ela havia obedecido em silêncio. Seus sapatos foram afrouxados, botão após botão, e então removidos. A bebida era xaroposa, doce, mas ligeiramente amarga também.

Láudano, ela pensou.

Ela devolveu a xícara vazia, estendida em seu catre estreito ainda completamente vestida, e se entregou à escuridão.

Lembrando, Caroline agarrou as bordas do caixão de Jacob agora para se firmar enquanto o trem começava a se mover, apitando uma estridente despedida de Washington City, com seus vivos e seus muitos, muitos mortos.

Ontem, com tanto para fazer, ela não teve tempo para pensar além das necessidades imediatas. Ela recusara o modesto café da manhã que Bessie trouxera, incapaz de imaginar um dia em que sentiria fome novamente. Ela se vestiu e fez todas as abluções que podia.

Ela temia que Jacob estivesse perdido para ela, necessitando de uma outra busca exaustiva, mas não foi o caso. Com eficiência incomum, o exército transformou um prédio em ruínas em um necrotério, e ele estava lá.

Caroline tinha visto o corpo de Jacob, examinado cada ferimento. Com uma bacia de água morna, um pano e um pedaço de sabão, depois de muita insistência de sua parte, ela deu banho no marido e fez o que pôde com seus cabelos despenteados. Em casa, ela teria lavado aquelas mechas castanhas claras, aparado o excesso com sua tesoura de costura. Ela teria raspado a barba dele, pois Jacob nunca havia usado uma, e então pedido a Enoch que o vestisse com seu traje dominical.

Infelizmente, ela não estava em casa, mas na capital, no centro do próprio inferno.

Ela concordou em embalsamar Jacob, considerando a viagem de volta a Gettysburg, a exibição e o funeral.

Tão calma. Tão prática.

Por dentro, ela estava gritando.

O processo de embalsamamento demorou, mas seria feito naquele dia, ela havia sido informada, e havia uma pequena taxa.

Caroline não questionou a taxa, mas simplesmente pagou, beijou a testa gelada de Jacob e foi procurar o tesoureiro, que emitiria para ela algo chamado benefício de viúva. A quantia era nominal, mas ela não podia deixá-la sem reclamar, então ela encontrou a barraca apropriada e, depois de muita espera e assinatura de documentos, ela recebeu uma minuta.

De lá, ela se dirigiu a um banco próximo e esperou novamente, em uma longa fila de civis e soldados, e quando finalmente chegou sua vez no caixa, ela trocou o cheque por dinheiro.

Com tanto para fazer, foi relativamente fácil esquecer o motivo de suas incumbências. Depois de guardar as notas em sua bolsa e apertar os cordões, ela caminhou até a estação de trem e encontrou alguém viajando para Gettysburg que concordou por uma pequena taxa em entregar um bilhete urgente para sua avó, Geneva, que morava na cidade. Ela transmitiu a notícia da morte de Jacob, pediu que Enoch fosse informado, embora não Rachel, já que ela mesma queria fazer isso. A menos que houvesse um atraso, ela pararia para pegar a filha na casa de Geneva antes de voltar para a fazenda.

Para encerrar, ela solicitou que Enoch fosse convidado a receber o trem da tarde de Washington City na noite seguinte com uma carroça e alguém para ajudá-lo a carregar o caixão de Jacob.

Depois de despachar a mensagem, Caroline encontrou um restaurante modesto, lavou as mãos e o rosto na sala apertada reservada para o uso das damas e sentou-se a uma mesa perto de uma janela manchada que dava para a rua. Ela havia pedido uma tigela de ensopado e uma cesta de pão e se forçou a comer, ignorando os protestos de seu estômago. Ela precisaria de toda a resistência que pudesse reunir.

A partir daí, as lembranças de Caroline ficaram confusas. Ela sabia que havia retornado ao necrotério e esperado em um banco do lado de fora da sala onde Jacob estava, com dezenas de outras pessoas, mas não poderia ter dito o que pensava, além do fato reconfortante de que Rachel estava segura na casa de Geneva.

Eventualmente, o processo sombrio foi concluído, e ela foi escoltada para outra parte do edifício, onde Jacob descansava dentro de um caixão ainda com cheiro de pinheiro. Ele parecia melhor, até bonito, em um uniforme limpo, sua pele um pouco mais rosada, embora ainda cerosa.

Ela se sentou com ele até que um soldado veio e a fez sair.

Outro espaço em branco se abriu depois disso; Caroline tinha uma vaga lembrança de ter encontrado Bessie, oferecendo-se para ajudar com os pacientes.

Em algum momento, ela voltou para a tenda das enfermeiras, aceitou um jantar leve servido em um prato de lata, engoliu outra dose de láudano.

E agora, lá estava ela, na tarde seguinte, a bordo do trem, empoleirada no caixão de pinho de Jacob e cercada por outros iguais, alguns empilhados, outros descansando no chão, todos lascados e marcados com nomes rabiscados às pressas. Frederickson, Williams, McCullough, Johnston, Beckham.

Ela pensou em suas várias voltas para casa, esses homens mortos, tão diferentes do que eles e seus entes queridos devem ter esperado. Pouco depois, o condutor, um homem idoso de baixa estatura, com um pesado bigode branco, abriu a porta do vagão de bagagem e espiou Caroline. — Já mudou de ideia, senhora? — ele perguntou esperançoso. Ele deixou bem claro quando ela embarcou que não aprovava que ela andasse com os baús, caixotes e caixões, especialmente quando havia assentos perfeitamente bons na frente, na seção de passageiros. — O trem não está lotado, — ele acrescentou quando ela não respondeu. — Parece que há mais pessoas indo *para* Washington City do que partindo.

— Estou bem aqui, obrigada—, Caroline disse educadamente. Ela estava ciente da imagem que deveria apresentar, uma viúva perturbada pela tristeza, precisando de um banho, uma boa noite de sono, uma troca de roupa, ignorando descaradamente as conveniências. Antes da guerra, seria impensável para uma mulher decente fazer uma viagem de qualquer distância sem acompanhante. Desde a Rebelião do Sul, as regras mudaram por necessidade, mas mesmo agora, as damas não andavam em vagões de bagagem com seus maridos falecidos.

— Pode ser assustador aqui—, o condutor persistiu, seu bigode contraindo um pouco. — Além disso, não há nenhuma— ele fez uma pausa, e pigarreou — ...instalações.

Caroline não se mexeu. Ela poderia ir até as “instalações” se houvesse necessidade, embora esperasse que não, porque os cubículos eram pequenos e fedorentos e tudo menos higiênicos.

— Tens medo de fantasmas? — ela perguntou.

O velho enrubesceu, tirou a boina de maestro e tornou a colocá-la em sinal de agitação. — Não, senhora—, disse ele, claramente ofendido. — Não existe tal coisa, até onde eu sei.

Ela abriu as mãos. — Concordo plenamente.

O condutor não tinha resposta para isso. Ele gaguejou um pouco, lembrou-lhe que teria meia hora para esticar as pernas na próxima parada. Talvez comprasse algo para comer.

Ela agradeceu.

Caroline não desceu do trem na próxima parada, nem na seguinte, onde dois dos caixões foram descarregados. Os moços enviados para buscá-los lançaram olhares curiosos para ela, mas não disseram nada.

O condutor trouxe água, dois ovos cozidos e uma fatia de pão. Caroline ficou comovida, suspeitando que ele mesmo pretendia comer a comida.

Ela aceitou com gratidão e, quando ficou sozinha de novo, comeu.

Houve mais paradas. Outro caixão foi descarregado, junto com vários caixotes e malas de viagem.

— Ainda há muitos assentos na frente—, anunciou o condutor, quando voltou em algum momento no final da tarde para encher seu copo com água e oferecer-lhe uma cópia muito lida do *The Philadelphia Inquirer*.

— Eu vou ficar aqui—, Caroline disse a ele.

Quando ele saiu balançando a cabeça, ela se deitou em cima do caixão de Jacob, cobriu-se com parte da capa de viagem e dormiu.

3

*Hammond Farm, na Emmitsburg Road, perto de Gettysburg,
Pensilvânia*

18 de junho de 1863

Enoch

O sol havia começado a se inclinar lentamente para o oeste quando um menino vizinho da avó de Caroline, Geneva, um menino chamado Harvey Bellows, veio farfalhando pelo milharal em direção a Enoch, acenando com um envelope.

Harvey era dolorosamente magro e tão branco que seu rosto parecia uma lua minguante. Suas calças eram grandes demais, sustentadas por suspensórios puídos e pela graça de Deus, e sua camisa, gasta por três irmãos mais velhos muito antes de chegar a Harvey, havia desbotado para nenhuma cor específica e tinha um lado para fora da calça.

— Senhor Enoch—, Harvey deixou escapar, sem fôlego, cambaleando até parar. Ele tinha corrido todo o caminho desde a cidade? Enoch não tinha ouvido um cavalo ou uma carroça se aproximando, mas ele tinha trabalhado duro com a enxada, tentando afastar o medo que estava azedando em sua barriga como leite estragado desde que a senhora partiu para Washington City alguns dias antes. — A Sra. Prescott me enviou aqui. Trouxe este bilhete para você.

O envelope chacoalhou na mão de Harvey quando ele o estendeu para Enoch, como se as más notícias que continha estivessem queimando seus dedos.

Enoch deixou sua enxada cair no chão, entre as fileiras de verde sussurrante. Pegou o envelope das mãos do menino, abriu e leu o bilhete que continha, embora já soubesse o que dizia. Soube desde que a senhora viu pela primeira vez o nome de Jacob listado no jornal como morto em Chancellorsville.

Sim, ele sabia o tempo todo, embora ousasse esperar que seu instinto treinado para problemas pudesse estar errado, só desta vez. Esperava que a queimação constante em seu estômago se devesse à ameaça de guerra, que se aproximava a cada dia, e por suas preocupações com os perigos que a senhora poderia correr, viajando sozinha como ela estava.

Agora, o pior havia acontecido; ele segurava a prova em suas mãos.

Jacob, um dos poucos homens brancos que já tratou Enoch como um verdadeiro igual, quase como um irmão, estava morto e enterrado. A notícia não foi nenhuma surpresa e, no entanto, naquele momento, rolou sobre ele como uma pedra descendo a colina, esmagando alguma parte essencial dele sob seu peso.

Ele queria uivar de dor pela perda, mas isso teria assustado o jovem Harvey Bellows, que já estava nervoso.

Tirou uma moeda de cinco centavos do bolso da calça gasta pelo trabalho e a entregou ao menino.

Harvey assentiu, guardando a moeda no bolso. — A Sra. Prescott me disse para ter certeza de que você vai pegar o trem hoje à noite, com uma carroça. Meu pai e meu irmão Jonathan estarão lá para ajudá-lo a carregar o Sr.... o caixão.

Enoch sabia que os dois irmãos mais velhos haviam partido recentemente para a guerra, embora nunca tivesse ouvido falar em qual regimento eles se juntaram.

Ele conseguiu responder a Harvey, sua voz rouca. — Eu estarei lá—, disse ele. *Vá embora*, pensou ele, quando o menino se demorou, inquieto, mudando seu peso insignificante primeiro para um lado, depois para o outro.

— Senhor Enoch?

Vá. Agora. — Sim?

— Você vai ficar bem? Aqui sozinho, quero dizer? Ainda vai demorar horas até que o trem chegue à cidade.

Enoch assentiu bruscamente.

Por fim, Harvey se virou para sair, seus sapatos arranhados levantando poeira enquanto ele arrastava os pés. Ele olhou para trás por cima do ombro uma vez, balançou a cabeça e finalmente se afastou.

Através de uma névoa sussurrante de tristeza, Enoch ouviu o garoto assobiar, ouviu o bufo de resposta de uma mula em algum lugar próximo. Observou entorpecidamente enquanto Harvey saía da faixa de terra e desaparecia nos talos.

Enoch esperou, imóvel. Ouvindo o som dos cascos do animal batendo no chão duro, ficando cada vez mais fraco.

Quando soube que Harvey e a mula haviam chegado à estrada, caiu de joelhos, ali mesmo no milharal, cobriu o rosto com as duas mãos e chorou.

O uivo retumbou dentro dele, e quando sua vontade finalmente cedeu, o som irrompeu dele, uma força tão elementar quanto a própria natureza. Não era um rugido, como ele esperava, mas um lamento longo e baixo de puro desespero, remanescente do apito solitário de um trem distante serpenteando pela noite.

Pouco depois, quando aquela primeira onda de raiva dolorosa se esgotou, Enoch se recompôs o suficiente para se levantar. Ele pegou a enxada que havia descartado antes, carregou-a de volta pelas fileiras e para o campo aberto.

Ele não olhou para a grande casa de pedra; se o fizesse, imaginou que veria as memórias que continha, pairando nas janelas como fantasmas. Esperando em vão pelo retorno de um jovem marido e pai, morto muito antes do tempo.

Enoch foi direto para o celeiro, onde guardou a enxada, junto com outras ferramentas. Alguns minutos depois, ele pegou sua vara de pescar favorita em sua cabana no outro lado do pomar, junto com uma lata enferrujada e uma pá reservada para cavar minhocas.

Há muito familiarizado com problemas, Enoch tinha seus próprios métodos para lidar com eles, e pescar uma porção de peixes para o jantar era um deles. Como os sinais de alerta eram familiares, um canto quase imperceptível no eixo de seus ossos, um tremor em sua barriga, uma contração no menor dos músculos, ele fez o que pôde para se preparar.

Criado em uma plantação de algodão nos arredores de Charleston, Carolina do Sul, e enviado para os campos assim que conseguia colher cápsulas e arrastar sacos entre as fileiras, Enoch logo desenvolveu um senso silencioso, mas poderoso, de coisas ruins no caminho. A habilidade provou ser valiosa, com a prática, permitindo que ele evitasse mais de um desastre. Às vezes, é claro, havia pouco que ele pudesse fazer além de insistir e resistir, mas raramente era pego desprevenido.

E a morte de Jacob não foi exceção; ele sabia que estava chegando. A dor não foi diminuída por esse conhecimento, e a dor ainda abriu um caminho profundo, esculpindo desfiladeiros dentro dele, nivelando montanhas, alterando para sempre o terreno de sua alma.

Apesar de todo o choque da confirmação, Enoch esteve prendendo a respiração por um longo tempo, falando figurativamente. Os pesadelos, sempre o primeiro sinal da calamidade que se aproximava, haviam começado meses antes dos da senhora, sonhos sombrios e encharcados de

suor, perfurados por gritos sobrenaturais, o estrondo de canhões, o estalo agudo de carabinas, cenas vívidas de violência veladas em carmesim e fumaça em movimento, tanto sangue que era quase inacreditável.

Mesmo Enoch, um escravo liberto bem familiarizado com a brutalidade, nunca havia imaginado tais histórias de carnificina. Ele as ouvira de Jacob quando ele estava em casa de licença, lera sobre elas no *Gettysburg Compiler*. Não, problemas raramente o pegavam de surpresa, embora houvesse *aquela* vez, quando ele com certeza deveria saber o que estava prestes a acontecer, e ele não sabia. Ele compreendia, agora que era mais velho e, esperava, mais sábio, que o amor podia tornar um homem que enxergava completamente cego e um esperto simplesmente estúpido.

Que foi como ele se encontrou, em uma Savannah quente a tarde em seu décimo sexto ano, parado desnorteado e assustado no leilão, prestes a ser vendido para longe de tudo e de todos que conhecia.

Mesmo depois de horas empurrando-se pelas estradas da Georgia na carroceria de um carro de boi, depois de passar uma longa noite em uma jaula com barras de ferro, ombro a ombro com mais de uma dúzia de outros homens, ele ficou surpreso ao se ver à venda pela maior oferta.

Um escravo, gado, não um homem.

Não importava que ele tivesse trabalhado nos campos desde o nascer do sol até o jantar, e então viu sua mãe Sophie se esgueirando em direção à casa grande no crepúsculo, convocada pelo amo. Ele a ouviria chorando em seu catre horas depois, quando ela voltasse.

Não importava que ela sempre estivesse subjugada na manhã seguinte, esta boa mulher, acordando Enoch com sussurros apressados para que ele não perdesse o café da manhã, não se atrasasse para chegar aos campos.

Ele queria dizer a ela que o amo deveria ser o único a se sentir envergonhado, não ela, mas ele não tinha coragem, sabendo que sua mãe precisava acreditar que seu filho, seu único filho, não tinha notado que ela desaparecia nas noites quando a patroa estava fora de casa.

Então, pelo bem dela, pelo pouco orgulho que ela conseguia manter, ele fingia.

Por dentro, ele sempre soube que era tão bom quanto qualquer outro homem, e melhor do que alguns. Ele sabia que era inteligente, para começar, e nunca desejou ser ninguém além de quem ele era, nunca quis trocar o ébano profundo de sua carne por um tom mais claro.

Não importa o que o mundo visse quando olhasse para ele, ou como o tratasse, Enoch sabia a verdade. Em sua mente, em sua alma, ele era um homem livre, com escolhas que só ele tinha o direito de fazer.

Mas subindo o estrado naquela tarde em calças grosseiras e nada mais, Enoch finalmente encarou a possibilidade de ter sido tolo, acreditando ser igual a qualquer homem branco.

Talvez fosse tudo verdade; ele era apenas propriedade de outra pessoa. Adequado para o trabalho, mas *de propriedade*, no entanto.

A gravidade de tudo isso voltou para ele enquanto ele estava ali naquele estrado, sua pele fervendo sob um suor frio. Ele estava livre apenas em sua mente; a realidade era que ele provavelmente nunca mais veria sua mãe, nem sua amada Tillie Mae.

Enoch recusou-se a deixar transparecer seu medo. Ele cerrou o maxilar, endireitou-se e manteve a cabeça erguida. Não deixou que seu olhar caísse sobre a aglomeração de homens brancos murmurando abaixo da plataforma, com seus chapéus altos e seus ternos sob medida. Em vez disso, ele fixou os olhos em um lugar distante, um lugar que existia apenas em sua imaginação.

O leiloeiro referiu-se a ele como um bom trabalhador e disse que ele estava apto para qualquer tipo de trabalho no campo.

Enoch deixou as palavras passarem por ele; não eram nada que ele não tivesse ouvido antes do amo para vendê-lo do único lugar que ele já chamou de lar, de sua mãe e seus amigos e, pior de tudo, de Tillie Mae, que ameaçava dobrar seus joelhos. Enoch amava aquela doce garota desde que ele e Tillie Mae eram pequenos demais para serem úteis para alguém, e isso foi há um bom tempo.

Há muito tempo, Jethro, o pai de Tillie Mae, havia dado sua palavra, prometido que assim que sua filhinha fizesse dezesseis anos, ela e Enoch poderiam *pular a vassoura*, de mãos dadas, e começar a viver como marido e mulher.

Apenas uma semana antes daquele aniversário tão esperado, o filho mais velho do amo, Cyprian, voltou do internato para uma visita, gostou de Tillie Mae e a encurralou atrás da casa de primavera uma tarde, querendo fazer o que queria com ela.

Enoch, voltando do campo com alguma tarefa a cumprir, ouviu sua Tillie Mae chorando, implorando àquele demônio branco que por favor, *por favor*, a deixasse em paz, porque ela foi prometida, prestes a se casar.

Cego por uma fúria mais forte do que qualquer outra que ele pudesse se lembrar, Enoch rodeou aquele barraco, arrastou Cyprian Wilcox para longe de Tillie Mae e disse para ele ir embora.

Wilcox riu, endireitando suas roupas finas e elegantes. Haveria outro momento, ele disse. Ele poderia fazer o que quisesse com Tillie Mae, porque seu pai a possuía e, em breve, ela pertenceria a ele, junto com a casa da fazenda, os campos e todos os outros escravos do lugar.

— Enoch—, implorou Tillie Mae, dando passos para trás, chorando tanto que seu rosto brilhava com as lágrimas. — Não. Não faça nada para o jovem massuh...

— Eu disse para você ir *embora*—, Enoch rosnou, seus dentes de trás cerrados com tanta força que todo o seu crânio latejava com a pressão.

— Parece que o seu homem aqui—, Wilcox disse a Tillie Mae suavemente, seu olhar plácido fixo no de Enoch, puxando preguiçosamente os punhos de sua camisa enquanto falava, — está pronto para ser chicoteado, adequadamente.

— *Enoch*—, disse Tillie Mae. — Farei o que ele disser para fazer, e então talvez tudo fique bem de novo, e ainda possamos nos casar, e você não terá nenhuma surra. — Ela cobriu seu rosto com as costas de uma mão pequena e bonita.

Cada palavra que ela disse se alojou em Enoch como uma flecha envenenada disparada de um arco. Ele olhou para o rosto sorridente de Cyprian Wilcox e viu todos os homens brancos que já maltrataram um escravo, ouviu sua mãe chorando na escuridão de sua cabana depois de outra visita noturna à casa grande, e algo vermelho, perverso e consumidor havia estourado na mente de Enoch, como uma explosão de fogo.

Ele investiu contra o filho do amo, fechou suas grandes mãos em volta da garganta do homem e apertou. Tillie Mae gritara várias vezes, embora o som mal penetrasse no cérebro de Enoch. Houve gritos, passos fortes, mas ele mal os ouviu.

Finalmente, os olhos de Wilcox rolaram para trás em sua cabeça, e ele ficou mole como um trapo de cozinha, e Enoch continuou apertando.

Mãos fortes, tão negras quanto as suas próprias, agarraram Enoch, agarraram-no por todos os lados, arrastaram-no para longe do outro homem, embora fosse necessário algum feito poderoso, certamente foi necessário. Ele relutou em soltar, porque embora Wilcox estivesse caído no chão, Enoch não havia terminado com ele. Não, senhor, nem de longe.

Mesmo anos depois, Enoch não se lembrava muito das horas seguintes, pois demorou um pouco para que aquela tempestade vermelha dentro dele desaparecesse. A próxima coisa que ele soube foi que ele estava trancado em um barraco perto da senzala, aparentemente para seu próprio bem, e o pai de Cyprian Wilcox estava lá, pairando sobre ele.

Enoch estava deitado no chão de terra do galpão aos pés do amo.

— Você vai olhar para mim quando eu falar com você—, dissera o velho. A porta do galpão se fechou atrás dele.

— Levante-se—, Wilcox cuspiu, sua voz perigosamente baixa.

Enoch estava se elevando sobre o amo. Não dizendo nada.

— Você quase matou meu filho—, Wilcox o lembrou, andando daquele jeito que os homens ricos fazem, com as mãos juntas atrás das costas. — Você percebe isso?

Enoch não respondeu, imaginando que nada do que ele dissesse importaria de qualquer maneira. Talvez apenas colocá-lo em problemas maiores, se isso fosse possível.

— Você tem sorte—, Wilcox continuou, ainda furioso, ainda estranhamente calmo, — por eu gostar tanto de sua mãe.

Enoch lutou contra uma nova onda de raiva. Ele não reconheceu o comentário, mas também não desviou o olhar do rosto comprido e estreito de Wilcox.

O discurso do fazendeiro continuou. — Se não fosse pelos apelos de Sophie em seu nome, eu teria não apenas chicoteado, mas o esfolado em tiras sangrentas. — Ele fez uma pausa, respirou fundo e soltou o ar, como se estivesse se resignando a uma injustiça que deveria ser tolerada. — Infelizmente, tenho uma dívida com Sophie, e vou honrá-la concedendo-lhe este favor. Você será levado à cidade depois de amanhã e lá será vendido. Até então, você está confinado a este galpão.

Pelos cálculos de Enoch, Wilcox devia muito mais do que um favor à mãe, mas havia um limite para sua tolice, e responder a um homem que poderia fazer tanto mal a sua mãe e a Tillie Mae era um risco que ele não podia correr.

— Você não tem nada a dizer? — Wilcox exigiu, quando sua exasperação finalmente levou a melhor sobre sua boa criação.

Por fim, Enoch falou. — Prefiro levar uma surra, qualquer tipo de surra, do que ser vendido para longe das únicas pessoas que me importam.

— Talvez—, Wilcox disse, com uma brandura perversa, — você devesse ter considerado isso antes de se voltar contra o jovem Cyprian e tentar estrangulá-lo. Meu *filho* é o herdeiro de todas as minhas posses. Você percebe que quase esmagou a traqueia dele? O médico nos informou que ele sobreviverá, mas talvez nunca se recupere completamente.

Enoch não respondeu, não ousou dizer a verdade, que não se arrependia do que havia feito. Desejava, na verdade, ter matado Cyprian Wilcox imediatamente.

O amo soltou outro suspiro longo e sofrido e dirigiu-se para a porta. — Eu sei, é claro—, ele disse em despedida—, que você poderia derrubar as paredes desta cabana e tentar uma fuga. Garanto-lhe, solenemente, que se o fizer, será apanhado. Então Tillie Mae receberá a surra que você tanto merece, e você testemunhará a punição. Você entendeu, Enoch?

— Sim—, respondeu Enoch, abatido. Reter o “Massuh” que normalmente se seguia era o único ato de desafio que ele podia pagar.

Dois dias depois, proibido de ver Tillie Mae ou sua mãe para se despedir, Enoch foi amarrado novamente e levado embora como uma carga.

Ele teve muito tempo para pensar ao longo do caminho.

Tillie Mae estava perdida para ele para sempre e, pior, com a morte de Enoch, ela estava à mercê de Cyprian Wilcox assim que ele se recuperasse. Ele calculou que ela seria entregue ao filho do patrão, como um brinquedo dado a uma criança doente na tentativa de acelerar sua recuperação. Cyprian certamente se vingaria assim que pudesse.

Quanto à sua mãe, bem, ela ainda era uma mulher bonita, de costas retas e orgulhosa como ousava ser, mas seria comida viva por dentro, quebrada pela perda de seu único filho.

Quando chegou àquela plataforma, com as tábuas lascadas perfurando seus pés descalços, mesmo através de muitas camadas de calos, Enoch havia perdido toda a esperança. Ele havia decidido que iria simplesmente aguentar, manter a boca fechada e os olhos baixos. Ele estava determinado a sobreviver.

E, no entanto, apesar de todas as suas imaginações naquela época, Enoch nunca havia considerado que sua vida poderia ser melhor do que era, em vez de pior.

Naquele dia, no entanto, ele aprendeu o contrário.

O homem que o comprou era um fazendeiro da Pensilvânia que passava por Charleston a caminho de casa depois de visitar um amigo. Elliott

Hammond simplesmente parou quando viu um leilão de escravos prestes a começar. Quando o primeiro homem subiu na plataforma, o Sr. Hammond se viu compelido a fazer um lance.

Elliott Hammond pagou o preço com o dinheiro que destinara a outras coisas. Depois disso, ele e Enoch fizeram uma longa viagem de volta para sua pequena fazenda perto de uma cidade chamada Gettysburg, onde, disse o Sr. Hammond, ele poderia pagar o dinheiro de sua compra com seu trabalho, ordenhando vacas e cultivando campos e com a ajuda da esposa de Hammond poderia aprender a ler e escrever. Assim que pudesse assinar seu nome nos documentos apropriados, disse o fazendeiro, ele seria realmente um homem livre.

Nesse ponto, ele poderia ficar ou ir. Sua escolha.

Enoch ficou intrigado, para não dizer desconfiado, mas quando finalmente chegaram ao seu destino, depois de muitos dias de viagem, o Sr. Hammond em um vagão de passageiros e Enoch andando com a bagagem do trem, ele foi atingido no coração pelas colinas verdes da Pensilvânia, a casa de fazenda de pedra robusta, a comida abundante, a bondade silenciosa dos Hammonds e seu único filho, Jacob, com apenas dez anos de idade na época.

Enoch havia trabalhado duro e ficou perplexo quando recebeu um quarto fora da casa para dormir, em vez de um canto do celeiro. A patroa havia feito para ele dois conjuntos de roupas novas, e ele poderia comer todos os ovos, leite e carne que quisesse. Ela o ensinou a ler e escrever e calcular somas também, ao longo de muitos meses.

Então, um dia, o Sr. Hammond disse a ele que sua dívida estava totalmente paga e que ele receberia salários de agora em diante. *Remunerações*. Dinheiro próprio, para gastar ou poupar como bem entendesse. Enoch dificilmente foi capaz de acreditar em tal coisa.

Quando ele conseguiu assinar uma bela assinatura, a senhora não se contentou com um X, Enoch estava verdadeiramente livre. Ele poderia ir embora se quisesse, mas não o fez.

Com os Hammonds, ele tinha todas as coisas materiais que um homem poderia razoavelmente desejar. Pessoas que o tratavam com justiça e que, de fato, o tratavam como família. E ele tinha livros para ler, moedas no bolso, muito para comer. Ele tinha investido a maior parte do dinheiro que ganhava. Seu plano era comprar a liberdade de sua mãe e a de Tillie Mae também.

Então, um escravo fugitivo apareceu em uma noite escura, para se esconder no local estreito sob as tábuas do assoalho da sala até que fosse seguro seguir em frente. É claro que Enoch tinha ouvido falar sobre a Ferrovia Subterrânea, mas aprendeu com os Hammonds como havia muitas “estações” em Gettysburg e arredores, em casas e outros edifícios nos quais as famílias locais escondiam fugitivos. A casa dos Hammonds era uma dessas estações. Abolicionistas locais trabalhavam juntos para ajudar os escravos fugitivos a alcançar a liberdade no Norte e no Canadá.

Enoch ficou surpreso quando reconheceu o homem no dia seguinte. Seu nome era Jonas, e ele cresceu em uma plantação vizinha, a apenas alguns quilômetros de Wilcox.

Ele estava meio faminto e grato pelo café da manhã que Enoch trouxe para ele, quase enfiando a comida em sua boca. Enoch estava agachado no compartimento secreto, encarando o homem, cheio de perguntas.

Jonas disse a Enoch que Sophie, sua mãe, estava morta há um ano, que ela pegou uma febre e morreu alguns dias depois. Enoch não tinha nenhum parente de sangue agora, seu pai tinha sido escravo em outra plantação, um homem que aparentemente desapareceu logo após o nascimento de Enoch. E Sophie nunca foi capaz de ter outro filho. Mas pelo menos, Enoch sempre pensou, ela nunca teve um filho gerado pelo amo.

Jonas então relatou que Tillie Mae havia sido vendida depois que o jovem amo se cansou dela. Ninguém sabia ao certo onde ela havia parado, mas havia rumores de que ela havia contraído pneumonia e nunca mais se recuperou.

Enoch ouviu, impassível, e fez seu luto em particular. Mas ele continuou economizando seu dinheiro como uma proteção contra um futuro incerto. Ele gastava pouco, comprando doces baratos ou um livro de vez em quando, mas principalmente guardava os dólares de prata que o Sr. Hammond lhe dava quando o salário era devido, escondendo-os em velhas jarra de frutas que guardava no porão da casa. Raramente pensava nisso.

Agora, catorze anos depois, ele permanecia na fazenda Hammond, como empregado, por sua própria vontade. Os Hammonds acabaram dando a ele uma cabana para morar, que havia sido a propriedade original. O Sr. Hammond e sua esposa já estavam mortos, seis anos ou mais, tendo morrido de febre, mas o lugar ainda era um lar. Mas o Sr. Jacob o chamava de amigo e o tratava como um irmão e Caroline, sua esposa, o tratava como

família. Ela servia as refeições para ele na mesa da cozinha, junto com o marido e a filha Rachel.

Olhando para trás, para a longa e difícil estrada que o levou até ali, Enoch sabia que sentiria muita falta de Jacob. Enquanto segurava sua vara de pescar com firmeza, esperando por uma mordida, ele esperava que a Sra. Hammond fosse forte o suficiente para suportar os fardos de uma jovem mãe viúva. Ele também esperava que sua avó, filha e amigos, entre eles as mulheres que vivem em fazendas próximas e outros membros da Ladies' Aid Society da cidade, lhe trouxessem algum consolo.

Enoch foi contra Caroline ir para Washington City, sozinha, depois que eles descobriram o destino de Jacob, mas ele também entendeu sua determinação obstinada. Como ela não quis ser dissuadida, Enoch trouxe-lhe vinte dólares de prata, embrulhados em um lenço velho com as pontas bem amarradas.

A princípio, ela disse que não poderia aceitar o dinheiro.

Enoch disse a ela o quanto ele se importava com Jacob, como a família Hammond tinha sido boa para ele, tratando-o quase como um parente, e como ele tinha que fazer tudo o que podia para ajudar a trazer aquele querido homem de volta para casa, onde ele pertencia. Onde ele poderia ser cuidado adequadamente.

Ela finalmente cedeu e aceitou sua oferta com gratidão.

Ela se sentou e costurou aqueles dólares brilhantes na bainha de sua capa de viagem, e ele sabia que ela estava empenhada em trazê-los de volta e devolvê-los a ele.

Ao amanhecer da manhã seguinte, Enoch a levou para a cidade na carroça, então esperou enquanto Caroline carregava a criança, Rachel, até a porta da frente da casa de Geneva Prescott.

Rachel tinha feito um pouco de confusão, querendo ir junto com sua mãe, para ajudar a encontrar seu pai. A senhora havia recusado esses pedidos com firmeza, mas gentilmente, e deixou a criança aos cuidados de sua bisavó.

Depois disso, Enoch levou a patroa até a estação de trem, levou sua pequena bolsa até a plataforma e esperou enquanto ela comprava a passagem. Ela tinha sido tão corajosa, parada ali em suas melhores roupas.

Houve trabalho mais do que suficiente para manter Enoch ocupado assim que ele voltou para a fazenda, com o coração pesado, a mente perturbada. O lugar era muito solitário só com ele ali, mas as vacas tinham

que ser ordenhadas e alimentadas, junto com o resto do gado, e havia árvores frutíferas para podar, campos para cuidar, uma horta para regar e capinar.

Ele sentia falta do brilho fraco da lanterna da Sra. Hammond à noite, sentia falta da criança também. Acima de tudo, porém, ele sentia falta de Jacob, seu verdadeiro amigo. Enquanto a guerra continuava furiosa, ele se perguntou que sacrifícios futuros ela poderia exigir de todos eles.

Todas essas coisas e muito mais passaram pela mente tensa de Enoch naquela tarde de verão, enquanto ele estava na margem do riacho, vara na mão, isca no anzol, pescando para uma ceia antecipada.

Jacob estava morto, e era isso. Ele sofreria tanto quanto precisasse, mas sabia que a tragédia era o começo da tristeza, não o fim. Havia mais, muito mais, a temer.

Por um lado, a guerra, uma ameaça distante antes, uma coisa que ele e a senhora leram nos jornais e ouviram de Jacob, bem como das amigas de Caroline e famílias de fazendeiros vizinhos, estava se aproximando deles, aproximando-se desta pacífica fazenda a cada dia que passa.

Mantinha Enoch acordado à noite, esse conhecimento. Ele era forte, não havia dúvida disso, mas como ele, um homem, iria manter a senhora e aquela garotinha seguras, como ele havia prometido ao Sr. Jacob que faria? Dois grandes exércitos estavam em marcha e, quando colidissem, como acontecia com frequência e inevitavelmente, a destruição seria incalculável.

Enoch sabia sobre várias batalhas. A Batalha de Antietam, com suas enormes perdas, ocorrera menos de um ano antes, em setembro anterior. E a Batalha de Chancellorsville, na qual Jacob havia caído, custou um número igualmente esmagador de vidas. Antietam foi uma vitória da União, Chancellorsville uma dos Confederados. E ainda, com tantos mortos em ambos os lados, “vitória” de alguma forma parecia uma palavra equivocada.

Algo mais estava por vir, e logo. Ele podia senti-lo, espreitando por perto, preparando-se para atacar, como uma cobra enrolada na pilha de lenha.

Mas essa ameaça em particular, qualquer que fosse, era imediata. A consciência de Enoch de sua aproximação era uma urgência que afastou temporariamente até a morte de Jacob, até mesmo seu medo das batalhas que viriam.

Ele esfregou a nuca, onde os pelos pequenos se eriçavam e esquadrinhou o campo. Um arrepio deslizou por sua espinha, e seu

estômago queimou em torno da refeição que ele comeu ao meio-dia.

Então, do outro lado de um bosque de árvores frondosas, carvalho, freixo e nogueira, veio o trinado agudo de um grito de mulher. Seguiu-se um respingo repentino, alto demais para ser causado por qualquer coisa que não fosse um cavalo de tamanho considerável ou uma mula, agravado por uma gargalhada masculina.

Enoch jogou sua vara de pescar no chão e correu em direção ao tumulto, o coração batendo forte na garganta, a mente cheia de memórias antigas e terríveis que afastavam todas as preocupações presentes.

Enoch irrompeu das árvores, viu uma jovem negra descendo o meio do riacho, tropeçando, pesada pelas saias encharcadas e a protuberância de sua barriga grávida. Atrás dela, a cavalo, um homem a perseguiu, gritando de alegria com seus esforços desesperados e obviamente inúteis para fugir. Ele era branco, esse homem, mas naquele momento Enoch não pensou na cor de sua pele.

Ele pensou no mal. Sobre a injustiça.

De repente, Enoch estava de volta àquela plantação da Georgia, atrás da casa de primavera, observando Cyprian Wilcox tentando forçar Tillie Mae. Sem mais cautela do que havia demonstrado naquele dia distante, Enoch desceu a margem do riacho, entrou na água em movimento rápido e parou o cavaleiro segurando o freio de seu cavalo com uma das mãos.

A moça, soluçando, louca de terror, chegara à margem do riacho.

O homem no cavalo olhou para Jacob e riu.

— É melhor você cuidar da sua vida—, disse ele, ajustando alegremente sua cartola suja, uma coisa atarracada com uma pena enfiada na faixa. — E deixe-me cuidar da minha. Isso aqui é entre mim e ela e a bela senhora que me mandou buscá-la.

A perseguição e a tentativa de atropelar a garota destruíram os últimos fragmentos da contenção de Enoch.

Enoch não pensou.

Ele agarrou as roupas esfarrapadas do cavaleiro, puxou-o para baixo do cavalo e então passou a mão para as lapelas de seu casaco fino. O estranho mergulhou na água veloz, saiu cuspidando, agarrando o chapéu que flutuava fora de alcance.

— Solte-me agora—, o homem soltou, seu cabelo oleoso em mechas pingando. — Aquela garota é uma fugitiva, e há uma recompensa por sua

cabeça, uma boa. Se ela foge por sua causa, bem, vocês podem *se encontrar* no estrado.

A ameaça não era vã; Enoch sabia disso. Mesmo no Norte, negros livres eram arrancados de suas casas e fazendas, das ruas das cidades e vilas, muitas vezes brutalizados no processo e, por fim, vendidos como escravos. Se eles vivessem o suficiente...

Enoch segurou as lapelas do homem e olhou para seu rosto. — Acho que esta é uma recompensa que você não vai coletar, amigo—, disse ele.

A água correu por eles, gelada e na altura das coxas. Com o canto do olho, Enoch viu o cavalo lutar para chegar à costa e subir a encosta baixa, onde bufou, soprou e se sacudiu como um cão molhado faria depois de recuperar o pato de um caçador. Ele não podia ver a garota, ou ouvi-la, e não tinha ideia se ela havia se saído tão bem quanto o cavalo, ou desmaiado de exaustão ou mesmo escorregado na margem gramada e se afogado.

— Você pensa que é branco quando chega tão ao norte—, o homem cuspiu, sua pele carmesim sob uma barba desalinhada e semanas de sujeira acumulada. — Acha que você pode fazer o que quiser!

— Eu poderia te afogar aqui e agora—, disse Enoch, através seus dentes. — E isso me agradaria muito—. Ele deu uma forte sacudida no homem, para enfatizar seu ponto. — Suba em seu cavalo e sai daqui e nossos negócios estão resolvidos, seus e meus. Você vem atrás dela novamente, e eu juro por todos os anjos no céu e todos os demônios no inferno, *eu vou te matar*.

O caçador de escravos cuspiu, mas não disse nada de imediato. Talvez ele finalmente tenha percebido que Enoch tinha o dobro de seu tamanho.

Enoch se virou, planejando deixá-lo ali, então viu a jovem agachada na margem, estremecendo violentamente, as roupas grudadas no corpo magro e na barriga arredondada.

Seus olhos castanhos eram enormes em seu rosto magro enquanto ela observava Enoch caminhando em sua direção. Então seu olhar mudou ligeiramente e ela gritou: — Cuidado atrás de você! Ele tem uma faca!

Enoch se virou, viu a lâmina se curvando em sua direção, mal a desviou ao segurar o pulso do outro homem com uma das mãos, forçando-o a deixá-la cair.

O caçador de escravos lutou muito e era mais forte do que parecia. Os dois homens lutaram, ambos afundando, subindo novamente, seus rostos encharcados com água do riacho e um ódio antigo.

O tempo borrou na mente de Enoch, não mais uma sequência de horas e dias, semanas, meses e anos, mas um único e eterno momento. Não havia passado, nem futuro, mas apenas o presente, apenas o *agora*.

Enoch permaneceu firme, os músculos rígidos em seus braços, enquanto suas mãos agarravam a frente do casaco do caçador de escravos e empurravam sua cabeça para dentro do riacho, sem se importar com o fluxo de água e as bolhas que subiam à superfície e depois estouravam.

Em algum momento, o homem parou de lutar, mas Enoch não percebeu isso até que a jovem apareceu ao seu lado, segurando seu braço com as duas mãos e gritando: — Senhor, você tem que parar antes de matar esse homem!

A razão de Enoch voltou naquele instante, e ele puxou o estranho para cima, para fora do riacho, sentindo antes mesmo de completar o movimento que era tarde demais.

A cabeça do homem pendia para o lado e seus olhos, embora abertos, estavam vazios de qualquer coisa que fizesse um corpo pensar, se mover e sentir.

A jovem pendurou-se no braço de Enoch, movendo-se enquanto lutava para firmar os pés no leito escorregadio do riacho. Por mais esguia que ela fosse, ele mal a sentia ali; sua voz estava estridente de pânico. — Ele está *morto!* — ela disse.

Enoch virou a cabeça e olhou para o rosto magro dela. — Silêncio, irmã —, ele disse.

Ela olhou para ele, seus olhos castanhos enormes, os cílios pontiagudos com água do riacho.

Enoch içou o homem afogado sobre o ombro direito, com os olhos ainda na jovem. Ele viu que ela estava tremendo, sua respiração muito rápida e muito superficial. Ela tinha bom senso, isso era claro, mas ela quase se esgotou.

— Moça—, disse ele—, agarre no meu cinto e não solte até sairmos desta água, ouviu?

Ela engoliu em seco, acenou com a cabeça e fez o que lhe foi dito.

Juntos, eles se arrastaram até a margem do riacho, devagar pela forte correnteza e pelo peso de suas roupas molhadas.

Uma vez que eles estavam em terra firme, a mulher soltou Enoch e caiu na grama, sem fôlego e, pela aparência dela, prestes a entrar em choque.

Enoch jogou a cabeça para trás e olhou para o céu por um longo momento, se recompondo. Ele podia *sentir* aqueles exércitos chegando, quase ouvir a marcha constante de botas na terra batida das estradas rurais enquanto soldados vestidos de azul e cinza marchavam implacavelmente adiante. Mesmo agora, ele sabia, eles estavam pisoteando campos, vadeando córregos e rios, lotando as outrora pacíficas ruas de pequenas cidades enquanto passavam. Eles eram arautos do caos, amigos ou inimigos, com seus canhões e seus rifles, suas carroças, cavalos e mulas, duas forças vastas e imparáveis, igualmente ferozes em suas diferentes convicções.

A colisão era inevitável e a escala seria catastrófica; o chão se estilhaçaria, o céu choveria fogo e os rios correriam vermelhos de sangue.

E, em poucas horas, o trem noturno chegaria à cidade, trazendo uma nova viúva e um caixão contendo o corpo de um homem que Enoch amara como um irmão mais novo. Ele estaria lá para receber os dois.

Nesse ínterim, porém, havia a moça para cuidar e os restos mortais do caçador de escravos para enterrar em algum lugar afastado. Fosse qual fosse a provocação, um homem negro havia matado um homem branco e, mesmo em um estado livre, haveria um inferno a pagar.

Enoch examinou seus arredores, não viu ninguém; embora soubesse que isso não significava que estavam seguros, ele e a jovem. Com o corpo ainda pendurado no ombro, ele moveu-se rapidamente para o abrigo das árvores, jogou sua carga em um matagal e cobriu-a com folhas e gravetos.

Então ele se voltou para a garota. — Você pode andar? — ele perguntou.

Ela assentiu. — Eu acho que sim—, ela respondeu trêmula, mas ela se sentou com ambas as mãos em sua barriga distendida.

Enoch estendeu a mão e ajudou-a a se levantar.

— Meu nome é Enoch Flynn—, disse ele. Ele já a estava conduzindo para o bosque onde havia acabado de esconder o corpo do caçador de escravos morto.

— O meu é Jubileu. As pessoas me chamam de Jubie.

— Prazer em conhecê-la—, respondeu Enoch, uma vez que eles estavam fora de vista. As palavras pareciam inadequadas, mas não havia tempo para nada mais elaborado naquele momento.

Jubie olhou para ele, o rosto manchado pelas sombras das folhas dançantes. Ela fez uma pausa, pensativa.

— Esse homem morto—, disse ele. — Você sabe o nome dele?

Jubie olhou nervosamente na direção do monte de folhas e galhos, e Enoch notou uma mão cinza-azulada saindo da pilha.

Um arrepio percorreu sua espinha, que ele atribuiu à roupa molhada, embora se movesse rapidamente para cobrir as evidências.

— Disse que se chamava McKilvoy—, Jubie murmurou. Ela estava se abraçando agora, e seus dentes batiam. Enoch estava ficando ciente do tempo. Ele ainda tinha que atrelar a carroça, dirigir até a cidade para pegar o trem, trazer o jovem Jacob para casa para ser enterrado com seus parentes, e quem sabe em que estado a Sra. Caroline poderia estar. Jubie aqui sozinha.

— McKilvoy, ele estava cavalgando sozinho ou com uma gangue?

— Quando ele me pegou ontem de manhã, ele disse que era melhor eu não dar mais dor a ele ou ele deixaria todos os seus amigos terem uma chance comigo—, disse Jubie. — Eu nunca vi nenhum deles, no entanto—. Ela estremeceu novamente, abraçou-se ainda mais forte do que antes. — Você acha que eles virão procurá-lo.

Não era uma pergunta.

— Parece provável—, Enoch disse, olhando para a montaria de McKilvoy, pastando na beira do bosque. O capão não era nenhuma beleza, pernas arqueadas, cor de lama marrom, costelas destacadas sob sua pele suja, mas isso não significava que ele passaria despercebido. Na região agrícola, a maioria das pessoas conhecia de vista o gado dos outros, assim como o seu próprio. Ele estava pensando em voz alta quando acrescentou: — É melhor escondermos o cavalo também.

Enoch já estava levando o cavalo para o abrigo das árvores, tirando o laço enrolado preso a uma correia na sela, formando um laço em uma das pontas, depois passando-o sobre a cabeça do capão e dando um nó na corda para que não pudesse ser esticado.

— Sr... Sr. Flynn. Eu... eu não sei o que dizer. Não sei o que acontece a seguir. Preciso ir para o Norte, ter meu bebê em um lugar seguro, talvez no Canadá, e ouvi dizer que há pessoas que podem me ajudar...

— Você é uma fugitiva, com a cabeça a prêmio. Os amigos de McKilvoy estarão procurando por você em breve, se já não estiverem em seu encalço. Você volta e fica na minha cabana por enquanto. Tenho uma tarefa para fazer na cidade. Quando eu voltar, podemos descobrir uma maneira de mantê-la segura. Isso é o principal. Você pode me contar toda a

sua história mais tarde ou quando estiver pronta, ou não. Não preciso saber de nada além de que você é uma jovem que precisa de proteção.

Com isso, Enoch deu um tapinha no pescoço do cavalo e foi embora sem olhar para trás. Ele seguiu o caminho do riacho com Jubie ao lado dele e se abaixou para recuperar sua vara de pescar quando a encontrou.

4

Gettysburg e Hammond Farm

18 de junho de 1863

Caroline

Sentindo-se exausta ao ponto da incoerência, Caroline ficou aliviada, e grata, ao ver Enoch esperando por ela na estação de trem na Carlisle Street, ladeado por Edward Bellows e seu filho Jonathan.

Ela e Enoch trocaram um olhar choroso, e isso foi o suficiente. Nada precisava ser dito, nem aqui e nem agora.

Os três homens se curvaram respeitosamente e, com o mesmo respeito, retiraram o caixão e o transferiram para a carroça da fazenda.

Todos eles ficaram parados em silêncio por um momento. Então Bellows e seu filho deram suas condolências a Caroline, recuaram, curvando-se novamente e voltaram para casa.

Enoch, ainda sem falar, colocou a bolsa de Caroline na frente da carroça e ajudou-a a se sentar. Ela ajeitou a capa ao redor do corpo, apesar do calor da noite. A escuridão foi gradualmente ultrapassando a luz do sol e as lâmpadas de gás foram acesas.

Caroline finalmente olhou para ele, sorrindo levemente. — Obrigada, Enoch.

Ele assentiu. — O que você precisar, Sra. Caroline... Agora vamos recuperar a jovem senhorita de sua avó.

— Obrigada—, ela sussurrou novamente.

Eles dirigiram até a casa de Geneva na Baltimore Street para pegar Rachel, que esperava impaciente na porta da frente, sua bisavó ao lado dela. Rachel se jogou nos braços da mãe, bocejando e tagarelando alternadamente. Assim que sua pequena bolsa foi colocada ao lado da de sua mãe, as duas se despediram de Geneva com um abraço e Rachel subiu na frente da carroça com um impulso de Enoch. Caroline a seguiu. Rachel deu uma breve olhada no caixão de seu pai, então abraçou sua mãe com força. Caroline decidira que Enoch viria buscar Geneva no dia seguinte, uma hora antes do funeral que sua avó organizara rapidamente a pedido de Caroline.

Então a carroça voltou para a fazenda, pela Baltimore Street e depois pela Emmitsburg Road, Enoch, Caroline, Rachel... e Jacob.

Na manhã seguinte, a pequena igreja metodista em uma das outras encruzilhadas parecia sucumbir com o calor, como se suas paredes de madeira pudessem realmente derreter o pobre caixão de pinho tosco de Jacob e o grupo de enlutados ao ar livre. Depois de levar as exaustas Caroline e Rachel para casa na noite anterior, era tão tarde que Enoch havia transportado o caixão para a igreja com a ajuda do atual ministro, que trouxe as chaves para trancar o prédio. Assim que o funeral e as condolências formais terminassem, Enoch traria Jacob de volta à fazenda para uma última noite.

O reverendo Thurgood, muito além dos dias de sua eloquência, havia retornado ao púlpito apenas porque seu último sucessor estava servindo como capelão em algum acampamento distante da União. Este pela manhã, fez um longo sermão que fez pouco sentido para Caroline.

Moscas zumbiam pelas portas escancaradas da igreja e abelhas pairavam sobre as janelas sem adornos, procurando uma saída.

A congregação havia diminuído constantemente desde o início da guerra. Naquele dia, os enlutados consistiam em algumas dezenas de esposas e viúvas, incluindo suas amigas da Ladies 'Aid Society, várias crianças inquietas, coagidas a comparecer, bem como vários fazendeiros locais. E um certo Albert Dunsworthy, um velho de barba branca com uma tendência enervante de gritar ocasionalmente “Amém!” ou “Aleluia!” aparentemente ao acaso.

Um pequeno grupo de homens uniformizados ocupava um banco traseiro, todos sem um braço, uma perna ou um olho ou mutilados de alguma outra forma. Todos eles cresceram em Gettysburg ou perto, conheciam Jacob e gostavam dele. Eles também responderam ao chamado para se voluntariar.

Uma vez, todos eles foram garotos risonhos juntos, cheios de travessuras e brilhantes, planos vitais para um futuro. Agora, esses sonhos nunca se concretizariam. Alegrementemente inconscientes de que eles eram de uma geração marcada pelas cruéis realidades de um conflito que eles não poderiam ter imaginado, mesmo quando rumores surgiram em lugares distantes, eles trabalharam e estudaram, jogaram jogos turbulentos e pescaram ou nadaram.

Seus pais se preocupavam com o que liam nos jornais. Certamente suas mães ficaram preocupadas, sentindo o despertar lento, mas inexorável, de um grande e voraz monstro da guerra, por mais remoto que parecesse, ali no pacífico interior da Pensilvânia.

Quando jovens, no entanto, eles começaram a ouvir, com suas mentes e corações, se não com seus ouvidos, a convocação e a emoção de tambores batendo, fracos a princípio, mas sempre vibrando, vibrando. Intrigados, sem saber nada sobre tiros de canhão e cavalaria, derramamento de sangue e baionetas, pois como eles *poderiam* saber de tais coisas, esses filhos de fazendeiros e lojistas, ferreiros e professores, eles se imaginavam soldados. Eles acreditaram, junto com praticamente todos os outros neste lugar, que a rebelião do sul seria reprimida com uma facilidade rápida e gloriosa.

Caroline já havia acreditado nisso também.

Rachel, de quatro anos, estava encolhida entre a mãe e a bisavó no banco duro. Oprimida por sua dor, Caroline estava profundamente ciente da necessidade de mostrar uma força silenciosa na frente de sua filha.

Dos bancos atrás deles, Caroline ouviu barulhos, sussurros, pigarros.

O reverendo continuou falando sem parar, nenhuma vez mencionando o nome de Jacob. Caroline só podia presumir que ele havia esquecido, como havia esquecido muito mais.

Justamente quando Caroline estava prestes a se levantar e interromper misericordiosamente os procedimentos, o Sr. Dunsworthy interveio.

— Pelo amor de Deus, Thurgood—, ele explodiu, em um volume que desmentia seu corpo minúsculo e murcho—, mostre alguma misericórdia cristã e pare com suas divagações infernais antes que todos nós morramos de insolação!

Caroline não se virou.

— Escute, escute! — alguém interveio.

— Meus céus—, sua avó murmurou.

Caroline olhou para frente novamente, viu o reverendo piscando como se tivesse acabado de acordar de um cochilo à tarde.

— Tudo bem, então—, disse ele agradavelmente. — Que nosso amado soldado falecido encontre a paz eterna. Um grande homem.

Enoch levantou-se e caminhou decididamente pelo corredor, seu rosto largo marcado pela tristeza. Os dois meninos Bellows e seu pai se juntaram a ele, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.

Os homens de uniforme se levantaram, mancaram até o corredor e ficaram em posição de sentido, três de cada lado. Aqueles que podiam saudar o faziam, enquanto os outros mantinham a cabeça erguida e olhavam para a frente.

Enoch ocupou seu lugar em uma ponta do caixão de Jacob, os meninos Bellows na outra, o pai um pouco atrás.

Caroline e o restante da congregação também se levantaram.

Ela, Rachel e Geneva foram as primeiras a seguir enquanto Jacob era carregado pelo corredor e para fora, sob o sol deslumbrante.

Ao passar pelos soldados, honrando seu amigo de infância e camarada caído da única maneira que podiam, ela retirou o véu e olhou para o rosto de cada homem, agradecendo-o silenciosamente por esse tributo.

Do lado de fora, outro soldado esperava, corneta na mão. Ele havia perdido as duas pernas em Bull Run e estava confinado a uma cadeira de inválido desde então. Agora, de uniforme completo, calças presas no meio da coxa, levava a trompa à boca e tocava sapateado.

Enoch e seus ajudantes colocaram o caixão na traseira de uma carroça.

Caroline, cercada por amigas, abraçou sua avó enquanto outra ninhada dos Bellows se adiantou para ajudar Rachel a subir no assento principal.

— Você e Rachel devem vir e ficar comigo por alguns dias quando o enterro terminar—, Geneva se apressou, seu rosto gordo e gentil molhado de lágrimas. — Deixe Enoch administrar a fazenda.

Caroline balançou a cabeça. — Jacob iria querer que eu continuasse como sempre—, ela disse. — Mas obrigada, vovó. Obrigada por tudo.

— Jacob gostaria que você e Rachel estivessem *seguras*—, Geneva objetou, em um sussurro ansioso. — Você deve saber que estamos todos em grave perigo. Alguns dizem que os confederados estão se movendo em nossa direção, mesmo agora...

Caroline deu um passo para trás, segurando as mãos da avó nas suas. Ela sabia que os rumores provavelmente eram verdadeiros; alguns de seus amigos e vizinhos já haviam empacotado as mercadorias em suas carroças e fugiram, e outros se preparavam para fazer o mesmo.

Por mais sensata que a fuga parecesse, ela não conseguia abandonar a fazenda para saqueadores e necrófagos; ela tinha que defendê-la. Aquele solo fértil, aquelas árvores exuberantes, dando seus frutos doces no final do verão, a casa robusta, o riacho cintilante, cheio de peixes, todas essas coisas somadas eram mais do que um lar. Mais do que um refúgio.

A terra se tornou parte de Caroline, de maneiras que ela não poderia explicar, nem mesmo para si mesma. Quando ela ficava muito quieta, ela podia sentir a força viva dela subindo pelas solas de seus pés descalços, compartilhando sua força com ela. Algum dia, ela a receberia, como receberia Jacob.

Deixar isso seria uma traição.

Mais uma vez, Caroline balançou a cabeça. — Aconteça o que acontecer—, ela disse à avó—, não vou deixar a fazenda—. *Não deixarei o lugar que Jacob amou acima de todos os outros. O lugar que é seu legado, e de Rachel.*

— Pense em Rachel! — sua avó pressionou.

— *Estou pensando em Rachel*—, Caroline disse calmamente—. Se eu tiver que mandá-la embora, eu o farei, mas espero que não chegue a isso.

— Você é tão teimosa quanto seu pai, Caroline Prescott Hammond, e seu avô também—, disse Geneva.

Caroline conseguiu esboçar um sorriso frágil. — Eu sei—, ela disse suavemente.

— Então irei até você—, sua avó disse.

— Eu acho que é uma ideia muito boa—, Caroline respondeu. Se o exército confederado estava realmente a caminho, e se seus regimentos chegassem antes das forças da União, que deveriam enfrentá-los em algum momento, parecia a ela que eles ocupariam a cidade propriamente dita antes de começarem a vasculhar a área circundante.

— Muito bem—, disse a avó. — Mande Enoch me buscar amanhã, assim que puder dispensá-lo. Talvez em algum momento durante a noite? Vou juntar minhas coisas e estarei pronta até lá. Tenho certeza de que o reverendo vai me levar para casa em sua charrete.

Caroline assentiu, grata. Ela amava a avó e ansiava por sua companhia nos tempos difíceis que viriam.

Os outros enlutados, aqueles que haviam oferecido suas condolências antes, estavam se dispersando, sem dúvida aliviados por voltar para suas próprias casas.

O restante do serviço seria privado e aconteceria na manhã seguinte; Jacob seria sepultado no terreno da família na fazenda Hammond, não no cemitério adjacente ao cemitério. Apenas Caroline, Rachel e Enoch estariam presentes para o enterro, embora Ed e Jonathan Bellows, que moravam perto, tivessem concordado em voltar para a fazenda agora, para

ajudar a descarregar o caixão na casa, e então retornar mais uma vez pela manhã para carregá-lo e descarregá-lo uma última vez antes de ser baixado para a terra que o espera.

Enoch começou a cavar a cova sozinho depois de verificar brevemente Jubie, que permanecia escondida em sua cabana, exausta de sua provação. O Sr. Bellows e seu filho se ofereceram para ajudar, mas Enoch foi inflexível; este era o seu trabalho, e ele o faria sozinho.

Agora Caroline estava sentada na cadeira de balanço na sala da frente, Rachel em seu colo, e observava entorpecida como Hannah e Patience e suas outras amigas da Gettysburg Ladies' Aid Society, junto com as vizinhas, passavam pelo caixão aberto de Jacob, prestando suas homenagens através da tarde e à noite. Cada uma trouxe um presente, um pote de conservas, uma torta ou um bolo, um presunto, e Caroline recebeu esses presentes graciosamente.

Rachel olhou fixamente para o caixão de seu pai, que repousava sobre três robustos cavaletes de madeira trazidos de um dos galpões para esse fim. Ela olhou para o rosto imóvel de seu pai, sua própria expressão nunca mudando, e Caroline esperou pelas perguntas que certamente viriam. Lanternas e velas ardiam, dando à cena um brilho suave e misterioso.

Quando Rachel não conseguiu mais manter os olhos abertos, Caroline carregou a criança escada acima para a cama, despiu-a, ajudou-a a vestir uma camisola e a colocou dentro dela.

— Eu tenho perguntas—, Rachel disse sonolenta.

Caroline, sentada na beira da cama, curvou-se para beijar a testa de Rachel. — Eu responderei a elas—, ela prometeu. — Todas.

— Amanhã?

Caroline sorriu. — Amanhã—, ela respondeu. — E no dia seguinte também.

Rachel considerou a pergunta antes de dar sua resposta. — Está bem—, ela disse, com um enorme bocejo.

— Ótimo—, respondeu Caroline.

— Não se esqueça—. A voz de Rachel era baixa e sonolenta.

Levantando-se, Caroline perguntou: — Devo deixar a porta um pouco aberta?

Com o quase inaudível "sim, por favor" de Rachel, ela se arrastou.

No andar de baixo, Caroline havia retomado seu posto na sala de estar, determinada a fazer companhia a Jacob uma última noite.

Depois que os convidados finais se foram, apenas Caroline e Enoch permaneceram, e o silêncio entre eles, embora cheio de tristeza, era reconfortante.

Horas depois, Caroline acordou com um nascer do sol rosa-dourado, ainda sentada na cadeira de balanço. As lanternas e as velas haviam sido apagadas há muito tempo, e ela estava sozinha com Jacob.

Ela se levantou rigidamente, foi ficar ao lado dele. Ela alisou seu cabelo, acariciou sua barba eriçada e deu seu último adeus.

Então ela baixou suavemente a tampa articulada e saiu da sala.

— Papai vai para o chão? — Rachel perguntou, segurando a mão de Caroline com muita força enquanto elas estavam juntas no pequeno cemitério gramado bem além dos pomares, observando enquanto Enoch e os dois meninos Bellows que o ajudavam carregavam o caixão de Jacob da carroça.

Caroline se agachou para poder olhar diretamente para o rosto da filha, em vez de pairar sobre ela. — Sim, querida—, ela respondeu suavemente.

— Ele não vai ficar com medo? — Rachel se preocupou. A pobre criança estava exausta.

Caroline tentou sorrir. — Não—, ela disse. — Veja, a parte dele que era seu pai, seu espírito e alma, se foi.

Rachel se animou um pouco, embora ainda estivesse pálida, precisando muito de uma longa soneca. — Ele está no céu?

— Eu acho que sim—, Caroline disse, seus olhos ardendo. Então, com mais certeza, ela acrescentou: — Sim.

— Papai vai voltar para nos visitar algum dia?

A garganta de Caroline se fechou por um momento, tornando impossível falar. Ela balançou a cabeça e disse: — Não, querida. Receio que não.

— Oh—, Rachel disse, com a decepção resignada de uma criança. Ela estava pensativa, observando enquanto Enoch, auxiliado por Harvey e Jonathan Bellows, colocava cordas sob o caixão e baixava-o lentamente na terra argilosa.

Caroline ficou muito quieta, segurando sua filha perto de seu corpo.

Rachel olhou solenemente para ela. — Eu ainda tenho perguntas—, ela disse sabiamente.

Caroline só pôde acenar com a cabeça.

Elas ficaram em silêncio depois disso. Os meninos Bellows se despediram, montaram em suas mulas, amarradas nas proximidades e partiram.

Enoch pegou sua pá e a mergulhou com força no monte de terra ao lado do túmulo. O som daquela primeira pedra batendo na tampa do caixão de Jacob fez Caroline fechar os olhos com força. Quando ela os abriu, viu que Enoch, o mais estóico dos homens, chorava enquanto trabalhava para tapar a sepultura.

Houve orações, dela e de Enoch.

Quando ela não aguentou mais ficar parada, Caroline apertou a mãozinha de Rachel e a conduziu de volta para a casa, alguns passos de distância.

Enoch ficou para trás.

Uma vez que ela e Rachel estavam em casa novamente, e Rachel estava brincando sentada silenciosamente em seu quarto com sua boneca favorita, Caroline dirigiu-se ao quarto que agora era só dela e trocou seu pesado vestido preto de funeral por uma chita útil. Ela encheu a bacia com água de seu jarro correspondente e jogou água no rosto, depois soltou o cabelo, escovou-o bem e prendeu-o novamente, no coque solto que costumava usar.

— Mamãe?

Caroline virou-se para ver Rachel de pé na porta, sua amada boneca, um presente de seu pai, pendurada em uma pequena mão, parecendo uma figura agarrada à beira de um penhasco alto.

— O que é, querida?

O rostinho era solene. — Eu ouvi um barulho.

Caroline foi até a criança e a ergueu nos braços. — Que tipo de barulho? — ela perguntou. Como seus avós haviam feito ao criá-la, Caroline evitava qualquer tom de condescendência quando se dirigia à filha e tinha o hábito de ouvir com a maior atenção que daria a um adulto.

Agora ela também ouvia o barulho, um arrastar de pés na porta dos fundos. Então ela se abriu, e Enoch apareceu, uma mulher-criança em um vestido esfarrapado ao lado dele. Eles entraram, com Enoch apoiando-a, depois fechando a porta com decisão.

Por um momento, Caroline ficou sem palavras.

— Quem é você? — ela perguntou, mas ela olhou para Enoch. A presença da moça, é claro, era obra de Enoch.

Enoch explicou rapidamente que Jubie era uma fugitiva que ele resgatou no rio pouco antes de encontrar Caroline na estação. Ele não queria incomodar Caroline em sua dor, então ele deixou a garota ficar em sua cabana para mantê-la a salvo de qualquer caçador de escravos em seu encalço.

— Meu nome é Jubie—, a garota disse educadamente. Ela se contorceu desconfortavelmente. — Sinto muito, senhora, mas posso usar o banheiro —, ela disse.

— Eu vou te mostrar o caminho—, Rachel ofereceu, alegre. Ela estava olhando para a garota, fascinada.

Caroline disse à filha: — Você não fará nada disso—. Então, para Jubie, ela disse: — Siga-me, por favor, Jubie.

— Sim, senhora—, respondeu Jubie.

Relutante em deixar a garota sair em plena luz do dia, Caroline a conduziu pelo estreito corredor nos fundos da casa e pela porta, em direção ao banheiro distante. Era um certo consolo que não pudessem ser vistos da estrada, mas estavam cercados por campos abertos, interrompidos apenas pela extensão do pomar de frutas.

Rachel, fiel à sua forma, não ficou dentro de casa, como lhe disseram. — Mamãe—, ela sussurrou em voz alta—, quem é essa moça?

— Não importa quem ela é—, Caroline disse. —Vamos discutir isso mais tarde—. Uma pausa. — Você não deve mencioná-la a ninguém. Você entende?

Rachel assentiu, seu rostinho brilhando com uma curiosidade inocente.

— Mamãe, você prometeu que eu poderia fazer perguntas.

— *Amanhã*. Esse foi o nosso acordo.

— Tem um bebê dentro da barriga daquela moça—, comentou Rachel. — Quando nascer, *podo* segurar?

— *Posso* segurar—, Caroline corrigiu automaticamente.

Rachel esperou.

— Vamos ver—, ela respondeu tardiamente. — Jubie pode não estar aqui quando o bebê nascer.

— Mas se...

— Rachel Louise Hammond.

Desta vez, foi Rachel quem suspirou.

Jubie saiu da latrina.

— Há um lugar para se lavar—, Caroline disse a ela, indicando a bomba manual perto da entrada dos fundos da casa. — Então vou trazer algo para você comer.

Rachel correu na frente até a bomba, embora ainda fosse pequena demais para mexer na manopla. Ela ficou encantada com Jubie, com todo o seu mistério, e ansiosa para ser útil.

Caroline encheu a bacia esmaltada reservada para esse fim. Ela sorriu, lembrando-se da paciência que Jacob demonstrara quando ela chegara à fazenda, recém-casada, acostumada a viver com relativo luxo na casa de tijolos de seus avós. Como a tarefa de tirar água, tanto para a casa quanto para a horta, recairia principalmente sobre ela, ele se esmerou em suas instruções de como usar a bomba. *“Você vai querer alternar entre o braço direito e o esquerdo. Dessa forma, um será tão forte quanto o outro,”* ele disse a ela.

Ela piscou e desviou o olhar por alguns momentos. Era agridoce, essa lembrança, e ela sabia que estaria sempre com ela, embora esperasse que a dor diminuísse com o tempo.

Jubie interrompeu seus pensamentos com um sussurro: — Sinto muito pelo seu homem, senhora. É um fardo pesado para carregar.

Caroline engoliu em seco e assentiu. — Obrigada—, ela disse suavemente. — Agora, vamos levá-la de volta para a casa.

Pela próxima hora, Rachel seguindo atrás dela, bastante pulsante com perguntas não feitas, Caroline se ocupou atendendo às necessidades de Jubie. Trouxe um prato de presunto frio e verduras cozidas da cozinha, junto com um copo de leite, e deu à moça, que comeu e bebeu com comovente avidez.

Depois disso, ela escolheu um vestido simples de algodão, roupas íntimas e um par de sapatos de seu próprio guarda-roupa e os ofereceu a Jubie. Embora Caroline fosse pequena, as roupas caíam no corpo esquelético da garota, mesmo com sua gravidez óbvia e bastante avançada.

— Obrigada por sua gentileza, senhora Caroline—, Jubie murmurou, com os olhos arregalados, quando Caroline os trouxe para ela. Ela providenciou para que a menina dormisse no quarto dos fundos, onde Enoch havia dormido antes de se mudar para a velha cabana além do pomar. — Eu... eu não posso usar isso.

— Claro que pode—, Caroline respondeu gentilmente. — Além disso, eles não são nada sofisticados.

Quando Enoch voltou para casa, ele estava vestindo roupas limpas, e seu cabelo áspero e cortado rente ainda estava úmido do banho.

Rachel já estava lá em cima, tirando um cochilo muito necessário, e Jubie estava descansando na cama estreita no quarto dos fundos, depois de tomar um banho de esponja e vestir uma das camisolas de Caroline.

— Desculpe, eu não tive a chance de contar a você sobre Jubie antes, senhora, por cuidar de Jacob—. Enoch disse, encontrando Caroline sentada na sala, lendo.

— Eu entendo, Enoch.

— Como você sabe, muitos escravos foram escondidos nesta fazenda. Tem sido o jeito Hammond, o tempo todo—, disse Enoch.

Caroline assentiu, pensando em vários desses fugitivos que eles haviam abrigado em seu caminho para o norte desde que ela e Jacob se casaram. Ela nunca mencionou a sala secreta, nem mesmo para seus avós, embora ambos tivessem sido abolicionistas e provavelmente tivessem abrigado escravos fugitivos.

Um longo silêncio carregado caiu, reverberando pela sala como uma série de ecos silenciosos, antes de Enoch continuar. — Eu matei um homem, senhora—, ele disse. — Eu não pretendia, mas não havia mais nada que eu pudesse ter feito, dadas as circunstâncias.

Todo o corpo de Caroline zumbia com alarme, mas ela não falou. Enoch era um homem educado, ensinado pela mãe de Jacob. Ela confiava em suas palavras.

Lentamente, ele contou toda a história, terminando com: — Eu o enterrei no final daquele campo que deixamos em pousio este ano, com seus pertences. O problema é que o cavalo dele não vai ficar longe, não importa quantas vezes eu espante o bicho. Ele está lá fora no celeiro agora, e acho que alguns podem reconhecê-lo.

— Querido Senhor—, Caroline murmurou.

— É uma coisa séria, matar um homem—, Enoch admitiu miseravelmente. — Especialmente quando um homem negro mata alguém branco. Não quero trazer problemas para esta casa. Você me diz para seguir em frente, e eu farei isso, senhora.

Caroline balançou por um tempo, pensando, sem dizer nada. Ela nunca iria culpar Enoch pelo que ele fez; ela tinha certeza de que ele salvara a vida de Jubie.

Finalmente, ela disse: — Teremos apenas que aceitar as coisas como elas vierem—. Ela manteve a voz baixa, caso Rachel tivesse acordado de seu cochilo e descido as escadas para ouvir. — Sem sua ajuda, eu não poderia manter esta fazenda funcionando, e Rachel e eu contamos com sua proteção, agora que Jacob se foi.

Caroline continuou: — Estamos em uma situação terrível, você e eu. Por tudo isso, no entanto, também estamos no meio de uma guerra, uma em que podemos muito bem ser apanhados muito em breve, se os rumores puderem ser confirmados. Acredito.

Enoch absorveu as palavras dela e perguntou: — E o cavalo? Aquele que o caçador de escravos estava montando. O homem que afoguei ali, no riacho.

— Bem, com sorte, o primeiro exército que chegar até nós o confiscará. Nesse caso, é claro, o cavalo será uma preocupação menor, na melhor das hipóteses.

Enoch balançou a cabeça, como se estivesse maravilhado. — Você não está com medo, Sra. Caroline?

— Naturalmente, estou com medo—, Caroline disse calmamente. — Na verdade, estou preocupada com todos nós.

— Então por que você não pega Rachel e foge para um território mais seguro?

— Esta terra é tudo o que tenho, Enoch, tudo o que qualquer um de nós tem. Gerações do povo de Jacob, o povo *de Rachel*, viveram, trabalharam e morreram aqui. Eles suportaram todo tipo de sofrimento para preservar esses acres para seus filhos e os filhos de seus filhos. Como posso fazer menos?

— Desculpe-me, senhora—, Enoch disse—, mas com dois exércitos em movimento, é justo apostar que eles vão colidir em breve. Se eles se encontrarem em algum lugar perto daqui, haverá uma briga maior do que qualquer coisa com a qual os ancestrais de seu marido já tiveram que lidar. Maior do que você e eu possa até imaginar.

Soando muito mais corajosa do que era, Caroline disse: — Algo mais pode acontecer, um ou ambos os exércitos podem mudar de direção e perder completamente Gettysburg.

— Perdoe-me por dizer isso, senhora, mas você é uma mulher obstinada. Não posso dizer que concordo com sua lógica—. Enoch se

endireitou. — Aquela sua garotinha? O que acontecerá com ela se o exército de Lee bater à nossa porta?

Caroline desviou o olhar, então olhou de volta para Enoch, levantando-se lentamente de sua cadeira. Ela havia pensado muito no assunto, indo e vindo entre uma opção e outra, por meses. — Minha filha é, e sempre será, minha primeira consideração—, disse ela. — Farei o que for preciso para manter Rachel segura e bem.

— Exceto levá-la para longe desta fazenda até que o perigo passe? — Enoch se aventurou, muito silenciosamente. Ele sabia que estava passando dos limites, mas insistiu mesmo assim. — Muitas pessoas já fizeram as malas e partiram—, ele a lembrou—, e há mais pessoas pegando as estradas todos os dias. Ouvi de Ed Bellows que um de seus vizinhos, um fabricante de carruagens, está planejando partir com sua família amanhã. Se você não quer levar a senhorita Rachel embora, então mande-a com outra pessoa.

— Você sabe tão bem quanto eu que minha filha tem apenas *quatro* anos, Enoch—, disse ela. — E quem pode dizer que ela estaria mais segura em qualquer outro lugar? Suponha que ela se perca, ou adoça, ou acabe em um orfanato em algum lugar? Podemos nunca mais nos ver. E ela é tudo que me resta de Jacob.

Enoch suspirou. — Então por que não colocá-la sob os cuidados de sua avó, e mandá-las para parentes na Filadélfia ou mesmo em Baltimore?

— Você sabe que minha avó nunca sairia daqui—, Caroline respondeu, já tendo considerado a possibilidade.

Por fim, Enoch reconheceu a verdade nas palavras de Caroline. Sua sugestão de Caroline levar Rachel e ir para o norte em segurança foi inútil.

Caroline também sabia que sua preocupação era genuína. Ele era, com Jacob e seu avô ambos mortos, seu único protetor. Ela gostava e respeitava Enoch, e também confiava em seu julgamento, mas ela era a mãe de Rachel, sua única mãe viva, e a responsabilidade pelo bem-estar de sua filha era dela e somente dela. Agora, tendo pesado um conjunto de perigos contra o outro, repetidamente e com toda a profundidade possível, debatendo mentalmente a questão de todos os lados concebíveis e não chegando a lugar nenhum com o esforço, ela não tinha escolha a não ser ouvir a sempre confiável voz dentro dela: sua intuição.

— Minha avó concordou em se juntar a nós aqui na fazenda. Você poderia, por favor, atrelar a carroça e dirigir até a cidade para buscá-la e seus pertences? Ela prometeu estar pronta ao anoitecer.

— Farei isso—, disse Enoch.

5

Hammond Farm
20 de junho de 1863

Jubie

— Posso ficar no meu quarto? — Jubie perguntou melancolicamente, quando Enoch a informou da chegada iminente da Sra. Prescott. Eles estavam jantando na cozinha separada da casa, comendo à luz fraca de uma única lanterna. — Ou a Sra. Prescott vai precisar dele?

Caroline não contou a ela sobre o compartimento secreto sob o chão, e por que Jubie pode eventualmente precisar se esconder lá. Geneva tinha seu próprio quarto ali na fazenda, mas Caroline não estava planejando discutir arranjos domésticos agora.

— Sim, você pode ficar no seu quarto—, ela disse vagamente.

O resto da refeição transcorreu em silêncio. Jubie comeu seu pão de milho com feijão com indisfarçável ânsia, seguido pelas conservas de pêsego destinadas à sobremesa.

Quando terminaram, Enoch deixou a cozinha para atrelar as mulas à carroça novamente, enquanto Caroline enchia duas bacias com a água quente fervendo no fogão. Jubie simultaneamente limpou a mesa e persuadiu Rachel a comer apenas mais uma mordida, depois outra.

— Posso ajudá-la com a casa, senhora—, disse Jubie com seriedade. — Eu sei que não posso sair à luz do dia, mas posso limpar e cuidar da Srta. Rachel quando você estiver ocupada com outras coisas. Era o que eu fazia antes, cuidava da casa da ama e das crianças.

— Obrigada pela oferta, Jubie—, Caroline disse—, mas o mais importante é que você fique segura. Você não precisa ficar no seu quarto o tempo todo, desde que seja apenas a família aqui. Mas, tanto quanto possível, seria sensato não sair da casa principal.

— Vá cuidar da senhorita Rachel agora—, insistiu Jubie. — Este dia foi triste, certo.

— Sim, foi. — Caroline estudou a jovem ao seu lado. Jubie foi praticamente engolida pelo vestido emprestado e parecia pronta para desistir dos sapatos grandes demais que Caroline lhe emprestara.

Caroline tinha muitas perguntas que queria fazer sobre a vida que Jubie estava fugindo, e a menor delas dizia respeito à gravidez e quando ela poderia dar à luz, mas agora não parecia ser o momento.

Talvez, como os escravos fugitivos anteriores que os Hammonds abrigaram ao longo dos anos, Jubie fosse levada embora em breve por outro membro da rede secreta de voluntários antiescravistas que serviam como elos únicos em uma longa cadeia de salvadores, cuidadosos para permanecer desconhecidos até mesmo para cada um.

Por outro lado, dada a probabilidade cada vez maior de que a luta estava se aproximando, era perfeitamente possível que Jubie estivesse com eles quando ela entrasse em trabalho de parto, e isso exigia preparação.

Ela tocou o braço de Jubie brevemente. — Descanse um pouco agora, Jubie. — Então, pegando Rachel bocejando em seus braços, ela a carregou de volta para a casa principal e subiu para seu quarto, com Jubie não muito atrás.

Uma única lâmpada queimava na sala ao lado de Caroline quando ela ouviu a parelha e a carroça e saiu para receber a avó. À luz da lua e dos milhões de estrelas brilhando em um céu índigo, ela viu Enoch ajudar a idosa a descer, de alguma forma conseguindo tirar seu velho chapéu para ela no processo.

Ao avistar Caroline, sua avó apressou-se em sua direção. — Oh, minha querida, obrigada por esperar neste longo dia. Trouxe os últimos suprimentos médicos de seu avô para o caso de precisarmos deles no futuro. Ou talvez a Ladies' Aid Society possa usá-los em caso de emergência — disse ela, apontando para a carroça. A parte de trás estava cheia de mercadorias indiscerníveis. — O Senhor Flynn concordou em descarregá-los imediatamente.

Caroline sorriu um pouco, embora estivesse cansada e com o coração dolorido. Tinha sido realmente naquela manhã que ela viu seu marido ser enterrado?

Sua avó sempre se referira a Enoch formalmente como Sr. Flynn, o que não era surpreendente, considerando que Caroline nunca a ouvira falar de seu próprio marido de outra forma que não fosse o Dr. Prescott, o médico, ou simplesmente seu avô.

— Isso foi sábio de sua parte—, Caroline disse—. Podemos precisar de suprimentos se a guerra vier até nós.

— Oh, vai, minha querida—, a Avó disse em tom confidencial. — É tudo o que se fala na cidade.

Palavras sinistras, pensou Caroline, grata pela distração de deveres simples. Parecia que fazia semanas desde que ela se sentou com suas amigas enquanto elas costuravam uniformes e faziam bandagens para serem enviadas para as tropas. Elas sempre compartilhavam as últimas notícias que ouviam na cidade ou extraídas de cartas enviadas para casa por seus maridos e filhos.

Enoch havia descarregado um baú de tamanho considerável, presumivelmente contendo roupas e outras necessidades pessoais, e fez uma pausa no caminho para a casa para perguntar onde deveria colocá-lo.

Caroline o direcionou para o quarto vazio no andar de cima, logo abaixo do corredor de Rachel.

— Não se esqueça das bandagens e suturas, Sr. Flynn—, disse a avó. — Há láudano também, junto com morfina e éter, então certifique-se de não deixá-los onde minha bisneta possa encontrá-los.

Enoch deu uma risada. — Sim, senhora—, disse ele, seguindo em frente. — Acho que todo o lote deve ser guardado no porão sob a cozinha por enquanto.

Um pouco mais tarde, depois de cada uma tomar uma xícara de chá na sala, Caroline ajudou a avó a subir as escadas e depois acomodou-a no quarto que era de Geneva sempre que ela a visitava. Ela acendeu a lamparina a óleo na mesa ao lado da cama.

Mais cedo, Caroline havia enchido a jarra de água sobre a escrivaninha e colocado uma toalha e um pano, junto com uma pequena barra de sabão.

— Você precisa de mais alguma coisa, vovó? — ela perguntou. Ela planejava contar a ela sobre Jubie, que estava alegremente trancada no antigo quarto de Enoch no andar de baixo, mas ela não tinha forças para uma longa discussão esta noite.

Sua avó levantou a ponta da colcha e tentou espiar embaixo da cama. — Se houver um penico—, ela sussurrou—, eu ficarei bastante confortável. Na minha idade, não tenho nenhum desejo de ir até aquela sua privada na calada da noite.

— Você não terá que fazer isso—, Caroline disse, divertida. Então, imaginando a velha de joelhos, tentando pegá-lo, ela recuou, ajoelhou-se e puxou-o para perto da cama.

Sua avó estava acostumada com um vaso sanitário interno, completo com água lavável, mas ela parecia destemida pelas instalações mais humildes da casa da fazenda.

Quando Caroline estava prestes a sair do quarto, sua avó correu para abraçá-la.

— Sinto muito por Jacob, minha querida—, disse ela, com a voz embargada. — É uma coisa terrível perder um marido, especialmente tão jovem.

Por um longo momento, Caroline se permitiu agarrar-se a avó, do jeito que ela fazia quando era criança, solitária sem seus próprios pais e irmã que morreram em uma rápida epidemia. Seu avô havia morrido de uma infecção repentina apenas um ano antes, então ela sabia que a dor de sua avó ainda era palpável. A garganta de Caroline estava grossa de emoção, tornando a fala quase impossível. O abraço delas dizia tudo.

A avó deu um tapinha carinhoso na nuca. — Talvez seja muito cedo para dizer isso e eu sei que é difícil imaginar—, ela disse suavemente. — O luto leva tempo. Mas um dia você *conhecerá* outro bom homem, talvez até se case novamente. Você será feliz novamente.

Caroline recuou, fungando um pouco, balançando a cabeça. — Duvido que algum dia encontre alguém que me ame tanto quanto Jacob amou. Além disso, como alguém pode ser feliz, nunca, com esta guerra terrível devorando tudo de bom, como uma besta insaciável? O que restará... para qualquer um de nós... quando... se... toda essa matança finalmente acabar?

Sua avó sorriu gentilmente, mas não disse nada.

— Antes de ir para Washington City, eu *achava* que sabia muito sobre a guerra, que farsa ela é, que boba, eu era até um pouco presunçosa, acho. O que mais havia para saber? Afinal, meu próprio marido era um soldado. Li os jornais, enrolei bandagens e recolhi alimentos e cobertores para a causa. Eu tinha visto homens e meninos voltarem para casa de muletas ou em cadeiras para inválidos, alguns sem braços e pernas, outros cegos, mudos ou surdos, e outros ainda, como Jacob, em caixões. Todas essas evidências e, no entanto, nunca dei crédito ao verdadeiro custo.

Caroline fez uma pausa, dominada pelo cansaço, tristeza e puro medo de todos os horrores que ainda aconteceriam. — Mas agora sinto a crueldade e a perda, tão dolorosamente. Sinto falta do meu Jacob. — Ela colocou uma mão sobre a boca, para não uivar como um animal preso nos dentes cruéis de uma armadilha. — O que vi em Washington City, os

horrores e a carnificina. Nada poderia ter me preparado. — Um longo momento se passou antes que ela ousasse continuar. — Querido Deus, Grande mãe, como podemos viver com o que somos? Com o que fazemos? Como alguém cria um filho em um mundo como este?

A expressão de Geneva Prescott era terna, paciente. — Fazemos o que está diante de nós, Caroline, a próxima coisa certa e sensata. Esse é o desafio e o sacrifício necessários para preservar este grande país.

O desespero aguçou a resposta de Caroline. — Só porque não temos escolha—, ela sussurrou ferozmente.

— Mas nós *temos* outras escolhas, minha querida. Podemos virar as costas para tudo o que sabemos ser certo, sentar-nos, cruzar as mãos e permitir que a maldade não seja contestada e, portanto, prevaleça. Podemos fugir e nos esconder. *Ou* podemos nos manter firmes e lutar contra a desigualdade até nosso último batimento cardíaco, sabendo que, se perecermos, fizemos tudo o que pudemos e outros continuarão, assim como aqueles que vieram antes de nós fizeram.

— É exatamente esse tipo de conversa que nos trouxe a este caos—, Caroline objetou, mal conseguindo manter a voz baixa. — Com todo o respeito, vovó, você nãoalaria assim se tivesse visto e ouvido...

Geneva pegou as duas mãos de Caroline nas suas e as apertou com uma força surpreendente para uma mulher de sua idade. — Sou a esposa de um médico—, ela a lembrou—, e, com guerra ou sem guerra, vi coisas tão indescritivelmente terríveis que nem sonharia em plantar as imagens na mente de outra pessoa, sabendo o fardo que elas representam para mim. *Mas*, Caroline, também testemunhei milagres. Eu observei com admiração como mentes despedaçadas se tornaram inteiras e corpos se uniram novamente, osso por osso, tecido por tecido. Tenho me maravilhado com a sacralidade e o mistério da morte, e sei que ela não faz menos parte da vida do que a juventude verdejante e florescente. Eu entendo.

Sua avó sempre foi prática por natureza e bastante direta em suas opiniões, embora infalivelmente gentil. Mas, como muitas mulheres de sua origem privilegiada, ela também foi mimada e protegida, primeiro por seus pais e depois por seu marido. Ela não cozinhava nem limpava; em seus círculos, essas tarefas eram o destino dos criados. Mesmo na pequena e modesta Gettysburg, ela trabalhava em casa desde que Caroline conseguia se lembrar, empregando uma série de moças contratadas, algumas filhas de fazendeiros locais, embora algumas delas, principalmente irlandesas,

tivessem sido importadas de lugares como Baltimore ou Nova York. E, embora fosse culta, tendo feito bom uso da vasta coleção de livros do avô, a educação de Geneva consistira nas delicadas artes femininas, como etiqueta adequada, à mesa e em outros lugares, escrita de cartas, pintura de paisagens oníricas em aquarela, costura samplers intrincados, aprender a falar francês e italiano e, finalmente, alcançando razoável competência na harpa e no órgão.

— Você está dizendo—, Caroline arriscou, tendo ponderado esses fatos e se encontrado não menos assustada do que antes—, que vovô a sujeitou ao sofrimento de seus pacientes?

— Seu avô não me “sujeitou” a nada. Se fosse por ele, eu nunca teria posto os pés em seu consultório ou o acompanhado em visitas. Mas havia ocasiões, *muitas* vezes, principalmente nos primeiros anos, em que ele claramente precisava de minha ajuda, quaisquer que fossem suas objeções. Eu não ia me *sentar* diante da lareira da sala, ler poesia ou costurar algum lema bobo em um pedaço de pano enquanto ele cuidava dos doentes e feridos. Aprendi a suturar feridas, consertar ossos quebrados e fazer partos, e ousei dizer que também adquiri muitas outras habilidades úteis.

A admiração de Caroline por essa mulher, sempre considerável, aumentou muito. — Eu nunca soube—, ela disse, surpresa e, de alguma forma, confortada. As ausências da avó, especialmente quando Caroline estava na escola, não eram particularmente percebidas por ela. Ela supôs agora que tinha presumido que Geneva tinha estado em eventos sociais... E, claro, seus avós sempre a protegeram.

— Suponha que você morra também? — Caroline perguntou, sua voz baixa e trêmula. Ela havia perdido tantos entes queridos: sua mãe e seu pai, sua querida irmã, seu avô e agora, é claro, Jacob.

— Oh—, Geneva disse—, Eu garanto a você, eu irei... eventualmente. Você também, e todos nós. Enquanto isso, obviamente, devemos fazer nossa parte, confiando que nossos melhores esforços serão suficientes.

Caroline não conseguia falar por causa do aperto em sua garganta.

— Agora tente dormir um pouco. Você teve um dia longo e triste—, disse Geneva.

As duas mulheres se abraçaram mais uma vez e se separaram para passar a noite, para tentar encontrar o descanso que pudessem, em preparação para outro amanhã incerto.

Não houve oportunidade real para Caroline explicar a Geneva o motivo da presença de Jubie desde que sua avó chegou na noite anterior. Jubie ficou no quarto dos fundos na manhã seguinte e Enoch levou suas refeições. A pedido da própria Jubie, Caroline deu-lhe alguns consertos para mantê-la ocupada.

Caroline ficou surpresa com o silêncio de Rachel.

Ela planejava contar a Geneva sobre Jubie naquele dia. Mas primeiro ela e Enoch sabiam que tinham que familiarizar Jubie com a sala escondida da Hammond Farm, uma "estação" na Ferrovia Subterrânea, como as mais conhecidas McArthur's Mill e a Dobbin House. — Todos nós precisamos estar preparados—, disse Caroline a Jubie. — Não podemos ter certeza de quem pode vir aqui ou por quê.

Primeiro, eles a levaram para o esconderijo. Então Enoch se abaixou para remover um pequeno tapete debaixo do velho cravo e abriu o alçapão. Ele instruiu Jubie a descer os degraus, um vôo íngreme e traiçoeiro. E uma vez que ela viu o próprio esconderijo, escuro, empoeirado, com teias de aranhas, ela teve que fazer um esforço, não inteiramente bem-sucedido, para disfarçar sua reação. Jubie não ficou impressionada com o espaço.

Mas, como Caroline e Enoch a avisaram quando ela escalou com cuidado, este lugarzinho terrível poderia salvar sua vida, pois havia salvado a vida de outras pessoas. Idealmente, ela não precisaria passar nenhum tempo lá, mas se houvesse *algum* tipo de risco...

Mostrar a Jubie o compartimento secreto foi profético, como se viu...

Quase dois dias depois, no meio da tarde, Jubie estava sentada com Rachel no quarto dos fundos, mantendo-se cuidadosamente afastada das janelas, conforme havia sido instruída.

Caroline ouviu pelo menos dois cavalos no curral, o bater de cascos, o bater das rédeas, e ouviu-os se aproximarem da porta dos fundos. Olhando para fora, escondidos pela cortina, ela viu dois homens desconhecidos, não uniformizados ou distinguíveis de nenhuma maneira particular. Ela decidiu esperar que Enoch se dirigisse a eles, confiante de que ele também os ouviria, e se dirigiu para casa o mais rápido que pôde. Ele ouviu e eles desmontaram; pelos gestos dele, ela viu que ele os havia convidado a amarrar os cavalos na grade da varanda. Ele levantou uma mão, sinalizando que voltaria, então correu para a porta, que ela abriu apenas alguns centímetros. — Caçadores de escravos—, ele sussurrou. — Procurando por McKilvoy. E Jubie. Vou atrasá-los enquanto você a leva para baixo.

Caroline engasgou, o tipo de reação de heroína fraca que ela odiava em livros e peças, mas ela não conseguiu se conter. — Sim—, ela sussurrou de volta, então fechou a porta e correu para o quarto.

— Jubie! — ela murmurou no ouvido da garota. — Desça para o esconderijo! Rápido!

Jubie não fez perguntas, mas imediatamente correu para o esconderijo e, jogando para trás o pequeno tapete sob o cravo, desceu para o compartimento secreto em menos de um minuto.

Caroline recolocou o tapete e foi buscar Rachel, que estava sentada na cama, folheando um livro ilustrado. — Querida—, ela disse—, você fica comigo. Tem dois homens aqui, e se eles baterem na porta, você não diz *nada*, entendeu?

— Mas mamãe, onde está...

— Nem uma palavra—, Caroline enfatizou—. Eu te conto mais tarde—. Não que ela tinha alguma ideia de *como* explicar isso para sua filha, mas...

Houve uma batida impaciente na porta lateral. Caroline demorou para chegar lá.

Com um braço em torno de Rachel, Caroline abriu a porta e olhou para os dois homens carrancudos e desgrehados parados ali, enquanto Enoch, com uma expressão de indiferença, estava a trinta centímetros atrás deles.

— Sra. Caroline—, ele disse. — Estes aqui são o senhor, uh, o senhor Smith e o senhor Jones.

Smith e Jones? Era tudo o que ela podia fazer para não revirar os olhos.

— O que posso fazer por vocês, senhores? — ela perguntou.

Aquele que foi apresentado como Smith curvou-se de uma maneira que ela só poderia descrever como zombeteira e disse: — Estamos procurando um amigo, senhora. Chamado McKilvoy. A última vez que ouvimos, ele estava nesta vizinhança. Perto de sua fazenda. A negócios.

— Oh? Que tipo de negócio? — ela perguntou, apesar da carranca de Enoch.

— Procurando por uma... propriedade particular que seu cliente perdeu.

— Você quer dizer um *escravo*? — Mais uma vez ela não resistiu e Enoch franziu ainda mais a testa.

— Uh, pode ser—, respondeu o Sr. “Smith”.

Caroline balançou a cabeça. — Me desculpe senhor. Não sabemos nada sobre isso. Se você der ao Sr. Flynn um endereço onde possamos encontrá-lo, entraremos em contato se descobirmos alguma coisa.

Então o chamado Smith virou-se para olhar para Enoch e de volta para ela. — Ele sabe ler?

— Sim, caramba! — Caroline raramente ou nunca xingava. — O Senhor Flynn dirige esta fazenda. Agora, se você for embora, podemos voltar às nossas tarefas.

Mais reverências exageradas, então eles juntaram seus cavalos e partiram.

Dez ou mais minutos depois, Enoch estava de volta em casa. — Oh, senhora—, disse ele com tristeza. — Melhor não provocá-los.

Ela suspirou. — Eu sei. Espero não ter criado mais nenhum problema —. Ela fez uma pausa. — Acho que Jubie deveria permanecer escondida pelo resto do dia.

Enoch concordou. — Vou ficar de olho e ouvido, caso eles voltem.

Rachel saiu de trás de Caroline então. — São homens *maus*? — ela perguntou em voz baixa.

— Homens ruins—, respondeu Enoch.

Mais tarde naquele dia, Geneva estava contando a Caroline sobre algumas das atividades recentes do Ladies' Aid na cidade. Caroline decidiu que era hora de Geneva saber sobre o compartimento secreto. E sobre Jubie...

No início da noite, quando Rachel estava na cama e enquanto Enoch levava uma refeição para Jubie, Caroline disse a Geneva que estava abrigando uma escrava fugitiva que havia chegado no dia em que ela trouxe Jacob para casa de Washington City. Ela levou Geneva até o alçapão escondido. — Cuidado—, ela alertou. — Esses degraus podem ser perigosos.

Ela ajudou a avó a descer os degraus, caminhando atrás dela, segurando-a pela cintura.

Havia uma luz fraca lá embaixo, vinda da lanterna na mesinha. Jubie estava deitada no colchão ao lado dela.

— Vovó, gostaria que você conhecesse Jubileu, conhecida como Jubie. E Jubie, esta é Geneva Prescott.

Jubie lutou para se sentar. — Como você está, senhora?

— Estou indo muito bem, Jubie. — Geneva olhou para ela severamente. — De quanto tempo você está?

— Sete meses mais ou menos—. Ela fez uma pausa. — Talvez oito.

Geneva assentiu. — Deixe-me saber se você precisar de algum conselho. Meu marido era médico e ajudei a dar à luz mais do que alguns bebês. E certifique-se de descansar o máximo que puder.

Caroline sorriu, um pouco sombria. — Estamos pedindo a Jubie que fique aqui embaixo por um curto período de tempo até que um certo... risco desapareça. Então ela não tem muita escolha a não ser descansar.

— Por favor, Sra. Caroline, há algo mais que eu possa fazer para ajudar? Terminei o conserto que você me deu.

— Você sabe tricotar, Jubie? — Geneva perguntou.

— Sim, senhora. Coisas simples.

— Então vou trazer um pouco de lã e você pode começar a fazer um cobertor de bebê amanhã.

6

Hammond Farm
30 de junho de 1863
Caroline

A princípio, eles passaram pelo portão da fazenda, meia dúzia de cada vez, jovens aparentemente exaustos em azul empoeirado, cavalgando cavalos cansados. Alguns tiraram seus chapéus de campanha para Caroline, que estava na varanda da frente, a velha espingarda de Jacob fora de vista, mas pronta para o caso de haver saqueadores entre eles.

Enoch esperou ao lado da estrada, baldes a seus pés, e vários soldados pararam para dar água a suas montarias sedentas, enquanto outros beberam profundamente da concha oferecida ou encheram seus cantis. Quando os baldes ficaram vazios, Enoch voltou ao poço para pegar mais.

Parecia um tipo ruim de hospitalidade para Caroline, pois eram, afinal, tropas da União e presumivelmente amigáveis. Ela não tinha ideia de em que regimento eles estavam ou de onde eles eram, mas Jacob poderia ter lutado ao lado de qualquer um deles. Certamente, em seu lugar, ele teria oferecido sustento aos caminhanes, convidado esses camaradas a descansarem a si mesmos e a seus cavalos à sombra das árvores que margeiam o riacho.

Mas seu Jacob estava morto, agora enterrado no terreno pacífico no colina baixa além dos pomares. Ela nunca o veria novamente, nunca o tocaria, ou riria com ele, ou o veria balançar uma Rachel encantada em seus ombros.

Ela estava crua com esse conhecimento, queria apenas vagar como uma figura bíblica desanimada, coberta de cinzas, chorando e rasgando suas roupas. Ela queria se enfurecer com os céus, sacudir o punho para Deus, chorar e, finalmente, chegar a um acordo com a percepção de que, no fundo, talvez ela não tivesse amado Jacob o suficiente. Não, pelo menos, da maneira como uma esposa deveria amar seu marido.

Não da maneira que Jacob a amava.

Infelizmente, não havia tempo para tal esquadrinhamento da alma; os soldados que passavam na estrada à sua frente eram prova disso. A guerra finalmente chegara a este lugar tranquilo no interior da Pensilvânia e,

embora ela rezasse para que não houvesse confronto por esse motivo, seus instintos mais profundos a alertavam para se preparar e, certamente, ficar em guarda.

Parecia estranho, talvez até vergonhoso, essa cautela, porque esses homens vestidos com o azul da União eram protetores e certamente não o inimigo. Eles serviam a uma causa que Caroline reverenciava, mas eram estranhos para ela. Infelizmente, a cor de seus uniformes não garantia sua integridade e honra individual; homens de baixo caráter podem muito bem estar entre eles.

Ela tinha ouvido histórias de seus amigos e vizinhos de perfídia por parte de soldados comuns em ambos os lados, galinheiros invadidos, vacas leiteiras levadas ou mesmo abatidas pela carne, colheitas devastadas ou arrancadas, pomares despojados de suas frutas, cercas de trilhos usadas como lenha, casas e celeiros queimados, evidentemente por esporte. Esses infratores eram punidos se capturados, os perpetradores marcados como “chatos”, para serem desprezados e vigiados, mas, com muita frequência, eles escapavam da atenção de seus oficiais superiores, se não totalmente, pelo menos até depois que o dano tivesse sido feito.

Nos casos mais notórios, a compensação foi prometida pelo governo de Lincoln. No entanto, com os recursos da União diminuindo constantemente sob o enorme custo de derrubar a rebelião, o pagamento demorava a chegar, se é que chegava, e nunca era suficiente para restaurar totalmente o que havia sido perdido.

Pior do que as fileiras indisciplinadas eram os retardatários, os renegados e desertores, vagabundos sem fidelidade a nenhum dos lados e certamente nenhuma a Deus ou a seus semelhantes. Embora a maioria deles fosse simplesmente pequenos ladrões, roubando galinhas e ovos quando estavam com fome, camisas e calças do varal no quintal de alguém quando suas próprias roupas ficavam muito esfarrapadas para serem usadas, outros eram mais animais selvagens do que pessoas. Ela tinha ouvido de amigos na cidade e de vizinhos que, aparentemente sem consciência, eles faziam coisas indescritíveis, e Caroline os temia. Ora, apenas dois dias atrás, Cecelia McPhee, a esposa de um fazendeiro oitocentos metros adiante na estrada, contou a ela sobre um homem que quebrou suas janelas e vasculhou sua casa. Ele fugiu com o dinheiro que estava escondido em uma cômoda e deixou um bilhete ameaçador rabiscado na parede da cozinha.

Estes eram tempos perigosos. Pelo bem de Rachel, de sua avó, de Enoch e Jubie e, é claro, de si mesma, ela deve estar vigilante em todas as circunstâncias, incluindo as comuns, quando alguém pode logicamente esperar estar seguro.

Hoje, por exemplo.

O tempo estava quente e o telhado inclinado da varanda oferecia pouco alívio, capturando o ar úmido e espesso daquele último dia de junho. O calor pressionava Caroline por todos os lados, e ela desejava andar descalça no riacho ou sentar-se sob a sombra de uma árvore, lendo ou costurando.

Naquela manhã ela se encontrou na cidade com suas amigas Hannah e Patience; Enoch a levava na carroça, pois tinha suprimentos para pegar. Durante a visita daquela hora, as três mulheres compartilharam as últimas notícias sobre o general Lee e os movimentos de suas tropas; elas ouviram dizer que os confederados estavam a caminho, na verdade já podiam estar em Cashtown, a alguns quilômetros a oeste. Elas discutiram suas próprias esperanças e, mais significativamente, seus medos.

À medida que a guerra prosseguia, a vida estava fadada a tornar-se mais difícil e, depois disso, certamente haveria pouco tempo para ceder aos caprichos comuns. Qualquer que fosse o resultado desse terrível conflito, inevitavelmente haveria dificuldades a enfrentar, perdas a lamentar, sofrimento a suportar.

Enquanto Caroline estava na varanda, o rangido da porta a alertou da presença de outra pessoa.

— Caroline—, sua avó disse calmamente. — Você já esteve aqui fora neste calor terrível por tempo suficiente. Venha comigo até a cozinha e tomaremos chá.

Caroline virou-se para encarar a mulher mais velha. — Chá? Em um dia escaldante como este?

Geneva Prescott, vestida com uma saia preta lisa e uma camisa branca, seu broche de camafeu estimado preso em sua garganta, parecia completamente à vontade. — Sim—, disse ela, com firmeza, mas com uma nota de compaixão em sua voz. — O chá tem propriedades medicinais, sabia? É reconfortante em qualquer tipo de clima. — Ela fez uma pausa, respirou fundo e exalou. — Além disso, Rachel pode estar assustada com a passagem das tropas e precisa da mãe. Tentei distraí-la, mas ela não consegue se acalmar.

Caroline olhou para a arma squirrel encostada na grade da varanda e suspirou. A arma seria de pouca utilidade contra um único saqueador, muito menos contra um exército, mas deu a ela a ilusão de tomar alguma ação definitiva para proteger sua casa e sua família.

Ela seguiu a avó até a cozinha separada da casa, onde o ar era um pouco mais fresco. Rachel estava esperando por ela, com os olhos arregalados e preocupada.

— Mamãe—, disse ela, em voz baixa—, estou ouvindo mais soldados chegando. Eu ouço suas botas na estrada.

Caroline estendeu os braços para a filha e Rachel correu para ela, atirando-se nos braços da mãe. — Eu acho que você esteve espiando pela janela—, ela disse gentilmente para a garotinha. — Você viu aqueles homens parando para dar água aos cavalos perto do portão, não viu?

Rachel assentiu rapidamente. — Há mais deles vindo, mamãe. Acho que Jubie também os ouve. De seu... novo quarto.

Pelo canto dos olhos, Caroline viu sua avó enrijecer ligeiramente e então acenar com a cabeça.

Caroline deu um aperto tranquilizador na criança. — Você não deve ter medo—, ela disse suavemente. — Esses soldados que você viu fazem parte do mesmo exército que papai. Eles são nossos amigos. — *Querido Deus, que isso seja verdade.*

— Mas Jubie me disse que há *outro* exército—, Rachel insistiu, ainda preocupada. — Um diferente do de papai. Um exército inimigo.

— A vovó sugeriu que fôssemos para a cozinha e tomássemos chá—, disse Caroline, abraçando a filha mais uma vez antes de colocá-la de pé. — Eu acho que é uma ideia muito boa.

A ansiedade de Rachel deu lugar à excitação. — Posso tomar chá também, mamãe? Como você e a vovó?

— Você pode—, Caroline disse. Juntas, Caroline e Geneva seguiram Rachel. A essa altura, ela estava correndo pelo pátio, sem prestar atenção alguma enquanto o primeiro grupo de homens cavalgava, apenas para ser substituído por outro grupo maior.

— Rachel parece estar levando a morte de seu pai com calma—, Geneva observou, enquanto caminhavam pela grama exuberante em direção à cozinha separada da casa.

Os olhos de Caroline arderam e ela engoliu em seco antes de responder. — Não tenho certeza se ela entende. Ela é tão jovem e está acostumada com

a ausência do pai.

O olhar de Geneva desviou-se para a estrada, onde Enoch reunia os baldes enquanto eram esvaziados pelos soldados e cavalos sedentos, e estremeceu. — Temo que todos veremos mais mortes do que podemos acreditar, e logo. Devemos nos preparar, e Rachel também.

— Eu sei — disse Caroline.

Geneva forçou um sorriso brilhante e apertou os ombros de Caroline. — Vamos beber nosso chá e pensar em coisas mais felizes, enquanto podemos.

Era quase o pôr do sol quando as carroças pararam no portão, uma após a outra, em uma longa fila. O jantar terminara e os pratos haviam sido lavados, secos e guardados. Uma Rachel cansada já tinha ido para a cama.

Enoch estava parado no quintal, um pouco além do caminho da luz da lanterna que entrava pela porta aberta da cozinha, e Caroline e sua avó logo se juntaram a ele.

Um cavaleiro curvou-se para abrir o trinco do portão e atravessou-o, deixando o resto do grupo para trás. Outro homem montado fechou o portão atrás dele.

— Agora, vocês, senhoras, precisam ficar calmas—, disse Enoch. — Estes aqui são soldados Yankees, não confederados. Eles não nos querem mal.

Caroline observou enquanto o cavaleiro se aproximava, sem mostrar nenhum sinal de urgência. Ela esperava que Enoch estivesse certo e eles não tivessem nada a temer, mas as histórias estavam em sua mente, do mesmo jeito.

O homem estava alto em sua sela, seu uniforme azul empoeirado, mas ainda impressionante, com seus botões de latão, detalhes dourados e dragonas. Ocorreu a Caroline que havia algo levemente familiar nele, embora ela rapidamente descartasse a ideia como uma ilusão.

Ele usava um chapéu de campanha, em vez da boina quepe, comum aos soldados regulares e, ao se aproximar, tirou-o respeitosamente, revelando uma cabeça de cabelos grossos, escuros como ébano.

Caroline sentiu um segundo choque de reconhecimento naquele momento; este era o homem que a ajudou a encontrar Jacob, em Washington City.

Seu sorriso brilhou em seu rosto bronzeado quando ele avistou Caroline. — Bem, Sra. Hammond—, disse ele. — É uma boa surpresa vê-la novamente.

— Você conhece esse homem? — Geneva sussurrou.

— Sim—, Caroline disse, procurando em sua mente por seu nome. O encontro deles foi breve e ela estava compreensivelmente distraída, tendo procurado por seu marido ferido por tantas horas sem sucesso.

Ela se lembrou quando ele desmontou. Capitão Rogan McBride.

Ele era um capitão e era gentil. Isso ela sabia. Um conhecido da enfermeira Bessie, que fez amizade com Caroline, deu-lhe comida e um lugar para dormir, ajudou-a a providenciar a entrega de sua carta.

— Capitão McBride—, disse ela, com um breve aceno de reconhecimento.

Ele caminhou em direção a eles, o chapéu ainda na mão, mas parou a uma curta distância. — Como está seu marido? — ele perguntou.

Foi Enoch quem respondeu. — O cabo Hammond está morto. — ele disse. Sua voz era monótona e um pouco dura. Ele ficara feliz em fornecer água para os homens que passavam durante todo aquele dia, desde que permanecessem do outro lado do portão, mas agora parecia cauteloso.

— Lamento ouvir isso—, respondeu o capitão, ainda mantendo distância. — Tenho certeza de que ele era um bom homem e um bom soldado.

— Ele era—, disse Caroline. Ela não tinha medo deste homem, mas sua presença era motivo de preocupação. — Você tem negócios aqui, capitão McBride?

— Sim—, disse McBride, olhando por cima do ombro para a fila de carroças. — As indicações são de que haverá combates por perto. Meus homens e eu partiremos imediatamente, mas precisamos de um lugar para deixar essas provisões. Francamente, eu esperava que quem morasse aqui não se importasse de ficar de olho nelas por um ou dois dias.

— *Quão* perto? — Geneva perguntou. — Essa luta que você mencionou, quero dizer?

O capitão McBride soltou um suspiro cansado. — Nossos homens estão em Gettysburg agora e acampados ao redor também. Os rebeldes estão se segurando no momento, mas estão aqui, com mais seguidores.

A notícia não era inesperada, ela a ouvira de suas amigas da Ladies' Aid Society, mas um calafrio tomou conta do estômago de Caroline do mesmo jeito. Ela sentiu uma vontade curta e violenta de correr para dentro de casa, pegar Rachel nos braços e fugir para o norte.

Era um pensamento tolo e a envergonhou um pouco.

Semanas antes, Enoch tentara persuadi-la novamente. Quando se espalhou o boato de que Robert E. Lee e o Exército da Virgínia do Norte pretendiam invadir o Norte, um êxodo começou. Aterrorizadas, as pessoas abandonaram suas casas e negócios, incluindo fazendas, empilharam suas famílias e pertences em qualquer meio de transporte que pudessem conseguir e foram embora.

Caroline se recusou terminantemente a sair naquela época. Colonizada e defendida pelos ancestrais de Jacob, a fazenda pertencia por direito a ele e, eventualmente, a Rachel. Ela havia trabalhado arduamente nesta terra desde o casamento e não tinha intenção de deixá-la para ser saqueada, por dentro e por fora, ocupada por soldados e, finalmente, abandonada em ruínas.

Ela não se sentia diferente agora, embora às vezes desejasse, em seus momentos mais sombrios, ter se mantido firme quando sua querida amiga, Susannah Kronecker, partiu para Nova York, onde tinha família. Susannah planejava ficar com eles até que a guerra terminasse e seu marido, um cirurgião do exército, voltasse para casa.

Antes de partir, Susannah, que não tinha filhos, implorou a Caroline que a deixasse levar Rachel junto. A princípio, Caroline recusou-se firmemente, mas Susannah foi persistente e totalmente confiável. Rachel estaria segura naquela grande e distante cidade, com Susannah e seus parentes, e nada lhe faltaria.

Exceto, é claro, sua mãe.

Caroline reconsiderou, mas então os apelos de Rachel para que ela pudesse ficar foram de partir o coração, e Caroline cedeu à filha.

— O que há nessas carroças? — Enoch perguntou, trazendo sua mente de volta ao foco.

— Comida, principalmente—, respondeu o capitão McBride suavemente. — Alguns cobertores, remédios, algumas barracas.

— Sem armas? — Enoch pressionou. — Ou munição?

O oficial balançou a cabeça. — Nada como isso.

— E se os rebeldes chegarem antes de você voltar para buscar essas mercadorias? O que devemos fazer então? — perguntou Enoch.

McBride parecia cansado, embora sua voz não tivesse perdido a força. — Nada—, disse ele. — Se os confederados passarem por nós de alguma forma e vierem para cá, eles de fato levarão as carroças e tudo o que elas contêm, junto com tudo o mais que puderem levar do local. — Seu olhar se moveu para Caroline por um momento, então de volta para Enoch. — Se

isso acontecer, não tente impedi-los. Esconda-se se puder e não saia até ter certeza absoluta de que eles foram embora.

Enoch piscou, sem arrogância, e olhou para Caroline com uma pergunta em seus olhos.

— Não tenho objeções—, disse Caroline, — desde que as carroças não sejam visíveis da estrada.

— Obrigado, Sra. Hammond—, disse McBride, com uma leve inclinação de cabeça. — Você está atrás das linhas da União aqui, e faremos o possível para garantir que continue assim.

Caroline assentiu em concordância circunspecta.

Enoch permaneceu cauteloso. — Esta fazenda—, ele disse calmamente, — é tudo o que a patroa tem. Ela é uma viúva recente, com uma filha para sustentar e manter segura, e ela é leal a União...

— Eu entendo, Sr., er...

— Flynn—, Enoch praticamente latiu. — Enoch Flynn.

Nesse momento, o capitão surpreendeu a todos os presentes. Ele estendeu a mão para Enoch e disse: — Você tem minha palavra, Sr. Flynn.

Minutos depois, o portão foi aberto e as carroças entraram, passando entre a casa e o celeiro, rumo ao campo escondido atrás do pomar florido.

7

Norte de Gettysburg

30 de junho de 1863

Bridger

Bridger Winslow, do 6º Regimento da Georgia, ergueu seus binóculos, espiou pelas lentes arranhadas e deu um assobio baixo quando o longo fio azul saltou para um relevo ousado, alargando-se em um rio de homens, milhares deles, marchando em formação, rifles e mosquetes em seus ombros. E isso era apenas a infantaria.

— Você já viu tantos barrigudos azuis em um só lugar, capitão Winslow? — perguntou o Tenente Reed, que estava pairando ao lado de Bridger nos últimos minutos.

Bridger seguiu o rastro da artilharia pesada, da cavalaria, das carroças de suprimentos, ambulâncias, mulas e cavalos sobressalentes. Quando o primeiro dos Federados entrou na pequena cidade mercantil da Pensilvânia e começou a se separar, outros se dispersaram para acampar na zona rural circundante.

Ao anoitecer, pensou ele, haveria tantas fogueiras acesas fora de Gettysburg quanto estrelas no céu. Ou, pelo menos, assim pareceria.

— Não—, ele respondeu, depois que um momento se passou. — Eu não.

Ele sabia que Reed esperava uma resposta diferente; algumas palavras reconfortantes, talvez uma garantia jocosa de que seu próprio Exército da Virginia do Norte era realmente invencível, como o general Lee acreditava, mesmo diante de uma horda como a que inundava o rico vale abaixo.

Mas Bridger era um soldado experiente e sabia que não devia subestimar o inimigo, apesar de ter visto as forças da União cometerem erros monumentais, especialmente sob a liderança cautelosa de George McClellan. Amado por suas tropas, se não por Lincoln, o comandante chefe McClellan, “Little Mac” perdeu chance após chance de colocar Lee no chão, encurralá-lo e esmagar qualquer possibilidade de independência do Sul por anos, senão décadas, por vir.

Desde então, McClellan foi dispensado de suas funções, recentemente e muito rapidamente substituído por Joe Hooker. Agora, de acordo com as

últimas informações, o exército da União era chefiado pelo major-general George Meade. Os Yankees que obstruíam as ruas de Gettysburg e se espalhavam pelos campos circundantes estavam sob seu comando.

Esses Yankees eram muito industriais, armando barracas e derrubando cercas de trilhos para serem serrados como lenha, cavando latrinas, descarregando carroças. Quando vistos a olho nu, eles se assemelhavam a uma enorme colina de formigas azuis.

Visto através dos binóculos, aqueles perto o suficiente para Bridger distinguir claramente eram soldados individuais, alguns solenes, alguns distraídos, alguns pálidos de medo. Outros, porém, riam e brincavam uns com os outros enquanto trabalhavam, como convidados em uma festa ao ar livre, então os recrutas mais novos, com pouca ou nenhuma experiência em guerra real.

Bridger sentiu uma pontada de simpatia por eles, embora fossem inimigos, tanto quanto sentia por seus próprios homens. Muitos deles eram apenas meninos que não tinham como saber, fora das histórias que deviam ter ouvido, o que era passar por aquele primeiro batismo infernal de fogo e sangue. Para chegar àquela percepção inicial e totalmente horrível de que a guerra não era um jogo de rei da colina no pátio da escola, como eles provavelmente haviam imaginado.

Não haveria como ir para casa jantar no final do dia, para as tarefas, a luz da lâmpada e os parentes, nem cair em uma cama familiar para sonhar os sonhos inocentes da infância.

— Senhor? — Reed disse, interrompendo as reflexões sombrias de Bridger.

Bridger abaixou os binóculos novamente e se virou para o outro homem. — O que é, tenente?

Reed enfiou a mão na túnica empoeirada, com as axilas manchadas de suor, tirou um pacote grosso e estendeu-o com a mão ligeiramente trêmula. — Com os yankees dando um show como estão—, disse ele, com um tremor quase imperceptível—, quase me esqueci desta carta. Algumas malas postais chegaram em uma carroça de suprimentos há pouco tempo, e eu estava por perto para fazer a separação. Vi seu nome e disse que levaria isso para você pessoalmente.

— Obrigado. — Bridger aceitou o envelope surrado, examinou-o brevemente, distraidamente. Ele notou o conhecido brasão de Winslow em

relevo no canto superior esquerdo, a mancha borrada, mas elegante, da caligrafia de sua irmã mais nova.

Amalie. Sempre o correspondente diligente, mas às vezes enganoso.

Bridger amava sua irmã e ansiava por suas cartas, embora lê-las muitas vezes fosse um gasto emocional que ele não podia pagar. Ela geralmente incluía citações edificantes, principalmente de seus poetas favoritos, anedotas engraçadas sobre pessoas que conheciam, os melhores e os piores aspectos de um sermão recente e relatos de eventos sociais cada vez mais raros.

A realidade da vida de sua irmã, ele sabia, geralmente ficava escondida em algum lugar nas entrelinhas, e ele sentia que ela não queria distraí-lo com preocupações. Mas ela também encontrou uma maneira cuidadosa de mantê-lo a par do que estava acontecendo em casa e nas lutas próximas.

Ela o informou sobre o estado da casa, como seu pai e os poucos escravos ainda em Fairhaven estavam conseguindo. Como o abastecimento de água estava aguentando e se havia sido contaminado. Quais amigos e primos foram listados como desaparecidos, capturados ou mortos no jornal local ou nas listas afixadas regularmente na estação ferroviária.

Amalie não era sua única fonte de informação, é claro. Ele sabia que, por causa dos bloqueios do Norte, a maioria das necessidades e quase todos os luxos outrora comuns, como café, livros, papel fino para escrever e doces, eram vendidos a preços de mercado negro, quando podiam ser encontrados.

Amalie, com pouco menos de dezoito anos, bonita e intocada e preparada desde a infância para uma estréia social espetacular, com todos os namorados necessários, vestidos de baile, cotilhões, piqueniques no jardim e festas em casa, ficou profundamente desapontada. O mundo que ela conheceu durante toda a sua curta vida havia desaparecido, deixando-a despreparada para as dificuldades.

Embora Bridger considerasse em particular a tradição de vestir mulheres jovens com sedas e cetins e arrebanhá-las para o mercado de casamentos pior do que retrógrada, ele sofria por Amalie. Ele não podia fazer nada sobre a situação dela, mas enviava dinheiro sempre que era pago, já que a renda da plantação havia diminuído. E ele a lembrava com frequência de que essa guerra, com todas as suas devastações e privações, terminaria em algum momento.

Pelo menos, terminaria para alguns. Bridger não contava com um futuro próprio, não com todos aqueles Yankees à vista, qualquer um dos quais ficaria feliz em colocar uma bala em sua cabeça ou uma baioneta em seu coração. Observou, severamente fascinado, enquanto as forças avançadas de Meade se sentiam em casa à distância.

— Eu certamente gostaria de um par dessas boas botas yankees—, Reed observou, lembrando a Bridger de sua presença, e os planos frustrados, mas não totalmente abandonados, de muitos soldados confederados de vasculhar Gettysburg em busca de sapatos extremamente necessários antes que a batalha começasse. Que provavelmente seria na manhã seguinte.

Bridger deu um sorriso breve e amargo, pensando que se houvesse uma coisa que ele queria daqueles yankees, era uma xícara de café decente, quente e forte e misturado com açúcar. Talvez fosse sua imaginação, uma vez que os cheiros de madeira e fumaça de tabaco, suor humano e esterco de cavalo estavam por toda parte, mas ele pensou ter captado o aroma agradável de café, do mesmo jeito, já fermentando sobre as fogueiras recém-colocadas abaixo.

Do lado confederado, mesmo as rações mais básicas eram escassas, se é que havia rações. Ele sabia que os soldados rasos comiam muito do que comiam, e o que o exército chamava de café tinha mais gosto da água da louça da noite anterior do que da rica xícara tingida de chicória que os sulistas mais prósperos passaram a preferir.

— Você acha que o general Lee vai querer se envolver? — Reed perguntou. — Alguns dos homens dizem que Longstreet será contra a ideia. E Longstreet não é o único com objeções, pelo que ouvi.

Por causa da elevada posição social de sua família, Bridger conhecia Lee e Longstreet e vários outros oficiais de alto escalão. Longstreet era tudo menos um covarde. Como o General Lee, ele era um homem prudente e um mestre estrategista. A diferença era que Lee detestava perder uma oportunidade, *qualquer* oportunidade, por mais arriscada que fosse, e raramente o fazia, mesmo quando era aconselhado a fazer o contrário.

Já uma lenda, admirado com relutância até mesmo por alguns no Norte, quase adorado por suas tropas e pelas pessoas em casa, Robert E. Lee era um homem de dignidade, inteligência, honra e moderação. Se havia, na mente de Bridger, um traço de arrogância nele, ele o escondia bem. Ele não tinha as excentricidades de alguns de seus melhores oficiais, como o falecido Thomas Jackson, a quem ele chamava carinhosamente de “Tom”

em relativa privacidade e “General Jackson” em público. Ele pode abrir um sorriso melancólico quando ouvia o homem ser chamado de “Stonewall”, mas ele mesmo nunca usou o apelido.

Lee era o típico cavalheiro sulista, falante e erudito. Ele era casado com uma das filhas de George Washington e era filho do lendário Light-Horse Harry Lee, mais tarde desgraçado, mas ainda reverenciado como um dos maiores soldados que a América já produziu. Juntamente com as graças da ilustre família de sua mãe, Lee havia herdado uma parte considerável da audácia destemida do velho Harry. Quando havia a menor chance de promover sua agenda militar, Lee podia ser totalmente implacável, conduzindo seus homens, famintos, descalços e cansados da batalha, muito além dos limites de sua resistência considerável.

Nove em dez vezes, ele obteve resultados.

— Sim—, disse Bridger, respondendo finalmente à pergunta de Reed—, acredito que o General Lee escolherá lutar.

Reed pareceu murchar um pouco com isso, mas se recuperou rápido o suficiente. Ele era um bom soldado, com muita coragem, e Bridger gostava dele, embora conhecesse pouco da história do homem, e isso era bom, porque era muito difícil ver um companheiro abatido em batalha. Ver um amigo morto era muito pior.

Mesmo que esse amigo fosse um yankee, como seu antigo amigo da escola preparatória militar, o agora capitão Rogan McBride.

Bridger não acreditava que poderia acabar com a vida de McBride, caso eles se enfrentassem no campo; o vínculo entre eles, formado na adolescência no colégio interno e durante as visitas ao sul na casa de sua família, era profundo.

Então, novamente, era fácil fazer tal suposição à distância, ainda não envolvido na feroz atmosfera de combate. Ele não via Rogan há vários anos, mas se perguntava antes de cada batalha se esta seria aquela em que seriam forçados a lutar um contra o outro. Talvez seu amigo tivesse mudado e ficado amargurado pelas inevitáveis perdas e tristezas da guerra.

Rogan estava lá em algum lugar, pensando em pensamentos semelhantes?

Relembrando tempos melhores?

Bridger e Rogan, dividindo um quarto no St. Luke's, a escola militar preparatória nos arredores de Boston, formaram uma aliança incômoda nos primeiros dias de que se conheceram, vindo de origens marcadamente

diferentes. Ambos tinham sido forçado a frequentar a escola, e ambos se sentiram ofendidos por terem sido mandados embora.

Bridger havia sido essencialmente exilado para o povo de sua mãe, todos nortistas, alguns meses após a morte dela por pneumonia, quando seu lado selvagem natural, na opinião de seu pai, o tornara incorrigível.

Rogan também foi banido da cidade de Nova York, onde nasceu de uma criada irlandesa, fora do casamento, e criado para ficar fora da vista de todos, inclusive de sua mãe. Ele nunca conheceu ou viu seu pai, um cavaleiro, ou assim lhe disseram, em outra casa rica. Quando Rogan tinha sete anos, Rosie McBride aparentemente esgotou qualquer instinto maternal que ela possuía, levou-o para a igreja católica mais próxima e o deixou lá, sentado em um banco de trás, com um pedaço de pão e três centavos de cobre para sustentá-lo.

Por sua própria conta, compartilhada apenas depois de seis meses ou mais, quando ele e Bridger finalmente deixaram sua cautela inicial para trás, o jovem Rogan ficou sentado por horas, esperando que sua mãe voltasse para buscá-lo, do jeito que ela sempre fez antes. Rosie ficaria irritada por um tempo, ele raciocinou, mas quando ela se acalmasse, ela apareceria, chorosa e se desculpando. Ela o envolveria com força em seus braços, o chamaria de seu filho querido e depois o levaria para o quarto no sótão da enorme casa de tijolos de seu patrão. Lá, ela o mimava, oferecendo-lhe doces, sem dúvida roubados da despensa, fazendo promessas e implorando por seu perdão.

Desta vez, porém, ela não voltou.

Na manhã seguinte, o padre Hennessey, que parecia muito jovem para ser padre, na opinião de Rogan, encontrou o menino dormindo em um banco e prontamente o entregou às freiras, que o cercaram como um bando de corvos rabugentos, bicando-o com suas perguntas. Qual era o nome dele? Quantos anos ele tinha? Quem eram seus pais? Onde ele morava? Por quanto tempo ele ficou sozinho?

Perplexo, ele aceitou uma refeição quente e depois foi colocado em uma sala cheia de outras crianças, algumas mais velhas e outras mais novas, onde ele recebeu uma lousa e um pedaço de giz. Nesse ínterim, o padre Hennessey saiu em busca da mãe de Rogan, apenas para retornar no dia seguinte, ombros curvados, rosto taciturno. A senhorita McBride, ele disse às freiras, enquanto Rogan ouvia do lado de fora da porta de seu escritório, havia renunciado a todos os direitos sobre seu filho. Ela finalmente

encontrou um marido, ela explicou, e seu noivo não estava inclinado a assumir o pirralho de outro homem. Essa, Rosie disse ao padre, era sua chance de recomeçar, e ela não estava disposta a deixar que os erros do passado se interpusessem em seu caminho.

E foi isso.

Rogan ficou com as freiras e o padre Hennessey e as outras crianças, a maioria órfãs, algumas aleijadas no corpo ou na mente, outras simplesmente indesejadas, como ele. A princípio, ele sentiu falta de sua mãe e continuou esperando por seu retorno, mas isso logo passou. Na casa do patrão, ele tinha que ficar no sótão a maior parte do tempo, escondido como o segredo vergonhoso que era, mas no Lar para Crianças St. Swithin, sua visão do mundo se expandiu consideravelmente. Aprendeu a ler, escrever e somar e, depois das aulas e aos sábados, passava horas ao ar livre, correndo, escalando e brincando com os outros. Ele tinha comido o suficiente pela primeira vez em sua vida, dormia em uma cama só dele, e mesmo que suas roupas fossem de segunda mão, elas serviam nele. Ele tinha sapatos que não apertavam e um casaco quente e luvas para o inverno.

Ele estava bastante feliz, na medida em que sabia o que a felicidade implicava.

Ele se destacou em seus estudos em St. Swithin's e se comportou, até completar dez anos e, repentinamente inquieto, fugiu pela primeira vez.

Esse foi o início de um ciclo. Periodicamente, os policiais o cercavam, junto com os outros ratos de rua, batiam nele um pouco e o arrastavam de volta para St. Swithin's, onde as freiras renovavam seus esforços para colocar o temor de Deus nele e o padre Hennessey balançava a cabeça com tristeza e dizia que ele deveria aprender a resistir à tentação em todas as suas formas.

Finalmente, quando Rogan tinha quatorze anos, e nem menino nem homem, ele alcançou as fronteiras distantes até mesmo da notável paciência do Padre Hennessey. Na época um ladrão talentoso, Rogan foi preso depois de quebrar a vitrine de uma loja e se servir de itens dentro.

Desta vez, ele recebeu mais do que uma surra e uma série de sermões sobre o preço do pecado e os horrores do Purgatório. Ele foi levado perante um juiz e teve que escolher entre a prisão e a escola militar. Por sorte, o bom padre conseguiu uma vaga no Instituto de Preparação Militar St. Luke em Boston e uma bolsa de estudos para ele.

Ele escolheu a St. Luke's, embora com relutância, porque a escola, como ele suspeitava, era rigorosa, um repositório para os filhos incontroláveis e recalcitrantes de famílias ricas. Embora ele não tivesse família, rica ou não, Rogan certamente atendia e superava os outros dois critérios.

Havia algo reconfortante para Bridger ao lembrar de seu amigo Rogan. Era uma forma, ele calculou, de verificar que mesmo que a morte viesse até ele, em uma hora ou um dia, *ele tinha vivido algo como uma vida*.

E Rogan McBride fazia parte disso. Em algumas férias escolares, Rogan até voltou para casa com ele em Savannah e visitou o pai e a irmã de Bridger. Então, depois de quatro anos no Instituto Preparatório, eles seguiram caminhos separados, Rogan de volta a Nova York para estudar direito, Bridger de volta para Savannah, para a plantação Winslow, onde ele fazia corridas de cavalos, se envolvia em brigas de bêbados, lutava em duelos, perseguia mulheres e rapidamente ganhou uma reputação justa de perdulário e inútil em geral.

Ele era o desespero de seu pai, o clássico segundo filho, o rebelde nato empenhado no escândalo e na destruição final.

Como tal, Bridger era adequado para a guerra, se não exatamente para o causa do sul. Quando o conflito finalmente eclodiu em abril de 1861, ele estava entre os primeiros a se alistar no desorganizado Exército da Virginia do Norte, depois de considerar seriamente se juntar ao Norte.

Crescendo com escravos, ele passou a odiar a escravidão, eufemisticamente chamada de “a instituição peculiar” pela maioria dos sulistas, e ainda a odiava. Ele não estava lutando para manter a prática, ele estava lutando para defender o terreno em que sua mãe, seu irmão mais velho e todos os seus ancestrais Winslow foram enterrados.

Agora, aqui estava ele, prestes a se juntar a uma batalha que ele sentia que seria crucial, mais feroz e sangrenta do que qualquer outra que ele lutou antes. Uma certa dose de introspecção parecia necessária.

Ele pode nunca se casar ou ter filhos. Nunca mais arrumar o inferno em um bordel, jogar xadrez com um oponente habilidoso, desfrutar de uma refeição rica ou montar em um de seus cavalos velozes por puro prazer.

Qualquer que fosse seu destino, ele o enfrentaria bravamente e com honra em Gettysburg.

Se ele morresse na região rural da Pensilvânia, que assim seja. Ele era, afinal, um soldado.

Se ele sobrevivesse ao encontro que sabia que estava por vir, ficaria grato pelo doce privilégio de respirar sob o arco azul brilhante do céu, dormir sob um manto de estrelas e acordar com a primeira luz da manhã.

O tempo diria.

Nesse ínterim, Lee estava a caminho, com Longstreet e outros, obstinado em sua intenção de aproveitar sua vantagem duramente conquistada e avançar profundamente no território do norte, determinado a tomar a Filadélfia e Baltimore e, finalmente, a capital. Na visão de Lee, uma vez que caíssem, Lincoln seria obrigado a reconhecer os Estados Confederados da América como uma nação livre e soberana.

Bridger, que tinha visto algo do Norte, com suas grandes cidades densamente povoadas, suas extensas fazendas e movimentadas fábricas, suas vastas redes de ferrovias e linhas telegráficas, não era tão otimista quanto seu lendário comandante.

O próprio Lee tinha conhecimento em primeira mão dos recursos do Norte, tendo estudado e eventualmente lecionado em West Point, com muitas outras realizações a seguir. O histórico militar de Lee era, de fato, tão impressionante que Abraham Lincoln originalmente lhe ofereceu o comando total do exército da União.

Ele recusou essa honra, com dignidade e provavelmente com certo pesar, explicando ao presidente que não podia levantar a mão contra seu estado natal, a Virginia. Posteriormente, a pedido de Jefferson Davis, Lee assumiu o comando das forças confederadas e, apesar do número menor, tropas não treinadas, ferrovias escassas e em ruínas, pontes inadequadas e linhas de abastecimento precárias, resultando em uma falta quase constante de alimentos, remédios, armamento e munição, ele reivindicou vitória após vitória.

O general era inegavelmente um estrategista brilhante; seu treinamento como engenheiro, bem como como líder militar, o serviu bem. Lee era ferozmente inteligente, mas era sua ousadia que Bridger mais admirava, seu domínio do ataque surpresa. Quando ele atacava, ele o fazia com a furtividade mortal e a rapidez de uma *cabeça de cobre*.

Por tudo isso, Lee também teve uma sorte extraordinária.

E Bridger Winslow, um jogador experiente, sabia como a sorte podia ser inconstante. Cada sequência de vitórias chegava ao fim, mais cedo ou mais tarde.

Antes de se virar para cumprir suas responsabilidades, cuidar do cuidado, conforto e instrução de sua tropa, ele deu uma última olhada na sinistra pompa que acontecia em Gettysburg e arredores.

Estaria seu amigo em algum lugar no meio da horda de casacos azuis, se preparando para a batalha? Não havia como saber, é claro, e mesmo que Rogan estivesse presente, as probabilidades contra seu encontro no caos do combate eram mínimas, dado o tamanho de ambos os exércitos.

E o súbito formigamento na nuca de Bridger, o arrepio dos pequenos pelos em seus antebraços?

Não acreditando em sinais e presságios, ele descartou as sensações como medo, uma emoção sensível nas circunstâncias e, menos admiravelmente, um certo senso de antecipação.

Afinal, ele sempre gostou de uma boa luta.

8

*Seminary Ridge, perto de Gettysburg,
30 de junho de 1863, 21h*

Rogan

Fogueiras tremeluziam na noite como estrelas caídas quando o capitão Rogan McBride e seu pequeno destacamento yankee chegaram aos arredores de Gettysburg. Eles estavam exaustos, suas barrigas tão vazias que doíam, suas línguas secas de poeira, seus cavalos não se saindo melhor.

Nos últimos meses, Rogan serviu como intendente do regimento, embora o cargo fosse temporário. Ele havia sido designado para o serviço depois que o titular do cargo anterior havia caído em Antietam em setembro anterior, principalmente porque ele tinha uma forte capacidade de organização e uma aversão ao furto de rações.

Era uma ocupação relativamente segura, apesar do destino de seu infeliz predecessor, mas Rogan não gostava de negociar sacos de feijão, engradados de bolacha, barris de farinha e outras coisas, como um lojista transitório. Ele sabia que a tarefa preenchia um propósito vital, mas, no fundo, ele era um soldado e ansiava por retornar à cavalaria.

Crescendo em um orfanato na cidade de Nova York, ele nunca tinha andado a cavalo, embora tenha visto muitos cavalos puxando carruagens, bondes e carroças de mascates, lavradores deploráveis, todos eles, atormentados por moscas, suas costelas salientes sob suas peles trêmulas, suas cabeças abaixadas. Ele queria libertá-los, soltá-los para pastar em algum pasto tranquilo, longe do barulho e do chicote e dos longos dias passados puxando, carregando.

Foi mais tarde, em St. Luke's, quando ele tinha quatorze anos, que Rogan finalmente aprendeu a cavalgar, como parte de seu programa acadêmico. Sua simpatia pelos pobres animais que vira carregando suas cargas pesadas pelas ruas da cidade transformou-se em uma paixão silenciosa por cavalos, e essa afinidade rapidamente se transformou em habilidade.

Quando a guerra começou, ele deixou seu escritório de advocacia na cidade de Nova York e se alistou no Exército dos Estados Unidos como segundo-tenente de cavalaria e, a partir de então, avançou continuamente

até seu atual posto de capitão. Ele lutou com todas as suas forças, de alguma forma sobrevivendo a cada escaramuça e batalha, embora tivesse perdido vários cavalos e ainda os lamentasse, às vezes até desejando ter morrido em seu lugar.

Rogan não tinha prazer em derramamento de sangue, em cortar membros, quebrar crânios, espinhas e joelhos. Ele não amava a guerra, com seus horrores incipientes.

Ele, no entanto, gostava da vida ao ar livre. E a inatividade não combinava com ele. Se ele não estava pensando, ele estava *fazendo*. É claro que ele abominava a inevitável matança e mutilação da batalha, mas havia partes do serviço militar que o atraíam, secretamente, ele se deleitava com os desafios do combate corpo a corpo, quando tudo estava em jogo. Gostava da maneira como sua mente parecia se elevar acima de si mesma nesses momentos, entrando em um estado de concentração tão aguçada que era como se seu cérebro tomasse conta de todo o seu corpo em um instante, substituindo o pensamento consciente e guiando cada movimento, cada manobra de cavalo e rifle e braço e espada.

Hoje à noite, no entanto, seus pensamentos não estavam apenas no combate aproximando-se corpo a corpo, ou a graça estranha e mortal que ele experimentou em outros campos de batalha, e em nenhum outro lugar.

Em vez disso, estava estranhamente preocupado com a jovem viúva de cuja fazenda ele havia saído algumas horas antes.

Sra. Hammond. Caroline.

Quando ele a conheceu em Washington City, pouco tempo atrás, ele notou que ela era extraordinariamente atraente, com cabelos cor de areia e olhos castanhos, mas esses detalhes escaparam de sua mente rapidamente, pois ela estava preocupada e ansiosa na época, desesperada para encontrar e consolar seu marido ferido. Ele era um entre milhares de soldados doentes e feridos aquartelados por toda a capital. Eles jaziam sofrendo em tendas do exército, nos bancos e pisos de igrejas e também em casas particulares, e embora alguns registros de colocação fossem mantidos, eles eram aleatórios na melhor das hipóteses. Simplesmente havia muitas baixas na cidade, dia e noite, para permitir uma precisão total.

Muitos desses infelizes tiveram que ser arrastados de um lugar para outro, à medida que os leitos e o espaço ficavam disponíveis, geralmente cortesia dos recém-falecidos. Aqueles com feridas menores ou doenças mais brandas eram remendados e enviados de volta para seus regimentos ou

recebiam um cobertor e eram encaminhados para um terreno baldio ou para o gramado de alguém, com garantias apressadas de que seriam atendidos “imediatamente”.

Tudo isso obviamente significava que o cabo Hammond poderia estar em qualquer lugar. A adorável esposa de Hammond permaneceu determinada, apesar das adversidades que enfrentou. Ele examinou registros, fez perguntas exaustivas de funcionário após funcionário atormentado e, finalmente, rastreou o cabo Jacob Hammond, 11º da Pensilvânia, até uma certa cama em uma certa tenda de hospital.

Posteriormente, ele levou a Sra. Hammond ao lado da cama de seu marido. Ela ofereceu agradecimentos distraídos, e Rogan a deixou lá e voltou a contar balas e feijões.

Ela permaneceu com seus pensamentos por um longo tempo depois. E isso era uma coisa peculiar; ele tinha visto tantas esposas e amantes, irmãs e noivas ir e vir, na capital e em campos de batalha distantes, onde as condições eram ainda piores. Ele ajudou em tudo o que pôde, mas não conseguia se lembrar de nenhum de seus nomes ou rostos.

Então, esta mesma noite, no cumprimento de seus deveres, ele a encontrou novamente.

Uma estranha coincidência, uma que ele poderia seguir, caso guiasse com sucesso seus homens para a vitória na luta que viria.

Ele suspirou. Amanhã ou no dia seguinte, ou talvez no dia seguinte, haveria mais homens mortos ou aleijados, mais caixões construídos e empilhados e, eventualmente, enviados para casa.

Tolos, Rogan refletiu, enquanto descia da sela e começava a cuidar de sua montaria atual, um alazão castrado que ele aprendera a amar, embora o animal, apelidado de Little Willie em algum lugar ao longo do caminho, pertencesse ao Exército dos EUA, não era dele. *Somos todos tolos, todos nós, yankees e rebeldes.*

Pensar em rebeldes inevitavelmente o levava a pensar em seu melhor amigo da escola militar, Bridger Winslow, o único homem em quem ele realmente confiava, além do padre Hennessey.

Ele se perguntou, como sempre fazia na véspera da batalha, se ele e Bridger finalmente se encontrariam novamente, desta vez a cavalo, no meio da luta, espadas desembainhadas.

Por mais que ele gostasse de ver Bridger, ele rezou para que isso não acontecesse antes que esta maldita guerra terminasse, ou pelo menos

mudasse para um terreno neutro, se é que havia tal coisa. Ele não tinha intenção de levantar a mão contra um amigo, e estava quase certo de que Bridger se sentiria da mesma forma.

Ainda assim, ele estava preocupado com a possibilidade, não porque tivesse medo de Winslow, mas porque, em todo aquele caos e confusão, até mesmo um momento de hesitação de sua parte poderia facilmente custar a vida de outros homens.

Depois de preparar seu cavalo para a noite, Rogan se juntou a seus homens na fogueira próxima. O café estava sendo preparado e alguém havia colocado uma chaleira com restos de feijão nas brasas para esquentar.

Comida do exército, pensou Rogan, com depreciação irônica. Um homem tinha que estar faminto como um urso saindo da hibernação para comê-la.

Se ele conseguisse passar pela luta amanhã, quanto mais pelo resto da guerra, ele jurou que nunca mais comeria outro feijão cozido ou morderia outro pedaço de biscoito duro. Não senhor. Ele viveria de frango frito e bifes suculentos até o fim de seus dias.

Nesse ínterim, porém, suas escolhas eram definitivamente limitadas e já fazia muito tempo desde o café da manhã.

Sentados longe do fogo, para não se assar antes que os feijões estivessem prontos, os outros homens falavam em voz baixa e olhavam por cima dos ombros em intervalos regulares, como se achassem que Johnny Reb poderia ter a ideia de sair da escuridão da noite para cortar suas gargantas ou espetá-los em uma baioneta.

Os companheiros de Rogan o cumprimentaram com acenos quando ele se juntou a eles. Um ou dois murmuraram “Capitão” em deferência ao seu posto.

O mais jovem entre eles, um rapaz chamado Hastings, havia se encarregado do jantar, apressando-se para mexer o feijão com uma colher de pau nos intervalos e recuando rapidamente. Hastings afirmou que ele tinha dezenove anos, mas Rogan o avaliou perto de dezesseis, provavelmente uma estimativa generosa.

Alderman, um açougueiro de Nova Jersey, cozinhava quando havia carne, o que não acontecia com tanta frequência. Esta noite, o homem mais velho se curvava sobre uma carta que recebera meses antes, lendo-a pela centésima vez.

Tanto quanto Rogan sabia, ninguém jamais perguntou a Alderman sobre a carta, de quem era ou o que dizia, ou por que Alderman a lia repetidamente, até que ficou praticamente transparente, quase luminosa ao brilho da luz do fogo. Ah, eles se perguntaram sobre todos os porquês e porquês, tudo bem, mas cada um deles manteve a paz. A correspondência de um homem era assunto seu, para compartilhar ou guardar para si, como quisesse.

Outro sujeito, Josiah Pickering, que veio do estado do Maine e falou com o correspondente da Nova Inglaterra, tirou sua harpa da boca e tocou uma melodia tão lenta e sombria que parecia um lamento.

E provavelmente era.

Pickering, um pescador de lagostas de profissão, com uma esposa e um bando de filhos, era robusto à luz do dia, mas tendia a sentir saudades de casa quando o crepúsculo caía e as rações do jantar eram distribuídas. Ao contrário de Alderman, Pickering recebeu muitas cartas; quando a correspondência alcançava os destinatários pretendidos, sempre um processo incerto, sua porção era sempre generosa.

A essa altura, o pescador tinha tantos envelopes grossos de casa, fielmente escritos por sua esposa e filhos claramente dedicados, que teve de guardá-los sob o assento da carroça de suprimentos que dirigia, ou não teria espaço em sua mochila para o kit dele. Como a maioria dos soldados fazia, ele guardava até a última carta, e uma vez ele disse a Rogan que gostava de pegá-las em feixes porque parecia segurar a própria casa em suas mãos.

Rogan raramente recebia correspondência, uma missiva ocasional do padre Hennessey e, de vez em quando, de alguma leal apoiadora da União. Normalmente, as mulheres eram estranhas para ele, tendo obtido seu nome através dos escritórios de alguma organização de serviço feminino; usavam papel de boa qualidade e tinta não diluída, e o papel era sempre perfumado.

Finalmente, havia seu sócio jurídico, o Sr. JT Archer, que mantinha diligentemente as portas de sua prática abertas na ausência de Rogan, ou assim ele afirmava. Ele escreveu relatos de casos ganhos e perdidos, clientes descritos, agradáveis e não, com uma ligeira ênfase no último, e manteve Rogan atualizado sobre os últimos escândalos públicos e privados, especialmente aqueles envolvendo juízes que ele não gostava.

Rogan leu as cartas sem muito interesse. Embora tivesse trabalhado com o homem por quase três anos, ele se irritou com ele quando Archer investiu trezentos dólares em ouro para evitar o recrutamento.

Rogan pode ter sido capaz de ignorar até mesmo isso, tanto quanto isso o irritava, se Archer não tivesse feito comentários improvisados como: “Deixe os idiotas e todos esses estrangeiros tagarelas marcharem para a guerra. Isso os tirará das ruas e dos negócios.”

Lembrando-se, tarde demais, de que Rogan era um “mick”, embora educado, Pettigrew ficou ligeiramente vermelho, mas não se retratou da observação.

Rogan se absteve de quebrar o nariz do bastardo presunçoso, embora apenas por pouco.

Ele suspeitava que as cartas eram a maneira de Pettigrew garantir que Rogan voltasse para a advocacia no final da guerra.

Rogan trabalhou duro para ganhar seu diploma, e mais ainda para se estabelecer como um respeitável homem da lei, mas a vida no exército o mudou de maneiras que foram muito além das tribulações óbvias de assistir outros soldados morrerem. De quase encontrar sua própria morte mais vezes do que seria prudente calcular.

Não que ele gostasse de dormir no chão, pelo menos não *nessas* circunstâncias, sufocando no verão e quase morrendo de frio no inverno, ou vestindo o mesmo uniforme por semanas, até meses, a cada vez. Ele estava farto de piolhos e moscas e do fedor repugnante de trincheiras abertas cheias de merda e mijo de regimentos inteiros, e duvidava que jamais dormiria uma única noite pelo resto de sua vida, sem acordar pelo menos uma vez.

Rogan refreou seus pensamentos, aceitando uma caneca do lodo que o exército apresentou como café de Pickering, que se sentou a uma certa distância, observando-o com uma expressão de leve preocupação.

— Algo em particular em sua mente esta noite, senhor? — perguntou Pickering.

Rogan gostava de Pickering e não estava disposto a sobrecarregar o homem com analogias perturbadoras ou, por falar nisso, confidenciar tolamente seus medos e preocupações sobre o futuro. Ele não tinha certeza se queria voltar para sua profissão anterior de advogado e tudo o que a acompanhava, passar seus dias trancado em escritórios desordenados e tribunais abafados, bajulando pessoas que ele mal conseguia tolerar. Como Archer.

Em vez disso, ele se esquivou, uma habilidade que o serviu bem desde a infância, quando muitas vezes ele teve que falar para se livrar de problemas.

— Você já desejou ter vivido uma vida diferente, Pickering? — ele perguntou.

Pickering sorriu cansado, encolheu um ombro musculoso. — Você sabe o que dizem sobre desejar, capitão — disse ele. — 'Deseje em uma mão e cague na outra e veja qual mão fica cheia mais rápido'?

Rogan deu uma risada crua e balançou a cabeça. — O que eu quis dizer foi...

As palavras sumiram. O *que* ele quis dizer?

— Eu não seria um soldado se pudesse escolher de novo—, disse Pickering, pensativo, e seu sorriso se foi, substituído por uma expressão melancólica, carregada de desejo. — Mas isso é tudo que eu estaria disposto a mudar. Eu trabalho muito e parece que aquele meu velho barco precisa ser consertado toda vez que me viro. Mas correr minha linha, puxar minhas armadilhas, esvaziar a captura e depois colocá-las novamente, bem, essa é uma ótima maneira de ganhar a vida. Ao anoitecer, as lâmpadas estão acesas, brilhando tanto nas janelas de nossa casinha que posso vê-las lá de cima no porto. Minha Sarah está lá esperando por mim quando eu entro pela porta, sorrindo docemente como qualquer anjo no céu, e nossos jovens me apertam por todos os lados, todos falando ao mesmo tempo. — Pickering fez uma pausa, respirou fundo e soltou o ar. — O lugar todo cheira a ceia.

Rogan escutou, absorvendo as palavras do homem gigante, deixando-as tecer imagens em sua mente. Ele viu tudo lá, e isso o fez sofrer por Pickering, pelos entes queridos que aguardavam seu retorno seguro e, brevemente, por si mesmo também.

— Eu também não acho que gostaria de mudar nada, se eu fosse você —, ele finalmente disse.

Depois disso, houve pouca conversa. Apenas pensamentos sobre a batalha que os esperava. Rogan comeu junto com o outro homens, então saiu para verificar seu cavalo mais uma vez antes de se lavar o melhor que pôde e cair, totalmente vestido, em seu saco de dormir.

Horas se arrastaram antes de Rogan dormir, sua mente cheia da batalha iminente. Para se distrair, ele se concentrou na viúva Hammond, escondendo todas aquelas carroças de suprimentos em sua modesta fazenda, sozinha exceto pelo empregado e uma velha. Se as coisas dessem errado e os rebeldes levassem a vitória, se ele fosse atingido por uma bala ou lâmina, o que seria dela e dos outros?

As imagens, da casa feliz de Pickering, de Caroline Hammond em sua fazenda, o seguiram em seus sonhos. Por um tempo, não houve guerra, nenhuma batalha surgindo do outro lado do nascer do sol.

Então os pesadelos vieram, como sempre aconteciam, como um enxame de coisas com tentáculos e garras, e Rogan deu um pulo ereto em seu colchonete, encharcado de suor, lutando para respirar.

Pickering e os outros roncavam em suas camas de grama e pedra, imperturbáveis.

Rogan levantou-se, sua respiração ainda irregular, e passou um tempo afastando os efeitos do pesadelo. Quando se acalmou o suficiente, sentou-se em seu saco de dormir amarrotado e olhou para o vasto céu salpicado de estrelas, esperando o amanhecer.

9

Hammond Farm
1º de julho de 1863
Caroline

Eram cerca de quatro horas da tarde quando o primeiro estrondo ensurdecador sacudiu o chão sob seus pés e fez o próprio ar estremecer ao seu redor. Ela ouviu de Enoch, que falou com George McPhee, um fazendeiro próximo, que a luta estava em Seminary Ridge, ao norte e oeste da cidade, e que o exército da União estava reunindo força. Outra saraivada se seguiu, depois outra.

Caroline, arrancando ervas daninhas da horta, endireitou as costas e olhou em volta, meio que esperando ver a terra se abrindo a seus pés.

Houve tiroteio intermitente ao longo do dia, o estalo de tiros de fuzil, o estrondo baixo de mosquetes, abafados pela distância e pelo peso do calor do verão, mas isso, ela sabia instintivamente, não era uma escaramuça aleatória, como as outras deveriam ter sido.

Não, era artilharia pesada. Até Rachel, que estava brincando por perto, perseguindo uma bola entre fileiras de cenouras e pars beliscões, parecia sentir a importância muito maior desse ataque violento de barulho, pois ela gritou e cobriu os ouvidos.

Enoch de repente veio correndo, saindo do milharal em uma corrida mortal, a pele brilhando de suor, os olhos arregalados de medo, gritando: — Entre em casa! Todos vocês, *entrem*, agora! — Ainda a alguma distância, Enoch gritou mais instruções frenéticas, mas Caroline não conseguiu entendê-las, porque naquele momento outra erupção de tiros de canhão quebrou o silêncio reverberante das explosões iniciais, abafando suas palavras.

Caroline ficou imóvel, como se congelada, incapaz de se mover, quando Rachel de repente começou a gritar.

Vá até ela, Caroline ordenou a si mesma. *Vá para a sua filha!*

Jubie disparou para a porta lateral do quarto da casa onde ela estava agora, para ver onde todos estavam.

Geneva, que estava sentada à sombra do carvalho gigante, levantou-se assustada, deixou cair o remendo na grama e se dirigiu para a casa.

Caroline finalmente se recuperou o suficiente para correr em direção a Rachel, e quando ela alcançou sua filha, pegou sua mão e juntas correram para dentro.

Rachel tremia enquanto se agarrava a Caroline.

— Calma—, Caroline sussurrou. — Mamãe está aqui. Você está bem, querida. Eu prometo, você está bem.

Enquanto o canhão disparava a apenas alguns quilômetros de distância, Caroline orou silenciosamente pela proteção de sua filhinha. Ela sentiu cada explosão sacudir do chão, subindo pelos joelhos e coxas até o torso, fazendo seu coração tremer dentro dela.

Então os canhões ficaram silenciosamente abençoados, mas o pulso de suas explosões ainda podia ser sentido, um eco vasto e silencioso de poder mortal.

As três mulheres e Rachel ficaram paradas na sala enquanto mais saraivadas rolavam pelos campos para atacar sua audição. Cada nova explosão tornava-se parte das anteriores, até que parecia a Caroline que cada tempestade na história da terra havia se aventurado desde seu próprio tempo para se fundir no Condado de Adams, Pensilvânia.

Então veio outra calmaria.

Enoch finalmente chegou ao pátio e esperou na porta, o peito arfando, lutando para respirar o suficiente para falar.

Minutos depois, ele recuperou sua equanimidade.

— Vocês todas fiquem dentro de casa—, disse ele. — Vou ver os animais e já volto.

Ninguém questionou a ordem. Caroline afundou em sua cadeira de balanço. Rachel baixou os braços do pescoço de sua mãe, mas permaneceu cansadamente acomodada em seu colo.

O tiroteio recomeçou, como Caroline sabia que aconteceria, e continuou por algum tempo, sacudindo os vidros das janelas e fazendo com que os poucos enfeites sobre a lareira e as mesinhas laterais balançassem, embora as robustas paredes de pedra da casa da fazenda amortecessem o ruído um pouco.

Caroline esperou, embalando Rachel gentilmente, embora cada vez que a criança cochilasse, o canhão começasse a disparar novamente, acordando-a.

Geneva havia se sentado na cadeira que tinha sido de Jacob, com o rosto pálido, os dedos entrelaçados no colo, o olhar fixo em algo que só ela podia

ver.

Jubie andava de um lado para o outro, impaciente, segurando a barriga distendida com as duas mãos. Ela ficou bem longe das janelas, um cuidado que foi enfatizado por todos.

Ninguém falou.

Foi Enoch, voltando do celeiro durante um dos períodos intermitentes em que as armas não disparavam, quem quebrou o silêncio.

— Aquela pobre vaca leiteira está muito irritada—, disse ele. — Teremos sorte se ela não secar.

Na estrada, cavalos trovejavam. — Cavalaria—, disse Enoch, em um estrondo baixo. — Com muita pressa para chegar à luta, parece.

— União ou Confederados? — Caroline perguntou muito baixinho. Ela pensou que Rachel tivesse adormecido, mas não viu sentido em carregar a menina para a cama no andar de cima; a próxima rodada de tiros de canhão só iria acordá-la novamente, e ela ficaria mais apavorada do que nunca, encontrando-se sozinha.

— Confederados—, Enoch respondeu, permanecendo na janela. — Ainda bem que eles estão com tanta pressa para serem explodidos em pedaços no campo de batalha. Não parece que eles estão pensando em parar e nos importunar.

Agora não, de qualquer maneira, Caroline refletiu, entorpecida demais para ter medo. — Graças a Deus por isso—, ela disse em voz alta.

Um momento depois, Jubie desapareceu em seu quarto nos fundos.

Enoch permaneceu de pé na lareira fria, de costas para a lareira, e examinou a sala. — Por que não pego um pouco de água para você, senhora Geneva—, ele ofereceu.

Geneva sorriu fracamente e agitou uma das mãos. — Estou bem—, ela disse, decididamente alegre. Ela virou os olhos brilhantes para Rachel, que estava acordada agora. — Venha aqui e sente-se comigo, querida—, acrescentou ela. — Vou te contar uma história.

Rachel saltou do colo de Caroline e correu para se espremer ao lado de sua bisavó.

— Talvez seja melhor se vocês duas tentarem descansar—, Caroline disse, suspirando um pouco enquanto se levantava da cadeira de balanço.

Nenhuma delas lhe deu atenção.

— Esta costumava ser a cadeira do meu papai—, Rachel disse a sua bisavó com seriedade. — Antes disso, pertencia ao pai *dele*.

— Entendo—, Geneva respondeu, seu tom tão gentil que lágrimas repentinas brotaram dos olhos de Caroline.

— Ele foi morto na guerra—, Rachel confidenciou, quase sussurrando.

Geneva deu um tapinha na mão da criança. — Eu sei. Sinto muito pelo que aconteceu.

— Espero que ele não tenha ficado com medo—, Rachel continuou, solene agora. — Deve ter sido *muito* alto, onde ele estava. Como hoje.

Caroline não ouviu a resposta da avó; ela saiu apressada da sala, levando a mão à boca assim que sumiu de vista.

A artilharia rugiu quase continuamente até o anoitecer, então cessou.

Quando o silêncio caiu, todos caminharam cuidadosa e silenciosamente para a cozinha separada. Caroline e Geneva, com a ajuda de Enoch, prepararam uma refeição simples e, uma hora depois, eles se reuniram em volta da mesa, exceto Jubie, que ficou na casa principal por segurança. Eles estavam tensos, como se estivessem se preparando para mais uma explosão. Apenas Enoch fez um movimento para pegar garfo ou colher e participar da nutritiva refeição de ensopado, salada verde e biscoitos recém-assados, mesmo depois que a graça havia sido dita.

O dia tinha sido longo e difícil, e Caroline entendeu a expressão desgastada pelo tempo, “morta em seus pés” como nunca antes. Se seu estômago não parecesse tão vazio que pudesse ter sido arranhado por dentro, ela teria colocado Rachel na cama, passado uma hora ou mais lendo e se recolhido.

Cansada como estava, no entanto, ela sabia que não iria dormir até que tivesse algo para comer. Além disso, ela precisava manter sua força; todos eles precisavam.

Ela alisou o guardanapo de algodão xadrez no colo e examinou os outros comensais, começando por sua avó. Geneva estava claramente preocupada, mas, felizmente, não no estado de quase coma em que caiu antes, durante a luta. Ela parecia ponderar sobre o caldeirão no meio da mesa, como se fosse um oráculo ou uma bola de cristal prestes a revelar o futuro.

Rachel sentou-se, como sempre, à direita de Caroline, empoleirada no topo de um grosso volume mofado contendo toda a história do Império Romano. Jacob sempre teve a intenção de construir uma cadeira de jantar para a criança, uma cadeira especial com encosto alto, assento elevado e braços para evitar que ela caísse no chão.

Só de pensar em Jacob, Caroline sentiu uma pontada de perda. Ela fechou os olhos brevemente e, quando os abriu, seu olhar se conectou com o de Enoch.

Ele não desviou o olhar, mas quando falou, era óbvio que não se dirigia apenas a Caroline. — Acho que não haverá mais tiros esta noite. Escuro demais para mirar.

As palavras eram silenciosas e era duvidoso que fossem uma revelação para qualquer um deles, mas o efeito que tiveram no grupo foi poderoso. Ainda não houve oportunidade para eles saberem qual lado havia vencido a batalha de hoje em Seminary Ridge; ainda assim, todos pareciam sentir uma sensação palpável de *alívio*. Acabou, por enquanto. E amanhã...

De repente, Geneva, Caroline e Rachel começaram a falar ao mesmo tempo, Geneva sobre tendas e remédios. Rachel entrando na conversa com comentários sinceros sobre querer ajudar, Caroline rindo. Sorrindo para si mesmo, Enoch encheu sua tigela vazia e esfarelou o primeiro de vários biscoitos nela, sem dizer nada.

Muito mais tarde, quando Jubie comeu o jantar que Enoch levou para ela da cozinha e Rachel finalmente cochilou na cama de Caroline, onde ela implorou para dormir, com medo de ficar sozinha a noite toda, Caroline e sua avó sentaram-se em silêncio na sala, uma única lanterna acesa na mesinha entre as cadeiras.

Geneva, que não conseguia ficar ociosa, segurou a cesta de remendos no colo e retomou o cerzido. Uma vez que ela estabeleceu Jubie com agulhas de tricô e fios, ela assumiu todos os reparos que ainda precisavam ser feitos.

Caroline, que esperava ler um livro que havia emprestado de sua amiga há muito tempo, desistiu rapidamente, observou a avó enquanto ela costurava, a agulha brilhando prateada na penumbra. A meia que Geneva estava consertando tão diligentemente era de Jacob e, claro, ele não precisaria dela, embora Caroline não mencionasse isso.

— Quanto tempo? — Caroline perguntou, muito suavemente, pegando-se desprevenida, já que a pergunta não tinha sido deliberada. — Quanto tempo vai demorar até que eu possa falar o nome de Jacob, ou mesmo pensar nele, sem querer chorar?

Geneva fez uma pausa. — Difícil dizer—, ela respondeu, depois de um período de consideração. — O luto é o mesmo para todos, em muitos aspectos, mas há diferenças—. Ela parou por um momento ou mais. — Quando a febre levou seus pais e sua irmãzinha, às vezes a tristeza era

quase insuportável, mas seu avô e eu tivemos você, e um ao outro, é claro, e sabíamos que tínhamos que continuar.

Caroline assentiu. — E quando vovô morreu?

Geneva suspirou suavemente. Seu olhar ainda era direto, mas as lágrimas brilhavam em seus olhos. — Foi o mesmo, e não foi. Eu amava muito meu marido e perdê-lo parecia, bem, parecia uma amputação. Eu não tinha certeza se sobreviveria, pelo menos no começo, mas com o passar dos dias, depois das semanas e depois desses últimos meses, ficar sozinha ficou mais fácil.

— Mas você não estava sozinha—, Caroline disse gentilmente. — Você teve a mim e a Rachel.

— Sim, querida—, Geneva concordou, com uma fungada e um sorriso terno. — Você tem sido um consolo para mim, como ainda é agora. E aquela sua filha preciosa, bem, não tenho certeza se existem palavras para descrever a alegria que ela me traz. Ora, a garota aquece minha alma como o brilho do sol em um dia frio de inverno. E Jacob era tão gentil, tão prestativo, que poderia muito bem ser meu próprio filho.

— Ainda assim—, ela continuou—, eu não poderia permitir que eu me tornasse um fardo para você. Afinal, você também estava de luto por seu avô. Quando Jacob partiu para lutar, você ficou com esta fazenda e uma garotinha para criar. — Geneva abaixou a cabeça e retomou seu conserto com novo vigor. — Ouça-me, uma velha tola, tagarelando, quando tudo o que você queria saber era o que esperar da viuvez.

Caroline apenas balançou a cabeça; seu cansaço, já esmagador, parecia se instalar na medula de seus ossos. Ela se viu vagando por um labirinto interior, um lugar de sombras, cheio de voltas e reviravoltas e becos sem saída, pensamentos de Jacob e como ele foi ferido e como isso deve ter sido para ele.

— Caroline—, a voz de sua avó era calma. — É hora de nos retirarmos para a noite. Você precisa dormir, e só Deus sabe que a manhã chegará muito em breve, e com ela mais preocupações.

Mais soldados, mais tiros de fuzil, mais tiros de canhão, Caroline acrescentou silenciosamente. *E sim, muitas razões para ter medo.*

Exceto que ela não podia se dar ao luxo de ter medo. Não poderia poupar a energia que o medo exigia de uma pessoa.

Rachel dependia dela, assim como sua avó e Jubie e, até certo ponto, até mesmo Enoch.

— Você está certa, vovó—, disse ela. — Mas e se este inverno for difícil e a comida que guardamos não durar até que Enoch e eu possamos plantar de novo? E não diga que podemos comprar comida, porque pode não haver nada *para* comprar, quando esses exércitos acabarem!

— Você não pode se preocupar com tudo isso agora, minha querida—, Geneva disse razoavelmente, guardando seu remendo. — Você tem que se concentrar em cuidar de si mesmo primeiro.

— Mas estamos no caminho de dois exércitos, vovó, ambos empenhados em eliminar o outro, e podem muito bem *nos* eliminar no processo!

Geneva colocou um dedo nos lábios, silenciando Caroline.

— Você não quer acordar Rachel e preocupá-la, minha querida, falando desse jeito.

— Você tem razão. Mesmo que tudo o que eu disse seja verdade—, ela disse em um sussurro.

Caroline dificilmente poderia imaginar circunstâncias piores, pelo menos naquele momento. Com um abraço final, ela e Geneva correram para seus quartos.

Rachel estava encolhida no centro da cama de Caroline, com as bochechas rechonchudas e rosadas de sono, um pequeno sorriso descansando, leve como uma asa de fada, em sua boca. Depois de tudo o que aconteceu, a criança estava sonhando docemente, provavelmente com cachorrinhos, rolando e brincando na grama.

O coração perturbado de Caroline se acalmou enquanto ela observava seu sonho de garotinha.

Apagou o candeeiro, fechou as cortinas e começou a despir-se. Ela era um milagre, essa filha dela, um presente glorioso. E talvez um milagre na vida fosse suficiente.

10

Hammond Farm
23h45, 1º de julho de 1863
Enoch

Aquele maldito cavalo estava de volta.

De novo.

A criatura apareceu do nada, como se fosse formada pela própria noite, e veio direto para Enoch, que estava sentado de pernas cruzadas na sombra do celeiro, a espingarda de Jacob apoiada em seus joelhos. O cavalo enterrou o focinho molhado no pescoço de Enoch e fungou amigavelmente.

Ele estava vigiando desde que a Sra. Caroline e sua avó subiram para a cama, mas ele deve ter cochilado, já que não ouviu o animal se aproximando. Sua intenção, seu objetivo em ficar acordado, era impedir que qualquer rebelde perdido ou soldado da União entrasse para saquear a fazenda.

— Vá embora daqui, cavalo—, disse Enoch, embora achasse que estava perdendo o fôlego. Ele já havia fugido daquele cavalo castrado três vezes nas últimas semanas, mas sempre voltava. De alguma forma, o animal conseguiu se libertar da árvore à qual Enoch o amarrara frouxamente. “Fique por aqui”, ele murmurou, “e você pode acabar se juntando a qualquer exército que aparecer.”

— Já tenho problemas demais—, continuou Enoch, segurando a espingarda com cuidado enquanto se levantava—, para ser enforcado por ladrão de cavalos. — Para não falar de um assassino.

O animal relinchou novamente e manteve sua posição.

Enoch riu, apesar de sua situação, e deu um tapinha no pescoço do cavalo. — Acho melhor eu dar um nome a você, se você vai vir até aqui, fazendo papel de estorvo. — Ele se encaminhou para o celeiro, e o cavalo caminhou pacificamente atrás dele, soltando fortes rajadas de ar como se tentasse manter sua parte na conversa.

Dentro do celeiro, Enoch abriu a última baia vazia e o capão entrou, como se pertencesse àquele lugar. A vaca leiteira, as duas mulas e o Velho Tom, o velho cavalo que Enoch atrelava à carruagem quando a patroa ia de

carruagem à cidade ou ia à igreja no domingo, não deram atenção ao recém-chegado.

— Acho que vou chamá-lo de Trojan—, disse Enoch. — Goste ou não, você está cheio de problemas. — Ele colocou a espingarda de lado, pegou um balde, depois outro. O cocho estava vazio, então ele teria que buscar água suficiente para enchê-lo.

Trojan deu um relincho baixo.

Embora estivesse acostumado ao trabalho árduo, Enoch sentiu os ombros e a parte superior dos braços latejarem. Ele levou bastante água para todos aqueles soldados no dia anterior, carregou balde após balde para a estrada, depois voltou para buscar mais. Ele esperava que alguns daqueles casacos azuis se lembrassem da gentileza se voltassem para cá.

— Tenha cuidado com suas maneiras enquanto eu vou até o poço—, Enoch disse a Trojan quando ele deixou o celeiro.

Pensando ter ouvido o barulho de cascos na estrada, ele parou em uma parte do quintal onde o luar não chegava, satisfeito com suas roupas escuras, e escutou com atenção. As coisas estavam quietas desde que aquela tropa de cavaleiros passou, exceto pelo canhão, é claro, mas poderia haver mais deles a qualquer momento.

Os retardatários podem não ter tanta pressa quanto os outros e, portanto, tendem a demorar um pouco, servir-se da comida armazenada nos porões, invadir o galinheiro, arrancar o milho do campo e os frutos das árvores. Lhes daria dor de barriga com certeza, aquelas frutas, e o milho não estaria maduro por mais de um mês, mas os homens famintos não eram exigentes.

Dois cavaleiros apareceram durante a noite, cavalgando rapidamente em direção a Gettysburg, mas seguiram em frente sem diminuir a velocidade. Na escuridão, Enoch não conseguia distinguir a cor de seus uniformes, mas não importava de que lado eles estivessem se tivessem a intenção de criar algum inferno.

Ele gostaria de ter uma pistola para enfiar sob o cinto; ele havia deixado sua espingarda no celeiro, pois precisava das duas mãos para carregar os baldes. Se uma luta surgisse em seu caminho, ele não teria outra arma além de seus dois punhos.

Soldados renegados não eram a única ameaça, é claro; era preciso estar atento a desertores, vagabundos e bandidos ladrões em tempos como estes.

E caçadores de escravos, como aquele que ele afogou no riacho. E aqueles que vieram para casa no outro dia, procurando por seu companheiro

desaparecido, e por Jubie.

Um estremecimento percorreu Enoch. Por sorte, eles não avistaram Trojan. Mas e se eles voltassem? Se o fizessem, reconheceriam o cavalo com certeza. Então eles iriam bisbilhotar o lugar um pouco mais, talvez até trazer a lei.

Ele esperou, tão imóvel quanto uma pedra enterrada no chão duro, seu coração batendo a ponto de explodir em seu peito. Ele não tinha medo de caçadores de escravos, mas com certeza temia a lei. Mesmo ali no Norte, seus motivos para matar um homem branco não contariam para nada, apenas a cor negra de sua pele significaria.

Então ele ouviu até que o último eco de cascos de ferraduras batendo em uma estrada acidentada tivesse desaparecido. Então ele foi para o poço.

Ele baixou os baldes, um por um, e os ergueu de novo, cheios.

Ele ia e vinha, carregando água para encher o cocho de Trojan, pensando o tempo todo. Ele pensou na fugitiva grávida Jubie e no jovem Jacob deitado a dois metros de profundidade, um bom homem, um bom amigo morto muito antes do tempo. Ele também considerou o caçador de escravos em sua cova rasa e se perguntou se McKilvoy tinha pessoas em algum lugar, esperando que ele voltasse para casa, possivelmente acreditando que ele era um soldado, lutando bravamente pela causa confederada.

Com tudo o que estava acontecendo em sua mente, Enoch quase pulou de susto quando alguém pisou no caminho à sua frente.

— O que você está fazendo aqui no meio da noite? — ele perguntou quando reconheceu Jubie.

— Eu preciso falar com você—, ela disse em um sussurro próximo.

— Deus, mulher—, ele resmungou. — Você não pode surpreender um homem assim! Se eu tivesse minha espingarda, poderia ter enviado você direto para o paraíso, em um monte de pedaços.

Ele balançou sua cabeça. — Volte para a casa principal, Jubie, onde estará segura.

Ela deu um passo para o lado para que ele pudesse ir em direção ao celeiro, então se arrastou atrás dele. — Preciso falar com *alguém*—, disse ela. — Alguém que vai entender. — Havia lágrimas em sua voz. — Eu poderia explodir se não o fizesse.

O celeiro estava escuro e silencioso.

Enoch soltou um suspiro.

Ela se sentou em um barril de pregos vazio, desanimada.

O coração de Enoch se contorceu um pouco. — Você quer me contar sobre seu amante, e o pai de seu bebê e como você se tornou uma fugitiva, tudo bem. Mas eu tenho que ficar de olho em problemas, e se estiver vindo, será por aquela estrada lá fora, então eu preciso ficar de guarda.

Com isso, ele deixou o celeiro, Jubie logo atrás.

Enoch já sabia que ouviria, que absorveria cada palavra, e não apenas por bondade ou compaixão.

Jubie apoiou as mãos na barriga, onde seu bebê chutava e virava, como se mal pudesse esperar para sair dela. Houve momentos em que ela teria dado as boas-vindas à morte, ou *pensado* que o faria, em vez de ver seu filho ser vendido como escravo se fosse pega. Mas quando aquele caçador de escravos estava atrás dela, tentando atropelá-la com seu cavalo no meio de um riacho, ela quis viver mais do que jamais desejou qualquer coisa antes.

Era mais difícil de certa forma, essa vontade de sobreviver, não importava o que custasse.

— De onde você veio? — Enoch perguntou a ela gentilmente. — Antes de você fugir, quero dizer.

Jubie se sentia estranhamente tímida agora que não precisava lutar para que ele ouvisse. — Alabama—, ela murmurou.

— Alabama—, ele repetiu, como se não pudesse acreditar. — Você veio do Alabama até a Pensilvânia por conta própria?

— Não, não sozinha — disse Jubie. — A ama me trouxe. Ela estava decidida a ver o marido, ele estava com a cavalaria de Stuart, e ele estava longe de casa há muito tempo. Viemos o mais ao norte que pudemos nos trens, mas o marido dela não estava onde estava quando escreveu pela última vez. E então ouvimos que foi para Virgínia...—, disse Jubie. — A ama imaginou que iríamos encontrá-lo lá, mas nunca o encontramos. — Fechando os olhos, ela acrescentou: — Stuart já havia mudado. Nessa direção. — Ela viu o Sr. Flynn assentir pensativo.

— A única razão pela qual ela me trouxe—, Jubie continuou—, foi para que ela pudesse me envergonhar na frente de seu marido. Contar-lhe tudo sobre como eu tentei o filho deles e agora estava grávida dele. — A emoção tomou conta de Jubie e ela engoliu em seco. — Ela disse que ia providenciar a venda do meu bebê...

O Sr. Flynn ficou quieto por um tempo. Quando ele finalmente disse algo, foi apenas: — Continue.

— A ama não estava dizendo a verdade. Tentei me manter longe do filho dela, mas ele não aceitou. Ele me encurralou um dia, quando eu estava colhendo amoras para o cozinheiro, e ele... ele...

O homem ao lado dela pegou sua mão, apenas o suficiente para apertá-la um pouco. — Você não precisa dizer o que aconteceu então—, disse ele, e saiu tão gentil que Jubie desabou e chorou.

— Você acredita em mim? — ela perguntou, incrédula, enxugando as lágrimas com as costas da mão.

— Sim—, ele respondeu. Isso foi tudo. Apenas “Sim”.

Mas foi o suficiente.

Jubie respirou fundo, sentindo-se mais forte. — Eu disse à ama o que realmente aconteceu, várias vezes. Ela me chamava de mentirosa todas as vezes. Às vezes ela me batia também, com muita força. — Ela fez uma pausa. — Quando finalmente chegamos ao acampamento, em um lugar chamado Upperville, na Virginia, o marido estava em algum lugar com Stuart. Esperamos uma semana e a ama ficou cada vez mais furiosa. Ela alugou um quartinho em uma pensão em uma cidade chamada Hanover. Ela ficou com a cama e eu dormi no chão sobre um tapete bem tecido. Eu não me importei com isso. Mas um dia a dona da casa entrou, não bateu, e lá estava eu. Então esta senhora disse que aqui é o *Norte*, e aqui em cima, as pessoas não dormem no chão. A dona da casa disse boa viagem e fomos embora, assim mesmo, sem ter um lugar para reclinar a cabeça.

Enoch pegou a mão dela. — Calma, Jubie—, disse ele. — Temos tempo.

— A ama disse que foi tudo culpa minha que a senhoria nos expulsou. Ela disse que o amo com certeza ficaria ainda mais furioso, e ele certamente me mandaria açoitar e me venderia para um bordel em Nova Orleans. Tive que esperar do lado de fora enquanto ela ia em outro lugar perguntar por um quarto. Então eu pensei sobre o que estava prestes a acontecer comigo, e... eu apenas corri. Eu me escondia com librés e coisas do gênero à noite e também estava com medo, mas com muito mais medo de ser vendida para uma casa de pecado.

— Você viajou à noite?

Jubie assentiu. — Sim. As pessoas me ajudaram ao longo do caminho. Davam-me carona em sua carroça ou deixavam-me ficar em seu celeiro.

Compartilhava sua comida também. Também ouvi, de pessoas ao longo do caminho, que havia estações da Underground Railroad por aqui que me ajudariam a chegar ao Canadá.

— Isso é verdade. E a casa dos Hammond é uma delas, como você descobriu. — Ele fez uma pausa. — Mas então McKilvoy, o caçador de escravos, encontrou você.

Ela assentiu. — A ama estava oferecendo muito dinheiro para me encontrar, mas eu sabia o que ele faria comigo antes de me entregar.

— Você ainda planeja ir para o Canadá? — perguntou o Sr. Flynn, depois de ter passado muito tempo pensando na história.

— Sim. Com certeza estou — respondeu Jubie, com muito mais confiança do que sentia. — Eu e meu filho. Você deveria vir comigo. A única maneira de pessoas como nós poderem ser realmente livres.

Ela pensou que Enoch poderia considerar a ideia, mas ela sabia que ele realmente não deixaria este lugar, ou a mulher que tinha a escritura dele.

Ela levantou. — Não adianta, sabe—, disse ela, bem baixinho. — Você ama a senhora Caroline, quero dizer.

Ele não se levantou, mas voltou seu olhar para a estrada vazia. Ela se perguntou quantas vezes ele pensou em segui-la para longe desta fazenda, longe desta guerra.

— Eu acho que você deveria cuidar de seus próprios assuntos—, ele disse, quando ela estava começando a acreditar que ele havia ficado mudo. — Antes de tudo, sou um homem livre, você sabe. E a senhora era a esposa do melhor amigo que já tive, talvez o *único* amigo, e dei a ele minha palavra de que a manteria segura. A pequena também. E é isso que pretendo fazer.

Jubie acreditou nele, assim como ele acreditou nela. — Mas você não quer uma esposa? — ela perguntou. — Uma que é como você?

— Eu amei uma mulher uma vez—, disse ele, sem olhar para ela. — Ainda a amo, para dizer a verdade, e não espero que isso mude. A única coisa é que não sei se ela ainda está viva.

Jubie não respondeu, o que ela poderia dizer? Em vez disso, voltou silenciosamente para a casa principal.

Uma vez na cama, ela se virou de lado e sorriu um pouco, pensando em seu filho. Ele seria uma mistura de duas raças, e havia uma boa chance de nenhuma delas aceitá-lo. A menos que as coisas mudassem, e ela rezava para que mudassem.

Ela deu um tapinha na barriga gentilmente. — Não importa—, ela sussurrou. — Sua mãe, ela quer muito você. E você vai ser livre como qualquer um. Espere e verá.

O bebê acalmou-se um pouco, como se tivesse ouvido a promessa e a aceitasse como um evangelho.

Ela esperava adormecer imediatamente, agora que podia confiar em Enoch.

Em vez disso, ela estava acordada.

Ela pensou em todas as coisas que o amanhã poderia trazer, e em sua própria mãe, morta há tanto tempo que Jubie não conseguia se lembrar de seu rosto.

Acima de tudo, porém, ela pensou em Enoch Flynn e em como ele parecia ser um bom homem. Haveria esperança para mais entre eles, para algo forte e real?

Aqui no Norte, ou do outro lado da fronteira no Canadá, ela tinha ouvido falar que pessoas como ela poderiam se casar legalmente por um pregador, tudo legalmente, em vez de pular cabos de vassoura, de mãos dadas.

Jubie suspirou e fechou os olhos. Ela não sabia muito sobre Enoch, mas tinha certeza de duas coisas. Primeiro, ele era um bom homem. E segundo... ele estava muito tempo sozinho.

Um sorriso triste surgiu na boca de Jubie, voou novamente, rápido como um beija-flor voando de uma flor para outra. Ela era uma tola em esperar por alguma coisa, mas não sabia como parar.

11

Cemetery Ridge
2 de julho de 1863

Rogan

No caso improvável de ele viver o suficiente para envelhecer, pensou Rogan, mal conseguindo respirar ou ver a fumaça e o fogo ao seu redor, sua audição misericordiosamente entorpecida pelo trovão do fogo de artilharia, seria difícil dizer a seus netos onde ele e seu cavalo Little Willie estavam em um determinado dia, em relação aos pontos de referência.

Igualmente difícil saber onde estava a situação em relação à luta agora. Eles não se mexeram quando chegaram a Cemetery Ridge; O general Meade havia chegado pouco depois da meia-noite e Rogan esperava que o exército da União recebesse ordens de avançar em Little Round Top, sob o comando de Daniel Sickles.

Ele sabia pouco mais no momento, exceto pelo fato de que ontem, 1º de julho, havia sido uma vitória do sul... e um desastre do norte.

Outros soldados contaram histórias de combates no topo de colinas e vales; eles descreveram rios correndo vermelhos de sangue e riachos represado com os cadáveres de homens, cavalos e mulas. Rogan tinha visto todos esses horrores e muito mais, é claro, mas o que ele lembrava era o estado elevado de consciência tanto na mente quanto no corpo, a sensação de que de alguma forma ele havia se separado em duas entidades distintas.

Quando se dava ao luxo de refletir, o que hoje não tinha, perguntava-se se esse fenômeno era um indício de insanidade. Afinal, perder a cabeça era comum em sua atual linha de trabalho.

Esta manhã ele havia deixado seu cavalo atrás das linhas para que pudesse se reunir com Pickering e os outros carroceiros sob seu comando imediato, embora como um cavaleiro, ele preferisse cavalgar para a batalha com seu regimento regular. Até que ele fosse designado novamente, esses homens eram de sua responsabilidade.

Ele tinha o jovem Hastings ao seu lado quando a carga atingiu logo à frente, aterrissando com a força de um meteoro, expelindo fogo e fumaça e derrubando os dois. Gritos sobrenaturais atingiram o cérebro de Rogan

enquanto ele se lançava ao chão, agarrando o braço de Hastings e puxando-o para baixo também.

Pedras e estilhaços caíram como granizo, e Rogan deixou o rifle onde estava, transversalmente sob o peito, e cobriu a cabeça com as duas mãos. Ele sentiu primeiro a chuva de pedras, depois o salpicar de fragmentos de metal, cada um deles quente como ferro em brasa.

Sua nuca e as costas de suas mãos queimavam como o inferno, mas quando ele levantou a cabeça, ele não examinou seus ferimentos. Em vez disso, ele se virou para procurar Hastings.

O menino estava deitado de costas, coberto de fuligem de uma ponta a outra de seu corpo magro. Seu rosto estava todo lá, assim como seus membros, mas a onda de alívio que Rogan sentiu foi de curta duração. Os olhos do garoto estavam abertos, mas ele olhava fixamente para o céu envolto em fumaça.

— Hastings! — Rogan gritou, quando outra explosão, mais longe, balançou o chão sob ele. — Você foi atingido?

— Sim, senhor—, o menino conseguiu dizer. — Eu acredito que fui.

— Onde? — Rogan exigiu, enquanto o bombardeio continuava.

— Em todos os lugares, eu acho—, disse Hastings. — Parece que alguém veio e acendeu pequenas fogueiras em cima de mim, e há algo quebrado por dentro também.

— Espere—, Rogan ordenou, enquanto gritos inumanos soavam de todos os lugares, amplificados a um tom que enojava sua alma. Ele queria desaparecer em alguma parte escondida de si mesmo, onde os gritos agonizantes não pudessem alcançar, ou pelo menos fechar os olhos, mas ele não ousava fazer nada disso. — Espere aí, está me ouvindo? Vou tirar você daqui assim que puder.

Hastings realmente tentou sorrir; foi uma visão lamentável. Ele era um menino, não um homem; deveria estar em casa, cortando lenha e comendo a comida de sua mãe. — Salve-se, capitão. Não há como me salvar.

Quando ainda outra explosão enviou outra chuva de metal quente pelo ar, Rogan protegeu o garoto da melhor maneira que pôde, sentiu o aguaceiro queimando sua túnica e camisa em sua carne. O cheiro de lâ queimada encheu seu nariz, e ele sabia que seu casaco estava queimando, mas esperou até que a chuva de fogo diminuísse antes de rolar de costas para apagar as chamas.

— É melhor você continuar andando, senhor—, disse Hastings.

Rogan ergueu a cabeça novamente, apertando os olhos, para procurar um lugar para abrigar o menino, mas não havia nada, nem parapeitos, nem trincheiras, nem mesmo uma rocha de bom tamanho ou uma maldita árvore. — Eu dou as ordens aqui, Soldado—, ele latiu.

Mais uma vez, aquele sorriso assombroso. Rogan achava que ele jamais esqueceria isso. — Sim, senhor—, ele disse, e levantou uma mão suja e ensanguentada em uma tentativa de saudar.

— Diga-me seu nome de batismo—, Rogan disse calmamente.

— É Ethan, senhor.

Por que ele nunca perguntou a esse garoto quem ele era, além de um soldado?

— Bem, Ethan—, Rogan prosseguiu com calma deliberada—, onde é sua casa?

— Bem aqui na Pensilvânia, senhor—, Ethan Hastings respondeu, lutando para falar. — Minha mãe e meu pai têm uma pequena casa perto de Harrisburg. Não é nada demais, mas com certeza gostaria de estar lá agora.

Os olhos de Rogan ardiam ferozmente. Ele imaginou que fosse a fumaça. — Você estará lá em breve—, disse ele, então teve que parar e tossir. — Eu cuidarei disso. Enquanto isso, você tem que aguentar.

Com aquela placidez arrepiante que Rogan tinha visto muitas vezes antes, o menino balançou a cabeça. Uma lágrima solitária cortou um canal através da sujeira que cobria seu rosto. — Eu realmente gostaria de poder fazer isso, senhor—, ele respondeu, cada palavra exigindo um esforço. — Há um favor que você poderia me fazer, no entanto, se você puder.

O desespero cavou um lugar dentro de Rogan e se estabeleceu para ficar. — O que é? — ele perguntou, abaixando a cabeça para poder ouvir a resposta fraca de Ethan.

— Minha mãe vai ficar arrasada quando descobrir que eu partir—, o menino respondeu, agora sussurrando. Ele se esforçava para respirar, e havia longos intervalos entre as palavras. — Ela sabia que isso poderia acontecer, então acho que ela está o mais preparada possível. Papai ficará bem, uma vez que ele resolva as coisas em sua mente. É minha cadela, Sweet Girl, que mais me preocupa. Papai a chama de bicho inútil, e tenho medo que ele atire nela ou algo assim, na primeira chance que tiver.

A voz sumiu, e o esforço do menino para reunir suas últimas forças foi uma coisa dolorosa de se ver.

— Você quer que eu vá buscar a sua cadela? — Rogan perguntou.

— Sim, senhor—, Ethan murmurou. — Encontre um lugar para ela. Não há nada que eu queira mais do que saber que minha Sweet Girl está com pessoas gentis que cuidarão dela.

— Vou buscá-la—, Rogan prometeu, embora não tivesse certeza de que viveria o dia, ou o que restava dessa luta em particular, muito menos como ele iria viajar até Harrisburg, encontrar Hastings e reivindicar a cachorra, mas ele faria isso ou morreria tentando.

— Eu sou grato a você, capitão—, o menino disse com uma respiração vacilante.

E então seus olhos reviraram e seu peito parou de subir e descer.

Ele se foi.

Dezesseis anos no máximo, e ele se *foi*.

A raiva que tomou conta de Rogan naqueles momentos era uma coisa feroz. Ele queria pegar o menino com força pelos ombros e sacudi-lo de volta ao mundo, gritar ordens para ele, jogar a cabeça para trás e berrar pelo desperdício de uma vida mal vivida.

Em vez disso, ele cruzou os braços de Ethan Hastings sobre seu peito estreito, pesou seus olhos fechados com duas pedras planas, recuperou seu quepe chamuscado, que havia voado quando ele caiu. Ele colocou a boina suavemente sobre o rosto estreito e imóvel, onde nenhum traço de barba jamais cresceria.

Ele sabia que a luta havia prosseguido por enquanto, sabia que havia mortos e podia ouvir os moribundos espalhados ao seu redor, talvez por quilômetros. Não havia nada que ele pudesse fazer pelo menino agora, mas parecia muito errado deixá-lo ali, naquela companhia terrível e ainda completamente sozinho.

Então ele ficou onde estava, de joelhos ao lado da criança morta, alheio à sua própria condição, ferido no coração.

— Ele era um bom garoto—. A voz era áspera, cheia de cansaço e tristeza. — Mas ele está perdido para nós agora, capitão, e você está ferido. Vamos levá-lo ao hospital de campanha para alguns cuidados.

Rogan virou a cabeça e reconheceu Josiah Pickering, o lagosteiro. Pickering já havia visto lutas difíceis, a julgar pelo estado de seu uniforme, mas ele estava inteiro, de pé sobre os próprios pés, ao contrário de centenas, senão milhares, de outros homens.

Ele estendeu a mão para Rogan, ajudando-o a ficar de pé.

Tardiamente, Rogan balançou a cabeça. — Sem hospital de campanha —, disse ele. — Estou bem. — Ele olhou para o menino novamente.

O homem do Maine colocou a mão nas costas de Rogan novamente, levando ele para longe do corpo. — Venha, capitão — disse ele. — O menino se foi, e se você não deixar um médico dar uma olhada em você, é melhor cuidarmos dos que ainda estão vivos. Vai demorar um pouco até que os vagões de ambulância cheguem aqui, e eles vão precisar de água e de qualquer ajuda que possamos oferecer.

Rogan meio caminhou, meio tropeçou ao lado de Pickering e acenou com a cabeça uma vez. — Como acontece—, ele se perguntou em voz alta —, que você não está com Chamberlain e o 20º Maine? Eles são um bom grupo.

Os passos de Pickering eram mais lentos do que o normal. — Eu queria me juntar a Chamberlain e seu bando, mas minha esposa não queria saber disso. Disse que não passava de um professor glorificado e, ainda por cima, mal ouvia. Se eu fosse para a guerra na minha idade, ela me disse, eu tinha que prometer servir como balconista ou dirigir uma carroça de suprimentos, fazer algo seguro.

Ambos sorriram com a palavra *seguro*.

Por mais mundana que fosse a conversa, era calmante também. Prova de que ainda havia um mundo lá fora, apesar da guerra, um mundo cheio de pessoas fazendo coisas comuns.

— Você já se perguntou o que sua boa esposa teria feito se você se recusasse a seguir ordens? — Rogan perguntou, tristemente irônico.

— Não há necessidade de ponderar sobre essa questão, capitão—, respondeu Pickering. — Ela deixou claro desde o início. Se ela soubesse que eu estava marchando com a infantaria ou algo parecido, ela pediria uma parelha e uma carroça emprestadas de seu primo, arrumaria as crianças e tudo o que possuímos, até a isca nas ratoeiras, e partiria para a casa de seu irmão em Bangu. Eu voltaria para casa no final da guerra para uma casa vazia, desde que eu não tivesse minha maldita cabeça estourada de antemão.

— Será que ela faria isso? — Rogan perguntou. Não importa o quão ruim as coisas estivessem, seu ânimo melhorava um pouco, só de ouvir histórias sobre famílias comuns.

— Claro que sim. Ela é uma mulher espirituosa, minha Sarah. Ela me teria de volta eventualmente, mas levaria algum tempo para fazer minha

parte para convencê-la a deixar a bela e grande casa de seu irmão e vir para casa comigo.

Homens passavam correndo, carregando macas.

Rogan podia sentir os pequenos pedaços de metal alojados em sua carne, mas não deixou transparecer que estava com dor. Os ferimentos queimavam, mas eram pequenos, ele tinha certeza, e as baixas haviam sido pesadas o dia todo; com homens feridos entrando nas tendas do hospital, os cirurgiões certamente estavam sobrecarregados.

Ele não podia esperar que eles deixassem de lado operações cruciais para tirar pedaços de ferro confederado de sua pele.

— Você iria atrás dela, sua esposa, quero dizer? Cortejá-la novamente? — ele perguntou, para manter a conversa um pouco mais longa.

Pickering riu, mas seus olhos eram solenes. — De joelhos—, respondeu ele.

A batalha durou até que não havia luz para ver, mas Rogan e todos os outros homens aptos com dois pés bons para se apoiar trabalharam até tarde da noite, carregando macas para as tendas do hospital o mais rápido, e misericordiosamente, que podiam.

Além dos piquetes da União, os rebeldes também trabalhavam arduamente, recuperando seus próprios feridos e mortos à luz de lanternas.

A tarefa era horrível, a legião de baixas. Eles reuniram federais e confederados caídos, deixando os mortos para trás por enquanto, seus corpos esparramados onde haviam caído.

As imagens e os sons gerariam pesadelos inimagináveis nas mentes dos sobreviventes nos próximos anos, décadas, talvez. Rogan estava mudo de exaustão, e ele estava agradecido por isso, apenas porque entorpecia seus sentidos.

Ele não se permitiu pensar em Hastings, deitado lá fora na escuridão, com pedras nos olhos, um dos milhares de mortos espalhados pelo chão.

Passava da meia-noite quando desceram as ordens do alto; haveria mais luta no dia seguinte, e cada soldado, independentemente da posição, deveria retornar ao acampamento, pegar sua comida e descansar o que pudesse.

Apesar de todo o levantamento e carregamento que fizeram, parecia a Rogan que eles não tinham feito nada no trabalho. Os soldados ainda gritavam por socorro, por água, pela misericórdia da morte.

Rogan sentiu raiva e uma dobra dos joelhos quando o comando foi retransmitido para os homens. Como ele poderia comer e beber e cair sem

sentidos em seu saco de dormir, quando tantas pessoas ainda precisavam de ajuda?

E, no entanto, as ordens faziam um sentido sombrio. De que serviria ele ou qualquer um dos outros na batalha, sem descanso e comida?

Voltar para o acampamento foi a coisa mais difícil que ele teve que fazer, ainda, mas Rogan era um soldado, e uma ordem era uma ordem.

Então ele voltou ao local onde Hastings havia preparado seu café vil na noite anterior. Pickering e Alderman estavam à sua frente, olhando, exaustos e silenciosos, para o fogo baixo.

Ele procurou Little Willie primeiro, deu água ao capão e escovou-o, pois era a única maneira que conhecia de acalmar um cavalo assustado.

Depois disso, Rogan encontrou uma bacia, derramou água nela e deu a si mesmo um respingo superficial. Cada músculo de seu corpo pedia um banho quente, bastante sabonete e uísque suficiente para apagar o dia 2 de julho de 1863 de sua mente.

Ele se juntou aos outros homens ao redor da fogueira, fazia muito calor, mesmo à noite, para se sentar perto dela, e ninguém disse uma palavra.

Alderman levantou-se, serviu o café e entregou-o.

Rogan acenou com a cabeça em agradecimento. A coisa mantinha alguns homens acordados, ele sabia, mas ele não era um deles. Ele aceitou a caneca, achou seu conteúdo tão sujo como sempre e bebeu. Ele forçou uma porção de feijão cozido, de três dias e começando a azedar, e tomou cuidado para não notar o local vazio onde Hastings havia dormido a última noite de sua breve vida.

Ele ouviu com firmeza as chamadas lamentáveis dos feridos, com o feijão revirando em seu estômago, ameaçando voltar com força total.

Havia outros sons também, o bater de pés e o relinchar de cavalos, melodias tristes tocadas em banjos e gaitas ao redor de outras fogueiras, homens conversando, discutindo sobre um jogo de cartas ou o lançamento de dados. Baladas eram cantadas e, de vez em quando, estrondosas gargalhadas irrompiam em algum lugar próximo.

Rogan não se perguntou como um homem poderia rir, ou fazer música ou jogar, em tal tempo e tal lugar.

Era uma forma de suportar o insuportável.

Ele desejou boa-noite a Pickering e Alderman e foi preparar seu saco de dormir.

Dormiu pouco, apesar do cansaço. Ele ainda não tinha ouvido falar sobre o custo total da batalha, as baixas, os feridos, os desaparecidos, em ambos os lados. Ele também não tinha essa informação sobre o desastre de ontem.

Sua dor era consideravelmente pior agora que ele estava deitado, e enquanto as incontáveis fogueiras queimavam em brasas e os soldados se acalmavam, os feridos continuavam a chamar alguém, qualquer um, para ajudá-los.

Principalmente, eles chamavam em vão.

12

Cemetery Ridge
3 de julho de 1863

Rogan

Os piquetes trocaram tiros durante a noite e, por volta das quatro e meia daquela manhã, cerca de um quarto de hora antes do nascer do sol, a luta em Culp's Hill, a cerca de um quilômetro de Cemetery Ridge, recomeçou, para valer. Os gritos dos feridos foram silenciados, mas eles continuaram, entrando em Rogan e se enroscando em suas entranhas como uma trepadeira crescendo rapidamente, apto para deixá-lo de joelhos.

Sua carne ardia com os ferimentos de estilhaços de ontem, mas ele não prestou muita atenção.

Ostensivamente, havia uma centena de homens sob seu comando, incluindo dois tenentes, vários sargentos e um cabo ou dois, mas o número flutuava consideravelmente, dependendo de vários fatores, como ataques confederados, doenças repentinas e, cada vez com mais frequência nos dias de hoje, deserção. O trabalho de um carroceiro era árduo, perigoso e geralmente ingrato, pois toda a carga que carregavam mantinha todo o exército em marcha.

Naquela manhã, a maior parte da companhia de Rogan estava em trânsito entre depósitos de suprimentos e sedes de campo, e ele estava feliz com isso. Havia homens mais do que suficientes ali, disse ele, para enfrentar os horrores que viriam e, infelizmente, fazer sua parte para torná-los piores. Doze deles, ou seja, onze, com a saída de Hastings, estavam presentes e contabilizados.

Ele enviou Alderman e Pickering de volta ao dever de carregar a maca, onde sua ajuda era extremamente necessária e eles poderiam estar fora da linha de fogo, enquanto o resto se juntou à companhia de infantaria mais próxima, a maioria deles ansiosos para provar que eram soldados, não meros esfoladores de mulas, transportando bolachas e grãos de café de um acampamento para outro.

Inclinando-se sobre o pomo, o estalo, o estrondo e a fumaça da batalha já se reunindo por toda parte, Rogan deu alguns tapinhas no pescoço de Little Willie algumas vezes, levantando poeira da pele do animal e falou

baixinho. — Fique de pé, meu amigo—, disse ele—, e nós dois vamos superar isso.

— Vamos nos encher de fogo e sangue hoje—, acrescentou. — E mais um pouco.

As palavras foram proféticas.

Sob a liderança do brigadeiro-general George Armstrong Custer, a cavalaria dos EUA lutou muito naquele dia, no que logo ficou conhecido como East Cavalry Field, onde a artilharia da União trocou tiros estrondosos com os confederados. O objetivo era conter os cavaleiros rebeldes de Jeb Stuart, e a luta foi feroz.

Se Stuart alcançasse as linhas de artilharia acima, as consequências para as forças da União seriam terríveis.

Little Willie provou ser ágil e não se assustou nem uma vez, apesar de todas as minibolas e balas que salpicavam o ar ao redor deles. Houve gritos angustiantes em todos os lugares, enquanto homens e cavalos caíam, mas o grito de guerra confederado, um grito estranho e penetrante geralmente chamado de Rebel Yell, gelava o sangue.

Quando o rugido de mais de duzentos canhões sacudia o chão e transformava o ar em fumaça tão espessa que queimava os olhos e raspava a garganta, Rogan lutava.

Amigos e inimigos caíram por todos os lados.

Então outro cavalo esbarrou em Little Willie no flanco, e Rogan se virou, espada levantada, para se defender.

E congelou.

Lá, sorrindo através de uma espiral de fumaça, cavalgava seu velho amigo Bridger Winslow, uma pistola em cada mão. — Por Deus, pensei que fosse você—, disse ele, levantando a voz para ser ouvido em meio ao barulho.

Rogan deu uma gargalhada estrangulada, principalmente um reflexo, nascido da surpresa. — Maldição! — ele gritou.

Finalmente aconteceu, depois de todos esses anos. O encontro que cada um esperava e temia. Amigo contra amigo no calor da batalha.

A montaria de Bridger dançava irregularmente sob ele, orelhas para trás, mas ele manteve suas pistolas na mão, ao invés de tomar as rédeas. Ele não teria visto a necessidade, visto que podia controlar qualquer cavalo com um leve movimento de joelhos ou calcanhares. — A menos que você pretenda usar essa espada—, ele disse, seus dentes brilhando brancos na

extensão imunda de seu rosto—, você deveria abaixá-la um pouco. Mais fácil para o seu braço assim.

— Talvez—, Rogan respondeu em voz alta—, devemos fazer nossa luta mais tarde. E em outro lugar.

Bridger jogou a cabeça para trás e riu, então assentiu e fez um gesto com uma mão. — Entre os piquetes, assim que a fumaça se dissipar—, ele gritou de volta. — Traga o máximo de grãos de café que conseguir juntar.

Durante essa breve troca, a batalha parecia suspensa, afastada de alguma forma, mas logo se reafirmou.

— Tenha cuidado! — Rogan gritou, quando avistou outro cavaleiro da União cavalgando atrás de Bridger.

Mas era tarde demais.

A baioneta o atingiu, cortando o ombro direito de Bridger; virou quando a lâmina foi arrancada, o sangue encharcou sua túnica e caiu sobre o cavalo. Antes que uma segunda estocada pudesse ser feita, ele atirou no homem à queima-roupa, a explosão impulsionando o outro soldado para fora de sua sela, com os braços bem abertos e uma mancha carmesim florescendo em seu peito.

Bridger encarou Rogan e, incrivelmente, ele estava sorrindo novamente. — Eu também queria muito esse café—, disse ele, pouco antes de seus olhos rolares para trás e ele cair, inconsciente, no chão.

Rogan xingou baixinho, olhou ao redor rapidamente, notando com certo alívio que os homens ao redor deles estavam preocupados com suas próprias lutas, então desmontou e se agachou ao lado de seu amigo.

Ele encontrou um pulso na base da garganta de Bridger, fraco, mas estável.

Depois de examinar os arredores uma segunda vez, ele agarrou Bridger sob os braços e o arrastou para um arbusto próximo. Lembrando-se do fim que Hastings havia encontrado no dia anterior, sentiu-se mal, mas pronunciou as palavras pedidas, por mais inúteis que provavelmente fossem.

— Agente firme e fique parado—. Os olhos de seu amigo estavam fechados, então não havia como dizer se ele ouviu ou não. — Eu estarei de volta para você na primeira chance que eu tiver. — Ele fez uma pausa e passou o antebraço no rosto. — E eu trarei aquele café.

Rezando para que Bridger não sangrasse até a morte, ou fosse descoberto e liquidado no local, Rogan correu para seu cavalo, subiu na sela

e lutou, ficando o mais próximo possível daquela pilha de arbustos.

Enquanto isso, o tiro de canhão continuou, destruindo tudo, e qualquer um, em seu caminho, durando mais de duas horas.

Stuart atacou repetidamente, mas Custer, um homenzinho feroz com cabelos dourados, manteve a linha. Ambos os lados pagaram caro ao longo do conflito.

Rogan não tinha noção da passagem do tempo.

Ele mal notou o corte de uma espada confederada dividindo sua coxa direita, mas registrou o grito de dor de seu cavalo quando a mesma lâmina abriu um corte profundo em sua cernelha. Rogan nunca teve certeza se atropelou aquele rebelde para se defender ou para vingar seu cavalo.

Quando ele caiu no chão, minutos depois, dois soldados de infantaria da União o arrastaram para um bosque. Ele desmaiou antes que pudesse pedir para eles buscarem Little Willie no campo, mas quando ele voltou, machucado em todos os lugares que era humanamente possível machucar e ainda assim inteiro, o cavalo estava parado sobre ele, rédeas balançando, cabeça baixa para fuçar em peito de Rogan.

Ele se sentou, mas uma nova onda de dor o deixou sem fôlego. Ele verificou seu ferimento. Vários minutos se passaram antes que ele percebesse que a noite havia caído e a luta havia cessado. Um profundo silêncio percorria os inevitáveis gemidos e gritos dos feridos, o arrastar de pés dos homens enquanto os padioleiros iam e vinham, o estalo de um tiro quando um animal ferido era tirado de seu sofrimento.

Rogan sabia que deveria estar lá fora, fazendo o que podia para ajudar, mas não tinha certeza se seria capaz de se levantar e não estava pronto para tentar. Ele se lembrou de Bridger, escondido no matagal, e se perguntou se ele havia sido encontrado.

Se morto, ele seria deixado onde estava.

Se vivo, seria feito prisioneiro e, eventualmente, alguém cuidaria de seus ferimentos. Naturalmente, ele não seria uma prioridade, mas poderia se sair um pouco melhor do que um soldado de infantaria, por causa de seu posto.

Pelo menos meia hora se passou antes que Rogan percebesse que estava pronto para ver se conseguia ficar de pé. Mesmo assim, levantar-se deu trabalho. Se não fosse por Little Willie, ele poderia nunca ter conseguido, mas o estribo deu-lhe um apoio e, a partir daí, ele se ergueu apenas o suficiente para agarrar o chifre da sela.

Little Willie permaneceu pacientemente, deixando Rogan inclinar-se pesadamente contra seu lado até que a tontura diminuísse e ele pudesse recuperar o fôlego.

Finalmente, ele se sentiu forte o suficiente para manter os pés sem o cavalo para segurá-lo.

Ele pegou as rédeas com uma das mãos e conduziu Little Willie para fora das sombras profundas sob a árvore que, de alguma forma, havia protegido os dois até que a batalha terminasse.

Corpos por toda parte, alguns mortos, alguns feridos, mas vários vagões-ambulância estavam lá para receber os vivos e os que estavam prestes a morrer. Maqueiros iam e vinham, mas o ritmo era tão agitado que, curiosamente, Rogan e Little Willie passaram despercebidos.

Rogan procurou, seu coração batendo forte, e encontrou Bridger ainda deitado no mato. Na penumbra da lua, Rogan viu o peito de seu amigo subindo e descendo. O movimento era quase imperceptível, mas significava que Bridger estava vivo e, por enquanto, era o suficiente.

— Stand—, Rogan disse a Little Willie, e soltou as rédeas.

O cavalo obedeceu, como sempre.

Rogan não fez nenhum esforço para passar despercebido; teria sido impossível, se alguém tivesse a ideia de olhar.

Ele se agachou ao lado de Bridger. — Ei, Reb—, disse ele calmamente. — Você pode me ouvir?

Bridger abriu os olhos, e um canto de sua boca se contraiu para cima, voltando a se alinhar. — Inferno, sim, eu posso ouvi-lo—, ele respondeu, muito lentamente. — Eu reconheceria esse sotaque yankee em qualquer lugar. — Ele fez uma pausa, lutando visivelmente para respirar. — Que novidades? Da batalha?

— Tudo o que posso supor é que acabou. As coisas estão calmas agora, tão quietas quanto possível. Houve um ataque rebelde em Cemetery Ridge esta tarde. Tanto quanto eu posso dizer, eles se retiraram. — Apesar do caos, ele ouviu isso de um de seus carroceiros. Dando de ombros, ele disse: — Isso é tudo que sei. Ah, e um dos rebeldes, um major-general, se chama Pickett. Outro é Longstreet.

— Conheço ele. — Bridger deu um leve aceno com a cabeça, então perguntou, — Onde está meu café?

Apesar da dor e da sujeira e do medo das vistas e sons que ele nunca seria capaz de esquecer, Rogan teve que sorrir. — Vamos tomar café mais

tarde—, disse ele, acrescentando um silencioso *Se tivermos sorte*. — No momento, temos outras preocupações.

Bridger riu, um som miserável, mas corajoso apenas por fazê-lo. — Sim —, disse ele, fechando os olhos. Ele estava inconsciente de novo, ou talvez dormindo.

Rogan se levantou e deu outra olhada ao redor. Os corpos estavam espalhados, alguns tão distantes que talvez não fossem encontrados e enterrados por horas, talvez dias.

Muito, muito longe na escuridão, Rogan se agachou ao lado do cadáver de um soldado da União, checou o pulso e não encontrou nenhum. Ele abaixou a cabeça e fechou os olhos por alguns minutos. Ele não reconheceu o jovem, mas de certa forma isso o deixou sentindo uma culpa ainda maior pelo que estava prestes a fazer. Ele ofereceu uma breve oração de esperança e agradecimento.

Então, quando conseguiu fazê-lo, rolou o corpo para o lado e começou a liberar o braço direito da manga. Lentamente, e tão gentilmente quanto pôde, Rogan removeu a jaqueta azul do homem morto, enrolou-a bem; em seguida, tirou do bolso um pedaço de papel grosso manchado de sangue, com o nome do soldado e o regimento, e enfiou-o por dentro da camisa branca que usava por baixo. Então ele voltou para o lugar onde Bridger jazia.

Desta vez, ele tentou ser rápido, tirando o amigo de sua túnica cinza suja e substituindo-a pela que havia roubado. Ele não podia fazer muito sobre as calças de Bridger, mas elas estavam cobertas de sujeira e sangue o suficiente para que uma pessoa tivesse dificuldade em distinguir sua cor no escuro.

Ele olhou em volta novamente e, para seu espanto, avistou Alderman e Pickering, a menos de cinquenta metros de distância.

Bridger recuperou a consciência no momento em que Rogan virou a cabeça e gritou: — Pickering, Alderman, aqui!

Quando ele olhou para Bridger, ele viu confusão no rosto de seu amigo.

— Faça como eu digo—, Rogan murmurou. — Mantenha a boca fechada e faça o possível para parecer um yankee.

Bridger, não surpreendentemente, não teve forças para objetar.

Alderman e Pickering correram, carregando uma maca vazia.

— Capitão? — Alderman engasgou.

O sorriso de Pickering quase dividiu seu rosto encardido em dois. — Tínhamos certeza de que você estava morto—, disse ele a Rogan.

— Cheguei perto algumas vezes—, disse Rogan.

Eles olharam para baixo e viram a fenda ensanguentada em suas calças.

Rogan gesticulou para Bridger, que jazia de bruços nos arbustos. Ele teria tempo para pensar sobre o estilhaço e o ferimento de espada em sua coxa direita mais tarde. Tudo o que ele sentia agora era um latejar distante. — Eu sei que você está muito ocupado, mas eu apreciaria se você carregasse este sujeito.

Os dois homens, embora exaustos de um dia passado transportando os feridos de e para vagões de ambulância, obedeceram sem hesitação.

O olhar de Bridger se fixou em Rogan, mas ele seguiu as instruções e não disse uma palavra, obviamente ciente de que seu sotaque sulista poderia causar confusão.

— E você, capitão? — Pickering perguntou, quando ele e Alderman colocaram Bridger na maca e o levantaram do chão. — Você precisa cuidar dessa ferida ou pode pegar gangrena. Você vai precisar de ambas as pernas quando esta luta terminar.

— Eu vou ficar bem por agora—, disse Rogan.

— Vamos cuidar desse sujeito, então—, disse Alderman. Depois de uma rápida olhada em toda a carnificina, o ex-açougueiro disse, como se para si mesmo: — Talvez eu tenha que encontrar outro negócio quando tudo isso acabar.

Rogan descansou uma mão no ombro do homem, apenas brevemente. — Vocês estão fazendo um ótimo trabalho, vocês dois—, ele disse, e ele quis dizer isso. Ele pensou em poupá-los dos perigos da batalha, designando-os para esse dever, e eles estavam vivos. Mas eles estavam exaustos, cobertos de sangue, sangue e sujeira, com feridas próprias, do tipo oculto que muitas vezes apodrecem por toda a vida na mente e no coração.

Os dois homens assentiram e começaram a caminhar em direção à fila de ambulâncias que esperavam a uma curta distância.

— Espere—, Rogan disse, notando que Bridger tinha desmaiado novamente. Isso foi um alívio e uma preocupação, menos chances de seu amigo dizer algo que o delatasse.

Mas ele havia perdido muito sangue e não havia como dizer o quanto ele estava ferido.

Alderman e Pickering estavam parados, esperando novas ordens.

— Leve-o de volta ao acampamento—, Rogan continuou. — Isto é, se ainda estiver lá.

Ambos os homens o estudaram de perto, mas nenhum deles falou.

Rogan soltou um suspiro. — Vou cavalgar até lá primeiro, e me certificar. Então trarei de volta uma das carroças de suprimentos.

Alderman permaneceu em silêncio.

— Este homem é seu amigo, capitão McBride? — perguntou Pickering.

Esparramado na maca, um braço balançando, Bridger gemeu.

— Sim—, Rogan respondeu, não tendo nem a energia nem as palavras para elaborar.

— Há uma carroça que você pode usar—, disse Alderman. —Nós a usamos para transportar remédios, bandagens e coisas do gênero da barraca principal de suprimentos. Podemos levá-lo até lá.

Pickering assentiu, aparentemente concordando. Sua expressão era severa e seus olhos estavam vigilantes, mas se ele tinha alguma suspeita, ele a manteve para si mesmo.

— Bom—, Rogan respondeu. — Lidere o caminho. — Depois de alguns momentos de hesitação, durante os quais decidiu que oferecer o cavalo a um desses bons homens enquanto ele ajudava a carregar a padiola seria imediatamente recusado, ele montou Little Willie.

O ato de subir na sela fez com que o chão se inclinasse para o lado, mas ele conseguiu se manter sentado.

Dez minutos depois, encontraram a carroça atrelada a um par de mulas do exército e parcialmente escondida por um grupo de carvalhos e bordos. Bridger fez um som ofegante quando o colocaram na carroça, entre engradados de éter e morfina, mas ele não abriu os olhos.

Sem ser mandado, Alderman e Pickering descarregaram as caixas e as empilharam no chão; Rogan sabia que eles as recuperariam mais tarde.

Ele amarrou Little Willie na carroceria e tirou a pesada amura, jogando-a ao lado de Bridger, enquanto os outros dois homens ficaram esperando mais instruções.

Com um suspiro, Rogan se arrastou para dentro da caixa, pegou as rédeas e perguntou: — Mais alguma notícia do front?

Alderman sorriu. — Sim senhor. O General Lee foi embora, adequadamente. Todo o exército rebelde voltará para o sul, movendo-se o mais rápido que puder. Este pequeno inferno acabou.

Rogan soltou a alavanca do freio com o pé esquerdo, feliz por não ter que usar a perna ferida. O estilhaço o picava todo, como um enxame de vespas. — Faça o que puder aqui, reúna os outros homens e me encontre na fazenda da viúva Hammond—, disse ele, cansado demais para comentar a suposta vitória; era muito cedo para declarar um vencedor, embora o bronze estivesse sempre pronto para levantar a bandeira do triunfo.

Lee era uma raposa astuta, rápida, e suas retiradas, por mais raras que fossem, tendiam a ser estratégicas.

Se o general Meade ordenasse que o exército o perseguisse, imediatamente, eles poderiam desferir um golpe decisivo enquanto as forças confederadas estivessem enfraquecidas, e a guerra poderia finalmente terminar para sempre.

Infelizmente, os generais da União, pelo menos em sua experiência, pareciam preferir deliberações longas e pesadas a uma ação rápida. McClellan e Joe Hooker os fizeram perder várias oportunidades de encurralar Lee, e Rogan não tinha motivos para pensar que Meade seria diferente.

Pickering e Alderman fizeram continência novamente, depois voltaram correndo para suas tarefas.

E Rogan partiu para a noite escura, mas dificilmente silenciosa, seu melhor amigo deitado inconsciente na parte de trás da carroça, seu cavalo cansado e fiel seguindo atrás.

Ele ainda podia ouvir os gritos dos feridos e os gritos dos homens que os ajudavam a entrar nos vagões das ambulâncias. Onde eles podem sobreviver. Ou não.

13

Hammond Farm
4 de julho de 1863

Caroline

Eles chegaram nas primeiras horas da manhã, antes que as vacas fossem ordenhadas ou as galinhas alimentadas, antes que Caroline se levantasse da cama, depois de mais uma noite agitada.

Enoch chamou baixinho da base da escada. — Senhora? É melhor você descer aqui, imediatamente.

Não havia urgência em seu tom, e Caroline não o teria ouvido se não estivesse acordada, olhando para o teto, observando as sombras se dissolverem lentamente em luz. Ela se arrastou para fora da cama, com cuidado para não perturbar Rachel, que dormia, enrolada em uma pequena bola, como um passarinho ainda não saído da casca.

Caroline vestiu um roupão e saiu para o corredor. — O que foi, Enoch? — ela perguntou, o mais suavemente que pôde. Ela tinha ouvido o barulho de cascos, o barulho das rodas da carroça e até passos na estrada acidentada durante a noite, prendendo a respiração em intervalos, com medo de que a fazenda fosse invadida por fragmentos de um exército em fuga.

Quando nenhum parou, ela conseguiu cochilar por alguns minutos, apenas para começar a acordar quando ela ouviu mulas zurrando, ou homens gritando, ou qualquer uma das centenas de outros sons de uma grande companhia passando.

Agora, uma chuva constante tamborilava no telhado e nas janelas. Era uma bênção, ela pensou, sempre atenta às colheitas; talvez o aguaceiro oferecesse uma pausa no calor maldito, assentasse a poeira e dispersasse a fumaça persistente.

E limpe a terra inocente do sangue derramado durante três dias de batalha furiosa.

— Dê uma olhada lá na frente, senhora—, respondeu Enoch.

Caroline atravessou o quarto apressada, fechando o roupão, mas deixando os laços pendurados ao lado do corpo, esquecidos. Abaixo, no terreiro, ela mal conseguia distinguir a forma de uma única carroça, puxada por uma parelha de duas mulas. O condutor, de alguma forma familiar, mas

difícil de identificar na penumbra da madrugada e na chuva, travou o freio e olhou diretamente para a janela dela, como se soubesse que ela estava lá.

Capitão Rogan McBride.

Ela saiu da janela, tirando a camisola e vestindo roupas íntimas limpas e o vestido de chita do dia anterior o mais rápido e silenciosamente que pôde. Deslizando os pés em chinelos de casa, já que seus sapatos demorariam muito para fechar corretamente, ela desceu as escadas correndo.

Enoch esperou ali, silencioso, respeitoso e claramente preocupado.

— É o capitão McBride—, Caroline disse, estranhamente ansiosa. — Ele voltou para buscar as carroças de suprimentos. — Com isso, ela se dirigiu para a porta.

Enoch imediatamente a parou, segurando seu cotovelo e soltando no momento seguinte. — É melhor você me deixar falar com ele primeiro, Sra. Caroline—, ele disse.

Caroline balançou a cabeça, confusa e um pouco impaciente. — Se for o capitão McBride lá fora, não creio que tenhamos motivos para temê-lo.

Enoch assentiu, embora ainda não parecesse convencido. — A maioria provavelmente, nós não—, ele concordou sobriamente. — Mesmo assim, não seria bom você sair correndo por aí, especialmente com esta chuva. Há muito que não sabemos sobre a situação. Quando o capitão esteve aqui antes, ele estava a serviço oficial do exército, mas parece-me que sua sorte pode ter mudado para pior nos últimos dias. Então você me deixa falar, por enquanto. Então descobriremos o resto juntos.

Caroline assentiu em conformidade relutante. Ela realmente não acreditava que o capitão quisesse fazer mal a eles, mas Enoch tinha instintos confiáveis. Se ele aconselhava cautela, ela prestaria atenção.

— Talvez seja prudente calçar alguns sapatos—, acrescentou, voltando-se para a porta.

— Levo-o para a cozinha—, disse ela, erguendo o queixo e a dignidade.

— Sim, senhora—, disse Enoch. — Amigo ou inimigo, esse homem precisa de um lugar para se secar.

Cinco minutos depois, Caroline estava correndo pela torrente, um xale cobrindo a cabeça e usando seus sapatos de trabalho resistentes.

Quando ela entrou na cozinha separada da casa, ela estava encharcada até os ossos. A chuva estava quente, porém, e quando ela aumentasse o fogo no fogão, suas roupas logo secariam.

O lugar estava escuro, então ela acendeu um lampião a querosene e examinou o conteúdo da despensa. Farinha e sal e fermento para biscoitos, batatas do ano passado na adega, ovos também suspensos em um grande pote de vidro.

Caroline colocou mais lenha no fogão.

Momentos depois, Enoch e o capitão McBride estavam na porta aberta, apoiando um terceiro homem entre eles. Molhado e enlameado, do topo da cabeça até a sola das botas, o estranho claramente não conseguia ficar de pé.

O capitão McBride, embora ereto, parecia tão sujo quanto seu companheiro. Seu rosto pálido estava coberto com o início de uma barba escura, e seus olhos, azuis como tinta anil, estavam cheios de fantasmas.

— Coloque-o aqui—, Caroline disse, arrumando as cadeiras da cozinha em um catre improvisado.

Enoch e McBride meio arrastaram, meio carregaram o homem pelo cômodo. Ele gemeu em voz alta quando eles o colocaram no catre.

— Enoch—, Caroline disse—, por favor, volte para casa e chame a Sra. Prescott. Diga a ela que ela vai precisar do kit médico do vovô.

Enoch assentiu e caminhou pesadamente em direção à porta, a cabeça virada para que pudesse olhar para ela. — Sim, senhora—, ele concordou, com um breve olhar para o capitão McBride. — Volto em pouco tempo.

Caroline ensaboou as mãos com sabão forte, mergulhou-as na água quase escaldante e secou-as em um pano de prato limpo. — Este soldado foi ferido na batalha? — ela perguntou.

McBride olhou para o homem no catre.

— Sim—, disse ele, com a voz rouca. Ele não olhou para ela enquanto falava; era como se ele acreditasse que observando o outro homem, ele poderia de alguma forma convencê-lo a se recompor. — Ele levou uma baioneta no ombro direito.

— Qual é o nome desse soldado? — Caroline perguntou.

— Bridger. Capitão Bridger Winslow. — McBride baixou a cabeça. — Ele é... um velho amigo.

Caroline moveu-se para o lado do homem, dobrando suas saias encharcadas debaixo dela enquanto ela se ajoelhava. Estranhamente, a túnica do homem, embora em péssimo estado, enlameada e cheirando a sangue, não foi rasgada onde deveria estar.

Suas mãos tremiam um pouco enquanto ela cuidadosamente desabotoava a túnica e a abria.

Ela engasgou quando viu o que estava por baixo; à frente da camisa do homem estava vermelha de sangue e enrugada em torno de uma ferida irregular, já começando a infeccionar.

Silenciosamente, ela implorou à avó para se apressar, se *apressar*.

Externamente, porém, ela provavelmente parecia calma. — A infecção está se instalando—, ela disse baixinho.

— Você pode ajudá-lo? — McBride falou com tanta seriedade que Caroline ficou emocionada.

— Eu certamente tentarei, capitão McBride.

— Haverá mais—, disse McBride, mas ela não compreendeu imediatamente o que ele queria dizer. — Mais homens feridos—, explicou.

Ela olhou para ele, horrorizada, mas não surpresa. Enoch tinha ido à cidade na noite anterior, assim que o tiroteio parou, para ver o que poderia descobrir. Ao retornar, ele disse a ela que havia corpos por toda parte, que ele nunca tinha visto nada igual, mas então ele fez um som estrangulado e saiu de casa.

— A União perdeu, então? — ela perguntou, quase em um sussurro.

Ele balançou sua cabeça. — A União venceu a campanha de Gettysburg, não graças ao general Meade—, disse McBride com desdém. — Pelo menos na opinião de alguns. Ele parece estar com pressa agora, pelo que percebi. Muita pressa para tomar qualquer outra ação agressiva contra os confederados.

— Você deveria se sentar, capitão McBride—, Caroline disse.

O capitão afastou uma cadeira da mesa e se acomodou no assento. A maneira como ele pousou a mão na coxa direita confirmou o que Caroline já havia adivinhado; ele também foi ferido.

Um momento depois, Geneva irrompeu, carregando a maltratada maleta médica de seu falecido marido, Enoch logo atrás dela.

Geneva havia chegado ao local onde o capitão Winslow estava deitado no catre improvisado, largou a maleta médica e tirou a capa molhada. — Senhor Flynn—, ela disse com autoridade enérgica—, por favor, coloque este homem em cima da mesa e seja gentil com isso.

Juntos, Enoch e o capitão McBride ergueram Winslow sobre a mesa. Observando, Caroline estremeceu.

— Caroline—, disse Geneva, enquanto gesticulava para que Enoch e o capitão despissem o Sr. Winslow de suas roupas—, precisaremos de uma grande quantidade de água quente, panos limpos e cobertores. — A velha voltou-se então para Enoch. — Se bem me lembro, Sr. Flynn, você colocou os suprimentos médicos que eu trouxe comigo no porão. Vou precisar de curativos, já que são poucos no caso do meu falecido marido, que Deus o tenha—. Em seguida, ela se dirigiu ao capitão McBride. — Quanto a você, senhor, eu o aconselharia a se sentar antes de desmaiar. Eu cuidarei de seus ferimentos assim que seu companheiro parecer estável.

— Sim, senhora—, ele respondeu cansado, afundando em sua antiga cadeira à mesa. O pobre homem *parecia* prestes a desmaiar a qualquer momento.

Caroline encheu três das grandes chaleiras que usava principalmente na temporada de conservas, esperando que seu suprimento de água não acabasse, e as colocou para ferver.

Quando Enoch voltou do porão com as bandagens solicitadas, junto com alguns cobertores que deve ter encontrado em um dos caixotes trazidos da casa de Geneva na cidade, ele imediatamente viu a necessidade de mais água e foi encher baldes no poço.

Geneva desdobrou os cobertores e os estendeu sobre o paciente.

Caroline começou a preparar o café da manhã, abrindo espaço para sua frigideira de ferro fundido entre as chaleiras.

Ela cortou bacon, descascou e cortou batatas e misturou massa de biscoito, grata pela distração que as tarefas proporcionavam. Ela abriu espaço na bancada para enrolar e cortar a massa.

Quando Enoch voltou com mais água, suas roupas encharcadas pela chuva contínua, ele notou a comida e deu um sorriso pálido de apreciação. — Eu dei uma olhada na Srta. Rachel e Jubie—, ele disse. — Elas ainda estão dormindo. Vou levar o café da manhã quando estiver pronto.

— Obrigada, Enoch. Por que você não fica aqui perto do fogo um pouco, se seca um pouco?

Mas Enoch balançou a cabeça. — Não há tempo para isso—, disse ele.

Quando ela estava prestes a colocar os biscoitos no forno, Geneva falou. — Caroline, essa água está pronta? Não posso tratar os ferimentos deste homem adequadamente até que ele tenha tomado banho.

— Quase pronta—, disse ela.

O paciente parecia estar se recuperando um pouco, resmungando a princípio.

Sua voz parecia ter um sotaque distintamente sulista.

Caroline virou a cabeça, assustada, e seu olhar colidiu com o do capitão McBride. Ele parecia triste, mas teimosamente determinado também.

— McBride? — o outro homem perguntou.

— Estou aqui—, disse o capitão.

— Onde estou?

— Em uma fazenda na Emmitsburg Road. Cuidando de seus ferimentos.

— Meu cavalo? — perguntou Winslow.

— Provavelmente se foi para sempre—, respondeu McBride.

Caroline o encarou. — Isso—, ela acusou laconicamente—, foi indelicado.

— A verdade—, disse o capitão—, muitas vezes é cruel. No entanto, ainda é a verdade.

— Algumas verdades—, Caroline respondeu, ainda irritada—, podem ser retidas até um momento mais apropriado.

— Não esta—, disse McBride, com uma nota de finalidade. — Não adianta dar falsas esperanças a uma pessoa, Sra. Hammond.

Caroline afastou-se novamente, sem dizer uma palavra, e continuou a preparar o café da manhã.

Enoch encheu um balde e o colocou sobre a mesa quando a água terminou de ferver. Então Geneva pediu ajuda a Caroline para dar banho no ferido capitão Winslow.

— Venha, Caroline—, ela disse. — Todos nós estaremos fazendo isso e muito pior nos próximos dias.

— Claro, vovó.

Isso foi um brilho que ela viu, dançando nos olhos azuis do capitão Rogan McBride quando ela passou por sua cadeira?

Ele poderia tomar banho sozinho, ela pensou.

Na meia hora seguinte, Caroline ajudou a dar banho no capitão Winslow, embora essa tarefa trouxesse lembranças dolorosas do banho de Jacob em Washington City, após sua morte.

Bridger Winslow, embora gravemente ferido, estava muito vivo. Sua carne, revelada pela água e sabão, era bronzeada pelo sol e fortemente musculosa.

Seu cabelo, quando lavado, ficou cor de caramelo. E, quando ele abriu os olhos brevemente, ela viu que eram castanhos dourados. Eles pareciam ter um vislumbre de malícia, apesar da dor enquanto ele a olhava.

Ele era, ela decidiu, mesmo em seu estado atual, muito bonito para seu próprio bem.

Pior, ela suspeitava que ele era quase certamente um rebelde. Um soldado inimigo, apesar da jaqueta da União. Ela estava curiosa sobre sua história.

Ele falava com um sotaque inconfundível, suave como doce de leite, mas isso não significava necessariamente que ele era um soldado confederado, ela lembrou a si mesma. Afinal, havia homens do sul que se opuseram à secessão e se aliaram à União. E ele era um amigo e estava sob os cuidados do capitão McBride.

Dizia-se que até o próprio general Robert E. Lee era contra a ideia de secessão. Ele deixou o Exército dos Estados Unidos com relutância, por lealdade à família, amigos e ao estado natal da Virginia .

Nenhuma dessas percepções, percebeu Caroline, tornava o banho de um estranho nu menos perturbador.

Assim que o capitão Winslow estava totalmente limpo, Geneva começou a tratar o ferimento profundo de seu ombro. Ela não podia fazer nada sobre ferimentos internos, ela disse, não sendo uma cirurgiã, mas acreditava que a punção era um corte limpo e cicatrizaria se desinfetado adequadamente.

Quando ela derramou o que parecia ser uísque na ferida, ele explodiu com um uivo de maldição. Então ele desmaiou.

— Graças a Deus por pequenas misericórdias—, Geneva murmurou, desenrolando um rolo de bandagens. — A dor deve ser insuportável. — Com isso, ela rasgou tiras estreitas de gaze, encharcou-as com mais uísque e começou a cobrir o ferimento.

Depois de enroladas as bandagens, Enoch e o capitão McBride levantaram o paciente e o colocaram cuidadosamente sobre as cadeiras novamente.

Geneva imediatamente pediu mais água quente e sabão forte e vasculhou a mesa completamente. Essa mulher forte e competente era a avó que Caroline conhecia e amava, assumindo o comando, dando ordens, à altura da ocasião. Sua força inspirava Caroline.

A mesa não havia sido totalmente esfregada quando o capitão McBride sucumbiu; seus joelhos cederam e ele começou a dobrar em direção ao chão. Enoch o pegou por trás, por baixo dos braços, bem a tempo de amortecer a queda. Caroline ajudou Enoch a colocá-lo na mesa.

Ela se perguntou quantos soldados ela teria que atender antes que a crise passasse, e a guerra avançasse para devastar alguma outra comunidade.

Juntas, as duas mulheres despiram o homem semiconsciente. As costas e os braços do capitão estavam perfurados com pedaços afiados de metal, alguns grandes e outros pequenos, e ele havia sofrido um ferimento de baioneta ou espada na coxa direita. Ele derramou uma quantidade considerável de sangue na ocasião e, ao secar, grudou o tecido de suas calças não apenas na superfície de sua carne, mas também no fundo dela. Mesmo o encharcamento que ele pegou, cavalgando na chuva, não desalojou o pano chamuscado.

Geneva pediu a Caroline que preparasse uma compressa quente, enquanto ela recolhia os instrumentos do kit médico, para serem fervidos antes do uso.

Enquanto esperavam a água ferver, Caroline e sua avó lavaram as mãos novamente.

O sabonete era áspero e ardia na pele de Caroline, mas não lhe ocorreu reclamar. Embora tivesse suas vaidades pequenas e particulares, ela era uma camponesa acostumada a trabalhar com as mãos, acostumada a espinhos e picadas no verão, frieiras no inverno e calosidades o ano todo.

Cuidar do capitão McBride continuou sendo um negócio complicado; eles tiveram que sustentá-lo para que Geneva pudesse puxar os cacos de metal de suas costas com uma pinça. Ele esgotou qualquer força que restasse nele, o que significava que Enoch tinha que segurá-lo no lugar. Caroline simultaneamente aplicou uma compressa na ferida de lâmina em sua coxa musculosa, encharcando o tecido embutido até que pudesse ser puxado sem causar mais danos.

McBride, quando consciente novamente, suportou todos esses processos estoicamente, embora cerrasse os dentes quando Geneva, satisfeita por Caroline ter removido todas as fibras e fios de tecido, usou uísque para desinfetar a ferida.

Com a infecção aparentemente presente, a ferida não pôde ser suturada, embora sua localização, em sua perna, indicasse isso. Em vez disso, elas a enfaixaram.

Mais uma vez, Enoch enfrentou a chuva para ir para a casa, logo voltando com mais cobertores e algumas roupas de Jacob para os homens.

Os dois uniformes, sem qualquer esperança de conserto, foram queimados no fogão, enquanto um bule de café forte fervia.

Finalmente, com os dois homens descansando confortavelmente, Caroline terminou de preparar o café da manhã, que ela e a avó comeram em pé.

Então Enoch levou os pratos de Rachel e Jubie para casa, a comida coberta com guardanapos de pano e enfiada dentro de uma cesta com tampa, depois voltou para fazer sua própria refeição.

— Como está Raquel? — Caroline perguntou a Enoch enquanto ele comia. — E Jubie?

— As duas estão bem, senhora—, Enoch respondeu gentilmente.

Usando os cobertores que trouxera, fez uma cama no chão para o capitão McBride, ao lado de seu amigo adormecido, ajudou-o a se levantar da mesa e depois se deitar novamente. Ele estava com muita dor para comer.

Caroline estudou a mesa vazia entorpecida. Não importava o quanto ela esfregasse aquelas tábuas familiares, ela pensou, ela não conseguia se imaginar nunca mais se sentando para uma refeição.

Sim, a guerra definitivamente mudou suas vidas.

14

Hammond Farm *4 de julho de 1863* Caroline

Em uma hora, mais dois homens cavalgaram em mulas, com rostos sombrios e encharcados, seguidos diretamente por várias carroças de ambulância e meia dúzia de soldados montados, todos vestidos com uniforme azul da União. Já era madrugada.

Caroline, tendo deixado Geneva vigiando os dois capitães na cozinha separada para que ela pudesse verificar Rachel, ouviu a aproximação deles. Ela ficou na janela da sala, Rachel na ponta dos pés ao seu lado, borrando o vidro embaçado com uma pequena palma enquanto abria espaço para espiar. Jubie ocupou um lugar atrás do ombro direito de Caroline, com cuidado para não ser visível do lado de fora.

— Os soldados não estão procurando por mim—, a garota disse, provavelmente se dirigindo a si mesma ao invés de Caroline ou Rachel.

— Não, Jubie—, Caroline concordou. — Acho que eles vieram atrás das carroças e suprimentos que deixaram para trás antes da batalha.

Elas observaram quando Enoch saiu para encontrar o grupo de homens. A chuva ainda caía forte, formando poças profundas no chão, açoitando a grama até que ficasse plana.

— Acho que eles vão seguir em frente assim que pegarem as carroças—, disse Jubie, esperançosa. — Talvez eles levem os capitães com eles.

Caroline não disse nada, mas manteve o olhar fixo em Enoch, que parecia imune à chuva enquanto a discussão prosseguia.

Finalmente, ele deu um passo para o lado e gesticulou para que o grupo prosseguisse.

Os dois homens montados em mulas desmontaram, caminhando em direção à cozinha. Três carroças-ambulância sacudiam-se atrás deles, enquanto os soldados a cavalo cavalgavam obstinadamente em direção ao pomar, com água escorrendo pelas abas de suas boinas.

— Jubie, você poderia levar Rachel para o quarto dela lá em cima para brincar—, Caroline disse, virando-se da janela finalmente. Ela sabia que sua breve pausa havia acabado, talvez por muito tempo.

Rachel geralmente se comportava bem, mas agora não queria se afastar do lado de sua mãe. — Mas, mamãe—, ela argumentou—, eu não *quero* subir. Eu quero ficar com você.

Caroline se inclinou e colocou as mãos doloridas contra as bochechas da menina. — Todos devemos fazer nossa parte, querida Rachel—, disse ela. — E a sua parte é ser muito, muito boa, para que a mamãe e a bisavó possam cuidar dos soldados.

O rosto pequeno de Rachel se enrugou. — Eu poderia ajudá-la, mamãe—, disse ela, com lágrimas nos olhos. — Por favor? Eu poderia cantar canções e recitar.

O coração de Caroline, entorpecido pelas demandas do dia, despertou apenas para se partir em pedaços. — Isso seria muito bom—, ela respondeu melancolicamente, determinada a não chorar. — Mas não agora, querida. Quando os soldados estiverem se sentindo melhor.

— Os homens naquelas carroças parecem ter sido baleados e cheios de buracos—, disse Jubie. — Eles vão precisar de cuidados.

Caroline ergueu os olhos para Jubie, pedindo em silêncio que ela ficasse em silêncio.

Jubie entendeu a dica. Ela colocou uma mão na cabeça de Rachel, esboçou um sorriso e disse: — Que tal você cantar algumas músicas para mim, Srta. Rachel? Recite algumas peças também, da Bíblia e coisas assim. Pode acalmar esse meu bebê, ele está pulando na minha barriga como água fria derramada na tampa do fogão.

Rachel fez uma pausa, olhou de sua mãe para Jubie e vice-versa. — Isso ajudaria, mamãe? — ela perguntou, sua voz pequena e incerta.

Carolina sorriu. — Sim—, disse ela. — Isso seria uma grande ajuda.

Rachel olhou para a protuberância sob o vestido de Jubie como se alimentasse suspeitas. — Seu bebê pode ouvir o que eu digo?

Acima de sua cabeça, o olhar de Caroline encontrou o de Jubie, e um acordo tácito foi feito.

— Claro que ele pode ouvir—, Jubie disse a ela. — E como eu disse, seu canto vai ajudar a acalmá-lo.

— Bem, tudo bem então, contanto que eu esteja ajudando *alguém*.

Caroline curvou-se novamente e deu um beijo na cabeça da criança. — Voltarei assim que puder—, disse ela.

Rachel e Jubie já estavam subindo as escadas. Caroline saiu correndo pela porta.

Ao passar pelas carroças-ambulância, que estavam paradas perto do celeiro, com suas parelhas de mulas desamparadas ainda arreadas, de cabeça baixa sob o contínuo ataque de chuva, ela olhou para dentro, e ficou pasma com o que viu.

Em uma delas, os homens estavam empilhados uns sobre os outros, como gravetos de lenha. Em outra, os soldados jaziam insensíveis nas tábuas do assoalho ou sentavam-se de costas para os lados. O sangue estava por toda parte, como se espirrasse aleatoriamente de baldes, pingando lentamente entre as rachaduras nas carroças, manchando a grama abaixo.

Havia gemidos e súplicas, e vários soldados, certamente jovens demais para lutar, apelavam para Caroline com as mãos estendidas, murmuravam pedidos de ajuda ou olhavam desanimados.

Seu coração estava com eles, mas ela sabia que precisava ficar longe deles, pelo menos por agora; se segurava a mão de um soldado, tinha de segurar todos, e isso era impossível.

— Vocês estão seguros agora—, ela disse a eles, repetindo a promessa em cada carroça, exceto aquela carregada com os mortos. — Faremos tudo o que pudermos por vocês.

Ela poderia ter ficado mais tempo, apesar da chuva, tentando tranquilizar essas almas desesperadas, se Enoch não tivesse vindo e a levado às pressas para a cozinha.

Seus olhos procuraram primeiro a avó.

Geneva estava sentada na cadeira de balanço, seu rosto perigosamente pálido, pareceu a Caroline. Mas quando sua avó olhou para cima, ela sorriu.

— Rachel está bem? Ela está com Jubie? E você descansou? — ela perguntou.

— Eu descansei—, ela respondeu, não querendo preocupar Geneva. — Estou bastante restaurada. E Rachel e Jubie estão passando um tempo juntas. — Ela resistiu em dizer que Geneva também precisava de um descanso. Ela sabia que não adiantava sequer sugerir isso.

Geneva deu um tapinha na mão de Caroline.

Caroline conseguiu dar um leve sorriso e se virou para Enoch e mais dois soldados que haviam entrado, agora se aquecendo. Em contraste com os meninos feridos e mortos nas carroças ambulâncias, essa dupla parecia quase velha.

— As coisas estão ruins em Gettysburg—, dizia um deles. — Nunca vi nada igual.

O outro assentiu, envolto em tristeza, ombros caídos e incompreensivelmente cansado. — Milhares de corpos. O pessoal da cidade e alguns soldados estão enterrando os mortos o mais rápido que podem, mas as sepulturas são rasas e esta chuva está lavando-os. Trazendo os corpos direto para a superfície.

— Vou ter que queimar o que sobrou dos cavalos e mulas—, o primeiro homem interveio, e Caroline viu lágrimas em seus olhos. — Não, senhor—, ele continuou, piscando rapidamente, olhando para o nada. — Nunca vi algo como isso.

Caroline sentiu as pernas enfraquecerem e se preparou. — Onde estão os condutores das ambulâncias? — ela perguntou, surpresa com a firmeza de sua voz. — Esses meninos precisam de abrigo e as mulas foram deixadas de pé.

— Eles foram buscar as carroças de suprimentos —, Enoch respondeu calmamente. — Uma vez feito isso, vamos ajudar a montar as tendas e acomodar os feridos. — Ele fez uma pausa e soltou um grande suspiro. — Enquanto isso, cuidarei das mulas.

Caroline ficou quase abismada com a desolação da situação, mas sabia que não podia ceder, não podia desmoronar.

— Barracas? — ela perguntou tardiamente.

Um dos montadores de mulas virou-se para olhar para ela. — Sim, senhora. Vamos colocar alguns desses pobres rapazes no celeiro, se isso for do seu agrado. Pelo menos até que as tendas estejam montadas.

Ela olhou ao redor, observou o capitão McBride e Bridger Winslow, ambos dormindo em seus catres improvisados. — Mas aqui é mais seco—, ela raciocinou. — E mais limpo também. Com certeza, ficariam mais confortáveis, fora do clima...

O homem balançou a cabeça, um sorriso triste persistindo em seus olhos por um momento, mas nunca alcançando sua boca. — Não haverá espaço para todos eles, senhora—, ele disse. — É gentil de sua parte oferecer, mas simplesmente não serve.

Caroline não podia deixar o assunto de lado. Aqueles eram *seres humanos* naquelas carroças miseráveis, sofrendo, molhados e com medo. Eram filhos e irmãos, maridos e pais, longe de suas casas e das pessoas que os amavam. — Há o celeiro e a cabana e...

Mas o homem balançou a cabeça novamente. — Não, senhora—, disse ele. — Como eu disse a você, é um pensamento gentil e agradecemos seu

espírito generoso, mas esses meninos são apenas os primeiros de centenas, talvez milhares... Eles estão em todas as igrejas, lojas e casas em Gettysburg, e antes que esta crise termine, todas as fazendas por quilômetros ao redor serão invadidas por homens mortos e moribundos.

Caroline vacilou em seus pés novamente, inundada pela revista magnitude de tal desastre. — Querido Deus—, ela murmurou. — O que devemos fazer?

Ela sentiu uma mão apertar a sua, percebeu que sua avó havia se levantado da cadeira de balanço e parado ao lado dela. — Devemos fazer o que pudermos—, Geneva disse calmamente. — E nós vamos fazer.

Agradecida, Caroline apertou a mão da avó. — Sim—, disse ela. E ela só podia se sentir orgulhosa por sua fazenda, a fazenda *de Jacob*, ter se tornado um hospital de campanha.

Ao pôr do sol, a chuva ainda caía forte, batendo na terra como a vingança do céu.

Seis grandes tendas foram erguidas e camas armadas dentro, rapidamente preenchidas enquanto Enoch e os outros homens carregavam macas carregadas com meninos ensanguentados e encharcados pela chuva, alguns fora de si com dor e febre, outros ameaçadoramente imóveis.

Geneva e Caroline os cobriram com cobertores, serviram concha após concha de água potável, sussurravam mentiras misericordiosas e administravam doses de láudano dos estoques do Dr. Prescott para aqueles que iriam, ou poderiam, engolir.

Enquanto isso, mais carroças-ambulância chegavam. Com elas vieram mais soldados, fisicamente aptos, mas atingidos por tudo o que tinham visto e ouvido, junto com um cirurgião.

Horas depois, Enoch persuadiu Geneva e Caroline a deixarem os feridos por tempo suficiente para comer alguma coisa e depois subirem para a casa principal. Ele prometeu fazer uma refeição e também dar ao capitão McBride e ao Sr. Winslow comida e água, se estivessem acordados.

Eles não estavam.

Caroline conseguiu engolir um biscoito e uma fatia de bacon frio que sobraram do café da manhã; Geneva comeu ainda menos. De braços dados, as duas mulheres se dirigiram para a casa, segurando a capa de Caroline sobre suas cabeças como um dossel enquanto corriam pela chuva, abrindo caminho entre tendas e homens ocupados.

Lá dentro, Jubie as esperava. — A senhorita Rachel cantou e brincou com suas bonecas até não conseguir mais manter os olhos abertos—, disse ela. — Eu a coloquei em sua cama novamente, Sra. Caroline, porque era isso que ela queria, e ela está dormindo profundamente.

— Obrigada—, Caroline disse, quase cansada demais para falar.

Jubie pegou o braço de Geneva. — Vou levar a patroa para o quarto dela —, disse ela, em tom de autoridade. — Então pretendo ir lá e ver o que posso fazer para ajudar aqueles soldados.

Caroline piscou. — Eu não acho isso sábio, Jubie—, ela disse a ela. — Isso vai colocar você em muito risco. Você nunca sabe o que as pessoas estão pensando, o que elas podem fazer. E você tem seu bebê para proteger.

— Acho que você está certa. — Jubie já estava conduzindo Geneva em direção à escada dos fundos. — Mas eu quero cuidar deles de qualquer maneira.

Caroline sentiu um novo respeito por Jubie então, e uma grande admiração. — Tudo bem, mas não exagere nas coisas. E... tenha cuidado. Você tem que pensar no seu bebê.

Olhando para trás por cima do ombro magro, Jubie assentiu. — Sim, senhora Caroline—, ela concordou. Com isso, ela dobrou a esquina e começou a subir as escadas, murmurando palavras de encorajamento para Geneva enquanto faziam a lenta subida juntas.

Caroline parou por alguns minutos, respirou fundo e as seguiu escada acima. Ela também precisava descansar e pensar, absorver tudo o que havia acontecido.

Depois de dar uma olhada em sua avó, Caroline foi para seu próprio quarto. Ela não acendeu uma lâmpada, mas se despiu e se lavou na escuridão, ouvindo a chuva e tentando não pensar nas centenas de moribundos que ainda jaziam indefesos nos campos de batalha, à mercê do tempo. E ela tentou não imaginar as covas rasas abertas, a água se acumulando ao redor dos cadáveres.

Mesmo distante, as imagens eram terrivelmente vívidas em sua mente.

Além disso, ela se perguntava como suas amigas e o resto do povo da cidade teriam passado, os teimosos que, como Caroline e sua avó, se recusaram a partir. Até agora, não havia notícias diretas de ou sobre seus amigos e conhecidos, pessoas que ela e Jacob conheciam desde a infância. Talvez ela pudesse fazer uma breve incursão na cidade no dia seguinte, parando em algumas das fazendas vizinhas no caminho...

Vestindo a camisola sem tirar a chemise e a calçola, Caroline ficou ao lado da cama, olhando para a pequena e escura figura de sua filha. Ela cometeu um erro, permitindo que Rachel ficasse com ela, em vez de mandá-la para Nova York com sua boa amiga, Susannah Kronecker? Manter as realidades da guerra longe de sua filha não foi difícil no começo. Jacob estava ausente, é claro, e ambos sentiam sua falta, mas houve aquelas breves licenças e suas cartas, frequentes e sempre animadas, cheias de bom humor, histórias engraçadas e planos para o futuro.

Como esse futuro será diferente, Caroline refletiu tristemente, acomodando-se na cama ao lado de Rachel. Tão diferente do futuro que Jacob havia imaginado para os três. Ou possivelmente uma família maior, se ele tivesse sobrevivido.

Deitada de lado, Caroline tocou a bochecha de sua filha adormecida. Ela manteve a ilusão de segurança de alguma forma, mesmo depois de viajar para Washington City e retornar com os restos mortais de Jacob em um caixão de pinho. Tão cuidadosamente quanto Caroline havia explicado a morte de seu pai, e apesar do fato de Rachel ter visto pelo menos vislumbres dele em seu caixão, ela era muito jovem para compreender o significado completo e a permanência de tal tragédia. Nenhum pai jamais amou uma filha mais do que Jacob amou Raquel; ele adorava a criança. E, no entanto, como qualquer outro homem, ele também queria pelo menos um filho, alguém que carregasse o nome Hammond para uma nova geração. Alguém para ajudar a administrar a fazenda e, um dia, tomá-la inteiramente.

Se ela tivesse dado à luz um segundo filho, outra filha, uma que prosperasse, como Rachel, ele teria ficado satisfeito. Muito feliz, na verdade. Mas seus sonhos de ter mais filhos morreram com Jacob. Seriam apenas as duas, Caroline e Rachel, sozinhas agora.

Sem dúvida, sua filha ainda acreditava, em algum nível, que papai estava apenas “fora”, como estivera durante boa parte de sua curta vida, e que voltaria em algum momento, com pequenos presentes escondidos nos bolsos do casaco, sorrindo e oferecendo passeios nas costas.

A compreensão viria com o tempo, pensou Caroline. Ela não viu sentido em forçar o assunto nas últimas semanas. Era muito cedo. A dor era um processo natural; era certo e apropriado lamentar o marido e permitir que Rachel lamentasse o pai.

Caroline pretendia usar preto por um ano, como era de costume, mas o único vestido preto que possuía era o elegante que usara no funeral de

Jacob. Dadas as circunstâncias atuais, ela não estava preparada para encomendar os tecidos necessários, traçar padrões, prendê-los no lugar e cortar as muitas peças, muito menos costurá-los em vestidos de dia, saias e corpetes. Ela sabia que suas amigas iriam ajudá-la se ela pedisse, mas até agora ela não tinha pedido. Ela nem tinha certeza se conseguiria encontrar o tecido e as noções em primeiro lugar, a um preço que pudesse pagar. Com a guerra devorando a produção de praticamente todos os moinhos e fábricas do Norte, essas coisas eram escassas. Não só isso, ela e suas amigas tinham coisas mais importantes para fazer após as batalhas que aconteceram.

No entanto, se ela continuasse a usar chita e guingão em vez de melancólica bombazina e crepe por muito tempo, certas mulheres de seu conhecimento provavelmente fofocariam, embora com a guerra tão perto de casa agora, dificilmente teriam tempo. Mas ela bem podia imaginar um futuro em que prevalecessem os sussurros escandalizados, o cacarejar de línguas e o balançar de cabeças.

Então seus pensamentos se voltaram para uma realidade mais premente, os dois oficiais feridos em sua cozinha, um dos quais *poderia* ser membro do exército inimigo, e as tendas que abrigavam soldados gravemente feridos. Meros meninos, a maioria deles. As batalhas próximas, segundo todos os relatos, devastaram a cidade e o campo, deixando para trás milhares de homens, cavalos e mulas mortos.

Ela temia o que o amanhã poderia trazer.

15

Hammond Farm
4 de julho de 1863

Bridger

Bridger tateou seu caminho de volta à consciência, um esforço lento e árduo, com uma dor cada vez maior como sua única recompensa perceptível. No momento em que ele finalmente conseguiu erguer as pálpebras, o ferimento no ombro ardia como se tivesse acabado de ser cauterizado com um atizador em brasa, e ao mesmo tempo doía como um osso quebrado. Ele tentou se levantar do catre, mas um lampejo de pura agonia o forçou a se deitar novamente.

— Rogan? — Bridger perguntou, ofegante pelo esforço e pela dor. Ele realmente encontrou seu velho amigo de escola no campo de batalha? Até agora, ele teria descrito a vaga lembrança como um fragmento de um sonho febril, se tivesse pensado nisso.

— Sim, é *Rogan*—, a voz respondeu, de uma forma nada amigável. Evidentemente, o irlandês de McBride estava em alta. — Quem mais seria tolo o suficiente para se arriscar a ser enforcado por salvar sua pele miserável e contrária?

— Eu serei amaldiçoado—, Bridger disse, exausto. E sorrindo.

— Uma certeza se eu já ouvi uma—, Rogan murmurou. No ensino médio e depois, ele era famoso por seu temperamento explosivo, que se abrandava com a mesma rapidez. Ele adorava uma boa briga, McBride adorava, mas quando a luta terminava, ele geralmente estendia a mão com os nós dos dedos ensanguentados e levantava o adversário.

— Sinto cheiro de café—, disse Bridger, acelerando um pouco com o pensamento.

— Nossa sorte é que esteja provavelmente frio—, disse Rogan. — E não tem ninguém aqui para acender o fogão e esquentar.

Um momento depois, Bridger ouviu um barulho de tampa de fogão.

Pelos sons arrastados, Bridger adivinhou que Rogan tinha conseguido levantar-se de seu próprio catre e ir até o fogão.

O fato de ter conseguido se levantar era mais do que irritante. Rogan acendeu uma lanterna e aumentou a chama, e os contornos de uma mesa e

cadeiras, prateleiras e um fogão surgiram das sombras.

Então Rogan pairou sobre ele, estranhamente vestido com calças largas e algo que parecia uma camisola. Ele estava enfaixado, o rosto magro e pálido sob a barba nova e eriçada, escura como o cabelo.

— Você parece o inferno—, Bridger observou. — Acho que um homem deve esperar levar uma surra ou duas quando se envolve com um exército invasor.

A respiração que Rogan expeliu em resposta poderia ter contado como uma risada, se não fosse pelo amargo som de raspagem que fez. — Pelo amor de Deus, Bridger, *cale a boca*. Estou tentando pensar aqui. Descobrir o que fazer a seguir.

Com dificuldade, Bridger se apoiou nos cotovelos, rangendo os dentes contra a dor.

— Aqui está o que você deve fazer a seguir—, Bridger disse a seu amigo. — Ajude-me a ficar de pé. Estou em desvantagem injusta, deitado de costas como uma velha tartaruga virada do avesso.

Rogan sorriu, seus dentes brancos como ossos nus sob aquela barba desalinhada. Mas então ele se inclinou, um movimento que obviamente lhe trouxe um desconforto significativo, e estendeu a mão.

Bridger a pegou, forçando um gemido quando Rogan o ergueu do chão.

Ele cambaleou ligeiramente, respirando com dificuldade, mas conseguiu evitar o colapso novamente apoiando-se contra a pesada mesa de madeira.

— Obrigado—, ele sussurrou quando o pior passou.

— Já era hora de você mostrar um pouco de gratidão—, disse Rogan. — Considerando que você estaria sob um ou dois pés de boa terra da Pensilvânia agora, se eu não tivesse intervindo.

Bridger olhou ao seu redor. No alto, a chuva batia no telhado como a batida de um milhão de tambores. Do lado de fora, as carroças iam e vinham, e os homens gritavam uns com os outros e repreendiam cavalos e mulas. Sob todo esse barulho, ele ouviu os gritos abafados dos feridos.

— Não importa o seu heroísmo—, disse ele severamente. — Onde estamos, exatamente?

Na pouca luz do cômodo, os olhos azuis escuros de Rogan eram quase negros. Como Bridger, ele estava ferido, e não apenas por causa dos ferimentos que sofreu no campo de batalha. Os gritos e gemidos eram uma parte constante e inevitável da guerra, um lembrete de que, neste jogo

supostamente glorioso de reis e cavaleiros, eram os peões que derramavam mais sangue.

— Esta é a fazenda da viúva Hammond—, Rogan disse finalmente. — Seu nome de batismo é Caroline, e ela é uma boa mulher.

Havia um aviso expresso nessa declaração? Bridger não tinha certeza e, no momento, não estava inclinado a prosseguir com a ideia.

Em vez disso, ele puxou uma cadeira e afundou nela. — Estamos atrás das linhas da União—, disse ele. Não era uma pergunta.

— Sim—, Rogan respondeu sem triunfo. Ele puxou uma cadeira para trás e sentou-se em frente a Bridger.

— A batalha...?

— Acabou—, disse Rogan. — Toda a campanha de Gettysburg acabou e acabou.

Bridger fez uma careta. — E? — ele instigou.

O café estava fervendo ali no fogão, e o cheiro dele era um conforto, mesmo em meio a uma desgraça espetacular.

— Foi uma vitória da União—, Rogan disse a ele. Sua expressão era sombria. — Assim chamado, de qualquer maneira. Parece-me que nenhum dos lados pode chamar esse tipo de carnificina de “vitória”.

A cafeteira transbordou pelo bico, parte de seu conteúdo chiando, perfumado, no fogão.

A boca de Bridger encheu-se de água. Ele estava meio faminto, sem nenhuma lembrança clara da última vez que comeu, mas podia suportar isso. Era café que ele desejava, quente e forte, como um bêbado deseja uísque.

— Obrigado—, Bridger disse enquanto seu amigo lhe entregava uma xícara, e ele quis dizer isso. A coisa mal tinha fervido e uma espuma áspera subia na superfície dela, mas ele teve que se conter para não lambê-la como um cachorro sedento na margem de um riacho.

Bridger ficou brevemente frustrado com a generosidade dessas coisas comuns, uma vez tidas como certas, agora valorizadas. — Obrigado—, ele repetiu.

Rogan assentiu em reconhecimento enquanto trazia uma jarra cheia de leite e um pequeno pote de açúcar. Acrescentou porções generosas ao café. Mexido diligentemente.

Bridger fez o mesmo, mas de forma mais hesitante. Ele tinha ouvido falar que os yankees tinham que lidar com rações curtas de vez em quando,

mas eram um modo de vida no exército confederado. Açúcar e melaço estavam disponíveis quando as linhas de abastecimento funcionavam, mas o café havia desaparecido há muito tempo, graças aos bloqueios da União; fora substituído por uma variedade de substitutos ruins, desde folhas de chicória e bolotas moídas até cascas de árvores, cozidas isoladamente ou em combinação.

Ele passava fome por longos períodos, como a maioria de seus companheiros, mas nunca estivera desesperado o suficiente para beber tanto lodo.

Sua mão esquerda, sendo utilizável e a que ele preferia de qualquer maneira, tremeu levemente quando ele levou a xícara aos lábios. A bebida escaldou sua língua, mas não foi por isso que ele bebeu tão lentamente. Ele queria saborear cada gole.

Rogan empurrou sua cadeira para trás, levantou-se cuidadosamente e voltou para o fogão. Ele pegou a cafeteira pela alça e a levou até a mesa. Ele encheu a xícara de Bridger, então a sua própria, e sentou-se novamente. Em seguida, ele trouxe dois pratos cheios de comida que haviam sido colocados no balcão. Por Caroline Hammond? Seu homem contratado? Ou talvez um de seus funcionários? Ele assumiu que eles foram deixados para ele e Bridger.

Cada prato estava cheio de carne de porco fatiada e batatas fritas, salgadas e apimentadas e crocantes nas bordas.

Bridger ficou fraco com a visão. Como oficial, ele ocasionalmente tinha acesso a mais e melhor comida do que o soldado regular, mas sentar-se para uma refeição enquanto seus homens passavam fome não era algo que ele pudesse aceitar em sua consciência.

— Vá com calma—, Rogan o aconselhou calmamente. — Se não estou enganado, esse seu estômago confederado não vai aceitar muito bem de uma só vez.

Bridger sabia que seu amigo estava certo, gostava dele ainda mais pelo jeito que ele falava, sem condescendência e sem pena. Mesmo assim, era tudo o que ele podia fazer para não colocar toda aquela boa comida dentro de si o mais rápido possível.

— Talvez seja minha última refeição—, disse ele. A dor ainda queimava através dele, deixando-o nauseado, mas, ao mesmo tempo, seus ossos pareciam ocos de fome.

— Será certo se você continuar falando mal de cavalgar com Stonewall Jackson e Jeb Stuart—, comentou Rogan.

Ele comia moderadamente, notou Bridger, como se tentasse estabelecer um ritmo mais lento pelo bem de seu faminto amigo confederado, e havia algo comovente nisso.

— Sou um prisioneiro de guerra—, disse ele, entre mordidas de uma comida tão boa que fez seus olhos arderem e sua garganta apertar. — O que você esperava que eu dissesse?

— Para começar—, ele respondeu incisivamente—, você poderia parar de falar assim, dizendo que você é “um prisioneiro de guerra”, por exemplo.

Bridger ergueu as sobrancelhas com mais do que um pouco de sarcasmo.

Rogan balançou a cabeça. — Ah, não importa. Temos problemas maiores no momento.

— Eu discordo—, disse Bridger. — *Eu tenho* problemas maiores. Você, por outro lado, é um herói. Ferido em batalha, você conseguiu capturar um oficial confederado em campo. No mínimo, você receberá uma medalha, talvez promovido, enquanto eu serei enforcado, ou pior, deixado para apodrecer em algum campo de prisioneiros de guerra yankee.

Rogan largou o garfo. — Você acabou? — ele perguntou.

Bridger não disse nada. Ele entendeu muito bem que as intenções de seu amigo, pelo menos no que dizia respeito a ele, eram boas, até nobres. Rogan salvou sua vida e arriscou a sua própria no processo. Trouxe-o ali, para esta quinta, onde uma alma bondosa limpou e tratou a sua ferida.

Ele estava grato.

Ainda assim, ele não via como iria evitar a captura, com Deus sabe quantos yankees do lado de fora da porta, nem todos deitados indefesos em catres, pelo que parecia. Ele havia perdido o cavalo e, mesmo que tivesse um, mal conseguia ficar de pé, muito menos cavalgar.

— Eu sei o que você está pensando—, Rogan disse, quebrando o silêncio pesado.

— Estou pensando—, Bridger respondeu retoricamente, entre garfadas de carne de porco frita—, que nós dois estaríamos melhor se você tivesse me deixado no campo de batalha.

— Bem—, Rogan respondeu, pegando o garfo novamente—, eu não fiz, não é?

— Não—, Bridger concordou. — Você me trouxe para trás das linhas yankees. Quanto aos favores, meu amigo, este deixa a desejar.

— Você estaria bem se não tivesse falado com aquele seu maldito sotaque no segundo em que abriu os olhos esta manhã. Droga, Bridger!

— Talvez possamos seguir em frente e discutir, digamos, como diabos vou sair daqui sem ser baleado, linchado ou enviado para alguma merda de prisão yankee?

— Eu vou te dizer, se você ouvir—, disse Rogan, gesticulando com o garfo para dar ênfase. — Sou um contramestre interino e, como tal, tenho acesso a suprimentos. Posso conseguir um uniforme yankee para você...

— Isso é uma heresia! — Bridger não resistiu em interromper.

Rogan olhou para ele.

A chuva chuviscava nas janelas e tamborilava no telhado, e um pedaço de madeira quebrou no fogão. O nascer do sol não poderia estar longe, e dane-se se ele pudesse adivinhar o que o dia poderia trazer, embora fosse difícil imaginar algo pior do que três dias de carnificina em massa no campo pastoral da Pensilvânia.

Ele estremeceu com a lembrança.

Rogan continuou a olhá-lo fixamente.

Bridger sorriu, lembrando-se de seus dias de escola. Eles lutavam com queda de braço, lutavam com os punhos, esgrimiam e competiam entre si a cavalo, competiam pelas notas mais altas em seus estudos e pelas garotas mais bonitas em bailes e eventos sociais fora do campus. Em todos os casos, eles terminaram empatados, ambos exaustos do esforço, forçados a declarar empate ou morrer batendo de frente.

— Tudo bem—, disse ele, com um suspiro exagerado. — Explique seu plano mestre, oh, grande vidente do Norte. Não que eu esteja concordando com alguma coisa, veja bem, porque estou muito bem, não.

Um canto da boca de Rogan se contraiu, mas ele conseguiu não sorrir e assim ceder um centímetro de terreno. Bastardo irlandês estúpido. — Você deveria saber que estou tão motivado para salvar sua pele pelo bem de sua irmã quanto pelo seu próprio. Prometi a Amalie em minha última carta que ficaria de olho em você caso o encontrasse no campo de batalha, ou fora dele. E gosto de cumprir minhas promessas.

— Engraçado, recentemente recebi uma carta de Amalie. Ela não mencionou você! Essa era a verdade. — Mas Bridger lembrou-se da

proximidade inocente que sua irmã e seu amigo desfrutaram quando Rogan visitou Fairhaven durante seus tempos de escola.

Rogan ignorou sua observação. — Aqui está o plano. Primeiro, você finge ser um membro leal do exército do Sr. Lincoln—, disse ele. — Vou conseguir um uniforme para você e documentos também. O segredo já foi revelado a alguns poucos no que diz respeito ao seu sotaque, mas se alguém o desafiar nesse sentido, podemos dizer que você se opôs à secessão e foi forçado por seus princípios a ajudar a restaurar a União.

— De qualquer forma, não deve ser muito difícil para você ficar fora do caminho das pessoas—, Rogan continuou. — Você é um convalescente, afinal de contas, então não se espera que fique de guarda ou cuide dos feridos. Quando nossas ordens chegarem, os homens lá fora atacam as tendas, colocarão os pacientes em carroças-ambulância e seguirão em frente. Vai ser um caos, e isso significa que você pode se perder na confusão facilmente. Até então, você vai se recuperar. Mesmo depois de partirmos, porém, você terá que se esconder por um tempo, haverá patrulhas em todas as estradas principais e, não importa o uniforme que esteja usando no momento, você será parado e questionado sobre por que você está indo na direção errada.

Bridger pesou tudo isso. Por mais que ele considerasse Rogan McBride, o pensamento de se passar por um maldito barriga azul o irritava. Apesar de sua intensa desaprovação da escravidão, ele não podia deixar de sentir uma sensação de deslealdade para com sua casa e família, seu estado, seus companheiros soldados...

Por outro lado, porém, ele queria viver. Também queria voltar para seu próprio exército, embora as duas eventualidades pudessem ser mutuamente exclusivas.

Bridger começou, — E a viúva que você mencionou antes? Harlan... Halland...?

— Hammond—, Rogan esclareceu. — Caroline Hammond. O marido dela caiu em Chancellorsville, em maio.

Bridger não queria pensar em Chancellorsville, seu comandante, o grande Stonewall Jackson, um homem que ele admirava, havia caído ali, perdendo o braço e, poucos dias depois, a vida.

— Ela é leal à União, é claro. Ela me ouviu falar? Ela não se ressentiria de eu estar do outro lado, visto que ela é uma viúva recente? — ele arriscou pensativo.

— Claro que ela é leal—, Rogan confirmou. — Mas ela também me parece uma mulher calorosa e gentil. Eu a conheci brevemente quando ela foi para Washington City em busca de seu marido ferido. — Seu tom era um tanto cauteloso.

— Mesmo assim, ela não vai querer me entregar ao primeiro oficial yankee que encontrar? — Ele sorriu. — Além de você, quero dizer.

Rogan ficou quieto por um longo tempo. Ele pousou a faca e o garfo no prato, cruzados, afastou-os e desviou os olhos.

Alguns minutos depois, ele encontrou o olhar de Bridger novamente e respondeu—, Eu não conheço Caroline, Sra. Hammond, muito bem, mas de alguma forma acho que ela é mais complicada do que isso. De qualquer forma, teremos que arriscar. Pelo que percebi quando estive aqui pela primeira vez para deixar suprimentos, ela tinha acabado de enterrar o marido. Ela e a avó parecem conhecedoras de medicina e ajudaram a cuidar de nós dois ontem. Ela pode ser motivada mais por preocupações humanitárias do que por ideologia.

Rogan parecia estar sendo muito cauteloso quando se tratava da senhora, pensou Bridger. Isso era diferente dele, no contexto de sua amizade, de qualquer maneira.

Ele decidiu descobrir. — Parece que você está apaixonado por este anjo de misericórdia—, ele disse.

Rogan engoliu visivelmente e seus olhos se estreitaram, mas ele não ofereceu uma resposta.

Bridger suspirou. — Deus Todo-Poderoso—, ele murmurou. — Eu pensei que você tinha mais bom senso.

As mãos de Rogan, descansando sobre a mesa, atadas em punhos, relaxaram novamente. — Caroline é uma boa mulher—, disse ele, com a voz áspera. — Uma mulher *decente*. Se você está insinuando o contrário, posso ter que causar algum dano a esse seu rosto aristocrático.

— Aristocrático? — Bridger tentou rir. Ele esfregou a barba por fazer no queixo com uma das mãos. Ele estava usando roupas de outra pessoa, e um yankee havia cavado um túnel que passava por seu ombro. Ele não se sentia nem um pouco como um aristocrata.

— Eu não estou insinuando nada—, disse ele atualmente. — Essa Sra. Hammond é uma completa estranha para mim. Tenho certeza de que ela é tudo o que você diz que é e muito mais. Tudo isso não vem ao caso.

— E isso quer dizer...?

— Você mesmo disse. Ela é uma viúva *recente*. Uma grande batalha acaba de ser travada, praticamente em seu próprio quintal, e agora há um hospital de campanha em sua propriedade. Ela não está em posição, meu amigo, de receber seu coração, por mais honrosa que seja a oferta. Mova-se muito rapidamente e você não a deixará com escolha a não ser quebrá-lo.

Rogan soltou um suspiro longo e lento, recostando-se em sua cadeira. Ponderando. Depois de um longo silêncio, ele disse: — Não assumo nada. Mas você está certo. Tenho uma guerra para lutar e ela tem um marido para lamentar. — Ele fez uma pausa e tentou um sorriso, que vacilou em uma careta quase antes de tomar forma.

Bridger, que conhecia as armadilhas de amar uma mulher que não poderia ter, estava bastante certo de que Caroline Hammond estaria na mente de Rogan por um tempo. Mas antes que ele pudesse formular uma resposta, a pesada porta da cozinha se abriu e uma pequena figura encapuzada entrou correndo, emergindo da umidade cinzenta do amanhecer.

Simultaneamente, Bridger e Rogan se levantaram, uma luta desajeitada, estranhamente urgente.

Esta, pensou Bridger, com um senso de distanciamento, *é Caroline Hammond*.

— Por favor—, ela disse, esta mulher impressionante, aparentemente tecida de névoa e calor de verão e o perfume de lilases—, sentem-se.

Nenhum dos dois obedeceu.

Ela entrou no círculo de luz da lanterna, trazendo seu rosto em alívio súbito e agudo, empurrou para trás o capuz de sua capa e ofereceu um sorriso hesitante.

— Bom dia, senhores—, disse ela, provavelmente surpresa por encontrar seus pupilos vivos naquela manhã chuvosa, quanto mais em pé. — Sentem-se. Por favor.

Bridger não se sentou, nem Rogan.

Ela piscou, confusa com essa resistência involuntária ao convite. Pelo menos, não foi intencional da parte de Bridger. Ele se viu inexplicavelmente *incapaz* de responder de alguma forma, um estado que era estranho à sua natureza. E ele não tinha explicação para isso.

Seguiu-se um breve e incômodo silêncio.

Finalmente, Caroline falou novamente. — Vejo que vocês dois estão começando a se recuperar—, ela disse, tirando a capa úmida de seus

ombros enquanto se virava, então cruzou para a porta novamente e pendurou a roupa em um gancho próximo. — Isso é um alívio.

Tirando um avental de uma gaveta, ela se virou para encará-los, e conforme mais luz entrava pelas janelas, Bridger deu uma olhada melhor nesta mulher que seu melhor amigo parecia gostar.

Seus olhos eram brilhantes e inteligentes. E sua pele clara e exuberante coroa de cabelos cor de trigo, incertos presos e ligeiramente tortos, tornavam Caroline Hammond instantaneamente magnética. Ela dava a impressão de força, de raízes robustas que penetravam profundamente na essência singular da própria vida.

Deus ajude Rogan, pensou Bridger, e Deus me ajude.

Ele tateou em busca de sua voz, encontrou um fragmento, arrastou-o para cima até a língua. — Um cavalheiro—, ouviu-se dizer—, não se senta na presença de uma dama.

Caroline estava se movendo em direção ao fogão, mas ela parou quando ouviu Bridger falar e o estudou com uma mistura de consternação e surpresa. — Você é de origem sulista, senhor—, ela disse. Ele suspeitava que ela havia notado isso antes...

Não foi uma acusação, apenas uma declaração.

Rogan, em silêncio todo esse tempo, limpou a garganta.

Bridger não deu atenção ao aviso, bem-intencionado, pois certamente foi. Ele havia enganado muitas mulheres em seu tempo, por lisonja, por omissão, embora nunca com malícia; ainda assim, por alguma razão incompreensível, ele não podia mentir para esta.

— Meu nome é Bridger Winslow—, disse ele. — E eu sou capitão do Exército da Virginia do Norte, atualmente sob o comando do general Jeb Stuart.

Os olhos de Caroline se arregalaram e ela parou no ato de amarrar o cordão do avental.

Rogan gemeu com desgosto óbvio.

Caroline olhou do rosto de Bridger para o de Rogan, então de volta. Seus cotovelos se projetavam para os lados, as mãos suspensas atrás dela.

— Eu ouvi corretamente, senhor? — ela perguntou.

— Não—, disse Rogan, assim como Bridger respondeu: — Sim.

Ela enrijeceu, terminou com os laços do avental e deixou cair as mãos para os lados. — Qual a verdade, senhores? — ela exigiu. — Sim ou não?

— Sim—, Bridger repetiu.

De pé a poucos metros de distância, do outro lado da mesa, Rogan fez um som de pura exasperação.

Bridger, ao contrário, sentiu um leve, embora precário, alívio. Ele até sorriu um pouco, uma resposta que estava de acordo com sua natureza geralmente audaciosa e provavelmente imprudente.

O olhar de Caroline voltou para Rogan, e Bridger encontrou-se relutantemente perdendo seu respeito, embora brevemente. Foi então que ele percebeu que Rogan pode não ter simplesmente se interessado pessoalmente antes, quando admitiu sua admiração por essa mulher. Ele estava fazendo algum tipo de reivindicação, talvez até desenhando uma linha figurativa que Bridger não deveria cruzar?

— E você, capitão McBride? — ela perguntou. — Você está colaborando com o inimigo ou é leal à causa da União?

Embora Bridger não desviasse o olhar de Caroline, ele estava ciente da reação de Rogan a suas perguntas diretas. Ele sentiu que seu amigo se endireitou e se virou para encará-la.

— Eu sou leal—, Rogan disse, sua voz áspera e orgulhosa.

Caroline ergueu as sobrancelhas e cruzou os braços sobre o peito. Bridger estava discretamente divertido. Ele havia acabado de colocar sua liberdade, se não sua própria vida, nas mãos de uma mulher que nunca conheceu e sobre a qual não sabia quase nada.

— Capitão Winslow e eu somos velhos amigos da escola militar—, Rogan finalmente disse a ela. — Acho que mencionei isso antes, ou pelo menos que somos amigos de longa data. — Seu tom era respeitoso, com uma nota de apreensão. — E eu seria um estúpido se não desejasse que fosse de outra forma, pelo menos agora.

— Entendo—, Caroline disse, confusa. Mas claramente, ela *não* entendia. Sua testa estava franzida, e suas bochechas lisas estavam rosadas. Ela considerou Bridger novamente, solenemente. — Você é um prisioneiro de guerra, então?

Bridger ainda estava pensando em uma resposta quando Rogan intercedeu. — Não—, ele disse inflexivelmente. — Ele não é.

— Não? — Caroline ecoou, atraentemente confusa.

Rogan deu outro suspiro e afastou uma cadeira na cabeceira da mesa. — Por favor, sente-se—, disse ele, cansado. — Se você não fizer isso, terei que continuar de pé, e minha perna está prestes a ceder de dor.

Caroline se aproximou da mesa, sentou-se na cadeira que Rogan ofereceu. Ela alisou o avental novamente, rapidamente, e esperou.

Bridger, ainda escravizado por qualquer que seja o feitiço que esta camponesa lançou involuntariamente, caiu para trás em sua própria cadeira, e Rogan fez o mesmo.

Lentamente, relutantemente, enviando o olhar ocasional para Bridger ao longo da próxima explicação, Rogan contou a Caroline como ele e Bridger se conheceram quando meninos, enquanto estudavam no colégio interno, e formaram uma amizade profunda e duradoura. Como o pai e a família de Bridger, incluindo sua irmã mais nova, Amalie, acolheram seu eu órfão e o cobriram com a hospitalidade sulista; como costumava passar as férias escolares com a família e a considerava sua. E como quando ele descobriu Bridger ferido no campo de batalha, ele se sentiu compelido a levar seu amigo para um lugar seguro.

Bridger escutou como Rogan explicou sua relação, seu corpo ardia com a dor de sua ferida. Ele foi tocado pelo compromisso feroz de Rogan com o vínculo improvável entre os dois, amigos que vieram de origens tão diferentes, e sua determinação em manter essa amizade, apesar de suas diferenças.

Ele esperava que seu amigo soubesse que ele sentia o mesmo.

Alguns laços não podiam ser quebrados, com ou sem guerra.

Ou por uma mulher.

E ainda...

Ele começou a entender o que atraiu seu amigo para esta mulher calorosa, direta e atraente.

16

Hammond Farm
4 de julho de 1863, 8h30

Caroline

As palavras de Rogan deram a Caroline muito em que pensar, mas ela simplesmente não tinha tempo para ficar sentada pensando no dilema em que se encontrava. Muitos soldados feridos estavam em sua fazenda precisando urgentemente de ajuda; não havia oportunidade de pensar em si mesma, de pensar no assunto com sua lógica usual. No entanto, enquanto colocava remédios, água ou caldo ralo na boca dos caídos, enquanto limpava e enfaixava feridas, lavava todo tipo de nojentas efusões carnis de corpos indefesos, ela refletia sobre a situação.

Tratar um soldado confederado sofredor foi um ato de misericórdia e humanidade, não de traição, com certeza. Se ela fizesse o que Rogan pediu, no entanto, e permitisse que os oficiais da União acreditassem que Bridger Winslow fazia parte de seu próprio exército, com o objetivo final de ajudá-lo a escapar, ele provavelmente retornaria ao exército adversário e pegaria em armas contra as tropas federais. Ela então seria pelo menos parcialmente responsável por cada homem que ele pudesse matar em batalha. Homens como o seu próprio Jacob, como os meninos doces e ingênuos de sua própria cidade, e outras cidades como esta, por todo o Norte.

Seria uma vida a ser preservada pondo em risco tantas outras?

E ela poderia esperar que Geneva, Enoch e Jubie, até mesmo a inocente pequena Rachel, compartilhassem da mentira?

Claramente, ela tinha boas razões para recusar sua cumplicidade, mas nenhuma delas era uma resposta em si, não para Caroline.

Bridger Winslow, afinal, era uma *pessoa de carne e osso*, não apenas um nome em alguma lista oficial de soldados feridos, desaparecidos ou mortos. Ela ajudou a tratar seus ferimentos, talvez até mesmo para salvar sua vida. A experiência afetou seu relacionamento com ele, assim como cuidar de Rogan, e cuidar dos outros a estava mudando agora.

A escolha entre falar e manter a calma teria parecido fácil, mesmo uma semana antes.

Agora, estava cheio de conflito.

Durante toda aquela manhã, enquanto ela, Geneva e vários jovens soldados cuidavam dos pacientes, Caroline travava uma guerra interior própria. Ela não estava mais perto de resolver o problema ao meio-dia, quando Jubie veio assumir as funções de enfermeira por um tempo, para que Caroline pudesse passar algum tempo com Rachel, do que no momento em que ela entendeu exatamente o que estava acontecendo a ela.

Ela era grata a Jubie, que passava horas todos os dias ajudando os soldados, oferecendo comida, água e conforto, e Caroline agora sentia que a insistência da garota em cuidar dos feridos havia sido a decisão certa. Ela admirava sua disposição de se colocar em risco de ser vista. Enoch também passou algum tempo nas tendas do hospital, auxiliando principalmente no levantamento e movimentação de pacientes.

Entrar na casa principal agora era como encontrar refúgio depois de uma longa e difícil jornada, repleta de perigos. Caroline soltou um suspiro de alívio quando sua filha a cumprimentou na porta, o rosto pequeno ao mesmo tempo alegre e preocupado.

— Mamãe! — Rachel gritou, jogando-se nos braços de Caroline. — Você voltou!

Caroline a pegou no colo, segurou-a com força, fechou os olhos enquanto respirava o perfume da pele e do cabelo quente e limpo de uma garotinha saudável, deliciando-se com o peso sólido de sua forma retorcida. — Claro que voltei—, ela murmurou. — Você achou que eu não iria voltar?

Rachel recostou-se nos braços de Caroline e estudou-a solenemente, sacudindo a cabeça uma vez. — Eu ouvi gritos—, ela confessou em um quase sussurro. — Eu estava assustada.

— Jubie explicou o que está acontecendo?

Mais uma vez, Rachel balançou a cabeça. — Eu cantei músicas para o bebê dela na barriga, depois brincamos com minhas bonecas e ela me contou histórias. Perguntei a ela se as pessoas naquelas tendas estavam gritando porque estavam tendo pesadelos, e ela disse que eu deveria esperar e perguntar a você.

Caroline alisou o cabelo de Rachel longe de seu rostinho sério; ela gostaria de poder proteger a criança da terrível situação no quintal onde, não muito tempo atrás, ela brincara de brincadeiras de infância feliz e sabia que isso não era possível. — Há soldados nas tendas—, ela respondeu cuidadosamente. — Alguns deles estão muito feridos e com dor. É por isso que eles gritam.

A expressão no rosto de Rachel quebrou algo dentro de Caroline, talvez para sempre. — Porque eles têm que fazer uma guerra?

Porque eles têm que fazer uma guerra.

— Sim—, Caroline engasgou, tentando sorrir e falhando totalmente. — É por causa da guerra. — Relutantemente, ela colocou Rachel de volta em pé, embora preferisse continuar segurando-a, com força e por muito tempo.

— A guerra que fez papai morrer?

Lágrimas ardiam nos olhos de Caroline. — Sim, querida. A mesma guerra.

Rachel pegou a mão de Caroline e apertou-a com seus dedos pequenos e fortes. — Você também está machucada, mamãe? — ela perguntou, claramente preocupada. — É por isso que você está chorando?

— Eu não estou machucada, querida—, Caroline respondeu com uma fungada, rapidamente limpando os olhos com as costas de uma mão.

— A guerra deixa as pessoas muito tristes—, Rachel disse sabiamente, ainda segurando a mão de Caroline. — Não é?

— Sim—, respondeu Caroline. — faz.

A pequena sobancelha de Rachel franziu em confusão. — Não é bom lutar—, ela anunciou. — Os adultos deveriam parar de fazer isso.

— Concordo plenamente—, Caroline disse, e desta vez, seu sorriso era real. Não havia maneira racional de explicar a guerra a uma criança de quatro anos, é claro, especialmente quando ela mesma não a entendia totalmente, mas o assunto também não podia ser varrido para debaixo do tapete. Era, infelizmente, uma realidade, e deixaria sua marca em todos eles, jovens e velhos. Já tinham chegado à sala e, sem pensar, Caroline foi direto para o cravo, sentando-se no banco, Rachel ao seu lado.

— Toque alguma coisa, mamãe—, disse a criança.

Caroline não era uma musicista talentosa de acordo com nenhum padrão, mas sabia tocar algumas melodias e hinos simples.

— Eu não sei—, ela disse hesitante, mesmo enquanto seus pés encontravam os pedais e seus dedos flexionavam nas velhas chaves rachadas. O instrumento era uma herança, estimada por três gerações de mulheres Hammond, e nas raras ocasiões em que Caroline tocava, sentia-se vagamente culpada, como se estivesse mexendo nos pertences de outra pessoa.

Além disso, havia homens sofrendo, alguns deles terrivelmente, ao alcance da voz. Uma melodia muito alegre certamente seria inapropriada,

mas um canto fúnebre também não serviria.

— Por favor, mamãe? — Rachel sussurrou, esperançosa.

Caroline lembrou a si mesma que foi ela quem se sentou na frente do instrumento. Talvez se ela tocasse suavemente, o som não chegaria longe o suficiente para perturbar os feridos. Quando criança e muito jovem, ela aprendeu habilidades musicais rudimentares, incluindo a capacidade de ler música.

Ela pensou por um momento, então trabalhou as bombas e tropeçou desajeitadamente na primeira estrofe de um hino favorito, “Nearer, My God, to Thee”.

Rachel observou enquanto os dedos de sua mãe tocavam as teclas.

— Mais, por favor—, a garotinha implorou quando as últimas notas tremeram em silêncio.

Caroline sorriu e abraçou a filha por um longo momento.

Os olhos de Rachel brilhavam com uma ânsia de partir o coração pelo prazer comum da música. — Gosto daquela música que o Sr. Enoch costumava tocar em seu violino—, disse ela. — Aquela sobre perus chutando palha.

Caroline riu, um som estranho, não praticado recentemente. — “Peru na Palha?” — ela perguntou. — Isso não seria nada adequado, eu temo.

Rachel ponderou essa informação sombriamente. — Por que não?

Como, Caroline se perguntou, ela explicaria que a música poderia ser muito alegre? Antes que ela fosse obrigada a responder, ela ouviu um som de batida na porta em arco atrás dela e se virou para ver Rogan McBride parado na abertura, parecendo desgostoso.

— Eu bati na porta lateral—, disse ele sem jeito. — Acho que você não ouviu.

Caroline não sabia o que fazer com a presença dele em sua sala. Não era uma afronta, apenas... inesperado. — Sinto muito se incomodamos alguém —, ela disse, prestes a se levantar do banco.

O pobre homem parecia prestes a desmaiar. — Não—, ele respondeu rapidamente. — Não é isso. São... bem... os homens... Eles gostariam de ouvir mais. É um conforto para eles, o som de um órgão. Leva-os de volta para casa.

Caroline não comentou que não tocava órgão, mas cravo. — Estou surpresa por eles terem ouvido do lado de fora—, disse ela.

— Se pudéssemos abrir uma ou duas janelas, talvez uma porta? — Rogan tropeçou, sua expressão tão tocantemente esperançosa quanto a de Rachel antes. — Digo, não seria uma imposição?

— Tudo bem, não é, mamãe? — Rachel perguntou ansiosamente. — Abrindo as portas e janelas para que os soldados também possam ouvir?

Caroline só pôde assentir ao se sentir, mais uma vez, dominada pela emoção.

A força do sorriso de Rogan, por mais pálido que fosse, quase a levou às lágrimas. — Obrigado, Sra. Hammond—, disse ele.

— Caroline—, ela o corrigiu, procurando mentalmente em seu repertório musical, então percebeu que precisava fazer uma apresentação. Durante os poucos dias que Rogan e Bridger estiveram aqui, eles não conheceram Rachel, que estava tomando suas refeições na casa principal, muitas vezes com Jubie. — Oh! Capitão McBride, esta é minha filha, Rachel.

Rogan sorriu e curvou-se educadamente. — É uma honra conhecê-la, senhorita Rachel.

Ela sorriu amplamente. — Eu também, capitão!

Lentamente, e com alguma ajuda de Rachel, Rogan abriu as janelas laterais da sala e, ao sair, deixou a porta entreaberta.

Caroline respirou fundo e começou a tocar.

Ela fechou os olhos enquanto os acordes de “Abide with Me” fluíam de seus dedos e através das teclas, para pulsar suplicantemente de dentro do instrumento. Ela seguiu com “Home, Sweet Home”, que trouxe mais lágrimas enquanto corria pelas janelas para o calor úmido da tarde, e então a empolgante “Battle Hymn of the Republic”, uma das favoritas do próprio Sr. Lincoln.

Caroline se perdeu na música, encontrando doce consolo mesmo entre as composições mais tristes. Em algum momento, ela começou a cantar, permitindo que sua própria dor encontrasse seu lugar em letras de solidão e tristeza.

Quando Jubie apareceu ao seu lado, segurando uma cópia surrada de um cancionário pequeno o suficiente para carregar no bolso ou na mala, ela se assustou um pouco. O rosto da garota era um exemplo de fervor gentil e uma estranha determinação.

— Posso ouvir um desses garotos rebeldes pelas janelas abertas—, disse ela—, e ele está implorando para ouvir essa música. Ele não ficará conosco

por muito tempo, pelo que parece. — Por mais estranho que fosse, Caroline sabia que havia sulistas, embora não muitos, em algumas das tendas. Todos, desde o cirurgião até os que cuidavam dos feridos, pareciam tratá-los com uma espécie de compaixão prática.

Caroline pegou o livro de canções, um volume bem usado.

Ela olhou para a música, respirou fundo mais uma vez e começou.

Os acordes de “Dixie” floresceram ao seu redor, enchendo a sala, flutuando para o quintal e as tendas erguidas ali.

A música a encheu de saudade dos tempos de paz em que o Norte e o Sul ainda eram um só país, indivisível.

— Não mais—, Caroline disse entrecortada, quando ela terminou. — Não mais.

Com isso, ela se levantou do banco, deixando Rachel aos cuidados de Jubie, e caminhou. Ela caminhou rápido, chorando enquanto caminhava, sem saber para onde estava indo até chegar ao lugar tranquilo sob a árvore onde havia enterrado Jacob apenas algumas semanas antes.

Ela caiu de joelhos ao lado de seu túmulo, dobrada de dor. Ela chorou por si mesma e chorou por Jacob e chorou pela perda de paz e graciosidade e toda a civilidade. Ela soluçou, balançando para frente e para trás, pensando em sua Rachel, agora sem pai, a criança que Jacob nunca mais olharia, nunca mais abraçaria.

A tristeza brotou dentro dela, grande demais para conter, e ela lamentou com a agonia disso, a injustiça, a pura crueldade de todos os anos que foram injustamente perdidos para Jacob e para tantos homens como ele em ambos os lados.

Ela chorou por mães e pais, irmãs e irmãos, filhos e filhas. Ela chorou pelo Sr. Lincoln e pelos fardos devastadores que carregavam, dia após dia, noite após noite.

Ela chorou pela nação que tanto amava, forjada no fogo das dificuldades, da esperança e da coragem diante de probabilidades impossíveis, apenas para se despedaçar e sangrar menos de um século depois.

Finalmente, ela ficou exausta.

O peso de uma mão calejada e forte pousou em seu ombro. — Está tudo bem, Sra. Caroline—, Enoch disse com a voz rouca. — Vai ficar tudo bem.

Caroline não conseguia falar. Ela permitiu que Enoch a pegasse pelo braço e a ajudasse a se levantar.

Ela assentiu, reconhecendo sua presença. Não fez nenhuma tentativa de enxugar a umidade de seu rosto.

Enoch a segurou pelo cotovelo. — Volte para casa, agora—, ele disse, sua voz ao mesmo tempo gentil e áspera. Ele parecia saber que, embora ela mesma não pudesse pronunciar uma palavra, ela encontrava grande conforto em sua conversa calma. — Você foi muito corajosa, é isso. Você perdeu um marido muito bom, e agora tem homens morrendo bem na sua porta, e se alguma mulher tem algo para chorar, é você.

Caroline ouviu, tropeçando ao lado de Enoch, grata por sua amizade e pela força de sua mão, segurando-a de pé.

— E você fez um bem, tocando aquela música agora há pouco. Isso acalmou bastante aqueles pobres meninos. Os levou para casa.

Caroline assentiu novamente, ainda incapaz de falar.

— Fez bem ao meu coração também.

Ela desejava perguntar a Enoch o que deveria fazer com o soldado Bridger Winslow. Ela não ousava mencionar sua atração inesperada por ele. Ela queria perguntar como diabos ela criaria sua filha em um mundo dilacerado pela guerra. Ela sabia que se tentasse falar sobre isso, simplesmente desmoronaria novamente.

A questão de Bridger Winslow teria que permanecer sem solução por enquanto.

Ela voltou para casa e para Rachel, e lá permaneceu até que sua avó entrou, exausta. Como Geneva afundou em uma cadeira na sala, ela colocou a bisneta no colo. E Caroline voltou para cuidar dos feridos.

O trabalho parecia interminável, tanta necessidade, impossível de atender. Caroline funcionava mecanicamente, como uma pessoa em estado de estupor ambulante. Ela sorriu, acariciou suas mãos e testas, levou água aos lábios e anotou cartas para entes queridos distantes. Cada um poderia ter sido seu Jacob.

E quando ela não podia mais continuar, ela continuou de qualquer maneira.

Cedo na manhã seguinte, depois de um sono profundo e abençoadamente sem sonhos, Caroline levantou-se, lavou-se e vestiu-se e, encontrando Jubie de pé, pediu-lhe que ficasse com Rachel e fizesse o que pudesse para dissuadir Geneva de continuar com seus deveres de enfermeira sem tomar café da manhã primeiro.

Jubie concordou com a cabeça, mas falou pouco. Como todo mundo, ela estava exausta. Mas ela também estava grávida e seu silêncio incomum preocupava Caroline.

Caroline fez uma pausa. — Você vai descansar quando puder? Colocar os pés para cima? — ela perguntou.

Jubie assentiu novamente. — Mas todos nós temos que fazer o que pudermos por esses pobres homens—, acrescentou ela. — Nossas necessidades não são nada comparadas às deles.

Homens sofriam e morriam em seu quintal, pensou Caroline enquanto se preparava para sair. Ela esperava que o capitão Winslow também estivesse em repouso, dada a gravidade de seu ferimento. Mesmo assim, pensar nele por alguns segundos tocou algo intangível dentro de Caroline, deixando-a um pouco tonta.

Por um momento, as duas mulheres se olharam em silêncio, e pareceu a Caroline que havia um entendimento entre elas. Foi então, Caroline pensaria muito mais tarde, que ela e Jubie deixaram de ser ajudantes e ajudaram, protetoras e protegidas, para se tornarem verdadeiras amigas.

Jubie sorriu, e a expressão iluminou seu rosto. — Eu irei ver a senhorita Rachel primeiro. E depois eu ajudo nas barracas, assumo o seu lugar por algumas horas. Ah, e senhorita Caroline, Enoch me disse que o capitão Winslow teve febre durante a noite.

Caroline não ficou surpresa. Mas, encorajada pela força dessa jovem, bem como por seu sorriso tranquilo, ela disse: — Irei para lá imediatamente. Mas, por favor, Jubie, não me chame mais de “Senhorita”. Prefiro que você use meu nome de batismo.

O pedido obviamente deu uma pausa em Jubie, mas ela se recuperou rapidamente. — Talvez eu tenha que me acostumar com isso... mas obrigada, Caroline.

Caroline sentiu um sorriso tomar forma em sua própria boca, antes de se lembrar novamente dos homens feridos nas tendas do lado de fora e da febre do capitão Winslow.

Elas seguiram caminhos separados, Jubie subindo as escadas para dar uma olhada em Rachel, Caroline saindo pela porta lateral para ir até a cozinha separa da casa e checar os homens lá. Ela sentiu náuseas, sentindo o cheiro de sangue e doença, então passou correndo pelas tendas. Ela se recusou a sentir pena de si mesma, quaisquer que fossem suas provações,

enquanto tantos ao seu redor tiveram que suportar sofrimento em uma escala que ela não poderia imaginar antes da guerra.

A porta da cozinha estava entreaberta e, ao entrar, ela viu Rogan parado no fogão, magro e ainda com a barba por fazer, vestido com calças de uniforme notavelmente limpas, uma camisa de algodão e suspensórios. Ele estava cozinhando, fritando carne de porco, ovos frescos e batatas em frigideiras familiares, e parecia competente na tarefa, até mesmo bem treinado.

— Bom dia, capitão McBride—, disse Caroline, parando a vários metros dele.

— Achei que tínhamos concordado em usar nossos primeiros nomes—, comentou Rogan.

Ela se inclinou ligeiramente, em busca de Winslow. Ela o encontrou em seu catre do outro lado da cozinha, uma sombra instável. — Enoch disse que o capitão Winslow está com febre—, ela murmurou. — Jubie me contou. Você... a conheceu? Ela tem ajudado os soldados nas tendas lá fora.

Rogan fez uma pausa em seus deveres de cozinha e assentiu. — Nós conversamos uma ou duas vezes. Jubie é... extraordinária. — Então ele olhou para o paciente inquieto. — Sim, Bridger está muito doente—, ele disse gravemente, antes de virar a cabeça para encará-la novamente. — Sua pele está quente como uma dessas frigideiras. Talvez se o banhássemos em água fria...?

Caroline engoliu em seco ansiosamente e sentiu suas bochechas esquentarem. Criada na casa de um médico, ela sabia com que rapidez as doenças podiam se espalhar. Seus próprios pais e irmã ficaram gravemente doentes em questão de horas, aparentemente bem pela manhã e mortos antes do pôr do sol. Ela não queria expor Rachel ou Geneva a tal risco.

Crianças e idosos eram particularmente vulneráveis aos horrores da cólera, febre tifóide, varíola e escarlatina, entre outras doenças, embora, é claro, qualquer um pudesse adoecer. Alguns dos feridos já haviam sucumbido a infecções, enquanto outros contraíram pneumonia. No entanto, ela presumiu que, com toda a probabilidade, a febre do capitão Winslow era resultado de uma infecção em seu ferimento e, portanto, não era contagiosa.

Rogan parecia estar lendo cada pensamento dela, apenas observando sua expressão e comportamento. — Se você me disser o que fazer—, ele começou, sua voz rouca—, eu mesmo cuidarei de Bridger. Talvez você deva manter distância, só por precaução.

Caroline se preparou. — Acho que é tarde demais para esse tipo de precaução—, disse ela, com o máximo de ânimo que conseguiu. Apesar de toda a sua relutância, uma parte dela foi atraída por Bridger Winslow e, perturbadoramente, por Rogan também.

O que em nome do céu isso significava?

Utilizando cada grama de resolução que possuía, Caroline atravessou a cozinha e se ajoelhou ao lado do Sr. Winslow, então tocou sua testa com as costas da mão direita.

Foi como tocar uma brasa incandescente, e ela se encolheu, recuando instantaneamente. Então, envergonhada por sua reação nervosa, ela levantou cuidadosamente a camisa folgada e puxou de lado a bandagem que escorria para inspecionar a ferida no ombro por baixo.

O cheiro parecia se intensificar agora. Pus amarelado encheu o corte, e estrias vermelhas irradiavam dele.

— Vou precisar de muita água muito quente—, disse ela, e as palavras tinham um tom distante e ecoante, como se tivessem sido pronunciadas por outra pessoa. — Bandagens limpas e ácido carbólico também. Os suprimentos estão no porão. Você pode buscar? — ela perguntou. Ela sentiu a aproximação de Rogan, sentiu-o de pé logo atrás dela. — Caroline—, ele disse com a voz rouca, como se estivesse se preparando para protestar ou mandá-la embora.

— Por favor—, ela disse, fechando os olhos por um longo momento enquanto se recompunha. — Posso pedir ajuda a outra pessoa, se você não estiver disposto.

Ele fez um som de leve exasperação. — Eu posso fazer isso—, disse ele enquanto cruzava a porta do porão, abria-a e descia as escadas.

Caroline permaneceu de joelhos ao lado do Sr. Winslow, gentilmente alisando o cabelo emaranhado de sua testa, tocando sua bochecha áspera pela barba. Ele se mexeu, gemendo um pouco, mas não abriu os olhos.

Assim que Rogan voltou do porão, carregando os itens que Caroline havia solicitado, a porta principal se abriu e Enoch entrou, com Geneva logo atrás.

Geneva se apressou, embora não se ajoelhou. — Desculpa—, ela disse —, eu tinha esquecido completamente o *cheiro* de infecção.

Caroline olhou para a avó, impressionada com a compostura da mulher mais velha.

— Eu estava prestes a trocar o curativo e desinfetar a ferida—, Caroline disse a ela.

Geneva virou-se para se dirigir a Enoch. — Este homem deve ser transferido para a casa principal—, disse ela. — Em sua condição, ele deveria estar em uma cama adequada, não em um chão duro.”

— Mas onde o colocaríamos? — Caroline perguntou. Geneva ocupava o quarto de hóspedes no andar de cima e Jubie dormia no quarto dos fundos da sala.

— Ora, no quarto de Rachel, é claro—, Geneva respondeu rapidamente. — Ela está compartilhando sua cama. Podemos levar os brinquedos dela para o seu quarto.

— Muito bem—, Caroline concordou. Embora a ideia de um homem estranho descansando no quarto ao lado do dela fosse, embora claramente necessária, ainda perturbadora.

— Vou me mudar para uma cama em uma das tendas—, disse Rogan.

Mas Geneva tinha outras ideias. — Seria muito melhor—, ela anunciou —, se você compartilhasse os aposentos com seu amigo. Você também sofreu ferimentos e, além disso, este cavalheiro não deve ser deixado sozinho durante a noite.

Havia apenas uma pequena cama no quarto de Rachel, mas Caroline não mencionou isso, sabendo que sua avó dispensaria qualquer objeção que ela levantasse. Quando Geneva Prescott decidia um curso de ação específico, ela não podia ser facilmente dissuadida. Eles apenas adicionariam um colchão lá.

— Capitão McBride—, Geneva continuou, provando o ponto não dito por Caroline—, talvez você pudesse pedir a um dos guardas uma maca e então persuadir o Sr. Alderman e o Sr. Pickering a carregar o paciente para dentro de casa?

— Sim, senhora—, Rogan respondeu.

Enoch, enquanto isso, permanecia em silêncio atento, sem dúvida antecipando suas próprias ordens.

— O capitão McBride teve a gentileza de preparar o café da manhã—, disse Caroline, adotando um pouco da autoridade enérgica de sua avó. — Por que você não se senta, Enoch, e come alguma coisa?

Ele hesitou, embora seu olhar se arrastasse na direção do fogão, onde a refeição que Rogan havia preparado estava rapidamente esfriando. Então,

com um leve movimento de cabeça, indicando as tendas do lado de fora, ele disse: — Ainda há muito o que fazer, senhora.

Caroline começou a desinfetar o ferimento de Winslow e reenfaixá-lo enquanto ele esperava para ser removido.

— Você não será útil para ninguém, Enoch Flynn—, disse ela enquanto trabalhava—, se não se alimentar adequadamente.

Ela fez uma pausa, estudando seu amigo, esse bom homem que viera resgatá-la do desespero no dia anterior no túmulo de Jacob.

— Sente-se, Enoch—, ela acrescentou baixinho.

A essa altura, Rogan estava do lado de fora, acompanhado por Geneva.

Caroline foi até o fogão, onde uma pequena quantidade de água quente fervia em uma chaleira. Ela a despejou em uma bacia, pegou o sabonete e ensaboou bem as mãos.

Enoch ficou no mesmo lugar de antes, sua expressão incerta.

— *Sente-se*—, Caroline repetiu. — Parece que você vai dormir em pé e deve estar morrendo de fome.

Enoch franziu a testa e cruzou os braços musculosos sobre o peito. — Não está certo, senhora, você me servir a minha comida.

Caroline enxaguou as mãos, secou-as em um pano de prato e pegou um prato de uma das prateleiras próximas. — Bobagem—, disse ela. — Você tem trabalhado duro e está cansado e com fome. Então, por favor, *sente-se*, a menos que você queira comer em pé. — Ela trouxe a refeição para a mesa e colocou-a no lugar de sempre de Enoch. — Eu não vou falar de novo, Enoch—, ela terminou.

O grandalhão baixou as mãos ao lado do corpo e suspirou pesadamente, mas havia um brilho de diversão em seus olhos. — Bem, nesse caso—, disse ele, finalmente inflexível—, acho melhor fazer o que me mandam.

Com isso, ele puxou a cadeira para trás e afundou nela.

Rogan voltou, seguido por Alderman e Pickering, os dois carregando uma maca tosca, suja de sangue e sabe-se lá o que mais.

Geneva, já jorrando instruções, fechava a retaguarda. — Tenham muito cuidado—, disse ela. — Vocês não devem balançar o pobre coitado demais.

Seu olhar pousou em Enoch, sentado à mesa com uma refeição servida diante dele, e se estreitou quando ele começou a se levantar. — Fique parado—, ela ordenou. — Vamos precisar de sua ajuda em pouco tempo, e não vai adiantar se você estiver muito fraco para emprestá-la.

— Sim, senhora—, disse Enoch, embora parecesse muito desconfortável em manter seu lugar à mesa na presença de damas.

Ele agradeceu a Caroline, pegou o garfo e começou a comer.

Nesse ínterim, Alderman e Pickering colocaram a maca vazia ao lado do catre de Bridger e, com muitos conselhos de Geneva, mudaram-no para a lona suja.

Embora ainda inconsciente, Bridger gritou uma vez. Caroline enrijeceu ao ouvir isso, e suas mãos tremeram enquanto ela servia café em uma caneca para Enoch.

Agora, Geneva assumiu a liderança à frente dos maqueiros e Rogan. — Tenham cuidado, não o deixe cair, cuidado com o batente da porta.

Assim que o caminho foi liberado, Caroline se moveu para seguir os outros, então parou na porta e olhou para trás, para Enoch.

— Obrigada, Enoch—, ela disse. — Por ontem, quero dizer. — Ela corou. — E por tudo o mais que você faz, é claro. Eu realmente não sei como poderia me virar sem a sua ajuda.

Enoch se levantou mais uma vez, e Caroline ergueu a mão, com a palma para fora, então se virou e saiu correndo da área da cozinha, para a luz do sol da manhã, correndo atrás do pequeno grupo que atravessava o pátio, movendo-se em torno de tendas e alguns soldados ambulantes em direção a casa dela.

Olhando por cima do ombro, Rogan a viu e diminuiu o passo até que ela o alcançou. Depois de uma rápida olhada ao redor, para se certificar de que ninguém estava ao alcance da voz, ele encontrou os olhos dela e falou quase sussurrando.

— Você decidiu? — ele perguntou, seus olhos sérios e intensamente vigilantes. — Sobre entregar Bridger, quero dizer

Caroline sentiu uma pontada de emoção. — Acho que não vou—, ela disse, seu tom levemente defensivo. — Eu não falei com minha avó ou Enoch, no entanto, e sinto que devo fazer isso. Mas não posso prometer que vão cooperar, uma vez que entendam o que estão sendo solicitados a fazer.

— Evitar que um homem gravemente ferido defina em um campo de prisioneiros? — Rogan respondeu com uma frieza quase imperceptível em sua voz.

Caroline se irritou. — Ou—, ela respondeu, em um sussurro afiado—, ajudando e incitando o inimigo e virtualmente garantindo que ele retornará às forças confederadas na primeira oportunidade para pegar em armas

novamente e matar *nossos* soldados da União! Que por acaso também são *seus* companheiros soldados.

Rogan pareceu surpreso, embora certamente devesse saber que esperava algum tipo de reação. Na verdade, ele parou na base dos degraus que levavam à porta lateral, pela qual Geneva, Bridger e os outros dois homens acabaram de passar.

Caroline olhou para ele e esperou teimosamente por sua resposta.

Ela veio rápido. Todos os vestígios de sua antiga consternação haviam desaparecido, substituídos por uma determinação de aço.

— Tudo o que posso dizer com certeza—, ele disse a ela—, é que não posso e não *vou* deixar meu melhor amigo apodrecer ou ser enforcado em algum campo infernal no norte, não importa o que aconteça.

Caroline apontou para as tendas, onde os homens gemiam e choravam e às vezes gritavam em agonia, dia e noite. — E quanto *a eles*, capitão McBride? Você sente algum tipo de lealdade para com esses homens, despedaçados por canhões confederados e bolas minié, ou por milhares de outros como eles? *Como meu Jacob?*

Ele não recuou de seu vitríolo, mas se inclinou para perto até que ela pudesse sentir sua respiração em seu rosto.

— Você acha, Sra. Hammond, por *um maldito momento*, que eu não sei como é a guerra? Tenho treinamento militar, assim como o capitão Winslow. Eu me alistei no exército da União para lutar pelos meus princípios e não me arrependo, mas isso não significa que não entendo por que Bridger fez uma escolha semelhante por motivos diferentes. Ele é um homem decente e honrado, não um demônio sedento de sangue por uma matança sem sentido!

Caroline falou cuidadosamente, furiosamente, calmamente. — O que—, ela exigiu—, é decente e honroso sobre escravizar outros seres humanos, Capitão McBride? Sobre atropelar uma jovem, uma futura mãe, como um animal?

— Uma jovem... você quer dizer Jubie? O que...?

— *Sim*, Jubie. — Caroline estava abalada e não tinha certeza se poderia manter a voz baixa se essa discussão continuasse, então ela subiu os degraus e entrou na casa, com Rogan logo atrás dela. — Como você pode, como pode *qualquer* pessoa sensata, descartar a injustiça, a crueldade...?

— Não estou defendendo a escravidão—, disse Rogan, com convicção. — Você deve saber disso. E nem Bridger.

Ela se virou para ele, ali no corredor sombrio. — Claro que está—, ela insistiu, indignada, mas muito ciente de que Rachel estava na casa e poderia ouvir a discussão acalorada. — Por que mais ele lutaria?

Rogan estava rodeado pela luz do sol, mas seu rosto estava na escuridão, e ela não podia ler sua expressão. — Ele está *lutando*—, ele respondeu—, porque o Sul é sua casa. Você não faria o mesmo, Caroline? Você não lutaria para defender este terreno? Seu filho, sua avó, seus amigos e vizinhos? Sua cidade e as pessoas que moram lá?

— Não é a mesma coisa—, Caroline gaguejou, um pouco menos certa de suas opiniões do que antes, mas ainda despreparada para recuar. Durante toda a sua vida, parecia-lhe agora, ela cedera à suposta sabedoria dos homens, seu marido, seu avô, professores, médicos e pastores, guardando suas próprias ideias para si mesma, mesmo quando a justa oposição fermentava e agitava dentro dela.

— Não é? — Rogan perguntou, fechando a porta atrás deles.

Eles ficaram no corredor escuro e fresco, olhando um para o outro. A voz de Geneva desceu pela escada dos fundos, e houve pancadas e solavancos quando o capitão Winslow, um membro do mesmo exército que matou seu marido e milhares de outros, foi instalado no quarto de sua filha.

— Não—, Caroline respondeu, juntando suas saias e indo para as escadas, Rogan logo atrás dela. Ele iria embora em breve, ela lembrou a si mesma, com seu exército, sua boa aparência e suas visões equivocadas sobre o tema da lealdade. Ela não suprimiria suas crenças. — Você sabe que não é a mesma coisa. O capitão Winslow não teria sido chamado para “defender sua casa” se o Sul não tivesse deixado a União em primeiro lugar.

Rogan não respondeu ao comentário dela, e ela supôs que isso significava que ela havia vencido a discussão.

A pequena vitória, se é que *foi* uma vitória, parecia estranhamente vazia.

O que parecia mais vazio de tudo era o fato de que naquele dia era o aniversário da fundação do país. Um dia destinado a ser uma comemoração, uma celebração, mas não poderia ser nada disso.

Várias horas depois, naquele mesmo dia, Jubie se aproximou timidamente de Caroline na cozinha. — Senhora, eu estava apenas ajudando nas tendas, e um soldado perguntou se eu poderia escrever algumas cartas para ele. Eu disse que não posso... — Ela balançou a cabeça

tristemente. — Você pode fazer isso? Ele está na terceira barraca mais próxima do celeiro e seu nome é Gregory.

— É claro! — Carolina respondeu.

— Vou cuidar da mocinha aqui e continuar fazendo o jantar.

Caroline agradeceu e pegou uma pilha de papéis e uma caneta na casa principal. Ela correu para a tenda e, com uma ou duas perguntas, identificou Gregory Lauder do interior do estado de Nova York. Filho de fazendeiro, não devia ter mais de vinte anos e servira num regimento de infantaria voluntário. Com uma voz dolorosamente embargada, ele disse a ela que havia levado um tiro em Cemetery Ridge; ele também disse que sabia que poderia não sobreviver. Várias de suas costelas foram quebrados, mas pior, seus pulmões foram perfurados. Ele frequentemente tossia sangue, e sua camisa, os lençóis e o cobertor estavam manchados com ele.

Ela se acomodou em um banquinho ao lado da cama de Gregory e se preparou para escrever.

Ele tossiu, limpou a boca com força e começou a dar a ela o nome e o endereço dos pais, perto da cidade de Rochester. — Por favor, diga a eles que os amo... e que acredito que tomei a decisão certa de lutar pela União.

Ao iniciar a carta, Caroline primeiro se apresentou aos pais dele, depois anotou, cuidadosa e claramente, tudo o que Gregory disse.

— Atualmente estou em um hospital de campanha perto de uma cidade chamada Gettysburg, na Pensilvânia. Devido aos meus ferimentos, quase certamente não os verei novamente. Sinto muito pelo sofrimento que isso causará. Como vocês sabem, eu tinha planejado, eventualmente, assumir a fazenda. Espero que o jovem Daniel entenda que privilégio é isso. — Ele fez uma pausa para tossir novamente.

— Vou sentir falta de todos vocês mais do que posso dizer.

— Seu amado filho e irmão, Gregory.

Caroline se perguntou se ele teria resistência física e força emocional para ditar outra carta. Mas vários minutos depois, ele parecia pronto para começar de novo. Ele disse que ela poderia enviar a carta de sua noiva aos cuidados de seus pais.

— Minha querida Eliza—, ele ditou. — Dói-me dizer-te isto. Não acredito que sobreviverei aos meus ferimentos. Portanto, não espero vê-la novamente.

Mais uma vez ele explicou onde estava e que tinha orgulho de ser soldado do lado da União. — Eu te amo—, ele continuou—, tanto quanto

qualquer homem pode amar uma mulher. Por favor, perdoe-me por deixá-la e entenda por que fiz o que fiz. Espero ver você e minha família em um mundo melhor. Todo meu amor...

Os olhos de Gregory estavam fechados agora e Caroline estava em lágrimas. Ela deu um beijo discreto na testa dele e correu para dentro para preparar as cartas para postagem.

*Hammond Farm & Cidade de Gettysburg**8 de julho de 1863*

Caroline

Os jovens fisicamente aptos cuidavam dos feridos e cozinhavam em uma única fogueira a alguma distância da casa, alimentando o fogo com lenha que haviam comprado de Caroline por um preço justo. Eles eram infalivelmente educados sempre que ela os encontrava e ficavam bem longe da casa.

Com exceção de dois deles. O capitão Winslow esparramou-se no andar de cima na cama estreita de Rachel, ainda morto a maior parte do tempo, mas propenso a delírios, debatendo-se e gritando palavrões quando delirante. E então havia o capitão McBride, que descansava o pouco que podia em um catre do exército próximo no mesmo pequeno quarto.

Recuperando-se rapidamente, Rogan passou seus dias ajudando Enoch e um pequeno destacamento de soldados com a difícil tarefa de cavar sepulturas temporárias para os mortos, cada lote cuidadosamente marcado e registrado em um livro, para que os corpos pudessem ser recuperados mais tarde, enviados para casa para seus entes queridos para funerais adequados e reinternação ou, em alguns casos, enterrados em lugares como Arlington.

Ontem, o quarto dia após a batalha, Rogan tinha cavalgado para a cidade, acompanhado por seus homens, Pickering e Alderman, e Enoch, que tinha ido a pedido de Geneva, para que ele pudesse visitar sua casa e trazer notícias de sua condição.

Quando os homens retornaram, horas depois, estavam carrancudos e silenciosos. Rogan, que havia tomado banho, feito a barba e requisitado um uniforme novo assim que recuperou as forças necessárias, estava pálido como leite, a parte inferior de seu rosto embaralhada com o início de uma nova barba, suas roupas amarrotadas e sujas, botas embaçadas de poeira.

Ele parecia, para Caroline, mais vencido do que vitorioso, e a expressão sombria em seus olhos havia despertado uma dor de tristeza profunda dentro dela. Ela sentiu um desejo impróprio de correr para ele, como ela teria corrido para Jacob.

Ela não sucumbiu ao impulso, graças a Deus, embora seu desejo de fazê-lo tivesse demorado muito mais do que ela considerava apropriado. Não, ela apenas observou, tomada pela necessidade de consolar um quase estranho, enquanto ele desmontava, conduzia seu cavalo para o celeiro, os dois desaparecendo nas sombras.

Na cozinha separada da casa, uma hora depois, curvado sobre seu prato de jantar intocado, Enoch havia relatado a ela e a Geneva um pouco do que tinham visto, embora Caroline soubesse que suas palavras eram apenas esboços pálidos de uma devastação que o destino desenhara em negrito.

A casa dos Prescott havia sido usada como hospital de campanha, ele relatou; os tapetes haviam sido enrolados e o chão manchado de sangue. As camas, as poltronas e os sofás não podiam ser recuperados, as cortinas haviam sido arrancadas das janelas, provavelmente para serem usadas como cobertores, ataduras e torniquetes, juntamente com lençóis e panos de prato; e a despensa e o porão estavam vazios.

Apesar de tudo isso, não havia sinais de vandalismo ou destruição arbitrária que ambos os exércitos haviam deixado para trás, e dos quais ele vira muitos sinais nas ruas. Janelas quebradas, pertences espalhados e coisas piores.

Geneva estava visivelmente aliviada, mas ainda preocupada. — E as pessoas? — ela perguntou, uma mão descansando na base de sua garganta, como se para esconder o pulso batendo lá. — As outras casas... as lojas?

— Uma mulher foi morta... na rua Baltimore—, respondeu Enoch hesitante. — Sua rua... Cuidando da irmã, que tinha acabado de ter um bebê. Pelo que ouvi, ela estava na cozinha, amassando uma fornada de massa de pão, quando uma bala perdida atravessou a porta e a matou.

Caroline caiu em uma cadeira, de repente tão sem fôlego como se ela também tivesse sido atingida.

— Qual era o nome dela? — Geneva perguntou rapidamente.

— Pelo que me lembro, era Wade. Senhorita Virginia Wade.

Caroline ofegou e cobriu a boca com uma das mãos. Geneva balançou a cabeça, com lágrimas enchendo seus olhos. Jennie, como Virginia era chamada, Wade nascera e fora criada em Gettysburg, e as duas gostavam especialmente dela. Ela teve um noivo na guerra, Jennie teve, e ela viveu por suas cartas.

Relutantemente, Enoch passou a dar notícias ainda mais terríveis. Os campos estavam cheios de sepulturas e corpos, ele disse, e os restos de

cavalos e mulas mortos foram arrastados atrás de carroças e juntas de bois emprestados, deixados em grandes montes apodrecendo para serem queimados, sendo numerosos demais para serem enterrados.

Ninguém pressionou Enoch para mais informações. Teria sido cruel e totalmente desnecessário, já que a terra carregaria as cicatrizes da batalha no futuro distante, austera e simples para todos verem.

No dia seguinte, em seu jardim ensolarado, Caroline lembrou-se de sua conversa com Enoch e estremeceu, passando o braço pela testa para enxugar o suor.

Ela estendeu a mão para a filha, segurou o gorro e sorriu ao ver o rosto da menina erguido, já manchado de terra do jardim.

— Meu nariz descama, mamãe? — Rachel perguntou, enrugando o traço em questão.

Caroline quase riu, até que ergueu ligeiramente os olhos e se lembrou de que um fragmento do exército da União estava acampado bem entre a casa e o celeiro. — Talvez—, ela respondeu distraidamente—, se você não mantiver seu gorro.

Observando as tendas e carroças próximas, e aqueles soldados que estavam bem o suficiente para cuidar dos feridos em movimento, ela ansiava pelos dias pacíficos passados. Longos dias, cheios de muito trabalho e, sim, preocupações, com uma guerra acontecendo e seu marido longe de casa e constantemente em perigo, mas ainda felizmente vivo naquela época escrevendo longas cartas para ela sempre que tinha chance. Cartas de promessa, *teremos mais filhos, Caroline, meninos e meninas robustos, espere para ver, economizaremos cada centavo sobrando e compraremos mais terras, criaremos gado de corte e porcos, e quando nossos filhos e filhas tiverem tudo crescidos e casados, vamos viajar. Veremos Nova York, talvez até mesmo navegaremos pelo Atlântico, visitando lugares como Paris, Roma e Londres...*

Oh, Jacob, ela pensou tristemente. Jacob.

Ele teve sonhos tão maravilhosos e altos.

Suas próprias aspirações eram muito mais simples; ela queria mais filhos, certamente, mas, caso contrário, teria se contentado em viver toda a sua vida naquela modesta fazenda, criando bebês, cultivando e fazendo conservas de vegetais, ordenhando a vaca, separando o leite e batendo a manteiga. Ela não desejava fazer longas viagens, por mais espetaculares

que fossem as vistas; ela estivera em todos eles, pelo menos em sua imaginação, através das páginas dos muitos livros de seu avô.

Jacob, por outro lado, nunca se cansava de fazer planos extravagantes, embora também adorasse a fazenda e fazer parte de uma pequena comunidade. Mas como seus olhos brilharam quando ele falou sobre viajar para longe. A perda dele constantemente a oprimia, mas ela estava determinada a fazer qualquer coisa que as circunstâncias sombrias que ela enfrentava exigissem.

Caroline mais uma vez fixou sua atenção nas ações diante dela. Logo, segundo Alderman, os homens reunidos em sua grama estariam se movendo, com barracas e seus feridos, e aqueles que pudessem lutar novamente. Ela decidiu que voltaria para a cidade para ser o mais útil possível. Ela veria suas amigas da Ladies' Aid Society, Hannah e Patience e as outras, e ajudaria no que pudesse.

Nesse modo contrário da natureza humana, ela tanto esperava a partida dos soldados quanto a temia. Ela e o resto do estado seguiriam em frente, talvez hesitantemente no início, arregaçando as mangas, recolhendo os pedaços espalhados das vidas que viveram antes da batalha e então iniciando o longo e árduo processo de reconstrução. A maioria das pessoas sobreviveria, de alguma forma, compartilhando o que restava para elas, ajudando umas às outras quando a necessidade se apresentasse, cuidando discretamente de seus próprios negócios no resto do tempo.

Caroline sempre se lembraria de ter sido tratada com justiça pelo exército da União, embora soubesse que a tolerância cortês que os soldados tinham mostrado a ela era, pelo menos em parte, devido à presença das carroças de suprimentos bem abastecidas do capitão McBride, que pareciam conter tudo o que os visitantes necessitavam, além da misericórdia dos outros. Ela realmente teve sorte; outros fazendeiros, habitantes da cidade e lojistas próximos certamente não se saíram tão bem, seus alimentos e suprimentos às vezes roubados.

Sua natureza prática logo se reafirmou; ela tinha um jardim para cuidar e uma criança para cuidar, e não podia desperdiçar a preciosa luz do dia chafurdando no desejo fútil de um mundo mais gentil do que aquele em que vivia agora.

Quando ela estava prestes a gritar para Rachel que seu gorro estava caindo novamente, ela viu Rogan McBride virar a esquina de uma das tendas e caminhar em direção a ela.

Ele era tão atraente, este homem, com seu cabelo negro como o corvo e olhos azul-escuros, seus dentes retos e extraordinariamente brancos, e aquele senso inato de competência, uma habilidade de seguir em frente, mesmo enquanto ferido. Sua constituição era esguia e ágil, mas musculosa, e parecia a Caroline que, apesar de todo o seu exterior tranquilo, uma combinação única de qualidades internas ardia dentro dele como uma fornalha, não apenas sustentando-o, mas gerando o poder de superar qualquer obstáculo colocado dentro dele.

— Bom dia, Caroline—, Rogan disse, quando ele parou na beira do jardim, a poucos metros de onde ela estava.

— Eu estive esperando para falar com você—, Rogan começou, abaixando sua voz. Mas, ao observá-la, ele calou-se de repente, como se algo em sua expressão ou em seus modos o tivesse feito hesitar.

Antes que ele pudesse pegar o fio pendurado de suas palavras e começar de novo, Rachel apareceu e se lançou sobre ele, rindo, e ele se curvou, pegou a criança em seus braços e a segurou, do jeito que Jacob costumava fazer. Ele riu e puxou a aba larga do gorro de chita de Rachel para baixo sobre os olhos, então sorriu quando ela teimosamente o empurrou para cima novamente com a mão gordinha.

Claramente, apesar de seus esforços para manter sua filha longe dos soldados, esses dois, de alguma forma, tornaram-se amigos. Ou foi simplesmente porque em seu uniforme azul, Rogan lembrou a Rachel de seu pai?

Se não fosse tarde demais, decidiu Caroline, ela tentaria garantir que Rachel não se apegasse a Rogan, apenas para suportar outra separação quando seus deveres o afastassem.

— Rachel—, ela disse, um pouco mais severamente do que faria em outras circunstâncias—, por favor, volte para a casa principal.

Rogan colocou a menina firmemente de pé, sorrindo para ela e inclinando a cabeça na direção da casa principal.

Rachel olhou para ele e franziu a testa.

— Vá—, Rogan disse a ela suavemente.

Ela foi, correndo, em direção à casa.

Caroline limpou a garganta e encontrou sua voz. — Há algo que você queria dizer, Capitão McBride?

Ele se virou para olhar para ela, não mais sorrindo. — Há muitas coisas que eu gostaria de dizer—, ele respondeu sério. Depois de um momento

pensativo, ele tentou novamente, encontrando seu olhar. — Recebemos ordens quando eu estava na cidade para transportar os feridos para o terminal ferroviário em Harrisburg e garantir que fossem embarcados em um trem de tropas para Baltimore. Aqueles que são capazes disso se juntarão ao General Meade o mais rápido possível.

Isso deveria ter sido um alívio para Caroline, mas não foi. Não totalmente, de qualquer maneira.

Chega de soldados doentes e moribundos na fazenda. Eles e suas tendas tem que ir embora, junto com as carroças, cavalos e mulas. Chega de gritos de dor. Sem sepulturas temporárias sendo cavadas. Chega de cartas comoventes para serem colocadas no papel e endereçadas a mães, esposas e noivas distantes. Ela tinha, pelo menos, sabido que Gregory Lauder havia sobrevivido...

Ela seria capaz de retomar alguma parte de sua vida, tal como era. Pelo menos ela poderia se juntar a suas amigas na cidade e ajudar a cuidar das vítimas. Ou limpando casas e propriedades danificadas. Ou consertar roupas. Ou... O que quer que fosse necessário agora que a luta em Gettysburg e arredores havia acabado.

Ainda assim, ela ficou surpresa com seus sentimentos confusos. Ela sentiria falta de McBride, apesar de sua determinação em proteger seu amigo confederado, que ela presumiu que também seguiria em frente. Ela agora percebia o quanto sentiria falta de ser constantemente necessária, fazendo sua pequena parte para promover a causa da União. Além disso, por mais perturbadora que tenha sido a experiência de ter sua propriedade recrutada para uso militar, a presença de tantos soldados, nem todos incapacitados, também foi reconfortante. E a realidade prática era que, uma vez que partissem, o lugar ficaria muito mais vulnerável a desgarrados, desertores e outros bandidos. Ela já havia ouvido, via Enoch, que outro fazendeiro, mais próximo da cidade, teve parte de sua colheita roubada e sua casa vandalizada.

Ela sabia que o exército de Lee havia partido; ela soube pelo *Gettysburg Compiler* que ele partiu em 4 de julho com um trem de vagões de feridos confederados, indo para o sul, um comboio que tinha um comprimento chocante de dezessete milhas.

— Oh—, Caroline disse, em resposta tardia ao anúncio de Rogan.

Rogan a estava observando de perto agora, como se estivesse avaliando as emoções que ela não tinha escondido com sucesso. Então, severamente,

ele disse a ela: — Se você está preocupada com a visita do Exército da Virginia do Norte, pode tirar isso da cabeça. De acordo com nossos batedores, eles estão mancando para o sul a passos de tartaruga. — Rogan fez uma pausa e disse: — Esta guerra poderia ter acabado, de uma vez por todas, se nosso próprio general Meade tivesse o bom senso e a visão de perseguir os rebeldes e terminar a luta antes que Lee pudesse puxar aquele exército desorganizado e descalço de suas costas. Em vez disso, como McClellan, Meade parece sofrer de um caso de *lentidão*, como diria o presidente, e outra oportunidade se foi.

Caroline não disse a ele que sabia disso, não disse a ele que acompanhou o curso do conflito nos jornais, quando eles estavam disponíveis. E ela sempre conseguiu alguma informação das cartas de Jacob, apesar de ele não ter escrito quase nada sobre batalhas ou comandantes, preferindo encobrir os horrores que ele testemunhou e as dificuldades que ele suportou. Ela sabia pouco sobre a maioria dos generais e suas tendências, mas, como a maioria dos nortistas, era bem versada na lenda que era Robert E. Lee.

Ele usava um uniforme azul então, não cinza, Caroline pensou tristemente, servindo sob uma bandeira de estrelas e listras, ao invés da bandeira da rebelião. Mais tarde, Lee voltou a West Point como administrador-chefe, e muitos de seus ex-alunos e colegas eram oficiais de alto escalão agora, alguns lutando com ele e outros contra.

Como chefe do Exército da Virginia do Norte, ele era um oponente verdadeiramente formidável. Parecia a Caroline, especialmente à luz dos comentários de Rogan, que o Norte precisava urgentemente de um general tão ousado e inteligente quanto o comandante confederado.

— Ele pode ser derrotado? General Lee, quero dizer? — ela perguntou timidamente.

— Sim—, Rogan disse sem hesitação. — Ele é um homem, não um deus, embora você não imaginasse ao ouvir as histórias. Ele não é jovem nem goza de boa saúde. Um bom número de suas tropas está descalço e morrendo de fome, e seus cavalos estão caindo sob seus cavaleiros, de fome e exaustão.

— Por que ele não desiste e vai para casa com sua família? Permitir que seu exército faça o mesmo? — disse Caroline.

Rogan suspirou e agitou sua cabeça. — Não acho que o homem tenha coragem de desistir—, disse ele, com convicção e arrependimento.

— Você fala como se conhecesse o General Lee—, Caroline observou. — Pessoalmente, quero dizer, e não apenas pela reputação.

— Eu o encontrei uma vez, antes da guerra—, Rogan respondeu, desviando o olhar, e então a encarando novamente. — Ele foi jantar em Fairhaven, é a plantação da família Bridger, fora de Savannah. Eu costumava passar algumas férias lá, entre os períodos da escola. — Ele sorriu um tanto melancolicamente com a memória. — Foi uma revelação, para um órfão como eu.

— Você ficou impressionado com Lee?

— Sim, em parte.

— Em parte?

— O general não era famoso na época, lembre-se. Ele era um mero coronel na época, se bem me lembro, um homem digno, de barba grisalha e boas maneiras, amigo da família Winslow. Receio que estava muito mais interessado na casa, na terra e na maneira como a família de Bridger vivia, roupas finas, a melhor comida e vinhos, cavalos de sangue no estábulo e uma casa tão grande e grandiosa que me deixou sem palavras na primeira vez que a vi. E a bondade deles para comigo foi... memorável. Bridger, seu pai e irmã não poderiam ter me tratado melhor. — Ele pausou novamente, obviamente lembrando-se de um tempo e lugar mais gratos. — Veja bem, minha mãe era empregada doméstica em uma mansão na Park Avenue quando eu era criança—, acrescentou ele em seguida, com a voz calma e de alguma forma triste. — Então, eu tive vislumbres de como as pessoas ricas viviam, quando eu era o filho de uma criada e esperava ficar fora de vista. Em Fairhaven, eu era um convidado, com todos os privilégios de um convidado. Eu usava as roupas de Bridger, comia como um rei e montava cavalos com um pedigree muito melhor do que o meu. Eu dancei com garotas tão bonitas que poderiam ter saído de um livro de contos de fadas e, como eu tinha quinze anos naquela primeira vez, provavelmente não irá surpreendê-la por ser muito imaturo para apreciar uma apresentação ao Coronel.

Caroline sorriu, imaginando Rogan como um menino de quinze anos, jantando em companhia tão nobre. Ela o imaginou como um homem magro e desajeitado, alto para sua idade, ainda crescendo, provavelmente ansioso para causar uma boa impressão ou simplesmente para evitar fazer papel de bobo.

Ela teria gostado de ouvir mais, não sobre seus verões em Fairhaven, embora isso fosse interessante, mas sobre sua vida *real*, especialmente como um “pirralho de uma criada” e um “menino de rua”. Infelizmente, este não era o momento ou lugar para tal troca; havia outras coisas para discutir.

— O que deve ser feito com o Sr. Winslow? — ela perguntou. — Ele, como você deve saber, ainda não está em condições de viajar. — Nem, ela pensou, mas não disse, muitos dos feridos da União, que seriam rebocados para Harrisburg como uma carga e transportados para um trem com destino a Baltimore. Tendo ouvido mais da história que Rogan e Bridger compartilharam, ela entendeu o desejo de Rogan de proteger seu amigo um pouco melhor.

Rogan suspirou, esfregou o queixo com uma mão e respondeu: — Francamente, eu esperava que ele pudesse ficar aqui. Assim que ele estiver bem o suficiente, ele partirá por conta própria. Talvez em roupas civis.

— E se ele não se recuperar?

A sugestão por si só causou uma dor visível a Rogan. — Ele *vai* melhorar—, insistiu, como se pudesse desejar. — Ele é meio teimoso demais para morrer, especialmente atrás das linhas dos Yankees. Vou deixar dinheiro para o sustento de Bridger, junto com um uniforme, azul União, caso ele precise manter a farsa, e um par de botas antes de eu ir. Provavelmente esconda-os em algum lugar da cozinha depois de escurecer, para que não haja perguntas.

Caroline cruzou os braços. Ela tinha visto Jubie e Rachel sair mais cedo e as viu passar agora, voltando para a casa, e ela meio que esperava que sua filha reaparecesse, querendo mais atenção de Rogan.

— Suponha que se espalhe a notícia de que estou abrigando um oficial inimigo? E então?

— Isso seria um problema—, disse Rogan. —Melhor garantir que a notícia *não* se espalhe.

— Mas se isso acontecer?

— Então você diz a verdade. Bridger não pôde ser movido, e você agiu por pura compaixão humana.

— Como você faz tudo parecer simples, capitão McBride, com seus planos e sua oferta de pagar a estadia do Sr. Winslow. É tudo tão fácil... *para você*.

— É aí que você está errada, *Sra. Hammond*. Esta situação é tudo *menos* fácil para mim. Não gosto de deixar meu amigo para trás, doente demais para se defender. Não gosto de sobrecarregá-la com um problema que nunca deveria ter sido colocado em seus ombros. E eu com certeza *não* gosto de carregar dezenas de homens feridos em carroças e conduzi-los por estradas esburacadas, sob um sol quente, até Harrisburg. Porque eu sei o quanto eles vão sofrer, e depois sofrerão de *novo* amontoados em vagões como gado!

Caroline estava arrependida por suas palavras duras, mas resistiu ao impulso de voltar atrás ou se desculpar. — Talvez—, ela se arriscou corajosamente, — você passe por aqui novamente, uma vez que o Sr. Winslow se recupere, e o pegue você mesmo.

Rogan a considerou em silêncio por um minuto ou dois, como se estivesse confuso ou intrigado com a sugestão. — Talvez eu vá—, ele disse pensativamente. Então, como se tivesse resolvido algo em sua mente, ele acrescentou—, Muito provavelmente, porém, Bridger já terá partido há muito tempo daqui antes que eu tenha a oportunidade de voltar. — Ele pausou novamente, como se reunindo forças internas, e um leve rubor manchou seu pescoço. — Com sua permissão, escreverei para você. Para perguntar por Bridger e enviar quaisquer provisões que ele possa precisar.

Caroline fingiu considerar sua resposta, embora, na verdade, ela gostasse muito da ideia de receber correspondência de Rogan McBride, e esperava que suas cartas contivessem mais do que perguntas sobre o progresso da recuperação do Sr. Winslow. Claro que não se podia esperar que ele incluísse informações militares delicadas, como movimentos planejados de tropas, por causa do risco de que suas cartas caíssem em mãos inimigas, mas talvez ele contasse a ela um pouco sobre as coisas que viu, ouviu e pensou.

Jacob, com a melhor das intenções, procurou principalmente proteger Caroline das duras verdades da batalha, apenas informando-a ocasionalmente sobre os aspectos mais mundanos da vida do exército.

Ela amava Jacob por seus esforços para protegê-la da feiúra e do horror de suas experiências, mas agora que ela tinha visto alguns dos estragos da guerra por si mesma, primeiro nas tendas do hospital de Washington City e mais recentemente aqui em sua própria fazenda e em sua própria cidade, ela mudou de maneiras inesperadas. Ela sabia que a tristeza sempre seria sua companheira, independentemente da felicidade que a vida lhe reservasse. E

enquanto suas ilusões inocentes estavam perdidas para sempre para ela, ela foi forçada a buscar e encontrar forças internas que nunca imaginou que pudesse possuir.

— Eu gostaria de me corresponder com você—, ela disse a Rogan. — Mas há condições.

Ele sorriu cansado com isso. — Claro que existem—, disse ele, sem rancor.

Caroline respirou fundo e exalou lentamente. — Responderei às suas perguntas sobre o estado de saúde do Sr. Winslow honestamente, em detalhes e o mais rápido possível. Mantereí um registro de todos os custos que assumir em nome de seu amigo e, caso suas contribuições excedam o valor necessário, você pode confiar que deixarei os fundos excedentes guardados para serem devolvidos a você na primeira oportunidade.

Rogan levantou uma sobrancelha ligeiramente. — Mais do que justo—, respondeu ele. — Esses são seus... termos? Se assim for, eles devem ser fáceis de arranjar.

— Há mais uma coisa—, Caroline disse. Por que era tão difícil, ela se perguntava, fazer até mesmo um simples pedido? O capitão havia pedido, praticamente decretado, um compromisso muito maior *dela*, não é? E sem hesitação perceptível, aliás.

Ele esperou, sem dizer nada, um sorriso dançando em seus olhos. Se sua expressão era uma demonstração de respeito paciente ou de alguma diversão particular, Caroline não sabia.

— Você deve fazer um relato razoável de suas experiências e opiniões —, ela deixou escapar, em uma única respiração. Então, aliviada por finalmente ter superado sua própria relutância, ela acrescentou mais lentamente: — Eu quero saber o verdadeiro estado das coisas, como você as vê no dia a dia, sem concessões por eu... ser uma mulher.

Ele sorriu de novo, por seu rubor involuntário, ela presumiu.

— Não sou frágil, embora meu falecido marido possa ter me percebido como tal.

— Não, eu vejo —, disse Rogan. Ele parecia estranhamente satisfeito com as exigências dela, em vez de ausente, como alguns homens teriam ficado. — Longe de ser frágil, Caroline Hammond, você é uma mulher extraordinariamente forte e generosa, com uma mente refinada e muitos outros nobres atributos que guardarei para mim por enquanto, para não ser acusado de lisonja.

— Obrigada—, ela disse, desviando os olhos por um momento, na esperança de que ele não visse como ela estava nervosa.

Quando Rogan deu uma risada breve e rouca, os olhos de Caroline voaram de volta para seu rosto. — Você terá sua descrição nua e crua dos eventos—, ele prometeu a ela—, pelo menos como eu os vejo. Resta ver o quão grata você ficará depois de ter que aturar Bridger por mais algum tempo. Ele é bastante fácil de lidar agora, mas assim que a febre passar e ele voltar a ser seu verdadeiro eu, você provavelmente vai querer estrangulá-lo pessoalmente ou mandar chicoteá-lo.

Caroline sorriu com os comentários de Rogan, certamente feitos em tom de brincadeira. Ela se lembrou de suas breves trocas com o Sr. Winslow antes que a infecção e a febre se instalassem, mas de alguma forma inerente à sua natureza.

Ela lidaria com Winslow da melhor maneira possível, dia após dia, mantendo suas diferenças constantemente em mente. No devido tempo, ele iria embora, de um jeito ou de outro.

— Quando? — ela se ouviu perguntar. — Quando você e os outros vão embora, quero dizer?

— Amanhã—, disse ele. — Ou talvez no dia seguinte.

Cedo demais, ela pensou mais uma vez. Rogan e os outros partiriam cedo demais.

E ainda não em breve. Ela sabia que tinha muitas coisas para cuidar.

Não havia nada mais a ser dito, e ela reconheceu a resposta de Rogan com um aceno de cabeça. Ela voltou para sua horta, onde se agachou e começou a arrancar brotos perdidos entre as plantas viáveis, aquelas que forneceriam nutrição.

Como as tristezas, e igualmente comuns, as ervas daninhas pareciam brotar da terra poucos minutos depois de terem sido arrancadas pelas raízes e jogadas para o lado.

18

Hammond Farm
12 de julho de 1863
Bridger

Ele dormia inquieto, semiconsciente do mundo de vigília ao seu redor, mas incapaz de se levantar. Sua carne queimava com o calor, mesmo quando fortes calafrios o assolavam, capazes de estilhaçar seus próprios ossos.

Ele estava em uma cama dentro de uma casa, ele percebeu. Uma cama de *verdade*, com um colchão macio e lençóis de algodão que cheiravam levemente a ar fresco. Ele se agarrou à abençoada normalidade daquele perfume comum, seguiu-o de volta e de volta, para o tempo anterior, quando ele havia tomado tais graças como limpeza e conforto, e tantas outras coisas como elas, como devidas.

Biscoitos quentes, por exemplo, cobertos com manteiga rica ou molho grosso de linguiça do Cook, apimentados e fumegantes em um prato de porcelana. Florescendo jardins de rosas e casas espaçosas e veneráveis, onde relógios de longa distância marcavam as horas de lazer. Noites abafadas de verão, perfumadas com promessas. Banhos regulares em uma banheira de cobre, longa o suficiente para seu corpo alto e profunda o suficiente para mergulhar. Escrivadinhas e guarda-roupas de herança, cheios de roupas lavadas em água com sabão e seco ao sol; calções flexíveis e camisas engomadas e passadas à perfeição; botas finamente feitas e polidas.

Estábulos cheios de belos cavalos espirituosos, cada um deles rápido e musculoso e ostentando uma linhagem impecável...

Casa.

O anseio por Fairhaven, e tudo o que representava, caiu sobre ele de repente, com um peso tão esmagador que forçou a respiração de seus pulmões e quase não deixou espaço para puxar outra.

Então, enquanto puxava uma respiração dolorosa, ele se agarrou ao que restava de sua razão como um marinheiro pode se agarrar ao mastro de um navio sacudido pela tempestade.

Ele pensou em sua irmã Amalie, a única família imediata, além de seu pai, que ele havia deixado. A irmã que ele tanto amava. E se perguntou

como ela estava administrando as responsabilidades que vinham de um lugar como Fairhaven.

Seu relacionamento com o pai nunca foi o que Bridger teria desejado; seu irmão mais velho sempre foi o claro favorito. Amalie raramente mencionava o pai deles em suas cartas. Ele a imaginou sentada no balanço da varanda com um cachorrinho no colo e um livro de poesia nas mãos...

Em suas respostas às cartas dela, ele havia contado pouco sobre suas experiências de guerra e dor, ele queria poupá-la, ele supôs. E as cartas dela para ele se concentravam em sua casa, tanto a propriedade quanto a cidade de Savannah, o que inevitavelmente o deixava nostálgico. Ela havia escrito sobre seus amigos, seu próprio trabalho com a Ladies' Aid Society local, sua preocupação com ele... Ele havia sido ferido e sofrido dor, ainda sofria, mas ele não tinha, até agora, experimentado a agonia indescritível de membros decepados e ossos e órgãos quebrados saindo de uma barriga aberta por uma baioneta ou uma espada, ou explodida em fragmentos de sangue coagulado por uma bola minié.

Enquanto estava deitado ali, na cama limpa, em um quarto que não reconhecia, Bridger se concentrou em forçar-se a sair da cama... uma respiração, uma batida do coração. Ele fechou os olhos, esperando dormir.

Em vez disso, ele se viu flutuando em algum lugar entre a vigília e o doce esquecimento. A dor ainda estava com ele, mas distante; havia suavizado de um espinho abrasador para um vago incômodo.

— Capitão Winslow? — A voz veio de algum lugar acima dele, familiar, insistente e definitivamente uma intrusão.

Voltando à superfície, Bridger abriu os olhos e se viu olhando diretamente para um rosto que reconheceu.

Caroline Hammond.

Tudo voltou para ele agora: a fumaça e as chamas, os gritos de raiva e agonia, o caos ofuscante do engajamento total e os eventos simultâneos de ficar cara a cara com Rogan no momento em que uma espada perfurou seu ombro por trás. Ele se lembrou de um lampejo de dor ardente quando a ponta rasgou sua carne, outro quando foi arrancada, seguido pela longa e lenta queda da sela.

Ele se lembrou de Rogan puxando-o sobre o chão fumegante, depositando-o em um matagal de arbustos, deixando-o lá. Bridger tentou rastejar para fora de seu esconderijo, com a intenção de voltar à luta por todos os meios disponíveis, mas o esforço não só provou ser inútil, como

também minou suas últimas forças. Ele não tinha ideia de quanto tempo tinha ficado ali à margem da contínua escaramuça, indefeso e sangrando.

Depois de um tempo, Rogan voltou, cortou sua túnica cinza e a substituiu por outra. Lembrou-se de seu amigo falando com ele em palavras baixas e urgentes que não haviam sido registradas no cérebro de Bridger e o iludiam ainda.

Mais tarde, na cozinha da Sra. Hammond, Rogan disse a ele que ele foi colocado em uma carroça e trazido para esta fazenda para se recuperar e se esconder.

Ele notou o silêncio generalizado.

Nenhuma voz se erguendo no calor sufocante do verão. Nenhuma carroça indo e vindo.

— Onde—, ele resmungou—, está Rogan?

— Ele se foi—, respondeu a viúva Hammond, franzindo ligeiramente a boca.

— *Se foi?* — Bridger tentou se sentar e falhou.

O rosto da viúva se suavizou um pouco, e seus olhos, castanhos no momento, mas capazes, ele sabia de alguma forma, de mudar para tons claros de azul ou verde, ou escurecer para cinza. — Eu não queria alarmá-lo —, disse ela. — O capitão McBride está muito vivo. Pelo que eu sei, ele está bem.

Bridger soltou um longo suspiro e olhou para o teto. — Mas ele não está mais aqui—, ele murmurou tristemente.

— Não—, ela respondeu, quase gentilmente. — Ele foi chamado, com todos os outros. Havia ordens, sabe. — Uma pausa, durante a qual Bridger viu, pelo canto do olho, que ela havia evocado um sorriso vacilante, hesitante demais para durar. — Você está na minha fazenda no sul da Pensilvânia, como deve se lembrar. E embora você esteja atrás das linhas da União, você está, por enquanto, bastante seguro.

— *Seguro*—, ele repetiu, com um toque de zombaria amarga. Ainda evitando o olhar dela, ele olhou para o teto, tentando adivinhar a hora pelo jogo de luz e sombra que via ali.

— Na medida em que qualquer um de nós estiver seguro, sim—, admitiu a viúva. — Considerando.

— Quando? — ele perguntou.

— Quando o capitão McBride foi embora?

— Sim.

— Três dias atrás—, respondeu a Sra. Hammond. — Ele deixou instruções.

Bridger tentou uma risada, um som triste. — Ele fez isso? Diga-me, senhora, essas instruções são para você ou para mim?

— Para você—, disse ela. — Principalmente.

Ele sorriu. — Entendo—, disse Bridger. — O que, por favor, diga, é o evangelho de acordo com Rogan McBride? No que se aplica a mim, quero dizer.

Caroline pareceu hesitar. Ela foi lembrada de que eles não eram aliados, mas inimigos, e abrigá-lo estava colocando ela e toda a sua fazenda em risco.

— Rogan— Ela parou, reagrupou, e começou novamente. — *O capitão McBride* expressou a esperança de que você se recupere rapidamente e siga seu caminho.

— Que gracioso da parte dele. — Bridger foi pego de surpresa pelo uso do primeiro nome de Rogan por Caroline. Como foi que ela e seu melhor amigo dispensaram a formalidade educada antes de se separarem?

Ainda assim, Bridger não estava surpreso. Rogan tinha sido direto sobre sua atração por Caroline Hammond, apesar da quase impossibilidade de que algo pudesse acontecer.

Tal familiaridade era incomum entre conhecidos, embora, mesmo em tempo de guerra e, embora Rogan pudesse não estar preocupado com as propriedades, Caroline, como uma viúva recente, mãe e membro de uma pequena comunidade, certamente estava.

Ele percebeu que sabia muito pouco sobre esta mulher, mas Bridger não podia imaginar ela desafiando as convenções de maneira tão flagrante.

Ela era decidida demais.

A menos que, ele refletiu, tendo sido deixada para cuidar de si mesma e de sua filha em um mundo devastado pela guerra, ela sentiu que não tinha escolha a não ser encontrar outro marido o mais rápido possível. Ela certamente não seria a primeira mulher forte a procurar abrigo no casamento por razões de conveniência, especialmente agora, quando os tempos eram difíceis e as perspectivas adequadas eram escassas.

Ele teve que admitir que seu amigo era material matrimonial de primeira, educado, decente e bem falado. Uma mulher faria pior. Ele uma vez imaginou que Rogan se casasse com sua irmã, Amalie, e se tornasse seu cunhado, mas isso era pura especulação de sua parte. Afinal, eles não se

viam há anos, desde os tempos de escola de Bridger e Rogan, e agora com a guerra eles tinham lealdades opostas.

E, no entanto, Amalie aparentemente havia escrito para ele...

Ele lembrou o quanto Amalie gostou da companhia de Rogan. E ele sabia que Rogan seria um marido e pai dedicado, sempre que decidisse tomar uma esposa. Ele era honrado e confiável.

Então por que, sabendo tudo isso sobre seu amigo, Bridger teve escrúpulos quando ouviu Caroline usar o primeiro nome de Rogan?

A resposta era difícil de admitir.

Ele próprio tinha se apaixonado por Caroline Hammond desde o momento em que ela entrou na cozinha dias antes e ouviu o plano de Rogan de passar por Bridger como um yankee e escondê-lo em sua fazenda até que ele estivesse bem o suficiente para escapar.

Embora ele estivesse meio louco de dor, Bridger ficou surpreso por ela não ter recusado categoricamente e ter ido direto para fora para denunciá-lo ao oficial da União de mais alto escalão que pudesse encontrar.

Em vez disso, ela o aceitou em sua casa, um estranho, um membro do próprio exército responsável por torná-la viúva. Ela cuidou dele durante uma febre, manteve seu ferimento limpo e o manteve vivo. A bondade de Enoch e da jovem, Jubie, que haviam sido apresentados a ele, ambos os quais o ajudaram de várias maneiras, também o impressionou. Mas ninguém fez mais por ele do que a viúva Caroline Hammond. Por que ela arriscaria tanto, especialmente tendo acabado de perder o marido, quando ela claramente desprezava tudo o que ele representava?

A simples compaixão tinha sido um fator, é claro; ele encontrou mais do que alguns cidadãos generosos durante esta guerra. Eles eram principalmente mulheres, sozinhas e vulneráveis, mas dispostas a compartilhar o pouco que tinham com meninos famintos e com os pés doloridos longe de casa, quaisquer que fossem suas diferenças.

Ele tinha visto tristeza nos olhos daquelas esposas, irmãs e mães, e a esperança de que seus próprios entes queridos encontrariam uma bondade semelhante, onde quer que estivessem.

Caroline também agira por misericórdia; não poderia haver dúvida disso. Ela havia trabalhado incansavelmente durante dias, cuidando dos feridos e doentes. Rogan disse a ele sobre isso. Da mesma forma, se compaixão tinha sido seu único motivo, o pequeno quarto que Bridger ocupava estaria lotado de homens feridos e doentes.

Da União, como Rogan, não confederados.

Os pacientes poderiam estar se recuperando em outras partes da casa, ele supôs, mas duvidava disso. O lugar estava quieto demais.

Caroline concedeu a ele, o inimigo, um santuário por uma razão principal, porque Rogan pediu isso a ela. Apesar de reservas significativas, todas justificadas, e plenamente consciente dos riscos envolvidos, não apenas para Rogan, mas também para si mesma, ela concordou.

As implicações disso mereceriam alguma consideração.

Mas antes que Bridger pudesse formular um comentário ou uma pergunta, quanto mais pronunciar uma, ela estava fora de sua cadeira e em movimento.

Em vez de sair do quarto, porém, como ele esperava, Caroline foi até a escrivaninha, pegou um embrulho embrulhado em papel pardo e trouxe para ele.

— Este é um pacote que Rogan me pediu para lhe dar—, disse ela. — O uniforme que ele te prometeu. Há uma carta também.

Ele assentiu com a cabeça, cansado. Carta, pacote, ele se preocuparia com eles mais tarde.

— Você precisa da ajuda de Enoch com alguma coisa... bem... *pessoal*?

— Não—, ele respondeu. — Mas obrigado por tudo que você fez por mim. — Bridger sentiu a necessidade repentina de fechar os olhos.

Um momento depois, ele ouviu seus passos se afastando, então a ouviu fechar a porta silenciosamente atrás dela.

19

Hammond Farm
15 de julho de 1863
Caroline

Na ausência de tendas, soldados e gado do exército, as colheitas, pomares e pastagens da Fazenda Hammond pareciam aumentar ao redor de Caroline; era como se a própria natureza tivesse se retirado da luta da batalha, prendendo a respiração.

Em seu caminho para a cozinha separada da casa, Caroline contornou sulcos profundos onde estacas haviam sido cravadas no solo e onde cavalos, mulas e homens pisaram de um lado para o outro. Longos sulcos cruzavam a vasta extensão de grama achatada em padrões estranhos, gravadas pelas rodas de carroças pesadas conforme elas iam e vinham.

Muito sangue foi derramado ali, mas Caroline não viu nenhum traço dele agora; provavelmente havia se infiltrado na terra amolecida pela chuva, ajudado por Enoch, carregando baldes cheios de água do poço e despejando-a sobre as manchas até que elas desbotassem de um carmesim enferrujado para um rosa pálido e finalmente desaparecessem completamente.

Também se foram os montes de estrume de cavalo e as nuvens de borrachudos, banidos para a pilha atrás do celeiro, onde os dejetos transformavam-se em fertilizante para o milho e a horta.

Sentindo os processos misteriosos que aconteciam ao seu redor, além do alcance de seus olhos e ouvidos, Caroline sentiu seu ânimo aumentar.

Ela parou do lado de fora da cozinha, ouvindo com o coração as folhas de grama se desdobrando, puxadas verticalmente pelo sol, e o riacho próximo fluindo, borbulhando e espirrando sobre pedras que brilhavam como joias, limpando-se como fazia há séculos. Ela sentiu as árvores frutíferas no pomar e ao longo da margem do riacho enquanto espalhavam seus galhos para ganhar luz e ar, com suas folhas dançando na menor brisa, como se celebrassem seus muitos segredos.

Era a maneira da terra suportar o desastre, restaurar-se lenta e obstinadamente e, finalmente, florescer. E ela, como o resto da humanidade, de alguma forma fazia parte de tudo isso. A mesma força inexplicável que

levava as sementes a brotar e os rios a buscar o mar e as árvores a se estenderem sempre rumo ao céu estava nela, em todos.

A percepção não foi exatamente uma descoberta; era mais uma lembrança de algo familiar e, no entanto, facilmente esquecido. No entanto, Caroline encontrou conforto na ideia.

Ela entrou na cozinha, tirou uma bacia de sua prateleira e foi até a porta do porão para recolher algumas batatas ali armazenadas. O cheiro de terra crua e tubérculos armazenados saudou-a enquanto ela começava a descer os degraus, semicerrando os olhos no fluxo fraco e salpicado de poeira do sol do meio da manhã do mundo mais brilhante acima.

Caroline esperou alguns minutos, deixando seus olhos se acomodarem às sombras que se afastavam, e quando isso aconteceu, ela viu os caixotes e barris amontoados entre o suprimento cada vez menor de remédios e bandagens de sua avó e seus próprios alimentos básicos, como farinha e fubá, sal e açúcar precioso e grãos de café.

Distraída de sua missão original, ela se aproximou de um dos barris e passou as pontas dos dedos cuidadosamente pela tampa de madeira estilhaçada, inclinando-se para examinar as letras maiúsculas gravadas na lateral. Ela sentiu uma sensação de perplexidade.

Feijão, ela leu silenciosamente. *Exército dos Estados Unidos*.

Caroline endireitou-se, com um pequeno suspiro de surpresa, levantando uma mão para cobrir a boca e segurando a bacia com a outra. Ela examinou cada recipiente, sentindo-se culpada, alarmada e pura alegria em igual medida ao identificar o conteúdo: carne seca, nabos e abóbora, diversas variedades de maçãs, amido de milho, mais farinha, açúcar e fubá.

Em um mundo devastado pela guerra, com o inverno ainda a meses de distância, mas cada vez mais próximo, com convulsões e escassez sempre ameaçando, mesmo proprietários de fazendas como ela não eram imunes à fome, por mais que trabalhassem ou fossem cuidadosos, sem desperdiçar nada, fazendo conservas pelo alqueire.

Encontrar essa recompensa inesperada foi, para Caroline, como tropeçar na caverna de Aladim, repleta de tesouros.

Mesmo enquanto ela se maravilhava com sua boa sorte, porém, ela sentiu uma forte pontada de consciência. Tanta comida, o suficiente para sustentar sua própria pequena casa e várias outras pessoas durante o mais rigoroso dos invernos.

Mas e os soldados, homens como o seu, Jacob, travando batalhas, marchando quilômetro após quilômetro ao longo do dia, deitados em leitos de hospital, precisando de sustento? Claramente, o conteúdo desses barris e caixotes era destinado a eles, não a civis, quaisquer que fossem as inconveniências que eles tivessem de suportar em nome das tropas que passavam.

Caroline sabia que seu benfeitor devia ser Rogan; na qualidade de intendente da União, ele era a única pessoa que ela conhecia que tinha acesso a tal generosidade. Ela também sabia que ele pretendia dar esse presente como uma gentileza, uma demonstração de gratidão, talvez como uma questão de pagamento justo, e ainda assim, junto com sua determinação de proteger Bridger Winslow, o ato era perturbador.

Ainda mais perturbador foi sua própria colaboração, seu acordo em abrigar um homem que voluntariamente assumiu a causa rebelde, voltando-se contra o país que ela realmente amava, apesar de suas falhas, a nação esperançosa que seus próprios ancestrais lutaram e morreram ao lado dela para estabelecer, menos de um século antes.

Jubie devia estar ciente dessas provisões, já que ela estava cozinhando muito ultimamente, enquanto Caroline e sua avó se revezavam cuidando de todas as necessidades do Sr. Winslow, exceto as mais íntimas.

Enoch também devia saber da comida extra; nada lhe escapava, ali na fazenda ou perto dela.

Por que, então, nem ele nem Jubie disseram uma palavra sobre isso a ela?

Preocupada, Caroline pegou a bacia novamente, encheu-a com as batatas que ela mesma havia cultivado, acrescentando várias cebolas como uma reflexão tardia, e subiu os degraus do porão.

Enoch estava lá, jogando uma braçada de lenha na caixa ao lado do fogão. Ao mesmo tempo, ela podia ver Jubie chegando à casa principal e parando para conversar com Geneva, que estava na varanda, Rachel ao seu lado.

Enoch virou a cabeça, acenou com a cabeça em saudação e esfregou as mãos. Ele parecia um pouco magro e excepcionalmente cansado.

Por esse motivo, e por outros que ela não parou para averiguar, Caroline decidiu não perguntar a ele o que ele sabia sobre o estoque de comida do exército lotado no porão. Ela, naturalmente, assumiu que os suprimentos partiram de Rogan.

— Vou preparar um bule de café se estiver tudo bem para você, senhora —, disse Enoch.

Caroline colocou a bacia na mesa de trabalho e limpou as mãos empoeiradas no avental. — Ora, é claro que está tudo bem para mim, Enoch —, ela respondeu, um pouco surpresa com o pedido dele. Afinal de contas, Enoch era um ajudante valioso e virtualmente um membro da família. — Você deve saber que não precisa da minha permissão para essas coisas.

Enoch assentiu novamente. — Agradeço por dizer isso, Sra. Caroline—, ele respondeu, após um período de consideração solene. — E eu sei que você quer dizer isso também. Mesmo assim, prefiro perguntar.

Entristecida, Caroline não respondeu. Ali estava Enoch, um homem inteligente e trabalhador, legalmente livre e, no entanto, sujeito a uma miríade de convenções, grandes e pequenas. Ela não sugeriu que ele deixasse de chamá-la de “senhora”, já que isso provavelmente o deixaria desconfortável. Ele usava esse termo desde o momento em que ela se casou com Jacob.

Ela o respeitava, amava-o como poderia ter amado um irmão mais velho, se tivesse um. Apesar de toda a sua independência, Caroline não sabia como continuaria sem ele.

Ele fazia todo o trabalho mais pesado na fazenda, coisas que ela não conseguia controlar fisicamente, e ela dependia de sua ajuda. Ela dependia ainda mais, no entanto, de seu estoicismo silencioso, seu bom senso, sua consideração pelo clã Hammond, vivo e morto, sua disposição de protegê-la e a Rachel de todo mal.

— Aqui—, disse ele, com um tom de humor cansado—, dê-me essas batatas e eu as carrego até a bomba, dou uma boa esfregada nelas.

Caroline sorriu, um pouco fracamente. Ela tinha uma dúzia de coisas para fazer se quisesse a refeição do meio-dia na mesa, mas ainda estava no mesmo lugar quando Enoch voltou.

Ela agradeceu, pegou a bacia e pegou uma faca, então começou a descascar as cascas molhadas. Mais tarde, ela as jogaria para as galinhas, deliciando-se, como sempre, com seus grasnidos ansiosos, suas asas batendo, seus bicos descontroladamente bicando.

E ela ficaria especialmente grata, enquanto observava, pelo fato de os pássaros não terem sido reclamados pelo exército.

O Exército.

A abundância de comida que apareceu, como se ela a tivesse conjurado, em seu porão.

Ela estava de volta onde havia começado, preocupando-se com o que era certo e o que era errado. Não importava o quão faminta ela estivesse, ela sabia que no inverno, cada mordida que ela desse seria contaminada pela culpa.

Enoch demorou-se, o que não era normal para ele, já que sempre havia trabalho a ser feito em algum lugar da fazenda.

Caroline sacudiu seus pensamentos auto-absorvidos e olhou para ele.

Ele parecia inquieto. Sem descanso. E antes que ela pudesse perguntar qual era o problema, ele falou, seu olhar fixo em algo distante.

— Um homem dificilmente pode colocar o pé no chão—, disse ele, não se dirigindo a Caroline, mas ruminando em voz alta—, sem pisar no túmulo de alguém.

Caroline largou a faca, junto com uma batata meio descascada, enxugou as mãos no avental novamente e se virou para encará-lo. — O capitão McBride me garantiu que o exército enviará homens para recuperar os... os restos mortais—, ela disse suavemente.

Enoch voltou de onde quer que ele estivesse vagando e encontrou o olhar dela. Caroline pensou tê-lo visto tentar sorrir, mas em vez disso sua boca se curvou em uma careta. — É disso que eu tenho medo, madame—, disse ele.

Caroline estremeceu; com tudo o que estava acontecendo, ela havia esquecido a confissão de Enoch, feita logo depois que ela voltou de Washington City com o corpo de Jacob. Ele matou o caçador de escravos que perseguiu Jubie, enterrou o corpo em algum lugar da fazenda.

— É provável... que eles encontrem o homem morto, é o que quer dizer? — ela perguntou, a bile surgindo no fundo de sua garganta. — Entre tantos outros?

Tantos outros.

— Há quase trinta homens enterrados nesta propriedade, senhora—, Enoch respondeu melancolicamente—, e eles estão todos na parte mais distante daquele campo onde está o caçador, para que o solo possa descansar. O senhor me disse: “Enoch, aquela terra está muito cansada para cultivar qualquer coisa além de ervas daninhas.” — Ele fez uma pausa e uma expressão de dor cruzou seu rosto, um lembrete para Caroline de que ele estava sofrendo, assim como ela. — Eu decidi que era um lugar tão bom

quanto qualquer outro para esconder os restos mortais daquele caçador de escravos, fora do caminho, longe da casa e do riacho. Eu o enterrei novamente lá na noite seguinte, assim que tive uma chance.

Ele não disse isso a Caroline, mas ela gostaria de saber? Ela duvidou.

— O problema é—, ele continuou—, que o Exército dos Estados Unidos fez o reconhecimento por um tempo e chegou à mesma conclusão que eu. Eles pensaram em cavar algumas sepulturas temporárias e colocar aqueles pobres soldados mortos para descansar, apenas até que pudessem ser recuperados e enviados para casa para seus parentes.

Mais uma vez, Enoch ficou em silêncio, sem dúvida pensando no último retorno de Jacob, como Caroline. Como ela, Enoch provavelmente imaginou a volta de seu marido como um momento de celebração, de sorrisos, abraços e banquetes modestos...

Em vez disso, Jacob fez sua jornada final trancado dentro de um caixão de pinheiro, em um vagão de bagagem escuro e solitário, com apenas Caroline e uma pilha de outros caixões toscos, destinados a vários outros lugares onde também não haveria boas-vindas alegres.

— Continue—, ela disse suavemente.

— Aqueles soldados chegaram perto de desenterrar o que restava daquele caçador de escravos morto mais de uma vez. Se eu não estivesse lá para afastá-los, eles o teriam encontrado com certeza. E eles poderiam ter feito muitas perguntas, algumas que eu teria dificuldade em responder.

Caroline fechou os olhos brevemente, tentando resistir às imagens mórbidas que brotavam em sua mente e, claro, falhando. Ela se forçou a ouvir e a olhar para o rosto preocupado de Enoch sem vacilar.

Ele era culpado de assassinato, mesmo que justificado, e embora ela não estivesse presente, Caroline sentia que não era completamente inocente. Durante toda a sua vida ela se orgulhara de ser uma pessoa íntegra, de princípios, acima de transigência e negócios obscuros.

No entanto, aqui estava ela, cúmplice, uma guardiã de segredos perigosos. Porque a guerra mudou tudo.

— O que nós vamos fazer? — ela perguntou, pegando a faca novamente e cortando a batata já descolorida que ela estava descascando antes.

O que Enoch fez então foi sem precedentes. Ele cobriu as mãos de Caroline com uma das suas, apertou seus dedos calejados ao redor delas. — Você—, ele respondeu sombriamente, — não vai fazer nada. Exceto cortar-se em pedaços, se você não for mais cuidadosa.

Caroline soltou um grande suspiro.

Enoch soltou as mãos dela.

Ela se concentrou na batata, trabalhando devagar agora, mantendo os olhos baixos. — Você poderia movê-lo... ele... — Ela vacilou. — Enterre-o de novo, quero dizer. Em outro lugar...

Com o canto do olho, ela viu Enoch recuar. Balançando a cabeça. — Pensei nisso—, disse ele—, mas não estou convencido de que adiantaria. Acho que tudo depende de quanto tempo o exército mandará um destacamento de volta para recolher os mortos. Se for imediatamente, ou mesmo em uma semana ou mais, eles podem perceber que alguém está cavando e se perguntar por quê.

Caroline continuou a descascar as batatas. — Acho que eles estariam muito preocupados com seus próprios deveres para notar—, ela arriscou. — Os homens do exército, quero dizer. Obviamente, desenterrar corpos é um trabalho desagradável, do tipo que uma pessoa pode ter pressa de terminar.

— Talvez—, Enoch concordou, mas ele parecia incerto. — Parece-me, porém, que se alguém está acostumado a juntar pessoas mortas e carregá-las para algum lugar, deve ser um soldado. Eles terão um mapa com eles quando voltarem para cá, mostrando qual homem está enterrado onde, e eles devem prestar contas de cada um deles também.

Enquanto ele falava, Enoch pegou uma panela e derramou água de um balde. Ele colocou a panela ao alcance de Caroline.

Com um sorriso triste, ela colocou as batatas na chaleira. — Se for esse o caso—, ela observou—, eles não ficariam satisfeitos com isso? Os números baterem? Que o nome de cada soldado pode ser riscado de sua lista?

— Eles podem ficar—, Enoch concordou. — Ou, não. Eles podem notar aquela cova extra e querer saber onde o corpo foi parar.

— Acho que você poderia plantar algo lá, uma muda de árvore, talvez, ou mesmo uma das minhas roseiras? As pessoas fazem esse tipo de coisa para homenagear os que partiram.

— *Mulheres* fazem esse tipo de coisa—, Enoch apontou suavemente. — Não soldados. Além disso, não estou querendo chamar a atenção para o local, madame.

— Eu acho que você está certo—, Caroline admitiu, desanimada. Como ela acabou em tal dilema moral, tramando para enganar o Exército dos Estados Unidos? O exército *de Jacob*?

E não apenas uma vez...

— Aquele maldito cavalo continua voltando também—, continuou Enoch, frustrado. — Não importa quantas vezes eu expulse aquele bicho, ele não fica longe.

Finalmente, Caroline descascou a última batata. — Que cavalo? — ela perguntou.

— O que ele estava montando. O homem que veio atrás de Jubie.

— Oh, sim—, ela disse—, eu me lembro. — Sentiu-se ainda mais desanimada do que antes quando se dirigiu para a porta com a chaleira na mão, pretendendo coar a água da batata no chão e substituí-la por fresca. Quando ela voltou, colocou a panela no fogão, acrescentou sal e pegou a concha.

— Deve haver muitos cavalos vadios por aí—, ela disse, como se não houvesse interrupção na conversa. — Mais um não deve ser difícil de explicar.

Enoch assentiu e suspirou. — Eu esperava que um dos exércitos o reclamasse. Também não importava para mim quem era...

— O cavalo, é distinto de alguma forma?

— Não—, respondeu Enoch. — Ele é apenas um castrado baio simples, mas isso não significa que ele não seria reconhecido se acontecesse de chamar a atenção da pessoa errada. Especialmente se essa pessoa estivesse procurando por alguém que passou por aqui. Digamos que o buscador seja outro caçador de escravos, como os que tínhamos aqui antes. Ou uma gangue inteira deles.

Apesar do calor, Caroline sentiu um calafrio. Ela passou os braços em volta de si mesma, tremendo. — Certamente tais homens devem ter fugido, com dois exércitos ao redor e toda a luta. Eles provavelmente são bandidos, possivelmente desertores. Provavelmente serão enforcados, se forem pegos.

— Sim—, Enoch disse sombriamente — O problema é que qualquer um deles ainda por aí pode não ter ido longe. Há um preço pela cabeça de Jubie, provavelmente alto, e eles não vão esquecer disso. Eles vão querer rastrear seu parceiro, certificar-se de que ele não os cortou de sua parte da recompensa. — Ele deu uma risada amarga e triste. — Pelo que sei, eles estão certos sobre isso. Eu não me importo de um jeito ou de outro, mas não quero que eles apareçam aqui.

A ideia também aterrorizou Caroline. Ela teria preferido lidar com toda uma divisão de confederados, se tivesse escolha. Eles, de acordo com os

jornais, estavam sob ordens severas do General Lee para deixar todos os civis, do Norte ou do Sul, sem serem molestados, junto com suas propriedades. Mulheres e crianças, especialmente, deveriam ser deixados em paz, e as penalidades por desobedecer à ordem do general eram realmente sérias.

Ainda assim, havia canalhas, vagabundos e desertores, o tipo de homem desonroso que Jacob chamava de “chatos”. União ou confederado, eles não se importavam com ordens; eles eram oportunistas e pegavam o que queriam sem escrúpulos, muitas vezes por meios violentos.

Caroline se pegou desejando que o capitão McBride tivesse deixado para trás um ou dois rifles extras e muita munição, junto com toda aquela comida.

— Bem, então—, ela disse, — teremos que ter muito cuidado, fazer o que pudermos e esperar o melhor.

A declaração soou ingênua, até para a própria Caroline. Claramente ela era uma mulher que precisava de um plano melhor.

Enoch não respondeu, e não é de admirar. Ele era muito educado e muito gentil para apontar o raciocínio defeituoso de Caroline.

Ele simplesmente colocou o chapéu e saiu da cozinha.

— É hora de eu voltar para casa—, Geneva anunciou, quando todos se sentaram para a refeição do meio-dia que Caroline havia preparado. — Já faz um tempo desde que a luta acabou e parece que está na hora.

A cozinha estava insuportavelmente quente, com o fogão ligado, e Caroline sentia-se mal-humorada e esgotada. Deixar a porta aberta para apanhar uma brisa, não havia nenhuma, servira apenas para deixar as moscas entrarem.

— Não, bisavó! — disse Raquel. Ela estava inquieta e pronta para uma soneca. Lágrimas se acumularam em seus cílios e seu lábio inferior se projetou. — Você não deve ir embora. *Todo mundo* vai embora!

— Rachel—, Caroline começou um tanto ameaçadoramente, mas Geneva acenou para ela se calar.

Jubie e Enoch mantiveram os olhos em seus pratos.

— Querida—, Geneva repreendeu gentilmente, sorrindo para a criança —, estou aqui há algum tempo. Eu tenho minha própria casa e, pelo que o Sr. Flynn me disse, ela precisa urgentemente de limpeza e reparos. Meus amigos e vizinhos também passaram por uma provação terrível e quero ajudá-los, se puder. — Ela balançou a cabeça. —E—, ela acrescentou—, já

faz muito tempo desde que minhas amigas e eu nos vimos ou trabalhamos em qualquer um dos empreendimentos da Ladies' Aid Society. Acho *que* diriam que precisam de mim.

Rachel não se comoveu. — *Precisamos* de você—, ela soluçou.

Caroline abriu a boca para repreender a garotinha, mas, mais uma vez, sua avó a deteve com um único e eloquente olhar. Ela deu um sorriso caloroso e compreensivo para a bisneta.

— Você sabe que vou visitá-la com frequência—, disse Geneva. — E uma vez que as coisas estiverem mais... normais... você e sua mãe virão me ver, como antes.

Enoch desculpou-se, empurrou a cadeira para trás e levantou-se com o prato e os talheres na mão. Sem dizer mais nada, colocou os pratos na mesa de trabalho e saiu.

Jubie também se levantou, preparando-se para sair da mesa, mas Caroline a deteve olhando incisivamente para sua refeição inacabada e dizendo: — Coma um pouco mais, Jubie—, disse ela. — Pelo bem do seu bebê, assim como o seu próprio.

— Estou bem por enquanto, senhora, quero dizer, Caroline. — Sua voz estava tensa, o uso do nome de Caroline soando bastante forçado.

A jovem recostou-se na cadeira, pegou o garfo e distraidamente passou a comida de um lado do prato para o outro, depois de volta. Ela manteve os olhos baixos e não disse nada.

Caroline se perguntou o que ela estava pensando.

Depois de mais alguns minutos, Jubie ergueu os olhos. — Não estou com muita fome—, disse ela. — Acho que é esse calor.

Caroline assentiu, segurando Rachel perto. A criança continuou a chorar, mas não tão alto quanto antes.

— Vou levar um prato para aquele Rebelde, se você quiser—, Jubie ofereceu. Ela se levantou e limpou seu lugar na mesa. — E eu vou lavar esses pratos depois, então você apenas os deixe na mesa.

— Obrigada, Jubie—, Caroline disse.

Rachel estremeceu nos braços de Caroline, cedendo contra ela.

Jubie deu a ambas um leve sorriso e voltou para a casa principal.

Caroline murmurou para sua filha, balançando levemente de um lado para o outro.

Ela ficou lá, em sua cadeira até muito depois de Rachel ter adormecido.

Geneva voltou a Gettysburg no final da tarde. Ela empacotou seus pertences e deu instruções detalhadas sobre os suprimentos médicos que trouxera do consultório do marido antes da batalha, dizendo a Enoch quais ela deixaria para trás e quais provavelmente precisaria quando voltasse para a cidade.

Rachel estava cochilando quando Geneva, empoleirada ao lado de Enoch no assento da carroça, acenou com um lenço em despedida. Observando da varanda da frente, Caroline respondeu com um aceno, cuidando para não deixar seu sorriso escapar tão cedo.

Caroline sabia de sua breve viagem à cidade no início da semana, quando ela acompanhou sua amiga Cecelia McPhee, que enquanto os prédios da cidade ainda estavam de pé, as paredes estavam marcadas e manchadas de fuligem. Canteiros de flores foram pisoteados por solas de botas e cascos, muitas hortas e prateleiras de cozinha despojadas de qualquer coisa remotamente comestível.

Mas a paisagem circundante contou a verdadeira história daqueles três primeiros dias de julho de 1863.

Sepulturas improvisadas estavam por toda parte, a maioria cavadas por mulheres. Os restos carbonizados de cavalos e mulas erguiam-se em montes horríveis, alguns ainda fumegantes, e o fedor da morte era onipresente, agarrando-se ao cabelo e às roupas dos vivos, penetrando em todos os poros e absorvido a cada respiração.

Atrás de Caroline, a porta da frente raramente usada se abriu. — Você deveria entrar aqui agora, Sra. Caroline—, Jubie disse. — Sua pequena acabou de acordar de sua soneca e está querendo sua mãe.

Caroline virou-se lentamente.

— Jubie—, ela repreendeu gentilmente—, é melhor você não sair pela porta da frente. Você pode ser visto da estrada. Não há como dizer quem está vagando por aqui hoje em dia.

Jubie concordou com a cabeça. — Você está certa, senhora. Mas aqueles soldados me viram bastante quando estiveram aqui.

— Aposto que a maioria deles estava preocupada demais com a dor para se lembrar. E sei que na época eles apreciaram tudo o que você fez por eles.

Jubie assentiu novamente. — Só precisa um. Para lembrar, quero dizer.

— O que você vai fazer agora? — Caroline perguntou quando ela e Jubie estavam dentro da casa, a porta firmemente fechada atrás delas.

— Você quer que eu vá, senhora? — Jubie perguntou.

Caroline pegou as duas mãos de Jubie nas suas. — Pare—, ela disse. — Eu não estou pedindo para você partir. Eu apenas me perguntei se você tem algum tipo de plano.

O sorriso de Jubie foi um lampejo brilhante, bonito e breve. — Sim, senhora—, ela disse com ânimo. — Eu tenho um plano. *Enoch* e eu temos um plano. — Ela fez uma pausa. — Ele me pediu para pular a vassoura. Casar-se com ele. Estávamos esperando o momento certo para te contar. Só decidimos esta manhã.

Caroline a encarou. — Ah, Jubie! Estou tão contente! Por ambos. — Ela sorriu. — Por vocês *três*. Então Enoch será o pai do bebê...

— Sim, ele quer. E ele diz que se importa comigo. Eu poderia dizer isso pelo jeito que ele age comigo, pelo jeito que ele é, mas foi tão *lindo* ouvi-lo dizer isso.

— Acho que este é um casamento que era para ser.

— Obrigada, Caroline. Enoch e eu conversamos sobre ficar aqui, se você permitir...

— *Claro!* Eu adoraria que você se tornasse parte da família.

— Obrigada—, disse Jubie novamente. — Esperamos morar em sua cabana, ter mais filhos. — Ela sorriu para seu estômago crescendo.

Ainda pensando nas novidades de Jubie, Caroline se dirigiu para a escada principal. Ela provavelmente não deveria ter permitido que Rachel dormisse tanto.

Ela estava no meio da escada quando uma gargalhada doce soou, seguida por uma enxurrada de palavras, cada uma como um pequeno carrilhão.

Perplexa, e depois vagamente alarmada, Caroline subiu os degraus restantes e seguiu pelo corredor, passando por sua própria porta fechada e movendo-se rapidamente em direção à de Rachel, que estava aberta.

— Essa—, ela ouviu Rachel dizer entre risos encantados—, foi uma história boba. Os cavalos não podem voar, porque não têm asas!

Caroline parou e escutou.

— Bem, a maioria deles não—, o capitão Winslow concordou com solene bom humor. — Pégaso foi a exceção.

Caroline esboçou um sorriso e atravessou a porta do quarto de Rachel.

Bridger Winslow estava sentado na cama estreita de Rachel, decentemente coberto até a cintura com lençol e cobertor e vestindo uma

camisa de tecido grosso tão grande que devia ter pertencido a Enoch.

Rachel sentou-se na cadeira de balanço infantil que Jacob construiu para ela poucos dias depois de seu nascimento, segurando uma de suas bonecas.

— O Senhor Windlesnow me contou uma história, mamãe — proclamou Rachel, radiante.

— O Senhor *Windlesnow* precisa descansar, querida—, disse ela. — Você não deve incomodá-lo, Rachel.

Rachel sorriu para ela, os olhos brilhando. — Eu só queria pegar Dolly —, disse ela. — Eu também estava muito, muito quieta. — A garotinha levou o dedo indicador aos lábios, como se quisesse demonstrar. — Mas acho que o Sr. Windlesnow me ouviu de qualquer maneira, porque acordou e me contou uma história sobre um cavalo que pode *voar*. Seu nome era Pegglemuss.

— Isso é muito bom, querida—, Caroline disse. Ela falaria com Rachel sobre estranhos mais tarde, quando tivesse a chance de pensar. Afinal de contas, sua filha tinha apenas quatro anos e lições sobre decoro e prudência estariam além de seu alcance. — Por que você não leva Dolly e volta para o quarto da mamãe? Estarei lá em um minuto para ajudá-la com seu vestido e sapatos.

Rachel continuou a balançar em sua cadeira minúscula. Ela se parecia tanto com uma velhinha que Caroline quase riu.

No limite de sua visão, Caroline viu o sorriso do capitão Winslow.

Isso a comoveu, aquele sorriso caloroso e sincero, especialmente depois de toda a escuridão. Mas Caroline estava com medo de ser tocada...

Rachel se levantou de repente, segurando Dolly com os dois braços, e cambaleou até a mãe. — Tudo bem, mamãe—, ela disse, tão alegre que Caroline foi pega de surpresa.

Caroline deu um passo para o lado para deixar Rachel passar, ouviu-a correr pelo corredor, tagarelando com sua boneca.

— Caroline—, disse o capitão, muito calmamente. — Eu nunca faria mal a uma criança.

Ele a chamou de “Caroline,” sem sua permissão, e ainda soava tão natural que ela não podia objetar.

— Eu sei, mas é preciso ser cautelosa—, disse ela.

No fundo, ela sabia que este homem não representava perigo para sua filha ou para ela, sabia disso desde o início. Ela não teria permitido que ele entrasse em sua casa, ferido ou não, se não tivesse.

— Absolutamente—, ele concordou. Seus olhos cor de âmbar escureceram para um rico castanho, pareceu a Caroline, e ela viu neles uma leve diversão.

A agitação estava lá novamente, evoluindo lentamente para uma dor leve, que não era totalmente desagradável. Confusa, ela sentiu o calor se espalhar pelo pescoço e pulsar em suas bochechas.

— Absolutamente—, ela repetiu, sem jeito.

Ele sorriu. — Você vai ficar bem, Caroline—, ele disse, como se ela tivesse pedido sua opinião. — E sua filha também.

Caroline encontrou-se demorando na porta.

O uniforme que Rogan havia deixado para Bridger não estava à vista, mas uma carta do mesmo pacote estava aberta na mesa de cabeceira. Ela se perguntou quem teria enviado — mãe, namorada, *esposa*?

Não é da sua conta, ela lembrou a si mesma silenciosamente.

— Estou feliz que você parece estar se sentindo melhor—, ela se ouviu dizer.

— Estou chegando lá lentamente—, ele respondeu. — Acho que qualquer tipo de progresso é melhor do que nenhum.

Caroline assentiu. Era hora de sair e cuidar de seus deveres, mas seus pés se recusavam a carregá-la.

Ele a vira olhar na direção da carta.

— Da minha irmã, Amalie—, ele disse.

Amalie tinha apenas um propósito ao escrevê-lo, contar a ele que o pai deles acabara de morrer de pneumonia. Ela disse que tudo aconteceu muito rapidamente e que o funeral seria limitado a alguns proprietários de terras locais e “funcionários da casa”. Ela se referia aos escravos, é claro, como Rosebud, por causa das atuais dificuldades com viagens, graças ao bloqueio da União, entre outros problemas. Ele seria enterrado no pequeno cemitério particular de Fairhaven.

Ela pediu a Bridger que nem sequer considerasse vir. O que Amalie não disse foi que entendia seus sentimentos conflitantes em relação ao pai, sentimentos que ele experimentou durante a maior parte de sua vida.

Ele não contou nada disso a Caroline.

— Ah—, ela finalmente disse. — Nós iremos...

— Meu nome é Bridger—, ele disse em seguida. Outra resposta para uma pergunta que ela não tinha feito, embora ela já soubesse seu nome

porque Rogan disse a ela. *Bridger*. Ela gostava do som disso. Além disso, certamente era menos estranho do que capitão Winslow.

— Incomum—, ela comentou.

— Tem sido passado de geração em geração pela minha família, como uma molheira de porcelana ou uma tigela Revere. —, explicou Bridger. — Sempre conferido ao segundo filho, possivelmente como um consolo.

— E você é um segundo filho?

— Tecnicamente, sim.

— Tecnicamente?

— Meu meio-irmão mais velho, Tristan, foi morto em First Manassas.

— Oh, me desculpe—, Caroline disse.

Bridger não respondeu. Ele se acomodou mais fundo em seus travesseiros e estudou o teto.

Era como se ele a tivesse libertado de algum feitiço; de repente, ela foi capaz de se mover por vontade própria.

Ela entrou no corredor, fechou a porta atrás de si.

Rachel imediatamente saiu do quarto de Caroline, com o avental virado para trás, os sapatos desamarrados, mas pelo menos nos pés direitos.

— O Sr. Windlesnow adormeceu? — a garotinha perguntou.

— Eu acho que sim—, Caroline disse, estendendo uma mão.

Rachel foi até ela, passando Dolly para o braço esquerdo e, em seguida, colocando o dedo indicador nos lábios, como fizera antes. — Shhh—, ela disse.

Finalmente, ela pegou a mão de sua mãe.

No andar de baixo, Caroline se agachou para apertar os cadarços de Rachel e amarrá-los com laços fortes. Depois de se levantar novamente, ela arrumou o avental da garotinha também, mas de uma maneira prática, para mostrar que apreciava o esforço sincero de Rachel.

— Ali—, disse ela. — Vamos alimentar as galinhas, sim?

Rachel assentiu ansiosamente. Ela ficava confinada em casa a maior parte do tempo em que os soldados estavam presentes, e isso era difícil para ela, já que era uma criança ativa e adorava estar ao ar livre.

Depois de buscar a bacia de cascas de batata na cozinha e um balde de grãos no celeiro, mãe e filha espalharam ração por toda parte, observando com prazer as galinhas baterem as asas e bicarem o chão ativamente.

Naqueles momentos banhados pelo sol, com o crepúsculo ainda a várias horas de distância, Caroline quase podia acreditar que não havia guerra, que

Jacob não estava morto e enterrado, mas apenas trabalhando nos campos com Enoch, ou fora em algum recado na cidade, com certeza estaria de volta a tempo para o jantar.

Quase normal.

Elas tinham acabado de entrar na cozinha separada da casa quando o ruído de uma carroça que se aproximava pôs fim à pretensão de normalidade que Caroline havia construído com tanto cuidado. Ela sabia que não era Enoch voltando da cidade, porque conhecia o som da carroça Hammond, assim como a da maioria de seus vizinhos. Apesar de todas as suas semelhanças, cada equipamento tinha seu próprio ritmo único de guinchos, batidas e ruídos.

— Fique aqui—, ela disse a Rachel, usando o tecido sujo de seu avental para enxugar as mãos.

Como de costume, Rachel não ficou, mas saiu correndo da cozinha pela porta aberta e saiu para o quintal.

Caroline correu atrás dela, meio frenética e tão curiosa quanto sua filha.

O veículo que subia do portão estava fechado, como uma carroça cigana, envernizado de preto, mas opaco por camadas de poeira. Um velho em roupas surradas sentava-se bem acima do solo, segurando as rédeas, mechas de cabelo branco projetando-se sob seu chapéu-coco outrora fino.

Duas mulas esqueléticas puxavam a carroça, de cabeça baixa, músculos do flanco tensos.

Caroline alcançou Rachel um momento antes que ela caísse sob os cascos daqueles pobres animais.

— Mamãe—, Rachel gritou alegremente—, isso é uma carroça de *circo*?

A pergunta quase quebrou o coração de Caroline. Para ela, o veículo parecia mais um carro fúnebre.

— Não, querida—, ela disse gentilmente. — Receio que não haja circo.

— Ho, ho! — exclamou o velho jovial, erguendo completamente o chapéu-coco da cabeça suja em saudação. — Mordecai Splott, fornecedor de produtos finos e diversos, ao seu serviço!

Um mascate, concluiu Caroline. Quando ela tinha visto um pela última vez?

Relutantemente, ela acenou. Ela era muito frugal para comprar qualquer coisa, mas ninguém recusava viajantes cansados, especialmente tão tarde.

Ela convidaria esse Sr. Splott para jantar, permitiria que ele desse água a suas mulas e as levasse para pastar em seu pasto, e permitiria que ele passasse a noite no celeiro, se assim desejasse.

— Ho, ho! — O Sr. Splott gritou novamente, saltando do assento da carroça, ágil para um homem de sua idade.

— Ho-ho! — Rachel respondeu com tanto prazer que Caroline sorriu.

O Sr. Splott caminhou até elas e, ainda segurando o chapéu em um mão, executou uma reverência profunda e notavelmente graciosa. Quando ele se endireitou, um pouco menos facilmente do que se dobrou momentos antes, ele deu a Caroline uma piscadela conspiratória e voltou seus olhos azuis cristalinos para Rachel.

— Eu suponho que você seja a Srta. Rachel Hammond, de Gettysburg, Pensilvânia?

Rachel gritou maravilhada e feliz. Bateu palmas. — Sou *eu!* — ela cantou, quase pulando para cima e para baixo.

Caroline estava muito menos entusiasmada. Quem *era* esse homem e por que ele, um completo estranho, sabia o nome de sua filha?

— Bem, então—, disse o Sr. Splott expansivamente—, você é exatamente a pessoa que eu tenho procurado, por tantas milhas cansativas. — Ele olhou para Caroline novamente, seus olhos cheios de bondade sob suas sobrancelhas eriçadas, então voltou sua atenção para Rachel, que ainda estava balançando nas pontas dos pés. — E que coisa magnífica é finalmente conhecê-la, Srta. Hammond.

Caroline pigarreou delicadamente. — O que é isso, Sr. er-Splott?

Os olhos de Splott brilharam com um alegre mistério. Em vez de responder, ele ergueu um dedo indicador em um pedido alegre de paciência, virou-se e caminhou em direção a sua carroça, e antes que Caroline pudesse detê-la, Rachel correu atrás dele.

Caroline a seguiu, quase tropeçando na bainha do vestido em sua pressa.

Rachel e o Sr. Splott estavam parados atrás da carroça quando ela os alcançou.

— Minhas instruções—, disse o Sr. Splott com entusiasmo—, eram entregar minha carga a uma certa Srta. Rachel Hammond e a nenhuma outra.

Atrás da porta ornamentada da carroça imunda, algo arranhava e choramingava.

— Tem um *tigre* aí dentro? — Rachel queria saber.

— Algo muito melhor do que um tigre, minha querida. — O Sr. Splott mexeu no trinco e abriu a porta, e um cachorrinho marrom e branco saltou para fora tão de repente que Caroline se assustou.

— Um cachorro! — O Sr. Splott gritou teatralmente.

Rachel gritou de prazer, caindo de joelhos na grama marcada e rindo enquanto o animalzinho pulava e lambia seu rosto repetidamente.

— Um presente do capitão Rogan McBride—, disse o Sr. Splott a Caroline, com a satisfação de um trabalho bem feito. — O nome do cachorro é Sweet Girl, disseram-me, e posso garantir seu bom temperamento, tendo viajado de Harrisburg em sua companhia singular.

— Ho, ho—, Caroline murmurou.

20

Hammond Farm
15 de julho de 1863

Bridger

Ele estava girando o ombro ferido em círculos lentos e agonizantes, sabendo que os músculos continuariam a atrofiar se não os usasse, quando ouviu uma única carroça vindo da estrada.

Encharcado de suor, seu estômago revirando com a náusea da dor, Bridger ficou quieto, escutando, sua atenção voltada para os sons que podia ouvir. Tentativas anteriores de sair da cama não o levaram além da borda do colchão, onde ele ficou tremendo e ofegante até que a dor diminuiu e ele encontrou forças para se virar de costas.

Agora, aqui estava outra lição de humildade. Ele, o exímio cavaleiro, o cavalheiro, o inveterado sedutor de mulheres, moças, cachorros e crianças pequenas, completamente indefeso.

Seu pai teria ficado satisfeito.

Tudo o que ele podia fazer agora era ouvir. E pensar.

Uma carroça, puxada por não mais que dois cavalos ou mulas. Uma voz masculina jovial chamando uma saudação antiquada.

A criança, Rachel, soou uma resposta.

O feliz yip-yip-yip de um cachorro, provavelmente pequeno, a julgar pelo tom de seu latido.

Ele ouviu passos na escada e brevemente esperou que Caroline estivesse voltando.

Em vez disso, quando a porta se abriu, Jubie estava na soleira, carregando uma tigela de sopa fumegante e perfumada. O cabo de uma colher se projetava de um lado.

— Quem é esse? — Bridger perguntou, inclinando a cabeça ligeiramente na direção da janela.

— Um mascate trouxe um cachorro para Rachel—, disse ela.

Ela havia chegado ao lado de sua cama, mas a carta de Amalie estava em seu caminho; ela claramente não queria deixar a tigela de sopa no criado-mudo enquanto ela estivesse lá.

Usando a mão esquerda, Bridger juntou as páginas e as segurou. As palavras pareciam penetrar na carne de seus dedos “*Papai, pneumonia, funeral, volte para casa, não, não, bloqueio*”, então ele retirou a mão, deixando a carta cair sobre o cobertor.

Jubie pousou a tigela.

O cheiro de feijão cozido, presunto e cebola o repugnava, mas ele estava com uma fome voraz.

— Obrigada. Eu posso me alimentar—, disse ele. Ele conseguiu se erguer até os cotovelos, depois um pouco mais, de modo que estava quase sentado, mas não totalmente. Desajeitado, ele pegou a tigela, centralizou-a no colo e levou uma colherada de sopa decididamente boa à boca.

Uma conquista tão pequena, mas importante, pelo menos para ele.

— A senhora Caroline não parece muito satisfeita com o cachorro—, Jubie comentou.

— Toda fazenda deveria ter pelo menos um cachorro—, Bridger disse em um dos intervalos exasperadamente lentos de abaixar a colher para a tigela. —Eles são uma boa companhia.

Jubie não olhou em sua direção. — Você mantém escravos, Sr. Winslow? — ela perguntou de repente.

Chocado, Bridger se perguntou por um segundo se eles estavam falando sobre cães ou humanos. — Meu pai mantém—, ele admitiu. — Mas ele está morto agora—, disse Bridger.

Ele não sabia como se sentia sobre a morte de seu pai. Ele se esforçou para levar outro gole de sopa da tigela à boca, saboreou, mastigou e finalmente engoliu, tudo antes de responder. — O que você realmente está perguntando—, disse ele—, é o que penso da instituição da escravidão. A resposta é: nasci em um mundo onde a prática era amplamente aceita. Eu sabia que nossa cozinheira e governanta, Rosebud, tinha sido minha ama de leite quando eu era criança e que ela também criou minha mãe. Ela cantava canções, contava histórias e tratava a mim, minha irmã e nosso irmão mais velho com mais carinho do que nossos pais jamais trataram. Eu a amava então, e ainda a amo.

— Depois havia Abel, seu filho. Ele dirigia as carruagens e agia como mordomo quando vinham visitas ou quando minha mãe dava uma festa, o que acontecia com frequência. Ele me ensinou a cavalgar quando eu tinha quatro anos. Como pescar e encontrar os melhores canteiros de frutas silvestres na floresta e cerca de mil outras coisas. Quando meu pai contratou

um tutor para ensinar Amalie e eu a ler, escrever e cifrar, ensinei Abel por sua vez.

— Mas eles ainda eram seus escravos, Rosebud e seu Abel. — Jubie parecia desanimada. Seus ombros orgulhosos se curvaram.

— Meu pai os possuía, sim—, Bridger disse calmamente. Não adiantaria explicar que tanto Rosebud quanto Abel haviam sido bem tratados e até recebiam salários, ainda que pequenos.

— E agora ele está morto. Então, quem é o dono?

Bridger colocou a tigela de lado na mesa de cabeceira. — Abel morreu em um acidente de carruagem há muito tempo—, disse ele, triste de uma forma que não tinha ficado quando leu o relato de Amalie sobre a morte do velho.

— E Rosebud? — Ela não lhe deu oportunidade de responder.

Ele suspirou. — Eu não sei—, disse ele.

— Seu irmão é dono de Rosebud.

— Não—, ele respondeu. — Meu irmão também está morto. — Ele deu outro suspiro. *Ele* possuía Rosebud e os outros escravos ainda em Fairhaven, embora não restassem muitos, de acordo com a carta de Amalie. Vários deles fugiram da plantação em busca de liberdade ou foram vendidos por seu pai para levantar o dinheiro tão necessário. Jubie estava determinada a fazê-lo admitir a verdade. — Rosebud... pertence a mim.

Durante toda a sua vida, Bridger nunca pensou em Rosebud ou Abel, ou qualquer uma das outras criadas e trabalhadores do campo e jardineiros e cavaleiros como propriedade.

Por fim, Jubie se afastou da janela e o encarou. — E você acha que está tudo bem? — ela perguntou. Não havia sarcasmo em sua voz, nem fúria em seu comportamento, apenas uma antiga resignação. — Que uma mulher adulta pertença a você, como aquele cachorrinho lá no quintal pertence a Rachel?

— Não—, disse ele. — Não acho certo.

— Então por que você está disposto a lutar para que nada mude? — Jubie perguntou, ofendida.

— Estou lutando—, ele respondeu calmamente—, para proteger a terra da minha família.

Ela franziu a testa com a resposta dele.

— A escravidão é indefensável—, continuou Bridger. — Não estou nessa guerra para preservá-la. Estou nesta guerra porque o Sul é a minha

casa, e é uma casa pela qual vale a pena lutar. Além disso, vastas partes dele são tão bonitas quanto o Jardim do Éden para mim, talvez até mais.

Ele fez uma pausa. — Ganhe ou perca, quando esta guerra acabar, pretendo libertar meus... os escravos em Fairhaven.

Jubie pegou a tigela de sopa, meio vazia agora. Ela não estava mais encontrando seus olhos.

O cachorro e a criança podiam ser ouvidos subindo as escadas, um perseguindo o outro, ao que parecia.

Jubie sorriu levemente, apesar de tudo. — Essa criança—, ela murmurou.

Rachel estava rindo de novo. — Sweet Girl! — ela gritou. — Volte aqui agora mesmo!

O cachorro disparou no quarto, uma pequena bola marrom e branca de desobediência peluda, e saltou sobre a cama, aterrissando bem no meio do peito de Bridger.

A dor aumentou, feroz, mas ele envolveu seu braço bom ao redor da pequena forma musculosa e contorcida. A próxima coisa que ele percebeu foi que o cachorro estava lambendo seu rosto.

Jubie saiu, tigela na mão, substituída por Rachel.

Caroline correu atrás de sua filha. — Sinto muito—, disse ela.

Bridger acariciou as orelhas do cão, desfrutando do afeto ansioso do animal. — Agora, de onde você veio? — ele perguntou — Sweet Girl.

— Um mascate ambulante a trouxe! — Raquel disse. — Senhor Splott. Ela é minha agora porque o capitão McBride a enviou.

Bridger olhou para Caroline, notando o brilho rosado em suas bochechas.

Ela balançou a cabeça, como se respondesse à pergunta que ele não havia feito. — Rogan não está aqui—, disse ela. — Ele nos enviou Sweet Girl, por meio do Sr. Splott, que por acaso estava vindo nessa direção. — Um suspiro. — Tão atencioso da parte dele.

Lá estava de novo, ela disse — Rogan, não "Capitão McBride".

— Eu suponho que Rogan tenha enviado alguma mensagem para mim?

Para sua surpresa, Caroline enfiou a mão no bolso do avental e tirou um pedaço de papel dobrado. — Na verdade, ele enviou—, disse ela, entregando uma carta para ele.

Caroline parecia tão cansada que Bridger desejou poder abraçá-la, alisar seu cabelo, prometer a ela que nada de ruim aconteceria novamente, nem

para ela, nem para Rachel, nem para o cachorrinho.

Mas ele não podia se permitir cuidar dessa mulher por vários motivos, sendo o principal o interesse de seu melhor amigo por ela. Ele sabia que Rogan era o tipo de pessoa disposta a esperar o período de luto de Caroline, para cortejá-la lentamente, com cuidado e principalmente à distância, se essa fosse sua intenção. Ele tinha outra vantagem não insignificante, Rogan e Caroline estavam do mesmo lado. Ambos nortistas, ambos comprometidos com a causa da União.

Bridger, em total contraste, representava o inimigo, e Bridger sabia que sua mera presença feria a boa consciência yankee da viúva. Ele não tinha nada para oferecer a ela, em suas circunstâncias atuais, de qualquer maneira; ele sabia que o que Caroline mais desejava era ter o marido de volta. A segunda, ele tinha certeza, era sua partida.

— Você está com dor? — ela perguntou.

Bridger não esperava essa pergunta em particular. — Estou bem—, disse ele, embora estivesse muito dolorido, mas era um homem pragmático, sob seu verniz um tanto imprudente. Considerando tudo, ele teve muito mais sorte do que outros homens feridos; ele estava vivo, de posse de todos os seus membros e, presumivelmente, de sua sanidade. Ele podia ver e ouvir, e logo estaria andando novamente.

— Minha avó deixou um pequeno suprimento de láudano—, arriscou Caroline, quase timidamente. — Eu poderia te dar um pouco, se você estiver sofrendo.

Ele sorriu e balançou a cabeça. — Obrigado, Caroline—, ele disse. — Estou grato pela oferta, mas não preciso. — Ele fez uma pausa. — Dito isso, se por acaso você tiver algum uísque em mãos, posso fazer bom uso dele.

Ela corou, para seu deleite. — Sinceramente—, ela disse, quase suspirando a palavra.

E esse foi o fim da conversa.

Um momento depois, a porta foi fechada e Bridger estava sozinho.

Depois de um minuto inteiro desejando que Caroline tivesse ficado, ele pegou a mensagem de Rogan, que consistia em uma única folha de papel grosso, selada com cera de abelha comum.

Nenhum brasão sofisticado para o capitão McBride, notou Bridger. Rogan simplesmente inclinou uma vela e pressionou o polegar no líquido derretido.

Ele virou o papel e notou que estava endereçado a “Meu amigo, aos cuidados da Sra. Jacob Hammond, Hammond Farm, Gettysburg, Pensilvânia”.

Por fim, quebrou o selo, desdobrou a página. Vinte dólares em moeda federal, uma fortuna, mesmo para um advogado yankee, caíram sobre o cobertor.

Bridger ignorou por um momento e leu.

Espero que você esteja se recuperando. A esta altura, a Sra. Hammond já deve ter lhe dado o uniforme e as botas de que vai precisar, junto com uma carta que encontrei fechada em sua pessoa e guardei. Exceto por sua arma e espada, não havia outros pertences em evidência. A espada foi deixada para trás, por motivos de conveniência, e entreguei a pistola aos cuidados de Enoch Flynn, até o momento em que você possa exigir sua devolução. Espero que considere favores passados se for obrigado a fazer uso deles no futuro, e que se lembre de minha profunda consideração pessoal pela dona da casa. Até dias melhores e mais felizes, R.

Bridger se recostou contra seu travesseiro e fechou os olhos.

Ele ficou grato pelos fundos, já que não tinha nenhum, e pela pistola também, embora isso viesse com a condição sutilmente declarada de que ele "considerasse os favores anteriores" antes de atirar em qualquer yankee que pudesse encontrar.

Infelizmente, a carta era um lembrete dos sentimentos afetuosos de Rogan por Caroline Hammond. Bridger tinha recebido essa mensagem, sem dúvida.

Deitado ali, ele foi forçado a confrontar a verdade: ele também queria Caroline. Queria-a de todas as maneiras que um homem quer uma mulher, mas era muito mais, esse desejo dele...

Ele podia se imaginar sentado em frente a Caroline durante as refeições, Tentado enquanto ela lia em voz alta para ele à luz do abajur, observando o jogo de emoções piscar em seu rosto, dando-lhe presentes, desde margaridas do campo em jarras de frutas até diamantes e pérolas. E, sim, ele imaginou dar-lhe prazer, ouvir seus suaves gritos e sussurros no doce segredo da noite,

Bridger se rendeu à visão, estava de fato impotente diante dela. Havia apenas Caroline, uma Madonna, *sua* Madonna, vestida de chita e luz.

21

Hammond Farm
15 de julho de 1863, noite
Caroline

No final, o Sr. Splott não passou a noite no celeiro de Caroline, nem ficou para o jantar. Depois que suas mulas descansaram, beberam até se fartar no bebedouro e pastaram em colmos de grama de alguma forma ignorados pelo gado do exército, ele anunciou que tinha um trem para pegar em Harrisburg dali a dois dias e não deveria demorar. Se ele não estivesse lá para assinar pela mercadoria que esperava, ele informou a ela, só Deus sabia onde elas iriam parar em tempos como estes. E lá estaria ele, um mascate sem nada para vender, e liquidado com o adiantamento que enviara ao atacadista.

Quando Caroline preparou uma refeição fria, para ser comida conforme sua conveniência, ele aceitou graciosamente. Quando ele saiu, ela disse que apreciou sua visita por entregar um cachorro de presente e notou que a ironia de suas palavras havia escapado dela.

Duas horas depois, ela estava sentada em sua sala, um pacote fechado no colo, Rachel e Sweet Girl a seus pés, dormindo em um emaranhado de garotinha e cachorro, tendo se exaurido alegremente.

Jubie entrou na ponta dos pés, carregando uma xícara e um pires. — Eu trouxe um pouco de leite morno—, ela sussurrou. — O chá pode mantê-la acordada.

— Obrigada—, disse Caroline.

Jubie colocou a xícara e o pires ao alcance de Caroline, mas seus olhos estavam em Rachel e no cachorro.

— Você quer que eu coloque esse bicho para fora durante a noite? — ela perguntou. — Talvez trancá-lo no celeiro?

Caroline sorriu e balançou a cabeça. — Vamos deixá-la ficar em casa, eu acho—, disse ela.

Jubie olhou para Sweet Girl. — Ela não é uma cadela de casa, — ela observou. — Ela é suja, para começar. Pode passar pulgas para Rachel.

Caroline reprimiu um estremecimento, mas estava decidida. Sweet Girl precisava de um banho, e Rachel provavelmente também, mas ela já havia checado o animal em busca de pulgas e carrapatos e não encontrou nenhum.

A pobre criaturinha estava morrendo de fome e se encolhia quando alguém que não fosse Rachel se aproximava, como se esperasse um chute ou um golpe.

Claramente, havia sido maltratada, possivelmente abandonada também.

Havia tanta miséria no mundo e tão pouco se podia fazer para aliviá-la. Certamente, porém, toda gentileza, por menor que seja, contava para alguma coisa.

Além disso, Rachel já adorava Sweet Girl. Mesmo que Caroline quisesse mandar a cachorra embora, ela não teria coragem de desapontar a filha, especialmente agora, quando havia tantos motivos para sofrer.

Percebendo que sua amiga ainda esperava uma resposta, Caroline disse suavemente: — Não se preocupe, Jubie. Amanhã vou dar uma boa esfregada em ambas e, se houver alguma sujeira, farei a limpeza.

Jubie assentiu e olhou para a janela da frente, escurecida pela noite. — Você acha que Enoch vai voltar logo?

Caroline não estava ouvindo o som da parelha e da carroça. Não era típico de Enoch perder o jantar ou atrasar suas tarefas noturnas, mas ela ainda não havia começado a se preocupar. — Imagino que ele tinha muito o que fazer na casa da minha avó—, disse ela. — Ele estará aqui a qualquer momento.

Jubie não parecia convencida. — Suponha que ele tenha problemas em algum lugar? — ela se preocupou.

Caroline pensou que era mais provável que Enoch tivesse simplesmente se atrasado. Além de carregar uma carroça cheia de coisas para a casa de Geneva, provisões para substituir a comida saqueada da despensa, suprimentos médicos e vários baús e mochilas de Geneva, ele poderia ter se oferecido para cortar lenha, se alguma pudesse ser encontrada, tapar janelas quebradas, instalar móveis direitos. Não era inconcebível que, depois de fazer todos esses projetos, ele tivesse que se virar e fazer tarefas semelhantes para vários vizinhos.

— Tenho certeza que Enoch está seguro—, Caroline disse gentilmente. — E realmente não há nada que possamos fazer, exceto esperar.

Rachel fez um gemido e sentou-se, piscando. Então, ao ver Sweet Girl ao lado dela, também acordada, ela se iluminou.

— Sweet Girl precisa sair—, disse ela. — Acho que ela não pode usar o penico.

Carolina sorriu. — Eu vou com você—, disse ela, prestes a colocar de lado o pacote que o Sr. Splott havia deixado com ela.

— Você fica aqui e descansa—, Jubie disse a ela. —Vou cuidar de Rachel e sua cachorra. Isso me dará a chance de checar e ver se Enoch está vindo.

Caroline agradeceu a Jubie novamente, e o trio saiu apressado da sala, dirigindo-se para a porta lateral.

Então, demorando bastante, ela desembulhou o pacote. Lá dentro, ela encontrou um envelope lacrado com seu nome escrito na frente em letras fortes, inclinado para a direita e bem sublinhado. Ela segurou a carta por um minuto ou dois, saboreando o mero fato.

Agora que Jacob estava morto, essas guloseimas seriam poucas e raras, se é que existiriam.

Ela ouviu Jubie e Rachel voltarem para casa com a cadela e subirem as escadas dos fundos. Rachel manteve um fluxo constante de tagarelice, dizendo a Jubie que pretendia ensinar truques a Sweet Girl, e isso seria tão bom quanto um circo, não seria?

Caroline sorriu, mesmo com as lágrimas queimando seus olhos. Como as crianças são resistentes, ela pensou. Depois de perder um dos pais, estremecendo ao som de uma feroz batalha travada a apenas alguns quilômetros de sua casa, confusa com o súbito aparecimento de tendas hospitalares no quintal onde costumava brincar, sem dúvida assustada com os gritos e gritos de soldados feridos, uma cadela foi capaz de distraí-la e trazê-la alegria.

Caroline deixou a carta de lado e examinou o restante do pacote. A primeira coisa que ela notou foi um grosso livro de canções, cheio de melodias animadas. Dentro da capa azul brilhante, Rogan havia escrito: — Sua música acalmou as almas dos homens que precisavam desesperadamente de calor e conforto, inclusive a minha. Obrigado.

Caroline suspirou. Ela sentia falta da companhia de Rogan, desejava que ele estivesse ali com ela, na sala iluminada por lâmpadas. Talvez ela tivesse ido ao cravo, aberto o cancionário e tocado para ele.

O pensamento inspirou um certo grau de culpa; se ela ia sentir falta de alguém, deveria ser Jacob, não Rogan McBride.

Ela olhou para o teto. Mas se Rogan ainda *estivesse* aqui, ela pensou, ele teria servido como uma espécie de amortecedor entre ela e o capitão

Winslow, cuja presença a incomodava por razões que ela não conseguia explicar.

Ela deixou o cancionário descansar em seu colo enquanto olhava para um pacote menor, embrulhado em uma dobra de papel de seda delicado, marcado com o nome de Rachel. Dentro, ela encontrou um arco-íris de fitas de gorgorão coloridas para o cabelo da criança.

Rogan não tinha esquecido ninguém. Ele também havia incluído uma bolsa de tabaco para Enoch, um lenço de renda para Geneva e um cobertor para o bebê de Jubie que estava para nascer.

Era como o Natal, como era antes da guerra, ela pensou. Mas então o som familiar de uma parelha e uma carroça vindo lentamente pela estrada a trouxe de volta ao presente. Jubie desceu correndo as escadas. — Esse é Enoch, voltou para casa? — ela perguntou, parecendo ansiosa e desesperada ao mesmo tempo.

— Tenho certeza que é ele—, Caroline disse. Ela se levantou, colocou os presentes no assento de sua cadeira e seguiu Jubie pelo corredor até a porta.

De fato, Enoch estava de volta, dirigindo a carroça barulhenta, as lanternas balançando dos dois lados.

Jubie correu ao lado da carroça antes que ele parasse completamente e gritou: — Onde você *estava*?

Enoch, uma sombra enorme, jogou a cabeça para trás e deu uma grande gargalhada. — Eu estive nesta carroça—, disse ele. — Você estava preocupada comigo?

Oh, meu Deus, Caroline pensou, com uma risada suave.

Ela não era necessária ali.

Ela se virou e voltou para dentro de casa.

Na sala, ela pegou a carta de Rogan, ainda lacrada, enfiou-a no bolso do avental e se dirigiu para as escadas.

Seu quarto estava banhado pela pálida luz da lua, e Caroline podia facilmente distinguir a pequena forma de sua filha, descansando na beirada do colchão, um braço balançando em direção ao cachorro. Ela foi até a escrivaninha, que ficava embaixo de uma janela, banhada por uma luz prateada.

Então ela pegou a carta e a colocou bem no centro da mesa.

Antes que ela pudesse ler, ela ouviu um som de batida em algum lugar próximo, e ela se virou rapidamente, pensando que Rachel devia ter caído

no chão, nas garras de algum sonho.

Mas Rachel ainda estava encolhida ao lado da cama, dormindo.

Outro baque veio.

Carrancuda, Caroline saiu apressada para o corredor, encontrou fósforos e uma vela na mesa do corredor e acendeu o pavio.

— Jubie? — ela chamou suavemente.

Nenhuma resposta. Jubie provavelmente estava do lado de fora com Enoch ou na cozinha, preparando seu jantar.

Caroline esperou, ouvindo atentamente. Ela *tinha* ouvido algo.

Uma voz rouca, praguejando, confirmou isso, antes mesmo que uma linha de luz aparecesse sob a porta do quarto que tinha sido de Rachel.

Caroline colocou a vela de volta em seu lugar, então apagou a chama. Relutante, ela se aproximou da porta do quarto de Rachel e bateu.

— Capitão Winslow? — ela chamou baixinho. — Algo está errado?

— Não—, veio a resposta bastante concisa. — Tudo está bem.

Caroline respirou fundo, soltando o ar enquanto segurava a maçaneta e a girava, então entrou no quarto.

Bridger estava na janela, sua mão boa apoiada no parapeito largo. Ele ainda usava a camisa que Enoch lhe emprestou e, incongruentemente, as calças militares que Rogan havia deixado.

Ele virou a cabeça e olhou para Caroline por cima do ombro, carrancudo. — Eu disse a você—, disse ele, enunciando cuidadosamente cada palavra—, que estou bem.

— O que diabos você está fazendo?

Ele se virou novamente e descansou a testa contra o vidro da janela. — Caroline—, disse ele calmamente—, por favor, vá para a cama.

— Esta é *a minha* casa, capitão Winslow—, disse ela. — E eu posso fazer o que quiser, muito obrigada.

— É justo—, disse ele, com um som que era quase uma risada.

— Deixe-me ajudá-lo—, disse Caroline, indo em direção a ele.

— Eu não preciso de sua ajuda—, ele a informou, advertindo-a com seu tom de voz e o brilho em seus olhos.

Ela parou. — Então eu vou chamar Enoch.

— *Maldição*—, ele rosnou. — *Estou bem*. Por favor, apenas vá embora.

Caroline não se mexeu. Em vez disso, ela cruzou os braços e olhou em volta, avaliando a situação. Acendera o abajur que Jubie colocara sobre a escrivaninha quando veio ao quarto, tarefa nada fácil para um homem com

um braço amarrado em uma tipóia. Ele conseguiu se vestir também, pelo menos parcialmente.

— Deus do céu—, disse ela. — Você pretendia ir embora, não é?

Bridger Winslow abaixou a cabeça e fechou os olhos. Não disse nada.

— Você está louco? — Caroline superou toda a apreensão então, caminhou até ele, segurando seu antebraço ileso com uma mão e colocando a outra na parte inferior de suas costas. Dirigindo-o para a cama.

Ele murmurou algo, uma maldição, um protesto, Caroline não tinha certeza, mas ele se encostou nela, permitindo que ela o conduzisse.

Ele desabou pesadamente no colchão, quase derrubando Caroline com ele. Ela tropeçou um passo para trás, em um esforço para permanecer de pé.

Bridger havia atingido seu ombro ferido quando caiu na cama, e estava fazendo uma careta de dor. O sangue começou a vazar pelas bandagens e pela camisa emprestada.

Caroline curvou-se e tentou descobrir o ferimento, para ver que dano havia sido causado, mas ele segurou seus dois pulsos e seus dedos repeliram os dela. Seus olhos estavam bem fechados, seu rosto brilhava de suor.

— Por favor, deixe-me só. *Por favor.*

— Não vou a lugar nenhum, capitão—, disse Caroline. Uma calma repentina tomou conta dela.

Ela ouviu passos na escada dos fundos e soube, sem olhar, quando Jubie chegou à porta.

— Senhorita Caroline? — A voz de Jubie estava trêmula.

— Traga Enoch—, disse Caroline. — Rapidamente.

Jubie saiu correndo.

— *Caramba.* — Bridger abruptamente soltou suas mãos.

Prendendo a respiração, tremendo de determinação e hesitação, em igual medida, Caroline, o mais delicadamente que pôde, abriu a camisa e removeu o curativo encharcado de sangue.

Sangue pulsava da ferida, e Caroline puxou a roupa de cama, enrolou uma ponta do lençol em um punho e pressionou com força sobre o ferimento.

Ele gemeu e fechou os olhos novamente. Sua respiração desacelerou, mais profunda do que antes, e Caroline se perguntou se ele havia perdido a consciência.

— Capitão Winslow—, ela disse, apertando o ferimento com ambas as mãos agora, colocando toda a sua força no esforço.

— Bridger—, ele murmurou.

— Bridger—, Caroline cedeu. — Eu só quero parar o sangramento e me certificar de que você não desmaie.

Ele não abriu os olhos, mas um músculo se contraiu em um lado da boca. — Eu não desmaio—, ele disse, com esforço considerável. Seus lábios estavam secos e ele os umedeceu com a língua. — Mas caso... importe, isso dói.

Enoch estava subindo as escadas agora, apressado.

Sweet Girl começou a latir.

Rachel acordou e chamou: — Mamãe!

— Qual é o problema? — Enoch perguntou, um pouco sem fôlego.

Ele parou ao pé da cama e Caroline lançou-lhe um único olhar. — Sinto muito se o assustei—, ela disse a ele, ainda pressionando o lençol amassado. — O capitão Winslow reabriu seu ferimento, receio. Achei que precisaria de sua ajuda, mas ele se acalmou.

— Você está se preparando para empurrar esse homem direto para o chão? — perguntou Enoch. Ele parecia aliviado, até um pouco divertido.

— Por favor, pare-a antes que ela me mate—, disse Bridger. Aquela contração estava lá novamente, ao lado de sua boca. Seus olhos ainda estavam fechados.

— Deixe-me dar uma olhada no ombro do homem, senhora—, Enoch disse calmamente.

Com cuidado, ela ergueu o lençol e os dois examinaram o ferimento. O sangramento não parou completamente, mas diminuiu.

— O que você precisa, senhora? — perguntou Enoch.

— Você poderia pegar alguns curativos e desinfetante? — A voz era de Jubie.

Olhando para trás, Caroline, agora sentada ao lado da cama, viu a jovem parada na porta. — Esquente um pouco de água também—, Caroline disse.

Enoch assentiu e saiu, Jubie deu um passo para o lado para deixá-lo passar.

— Eu cuidarei da Srta. Rachel—, Jubie ofereceu. — Assim que ela estiver dormindo, eu voltarei para ajudá-lo.

— Eu não quero dormir—, Rachel protestou. Ela veio para ficar ao lado de Jubie na porta.

— Bem—, disse Jubie, virando-se com a mão de Rachel na dela—, aquela sua cadelinha quer.

Caroline sorriu, agradecida, e quando ela olhou para Bridger novamente, viu que seus olhos estavam abertos, e ele estava olhando para ela com... admiração.

— Você é um homem muito difícil—, ela disse, e sentiu-se corar com a ternura em seu tom.

— E você é uma mulher bonita.

Caroline desviou os olhos. — Você não deve dizer essas coisas.

— No entanto, eu disse. E é verdade.

— Por favor—, Caroline disse. — Não. Eu sou...

— Uma viúva—, ele terminou por ela. — Eu entendo isso, Caroline. Eu sei que você precisa de tempo para lamentar. E, Deus me ajude, sei que meu melhor amigo está apaixonado por você.

— Você vai partir logo—, Caroline disse, sobrecarregada.

Bridger levantou sua mão boa, colocou-a gentilmente atrás de sua cabeça e pressionou até que seu rosto estava quase tocando o dele.

Ela sabia que deveria resistir, recuar, mas não o fez.

E então ele a beijou.

Foi tenro a princípio, um mero roçar de seus lábios contra os dela.

Uma coluna de doce fogo parecia brotar dentro dela.

Pare, ela pensou, e ficou surpresa ao perceber que o apelo era para ela, não para Bridger.

Ele aprofundou o beijo, e Caroline sentiu como se estivesse em queda livre, caindo de ponta-cabeça em um abismo tão profundo que poderia chegar até o centro da terra.

Um som vindo da porta quebrou o feitiço.

Caroline se endireitou e Bridger a soltou, mas permitiu que sua mão deslizasse lentamente, levemente, sobre seu ombro e ao longo de suas costas.

Ela tremeu.

Bridger sorriu.

— Eu tenho as bandagens aqui—, Enoch disse da porta, sua voz um pouco alta demais. — Alguns remédios também.

Caroline não conseguia olhar para ele ou, aliás, para Bridger.

Jubie também voltou. — Você deveria ir para a cama, Caroline. Enoch e eu podemos cuidar disso.

Caroline ficou de pé. — Obrigada, Jubie—, ela disse rapidamente. — *Estou cansada.*

Com isso, ela saiu correndo do quarto, evitando os olhos de Enoch e de Jubie.

Ela foi para seu próprio quarto, movendo-se silenciosamente, e pegou a carta de Rogan da escrivaninha, onde ela a havia deixado antes.

De repente ela se sentiu exausta, de corpo e alma. Ela parou ao lado da cama apenas o tempo suficiente para ver que Rachel estava dormindo pacificamente, então se inclinou e deu um tapinha na cabeça de Sweet Girl.

Ela foi para o corredor novamente, mantendo seus passos leves enquanto se arrastava em direção à escada da frente, descendo os degraus, passando pela sala e pelo corredor até a porta lateral.

Ela saiu, tomando cuidado para não fazer barulho, e fechou a porta atrás de si.

Uma vez fora, ela respirou lenta e profundamente, saboreando o pesado frescor do ar noturno. Nuvens cobriam a lua, mas ainda havia luz suficiente para enxergar, já que o céu estava repleto de enormes estrelas cintilantes.

Por um longo tempo, Caroline não se mexeu, mas simplesmente ficou lá, na grama pisoteada de seu quintal, respirando, esperando que seu coração se acalmasse.

Bridger Winslow a beijou. *A beijou.*

E ela não resistiu.

Na verdade, ela se abriu de bom grado para ele.

Ela queria mais.

Era imoral. Escandaloso.

Que tipo de mulher se comportava de maneira tão descarada, quando seu marido, o pai de sua filha, havia ido para o túmulo recentemente?

Caroline começou a chorar com emoção confusa.

Ela andou, pressionando uma mão na boca em um esforço infrutífero para conter o som. Andou mais rápido, e depois ainda mais rápido, como se para fugir de sua terrível vergonha, o arrependimento que parecia prestes a consumi-la.

— Jacob —, ela soluçou. — *Jacob.*

Ela estava louca para escapar, mas não havia onde se esconder. Não dela mesma.

Então ela ficou parada, preparada para enfrentar a tempestade emocional.

Ela esperou, respirou, respirou mais devagar. Secou as bochechas com a batinha do avental. Pouco a pouco, a tempestade se acalmou.

Logo depois, ela tirou o avental, segurou-o com uma das mãos e, como não desejava encontrar Enoch ou Jubie, dirigiu-se à cozinha. Ela não queria ser confortada ou consolada, ou julgada por um lapso moral.

Ao passar pela porta, ela pegou os dois baldes de água vazios e caminhou até o poço.

Lá, ela encheu um recipiente, depois o outro.

Eles eram pesados, e a água estava gelada quando espirrou nas bordas, molhando suas saias e sapatos. As alças de metal marcaram seus dedos, por mais calosos que fossem. Ela mal notou seu desconforto, afinal era uma dona de fazenda, acostumada a carregar baldes e lenha e alqueires carregados de grãos ou batatas ou, na época, frutas dos pomares.

Vez após vez, Caroline fez a viagem de e para o poço, até ter água suficiente para seus propósitos. Ela encheu todas as panelas e chaleiras que encontrou, acendeu o fogo do fogão e as colocou lá, feliz por estar ocupada.

O trabalho era árduo, mas também uma distração bem-vinda, uma forma de restaurar sua estabilidade normal e bom senso.

Mas mesmo o trabalho físico é finito. Depois de pegar a tina maior do gancho na parede dos fundos e colocá-la atrás da mesa, fora da vista direta da porta, mas não muito perto do fogão, já que a noite estava pesada com o calor do verão, ela se viu perdida.

Todas as manhãs e todas as noites, Caroline enchia uma bacia com água quente e, usando sabão forte e uma toalha, esfregava-se bem, mas um banho de verdade era um luxo, geralmente reservado para as noites de sábado, parte de seus preparativos para os cultos de domingo na igreja.

No rescaldo da batalha, no entanto, ela não teve tempo nem privacidade para um banho adequado, e nenhuma oportunidade real de assistir aos cultos da igreja.

Esta noite, porém, a limpeza não era seu único objetivo. Ela queria, simplesmente, ser gentil consigo mesma. Para ensaboar a pele e o cabelo com sabonete perfumado, pensar com calma e aliviar algumas das dores que atormentavam cada músculo, até mesmo os ossos.

Mas absorver a dor em seu coração era mais difícil.

E também a percepção de que ela teria que voltar para casa para pegar sabonete, toalha, camisola e xale, e correr o risco de encontrar Enoch ou Jubie no processo.

Enoch certamente tinha visto o beijo ilícito ao entrar novamente no quarto e ela suspeitava que Jubie também pudesse ter visto. Jubie era

perspicaz, e se não fosse uma testemunha, provavelmente teria adivinhado a situação imediatamente.

Obviamente, Caroline não poderia evitar Enoch e Jubie para sempre, e nem queria. Não era como se ela tivesse sido pega por cometer um crime. Um homem que não era seu marido a beijou e ela permitiu. E... aproveitou.

Esses eram os fatos, quer ela gostasse ou não.

Concedido, ela poderia ter reagido de forma diferente se não tivesse sido pega de surpresa.

Se ela pudesse viver aqueles momentos novamente, ela daria um tapa no rosto bonito e arrogante de Bridger Winslow e sairia do quarto.

Ela faria isso?

Ela se lembrou do gosto dele, a força em sua mão quando ele trouxe sua boca para a dele, o calor de seus lábios, a dura barreira de seu peito contra a suavidade de seus seios...

O suficiente. *O que está feito está feito*, disse a si mesma.

Caroline voltou para casa, sentindo-se mais composta. Sua única concessão ao embaraço era usar a escada principal, assim não teria que passar pela porta de Bridger. Caso contrário, ela *não* se sentiria envergonhada.

Na verdade, ela percebeu enquanto se esgueirava para o quarto, onde Rachel dormia, e silenciosamente reunia as coisas de que precisava, que *não tinha vergonha*.

Ela estava *viva*, uma mulher saudável e normal, forte, embora solitária e sitiada, e se tivesse sentido algum prazer no beijo de Bridger, que assim fosse.

Segurando a toalha e a camisola, Caroline parou ao lado da cama que tinha compartilhado com Jacob, olhando para a linda criança que eles tinham feito ali. Ela pensou nas muitas noites íntimas que ela e Jacob passaram ali.

Depois de um tempo, ela se virou em silêncio e saiu do quarto.

Agora, a porta de Bridger estava fechada, e nenhuma luz aparecia embaixo dela.

Ela descansou a mão no bolso do avental mais uma vez, assegurando-se de que a carta de Rogan ainda estava lá, e se perguntou a confusão repentina que brotou dentro dela.

Então, por fim, desceu, pensando no belo banho que a esperava na cozinha.

Uma vez lá, ela trancou a porta, pegou a lanterna que havia acendido antes e a colocou no assento de uma cadeira que havia puxado ao lado da banheira. Ela carregou as chaleiras fumegantes pelo chão, uma a uma, e derramou o conteúdo na banheira.

Ela puxou as cortinas de cada uma das três janelas e verificou novamente o trinco, só por precaução.

Estava firmemente no lugar; ela não seria interrompida.

Lentamente, Caroline tirou o avental, tirando a carta do bolso, colocando-a ao lado da lanterna. Ela desabotoou o vestido e deixou-o cair em uma poça de chita a seus pés, testou a temperatura da água com o dedão do pé e achou quente, mas não escaldante.

Depois de certificar-se de que a toalha, o sabonete e o pano estavam à mão, junto com o pente e a escova, Caroline tirou a roupa íntima e depois a chemise e entrou na banheira.

Apesar do calor abafado de uma noite na Pensilvânia em meados de julho, a sensação de afundar na água limpa e quente era deliciosa. Um dia, ela pensou sonhadoramente, quando esta guerra acabasse, ela compraria uma banheira de *verdade*, do tipo fixa, talvez de porcelana, ou uma moldada em latão ou cobre, com um encosto alto e inclinado e longa o suficiente para permitir que ela espreguiçasse as pernas para fora.

Nesse ínterim, a banheira serviria perfeitamente.

Caroline relaxou na água quente, sentindo os músculos tensos começarem a relaxar.

Ela pegou a carta de Rogan, abriu o envelope, desdobrou as páginas dentro.

Uma nota de dez dólares caiu e flutuou por um momento antes de Caroline pegá-la e colocá-la de lado.

A mensagem de Rogan, tão esperada, acabou sendo só negócios. Ele se desculpou mais uma vez por qualquer risco e inconveniência que ela pudesse sofrer ao cuidar de seu amigo, e pela imposição da cadela. Ele explicou que havia prometido a um de seus moribundos que recuperaria o animal de circunstâncias infelizes e cuidaria dele. Ele pedia uma resposta, conforme sua conveniência, e prometeu reembolsar integralmente quaisquer despesas que ela pudesse incorrer em nome de seus amigos, caninos e humanos. Ele esperava que Geneva, Enoch, Jubie e Rachel ficassem satisfeitos com as pequenas lembranças que ele enviara, e que ela gostasse

do cancionero tanto quanto ele e os outros homens gostaram de ouvi-la tocar.

Ele assinou a missiva como poderia ter assinado uma ordem militar, não com o costumeiro “Atenciosamente” ou “Seu servo obediente”, seguido de seu nome de batismo, mas de forma mais formal. “Rogan McBride, Capitão, Exército dos Estados Unidos.”

Caroline ficou ao mesmo tempo aliviada e levemente desapontada.

O que ela estava esperando? Uma declaração de amor?

Não. Isso teria sido totalmente impróprio, até mesmo chocante, dado o breve conhecimento deles. Um simples "Atenciosamente, Rogan" teria sido bom, no entanto.

Ela suspirou, redobrou a carta e colocou-a ao lado da lanterna, em cima da nota de dez dólares encharcada. Então, porque ela estava realmente cansada e sua água do banho estava esfriando, ela pegou o sabonete e a toalha e esfregou cada parte de si mesma. Ela soltou o cabelo e lavou-o, enxaguando a espuma o máximo que pôde.

Amanhã, ela decidiu, repetiria o processo de enxágue, usando água de um dos barris de chuva.

Alternativamente, ela refletiu ironicamente, ela poderia mergulhar de cabeça na parte mais profunda do riacho. Se ela tivesse pensado nisso antes do beijo de Bridger, em vez de depois, ela poderia ter se afogado, mas ela ainda seria a muito respeitável Sra. Jacob Hammond, de virtude imaculada.

22

Hammond Farm
3 de agosto de 1863
Bridger

Enquanto julho se aproximava de agosto, Bridger teve muito tempo para se arrepender de ceder ao impulso e beijar Caroline do jeito que tinha feito. Desde então, ela entrou em seu quarto apenas para pegar Rachel e a cadela, ambas visitantes regulares, deixando todas as outras tarefas para Enoch ou Jubie.

Ele queria se desculpar por aquele beijo, embora não estivesse totalmente arrependido, mas Caroline garantiu que eles nunca estivessem sozinhos. Sem dúvida, ela sabia que ele não tocaria no assunto na presença de uma criança; se ela não tivesse percebido isso, ela não teria cruzado o limiar.

Talvez, ele frequentemente pensava, fosse melhor assim.

Ele ainda era o inimigo, até onde ela sabia, uma parte do exército que havia matado seu marido. Mesmo que ela pudesse perdoar sua lealdade ao lado errado do conflito, e sua resposta ao beijo dele indicava que em algum momento ela poderia, ele era um elemento temporário. Em breve, ele iria embora, sem desculpa para retornar, exceto como membro das forças confederadas, caso o general Lee decida fazer outra incursão no território da União.

Pelo que ele conseguiu reunir, principalmente de Enoch, que fazia viagens regulares à cidade de Gettysburg e muitas vezes conseguia furtar um jornal, compartilhando com Bridger, mas somente depois que ele e Caroline liam e discutiam cada palavra, a Confederação assumiu uma surra em Gettysburg. Não que isso fosse desconhecido para Bridger, mas ele apreciava qualquer detalhe adicional.

Foi difundida a opinião de que George Meade, chefe do exército da União, cometeu um erro grave ao não perseguir os confederados imediatamente após vencer a batalha.

Tal hesitação era comum entre os generais da União, na experiência de Bridger; eles pareciam preferir as elaboradas análises, completas com

bandeiras, bandas marciais e espectadores admirados, ao negócio reconhecidamente confuso de lutar.

O general McClellan, desde então destituído de seu comando, foi um exemplo notável. Embora fosse um estrategista talentoso, um soldado do soldado, muito amado por suas tropas e também pelo público do Norte, o homem agia como se não houvesse uma guerra a ser travada. Evidentemente, ele gastava tanto tempo em planos e preparativos que raramente chegava a enfrentar o inimigo.

Não é assim com o general Lee. Em contraste com sua maneira cavalheiresca e erudição de fala mansa, ele era audacioso, ousado e rápido de se mover. Na maioria das vezes, ele conseguia.

Ao não persegui-lo quando o Exército da Virginia do Norte estava mais fraco, Meade forneceu a Lee o que ele mais precisava, tempo. Mesmo agora, Lee certamente havia reagrupado suas forças famintas e desorganizadas, homens tão leais que o teriam seguido pelos portões do inferno; ele teria conferenciado com Davis e com seus talentosos generais, estudando mapas, planejando o próximo ataque.

O Norte, para grande consternação de Lincoln, parecia não ter ninguém no comando que entendesse como a mente de Lee funcionava. Com a possível exceção deste homem, Grant, que havia causado tantos estragos em Fort Donnellson e Vicksburg... Bridger suspeitava que apenas Grant poderia ser capaz de igualar a persistência obstinada do General Lee, qualquer que fosse a adversidade, ou sua habilidade quase incrível de inspirar suas tropas a continuar lutando, muito depois de todos os recursos terem sido esgotados.

Bridger, como o general Lee a quem tanto admirava, havia sido ambivalente sobre a determinação imprudente do Sul de romper com a União e seguir seu próprio caminho. Ele compreendia, até compartilhava até certo ponto, a reação do Sul à crescente tendência do governo federal de intimidar os estados individuais à submissão, mas não via a secessão como a solução, muito menos a guerra total.

Houve momentos em que a ação militar era inevitável, a história provou isso, mas ele ainda acreditava que as batalhas que dilaceravam a nação e seu povo teriam sido melhor travadas no Senado e na Câmara dos Deputados, não em campos e vales, vilas e cidades.

Ainda assim, e novamente, como Lee, Bridger sabia, apesar de todas as suas dúvidas, que não poderia ficar de braços cruzados enquanto a casa que

amava, incluindo falhas, era invadida. Ele decidiu, desde o início, que não poderia ultrapassar a linha; ele tinha que jogar de um lado ou do outro, e não poderia haver golpes, nem debates internos, nem “e se” ou “se apenas”.

Desde então, ele lutou tão ferozmente quanto qualquer soldado em qualquer exército. Ele tinha sido implacável na batalha, matando outros homens quando precisava e, temia, mais do que alguns meninos também. Seu único consolo era este: ele nunca havia levantado uma espada ou uma pistola contra qualquer civil, homem, mulher ou criança, nunca havia ordenado que uma plantação fosse pisoteada ou uma casa incendiada.

Às vezes, bastava saber disso. Principalmente, não era.

Ele suspirou, naquela manhã quente de início de agosto, e foi até a janela do quatinho da casa de Caroline Hammond e olhou para baixo.

Caroline estava lá, pegando lençóis lavados de uma cesta, levantando os braços para prendê-los ao varal, onde os lençóis esvoaçavam como as velas de um navio.

Ela usava um vestido simples de chita, não um vestido de viúva, e, levantando-se, exibia admiravelmente as linhas de seus seios pequenos e bem formados.

Observando-a, Bridger sorriu, apesar de suas reflexões sombrias.

Era estranho pensar que não importava com quantas mulheres ele pudesse flertar nos próximos meses e anos, se tivesse a sorte de sobreviver, ele imaginava que não haveria nada que se comparasse com o único beijo carinhoso que ele e Caroline compartilharam.

Rachel apareceu, correndo a toda, os braços girando em puro deleite com a luz do sol e a grama verde e a alegria de estar viva, acompanhada, como sempre, pela cadelinha.

Bridger sorriu com a imagem que elas faziam, mesmo quando sentiu uma pontada de tristeza pela raridade de tais cenas em sua própria vida. Em tempo de paz, parecia-lhe, as crianças eram muito mais visíveis. Elas sempre foram frágeis, propensas a doenças, acidentes e morte prematura, mas muitos sobreviviam. Na guerra, elas se transformavam em sombras, curiosas e vigilantes, mas silenciosas. Sempre pairando nas bordas. Sempre prontas para fugir.

Outras desapareceram completamente, escondidas por mães temerosas.

Bridger não se importava com a visão de uma criança amada brincando com sua cadela. Rachel e Sweet Girl também forneciam uma distração bem-vinda de observar a mulher que ele nunca poderia ter.

Era uma ironia cruel, ele pensou com ironia, que apesar de todas as mulheres que haviam recebido bem suas atenções, chegando a extremos escandalosos para se envolver com ele, as duas que ele mais desejara, Marietta, a esposa de seu meio-irmão, e Caroline, eram proibidas para ele. Amara Marietta genuinamente, esperava amá-la por toda a vida, até conhecer Caroline.

Marietta, em total contraste com Caroline, pelo menos havia retribuído suas afeições condenadas, e o escândalo de seu único encontro íntimo havia, para todos os efeitos e propósitos práticos, destruído sua família.

Aconteceu no verão pouco antes do início da guerra, quando Bridger voltou para Fairhaven de uma estada na Grã-Bretanha, onde foi enviado para estudar economia, cultivar associações comerciais com proprietários de fábricas e, nas palavras de seu pai, “adquirir o polimento social de um verdadeiro cavalheiro.”

Em vez disso, ele adquiriu uma queda por balconistas e atrizes, boa cerveja inglesa e hedonismo desenfreado. Basicamente, ele desonrou o nome Winslow, em ambos os lados do Atlântico, e seu pai, uma vez informado sobre o comportamento de seu filho mais novo, o filho de quem ele nunca gostou, nunca valorizou, cortou prontamente sua renda e ordenou que ele viesse para casa.

Bridger, convocado ao escritório do advogado dos Winslows em Londres, recebeu a educada desaprovação britânica e uma passagem de segunda classe em um navio com destino a Charleston. Sua mesada normal, que era considerável, ele foi informado, não seria mais disponível.

Secretamente aliviado, porque ele nunca quis estar em outro lugar senão em Fairhaven em primeiro lugar, Bridger aceitou a passagem e embarcou no navio um dia depois.

Ele e seu meio-irmão mais velho, Tristan, haviam se cruzado, em algum lugar em alto mar. Tristan tinha, não surpreendentemente, sido despachado para ter sucesso onde Bridger havia falhado.

Na verdade, nada naquela situação o surpreendeu. Bridger foi enviado para a Inglaterra sob uma nuvem de desaprovação, bem ciente de que, aos olhos de seu pai, ele não poderia se igualar ao irmão mais velho, em nenhum sentido. Três meses depois de sua chegada a Fairhaven, Bridger se comprometeu a confortar Marietta, solitária e amargamente infeliz em seu casamento, e acabou levando-a para sua cama uma vez. Mesmo esta indiscrição poderia não ter causado calamidade se Bridger não tivesse

gerado um filho na primeira e única noite em que ele e Marietta fizeram amor. O bebê, um filho, nasceu nove meses depois, e quase quatro meses antes do retorno triunfante de Tristan.

Amaldiçoada pela aritmética simples, Marietta foi ruidosamente desprezada. Tristan se divorciou dela abertamente e ela foi mandada embora de Fairhaven, na verdade, de todo o estado da Georgia. A criança foi com ela, os dois exilados em Nova Orleans, onde foram acolhidos por parentes distantes e relutantes de Marietta, já que ela não tinha família própria.

A tentativa de Bridger de segui-los foi frustrada a apenas alguns quilômetros da casa da fazenda, quando Tristan, com vários de seus amigos e o capataz branco, Banks, o alcançaram. Ele foi amarrado como um novilha e arrancado do cavalo, caindo com força na estrada de terra. Eles o arrastaram várias centenas de metros para provar seu ponto de vista e, em seguida, espancaram-no coletivamente quase sem sentido.

Com os braços amarrados ao lado do corpo, Bridger não foi capaz de lutar muito, embora *tenha* conseguido alguns chutes bem colocados.

Ele acordou na cabana de Rosebud na senzala, onde permaneceu por quase duas semanas, se recuperando. Rosebud, Abel e Amalie eram seus únicos visitantes.

Durante os dias e noites que se seguiram, ele foi sustentado por duas visões, ambas insanas: matar seu meio-irmão com as próprias mãos e viajar para Nova Orleans para reivindicar Marietta e seu filho.

Quando ele finalmente teve força suficiente para deixar a cabana e ir para a casa principal, ele encontrou uma Amalie chorando no caminho. Ela estava segurando uma carta em uma das mãos e balançando a cabeça de um lado para o outro, como se negasse o que acabara de ler.

Ela disse a ele então, entre soluços, que Marietta e o bebê tiveram febre apenas alguns dias depois de sua chegada a Nova Orleans. Marietta se recuperou rapidamente, mas a criança morreu em poucas horas.

A princípio, Bridger se recusou a acreditar que seu filho estava morto.

Isso foi algum truque de seu irmão.

Amalie, ainda chorando, mostrou-lhe o envelope, endereçado a ela com uma caligrafia desconhecida, e então o presenteou com a carta que Marietta havia anexado para ele.

A princípio, ele não entendeu, mas quando desdobrou a missiva de uma página, soube instantaneamente que Marietta a havia escrito. Com uma brevidade dolorosa, ela contou a ele sobre a febre e a morte do bebê. De

alguma forma, ela soube que Tristan havia se vingado dele e implorou a ele, tanto para o bem dela quanto para o dele, que não fosse até ela, nem mesmo escrevesse. Ela estava quase esmagada pela culpa e arrependimento, e ela não podia suportar mais. Eles trouxeram esse sofrimento sobre si mesmos, por meio de sua própria devassidão e traição, e a morte da criança foi seu castigo.

Bridger não disse nada, não conseguiu pronunciar uma palavra, embora por dentro, ele gritou como uma pantera presa nos dentes afiados de uma armadilha. Ele não compartilhava da crença de Marietta de que a vida de um bebê inocente fora o preço exigido por um destino vingativo, mas ele sabia então, e sabia agora, que era responsável, em grande parte, pelo que acontecera.

Afinal, se ele não tivesse dormido com a esposa de seu irmão, não haveria filhos. Marietta não teria sido mandada para longe de seu marido e de sua casa e, embora ele e Tristan nunca tivessem gostado um do outro, eles poderiam ter chegado a algum tipo de trégua viável.

Em vez disso, Tristan foi se juntar a uma das milícias formadas em todo o sul.

Bridger nunca contou a seu pai sobre a surra que levou na estrada naquele dia, não estando em posição de culpá-lo. O velho devia saber alguma parte da história, mas nunca disse nada a respeito.

Bridger ficou completamente bêbado naquela primeira noite, e ele permaneceu assim até que aqueles malditos tolos em Charleston atiraram no Fort Sumter, e trouxeram as fúrias do céu e do inferno sobre todos eles.

A voz de Enoch, soando da porta aberta para o quarto de Bridger, sacudiu-o do passado com uma pergunta pertinente ao presente.

— Você está pronto para tentar as escadas?

Bridger se virou para ele, maravilhado, como sempre fazia, com o tamanho e volume deste homem, a inteligência em seus olhos, a gentileza de suas maneiras.

— Sim—, disse Bridger. Durante dias, ele havia lutado para recuperar as forças, levantando-se da cama, indo até a janela, onde estava agora, movendo-se pelo pequeno quarto e depois ao longo do corredor.

Normalmente Enoch o acompanhava nas tentativas mais ambiciosas, observando, sempre preparado para firmar Bridger se ele enfraquecesse, mas não pairando, do jeito que ele pensava que uma mulher poderia ter feito.

Talvez fosse preciso outro homem para entender a extensão do orgulho masculino.

Caroline continuava a evitá-lo.

Jubie ainda trazia as refeições para Bridger, mas era Enoch quem se sentava com ele nas noites em que ele queria companhia. Às vezes, eles jogavam damas, usando o velho tabuleiro arranhado de Enoch.

— Gostaria de aprender xadrez um dia desses—, observou Enoch uma noite, depois que estabeleceram um ritmo desajeitado e começaram a falar de outras coisas além de penicos e bandagens.

Bridger ergueu os olhos de sua última peça restante, presa em um canto do tabuleiro por várias de Enoch, e disse: — Acredito que você seria um oponente formidável, Sr. Flynn. — A correlação entre sua situação e a da Confederação parecia perturbadoramente clara naquele momento, como ele lembrou.

— Enoch—, o outro homem o corrigiu.

— Não enquanto você ainda estiver se dirigindo a mim como Capitão Winslow—, Bridger disse a ele.

O sorriso de Enoch era largo e brilhante como a luz de um farol em uma noite escura como tinta. — Bridger, então—, ele permitiu, quase timidamente.

— Eu posso te mostrar como jogar xadrez—, Bridger ofereceu. — Embora eu provavelmente me arrependa se o fizer.

Enoch, embora obviamente satisfeito, balançou a cabeça. — Acho que este tabuleiro serviria, mas não possuo as peças certas—, ele disse.

Bridger pensou no magnífico jogo de xadrez de marfim e ônix em um dos salões de Fairhaven, onde, em tempos passados e melhores, Tristan lhe ensinou o jogo. Mais tarde, em Massachusetts, ele e Rogan passaram horas curvados sobre uma das tábuas da biblioteca, um par de generais imaturos colocando seus “homens” de madeira um contra o outro. Como suas corridas de cavalos e partidas de esgrima, seus jogos de xadrez foram bastante cordiais, mas foram batalhas do mesmo jeito, travadas, não jogadas, com crueldade e estratégia fria.

Naquela época, nenhum deles poderia imaginar que, dentro de poucos anos, eles estariam se enfrentando seriamente, em uma escala muito maior, com canhões e rifles tomando o lugar de peões e reis, e cavalos vivos no lugar de cavaleiros.

Agora, Bridger olhou para Caroline, a garotinha e sua cadelinha antes de se virar para encontrar o olhar de Enoch.

Ele e Enoch nunca falaram de Caroline, mas ela sempre estava entre eles. Enoch viu o beijo e sem dúvida tirou suas próprias conclusões...

— Venha aqui para o corredor—, disse ele. — Tenha um pouco de prática de caminhada.

Ele atravessou o corredor várias vezes, apoiando-se pesadamente em Enoch.

Para Bridger, cada passo era uma tensão; o suor brotou em seu lábio superior, na testa, entre as omoplatas. Ele estava vestido com calças lisas e uma camisa fina de algodão, mais adequada do que as roupas que Enoch lhe emprestara.

Pertenciam ao marido de Caroline, supôs, mas essa era uma probabilidade que preferia não considerar.

— Você está indo bem—, Enoch disse a ele. — Apenas continue colocando um pé na frente do outro.

As escadas eram íngremes e a passagem estreita e fria com sombras.

Bridger continuou, seu ombro esquerdo roçando a parede, seus olhos fixos na descida. Ele acenou com a cabeça em resposta ao encorajamento silencioso de Enoch e fez o que lhe foi dito.

Quando, finalmente, chegaram ao fim, Bridger estava prestes a agradecer a Enoch quando ouviu uma porta se abrir nas proximidades, seguida pela risada de Rachel e o arranhar das patas de Sweet Girl no chão de tábuas.

Então houve a voz de Caroline. Foi um doce choque para Bridger, já que ele não esperava encontrá-la. — Não corra dentro de casa—, ela disse à criança. — O capitão Winslow provavelmente está dormindo.

Não, pensou Bridger, sorrindo, apesar da dor intensa em seu ombro direito e da exaustão total de descer uma única escada, *o capitão Winslow não está dormindo*.

A expressão no rosto de Caroline valeu os esforços agonizantes dos últimos minutos; seus olhos se arregalaram ao vê-lo, e suas bochechas ficaram rosa-pêssego. Ela abriu a boca, fechou-a novamente.

Ela poderia ter ficado menos surpresa, pensou Bridger com deleite, se tivesse encontrado Abraham Lincoln ao pé da escada dos fundos.

A cadela deu alguns latidos felizes.

Rachel bateu palmas e gritou: — Você saiu da cama!

Caroline, segurando um cesto de roupa suja vazio em ambos os braços, simplesmente olhou e corou ainda mais furiosamente.

Bridger, tendo captado seu olhar, o sustentou. Sentindo prazer em saber que, por qualquer motivo, ela parecia incapaz de desviar os olhos.

Seus olhos adoráveis.

Foi um interlúdio delicioso, mas, infelizmente, breve demais.

Caroline desviou o olhar dele e o fixou em Enoch.

O rubor diminuiu, mas obviamente ela se viu incapaz de dizer uma palavra.

Rachel, no entanto, estava quase pulando para cima e para baixo. — Você quer ver as galinhas? — ela perguntou ansiosamente. — Eu poderia te mostrar nossa vaca.

Enoch silenciou a criança limpando a garganta. — Senhorita Rachel—, ele disse—, você está se preparando para arrancar as orelhas desse pobre homem. Ele não está em condições de olhar para galinhas e vacas.

Rachel suspirou alto, lembrando a Bridger uma atriz de um melodrama. Uma atriz muito pequena, com tendência a exagerar em seu papel.

Ela olhou para a mãe e disse tristemente: — Suponho que você queira que eu vá ao quarto de Jubie e converse com ela.

— Ou—, Caroline disse a ela—, você poderia subir e brincar um pouco.

— Mas eu quero brincar *lá fora*—, Rachel apontou, soando eminentemente razoável agora.

— Até mais tarde, querida, e leve Sweet Girl para cima com você—, Caroline disse, tomando cuidado para não deixar Bridger chamar sua atenção novamente.

Com outro suspiro dramático, Rachel pegou Sweet Girl e subiu as escadas.

Caroline se recompôs o suficiente para sorrir e Bridger a viu se fortalecer antes de olhar para ele. — Gostaria de sentar um pouco na sala? — ela perguntou, como se ele fosse um visitante convidado, em vez de um hóspede indesejado que havia ultrapassado o prazo de boas-vindas.

Bridger se divertiu, embora tomasse cuidado para não demonstrar. Com dor, suando e desconfortavelmente consciente de que estava usando as roupas do falecido marido dela, ele assentiu.

— Obrigado—, disse ele. — Você é muito gentil.

Caroline desviou os olhos por um momento. — Receio que não fui—, ela murmurou quando ela olhou para ele novamente. — Especialmente

gentil, quero dizer.

Isso era um pedido de desculpas?

Bridger não sabia. Não se importou. Ela havia falado com ele, parado de fingir que ele era invisível, e por enquanto era o suficiente.

— Tenho coisas para fazer no celeiro—, disse Enoch, observando Bridger. — A menos que você precise de ajuda para ir até a sala de estar...

— Eu posso cuidar disso—, Bridger respondeu, sem desviar o olhar do rosto de Caroline. Ele se perguntou se ela tinha alguma ideia de como ela era bonita, com sua pele fresca e imaculada, suas feições perfeitas, seu cabelo dourado como trigo, grosso e brilhante, sempre em perigo de cair de seus grampos.

Enoch olhou para Caroline, provavelmente esperando que ela pedisse para ele ficar. Quando ela não o fez, ele saiu de casa.

Eles estavam sozinhos então, ele e Caroline, nenhum deles falando. Se Bridger pudesse parar o tempo, ele o teria feito e permaneceria naquele interlúdio perfeito pelo resto de seus dias.

Foi Caroline quem quebrou o silêncio. — O salão é por aqui—, ela disse, movendo-se como se fosse pegar o braço dele, então retirando a mão.

Isso fez Bridger sorrir, só por um segundo ou dois. Ele caminhou lentamente na direção que ela indicou com um movimento de cabeça, e logo se viu parado no meio de uma sala modestamente mobiliada, mas espaçosa.

A luz do sol entrava pelas janelas imaculadas, tão brilhantes, após a fria semi-escuridão do corredor, que Bridger ficou momentaneamente deslumbrado. Quando sua visão clareou, ele viu um sofá simples de crina de cavalo, duas poltronas estofadas, uma lareira de pedra, um velho cravo com um tapete de trapos entre suas três pernas esculpidas.

Fracos fragmentos de música provocavam sua memória, mas ele não conseguia entender quando ou onde os tinha ouvido.

— Aqui—, Caroline disse apressadamente, gesticulando em direção a uma das poltronas. — Posso servir chá se você quiser...

Bridger precisava se sentar; ele hesitou ao observar o ambiente, mas agora percebeu que tinha outro motivo, não queria se sentar na poltrona preferida de seu marido. — Não consigo sentar—, explicou ele—, até que você o faça.

Ela rejeitou suas palavras com um aceno de uma mão. — Você não está bem, Sr., er, Bridger. Acho que podemos dispensar ares e graças, só desta

vez.

Bridger cambaleou até a potrona, hesitou novamente, e então se sentou.

— Pronto—, Caroline disse alegremente. — Isso não foi tão difícil, foi?

A mulher o desconcertou. Ela o vinha ignorando há dias, e mesmo quando foi forçada a entrar em seu quarto para resgatar sua filha animada, ela teve o cuidado de não falar ou fazer contato visual. Agora, de repente, ela estava desrespeitando as regras mais simples de etiqueta, insistindo para que ele se sentasse enquanto ela estava em pé. Permitindo que Enoch os deixasse sozinhos.

Ele franziu a testa. — Eu realmente gostaria que você se sentasse—, ele disse, um tanto estupidamente.

— Ainda não—, Caroline disse a ele. — Eu tenho que fazer o chá primeiro.

— Tudo bem—, disse ele, ainda confuso. — Isto é, se você quiser chá para si mesma. Eu não bebo essa coisa.

— Ah—, disse Caroline. Ela parecia inquieta agora, como se não soubesse exatamente como proceder. Seus pequenos dentes brancos se fecharam brevemente sobre o lábio inferior e, embora ela não estivesse exatamente torcendo as mãos, ela entrelaçava os dedos e os polegares giravam inquietos.

Bridger cedeu à sugestão de algum demônio que passava. — Whisky seria bom, no entanto—, disse ele.

Ele foi recompensado por uma ampliação de seus olhos mutáveis e salpicos de cor em suas bochechas. Ela estava de pé no centro da sala, mais ou menos onde ele estivera alguns minutos antes, apenas fora de alcance, e isso provavelmente foi uma sorte, porque ele gostaria de nada mais do que pegar a mão dela e puxá-la para seu colo.

Ele só podia imaginar uma coisa que ele gostaria mais do que puxar os grampos de seu cabelo, enterrar o rosto em seu brilho, enredar os dedos nele, beijá-la com prazer, e muito mais profundamente do que antes.

Mas agora, ele simplesmente a observava, e isso era um prazer singular por si só.

Os olhos de Caroline se estreitaram. Ah sim. Ele a irritou e valeu a pena o esforço.

Por um longo momento, ela pareceu como se fosse caminhar até ele e dar um tapa em sua cabeça.

Ele ficou desapontado quando ela não o fez.

— Você *adora* me perturbar—, ela o acusou em um sussurro furioso. — *Por que?*

Bridger considerou a pergunta. — Porque, Caroline, você esquece, por um momento, que é uma dama de verdade, presa por costumes e responsabilidades, e é aí que você pega fogo. — Ele fez uma pausa, sabendo que estava no proverbial gelo fino e não dando a mínima. — É quando vejo além da dama a paixão por dentro.

Ela ficou em silêncio por outro longo momento.

— Caroline—, Bridger disse gentilmente. — Eu estarei partindo em breve. Muito provavelmente, nunca mais nos veremos.

A menos, é claro, que ela se casasse com Rogan, uma vez que o período de luto exigido terminasse e a guerra finalmente terminasse. Rogan esperaria que ele comparecesse às núpcias, que se levantasse com ele durante a cerimônia. Ele seria compelido, pelo bem de seu amigo mais próximo, o homem que ele teria escolhido para um irmão se isso fosse possível, para participar da celebração, oferecer calorosas felicitações. Fingir estar feliz por ambos, no dia do casamento e para sempre.

A extensão infinita de tal futuro era dolorosa de contemplar.

Seu único refúgio era *agora*, este momento, este dia, esta hora de sol e tristeza.

— Não—, Caroline disse, em uma nota de triste resolução. — Nunca mais.

No momento seguinte, ela estava em movimento. Ela não foi até Bridger, não então, mas caminhou decididamente até a lareira, pegou um pequeno objeto com ambas as mãos e o segurou com reverência. Estudando, como se tentasse memorizar a coisa.

Então ela apertou o item contra o peito, como se para absorvê-lo em seu ser mais íntimo.

A cena parecia íntima, quase sagrada, e Bridger se sentia como um intruso, um bisbilhoteiro, um espião, mas não conseguia tirar os olhos de Caroline.

Depois de algum tempo, ela se aproximou dele, e ele viu que o objeto era uma pequena moldura de armário, quadrada, com minúsculas dobradiças em um dos lados. Ele tinha visto dezenas delas desde o início da guerra; os soldados frequentemente as carregavam.

Sem palavras, ela estendeu para Bridger, seus lábios pressionados juntos.

Sua mão esquerda tremeu quando ele a aceitou.

Um tanto desajeitado, soltou o fecho, abriu a caixinha, viu as fotos dentro.

Havia duas, uma de Caroline como noiva, de pé atrás de seu solene novo marido, que se sentava rigidamente ereto em uma cadeira de espaldar reto. Ela pousava a mão no ombro direito do noivo, queixo erguido, mas a expressão em seus olhos traía sua inocência, sua apreensão, sua determinação de ser uma esposa adequada.

Na segunda imagem, Caroline estava sentada, séria, abraçando a criança muito pequena em seu colo. Aqui estava Rachel como uma criança, com um gorro e vestida com um vestido de batizado elaborado, olhos vivos com interesse, um pequeno punho fechado em sua boca.

O choque veio primeiro, precedendo a compreensão total por um ou dois segundos.

Chancellorsville. De repente, ele estava lá atrás, cercado por homens mortos e feridos. A fumaça persistia, queimando seus olhos e garganta, embora a batalha tivesse continuado.

Ele se lembrou do yankee agachado que chamou a atenção de Bridger imediatamente. Um segundo soldado da União jazia esparramado no chão, um entre centenas, morto ou totalmente indefeso devido aos ferimentos.

Saquear os bolsos e mochilas dos feridos, vivos ou mortos, era bastante comum; ele tinha visto soldados de infantaria confederados pegarem botas, armas, cantis e comida de amigos e camaradas, bem como de inimigos, que não precisavam mais de pertences terrenos. E, embora abominasse a prática, compreendia as feias necessidades da guerra.

O Exército da Virginia do Norte, como o resto da Confederação, estava sempre com rações curtas, quando havia rações. Botas, cobertores, armas escasseavam ao ponto do desespero.

Por alguma razão, a visão deste ladrão, alegremente vasculhando os modestos pertences de um membro de seu próprio exército, enfureceu Bridger, levando-o a interceder.

Ele queria executar o bastardo ganancioso, ele desembainhou sua espada para esse propósito.

Em vez disso, ele deu a ordem de prender o homem.

Reuniu os tesouros espalhados, colocou as cartas e imagens emolduradas dentro do casaco do yankee, colocou a Bíblia, o rifle e a

mochila por perto. Percebendo que o homem estava vivo, deu-lhe um gole de água, deixou o cantil ao seu alcance e desejou-lhe boa sorte.

E aquele homem, ele sabia agora, tendo visto essas fotos, era Jacob Hammond.

Bridger fechou os olhos, respirou fundo e os abriu novamente para descobrir que Caroline havia recuado alguns passos. Ela o observava de perto, parecendo confusa e um pouco ansiosa.

— O que aconteceu? — ela perguntou baixinho, e ele percebeu que ela temia sua resposta.

Bridger fechou a moldura, segurou o fecho e devolveu a ela, protelando, procurando as palavras certas.

Ele não as encontrou. Sabia que teria que se contentar com as que tinha.

— Acho que conheci seu marido—, disse ele.

23

Hammond Farm
3 de agosto de 1863

Caroline

Acho que conheci seu marido.

Caroline não considerou sua resposta à impressionante declaração que Bridger Winslow acabara de fazer; ela simplesmente deixou escapar: — Você foi o único, *você* atirou em Jacob?

O rosto bonito e com a barba por fazer de Bridger empalideceu, embora Caroline não pudesse adivinhar se isso era em resposta à sua pergunta desconexa ou à dor física que ela sabia que ele ainda sofria.

Ele demorou a responder, levantando-se com dificuldade, um processo demorado e difícil de observar.

Seus olhos encontraram os de Caroline.

— Não. — Ele balançou sua cabeça. — Eu não.

— Quando? Quando você viu Jacob? E onde?

— Em maio—, Bridger respondeu calmamente. — Em Chancellorsville.

Imagens horríveis passaram pela mente de Caroline com a menção daquele lugar terrível; ela viu fumaça e sangue, ouviu o estrondo de canhões e o estalo de tiros. A náusea revirou seu estômago e subiu, escaldante, para queimar o fundo de sua garganta.

Ela engoliu em seco. — Você disse que *conheceu* Jacob. Ele estava vivo, então. Quando você o viu, quero dizer.

Bridger parecia prestes a desmaiar, mas seu olhar era inabalável. — A princípio pensei que ele estivesse morto—, disse ele, com a voz rouca, como a lâmina cega de uma serra cortando madeira dura. — Como tantos outros, ele foi gravemente ferido.

— Por que você se aproximou dele? Ele era o inimigo, e um entre muitos, como você acabou de dizer.

Bridger suspirou. — Havia outro soldado, um *chato* da União, não um confederado, mexendo em sua mochila, jogando coisas de um lado para o outro. Acho que já tinha visto isso acontecer com muita frequência, porque

a próxima coisa que percebi foi que desci do cavalo e me movi na direção deles.

Caroline percebeu que estava prendendo a respiração, exalou e inspirou mais ar.

— Eu acabei com o roubo—, ele disse, e ele parecia estar olhando *através de* Caroline agora, sem realmente vê-la. Ela sabia que ele estava revivendo a experiência tão vividamente como se estivesse naquele campo de batalha na Virginia, não em sua sala de estar.

Ela estava tentada a abraçar Bridger, abraçá-lo, por nenhuma razão além de que ele era um ser humano e estava sofrendo.

Ela não se moveu.

— E Jacob? Ele falou com você?

Bridger voltou daquele campo de batalha distante e balançou a cabeça. — Sinto muito, Caroline—, ele disse. — Eu não acho que ele era capaz de falar. Ele mal estava vivo. Havia mais confederados feridos do que poderíamos transportar. Juntei as coisas do teu marido, coloquei as tuas cartas e essas fotografias dentro do casaco dele, dei-lhe água e pus o cantil onde esperava que o alcançasse, se tivesse forças. Então eu saí. Eu sabia que havia soldados da União por perto, resgatando seus próprios feridos.

Caroline viu tudo tão claramente, seu esperançoso Jacob, com todos os seus sonhos de família e bebês, seus planos ambiciosos para a fazenda... deitado mudo e ensanguentado e totalmente indefeso no chão. Ela cambaleou, tateou até o sofá e afundou nele, sentando-se com as mãos no rosto, o corpo dobrado ao meio.

Ela queria uivar, mas não conseguia emitir nenhum som. Não conseguia nem chorar.

Bridger veio em sua direção. Ela sentiu a mão dele pousar na parte de trás de sua cabeça e depois se retirar.

— Eu não sabia, Caroline—, ele disse. — Até ver essas fotos agora, eu não sabia.

Ela gemeu, desesperada.

— Sinto muito—, ele repetiu.

E então ele estava se afastando dela, lentamente se retirando da sala.

Caroline o ouviu subindo as escadas, sabia que cada passo era uma provação para ele, mas não o seguiu. Suas pernas teriam dobrado debaixo dela se ela tivesse tentado, e sua cabeça girava.

Agora, ela era capaz de sentar-se ereta. A dor em seu coração transformou-se em um curioso entorpecimento, algo que ela teria gostado se não a tivesse feito se sentir mais como um fantasma do que como uma mulher viva.

Com o tempo, ela se levantou. Atravessou a sala, pegou a moldura que Jacob carregava consigo quando foi para a guerra e a colocou de volta em seu lugar em cima da cômoda.

Ela não viu Enoch quando saiu de casa. Talvez ele ainda estivesse trabalhando no celeiro ou tivesse ido para sua cabana do outro lado do pomar.

Jubie e Rachel estavam em algum lugar próximo; Caroline podia ouvi-las rindo e Sweet Girl latindo alegremente.

Dentro da cozinha, ela localizou a última garrafa restante do uísque medicinal de Geneva, ergueu-a e viu que estava três quartos cheia. Ela pessoalmente não aprovava a coisa, mas ela tinha visto acalmar a dor dos homens e aliviar sua ansiedade, então ela supôs que tinha sua utilidade.

Ela pegou um pote de geléia limpo de uma das prateleiras e, carregando-o em uma das mãos e o frasco na outra, refez seus passos.

Bridger estava de volta em seu quarto quando ela chegou lá, sentado na cadeira ao lado da cama, com os olhos fechados.

— Bridger—, ela disse, e hesitou. Então ela carregou a garrafa e a jarra para o quarto, colocou-as na mesinha de cabeceira e voltou para a porta, parando ali, estranhamente relutante em ir. Ela estava esperando que Bridger falasse seu nome.

Ele fez isso.

— Caroline, ninguém poderia ter salvado seu marido—, disse ele.

Ela se lembrou de sua primeira visão de Jacob naquela miserável barraca de hospital. Ele estava tão cansado, tão destruído pela guerra, um homem morto com o coração batendo.

Ela sabia então que ele estava perdido para ela, perdido para Rachel e Enoch e todos os outros que se importavam com ele, mas ela não estava pronta para deixá-lo ir. Se ele tivesse se recuperado, ela teria aprendido a amá-lo adequadamente, como uma mulher madura ama um homem. Ela teria aberto seu coração e alma para Jacob mais completamente, totalmente... em vez de se proteger contra essas emoções intensas.

Amar um homem, ela via agora, era uma escolha, uma decisão. Isso não aconteceu. Você tinha que *escolher*, e ser firme, nos bons e nos maus

momentos e, talvez o mais difícil de tudo, nos momentos normais intermediários.

Ninguém poderia ter salvado seu marido.

— Você foi gentil com Jacob—, ela disse. — Dadas as circunstâncias, você fez tudo o que pôde por ele.

Os olhos de Bridger estavam cheios de fantasmas enquanto ele a olhava, e ela sabia que ele estava subjugando fortes emoções, possivelmente a um grande custo. — É por isso que você me trouxe uísque? — ele perguntou. Não havia zombaria em seu tom, nenhum desejo evidente de provocá-la. — Porque eu fiz o que pude por seu marido?

Ela pensou por um momento. Por *que* ela lhe trouxe uísque?

— Acho que trouxe o uísque porque você pediu—, ela disse. Então, cautelosamente, tentando não parecer muito esperançosa, ela perguntou: — Você mudou de ideia? Sobre o uísque?

— Sim—, disse Bridger.

— Por que?

Ele riu, um som curto e áspero, mas ficou sério no instante seguinte. — Se eu começar —, disse ele—, talvez nunca pare.

Caroline voltou para pegar a garrafa. — O que você vai fazer depois que sair daqui? — ela perguntou.

— Provavelmente gostaria de ter ficado—, respondeu Bridger.

— Estou falando sério—, Caroline disse.

— Eu também. Mas, para responder à sua pergunta, aceitarei a gentil oferta de um cavalo de Enoch e cavalgarei na direção sul até encontrar o exército do general Lee. — Ele fez uma pausa, observando a reação dela, vendo o que faria. — Sou um soldado, Caroline, e ainda há uma guerra a ser travada.

— Como você pode fazer isso, depois de tudo o que você viu, tudo o que aconteceu? Você já foi ferido uma vez, isso não foi o suficiente? Você deve continuar lutando até ser morto? É isso que você quer?

— Nada disso é o que eu quero—, Bridger respondeu calmamente.

— Então por que não simplesmente *ir para casa*?

— Quando isso acabar, eu vou. Até lá, eu vou lutar.

— Pela secessão? Pela *escravidão*?

Bridger balançou a cabeça. — Não. Pela Georgia. Por Fairhaven, onde minha família vive há três gerações.

Caroline sabia que estava perdendo o fôlego; ela não conseguia fazer esse homem teimoso ver a razão, e era inútil argumentar. Ainda assim, ela tentou. — Você não pode vencer! Você não vê isso, Bridger? *Você não pode vencer.* Oh, eu sei que seu General Lee muitas vezes superou nossas forças da União, mas quanto tempo levará até que sua sorte acabe? No final, porém, a rebelião não terá sucesso porque o Norte tem números maiores. Tem ferrovias, fazendas e fábricas. O que o Sul realmente tem, além de orgulho?

— Você terminou, Caroline? — Bridger perguntou.

— Sim! — Ele era tão terrivelmente imperturbável, tão distante.

— Bom. Então talvez você me faça a gentileza de me deixar sozinho com meu... orgulho.

Ela caminhou até a porta. — De qualquer forma, chafurde em seu *orgulho estúpido o quanto* quiser. — Ela se perguntou por que pensou que poderia ter uma conversa racional com um rebelde. — Veja como isso lhe serve bem.

Houve um encolher de ombros na voz de Bridger e raiva em seus olhos. — Enquanto eu tiver—, disse ele—, não vou desistir.

Caroline atravessou a soleira, furiosa, bateu a porta atrás de si e mal resistiu a um impulso primitivo de quebrar aquela garrafa de uísque contra ela.

Ela andou para cima e para baixo no corredor até que ela gastou a maior parte das energias frenéticas e caóticas que qualquer troca com o temível Bridger parecia criar nela. Além da raiva, cada emoção, sendo parte de um curioso emaranhado de opostos, parecia anular outra.

Sua vida com Jacob, embora não sem muitas alegrias e tristezas ocasionais, como qualquer vida, consistira principalmente em um acordo silencioso sobre objetivos compartilhados, como qual campo deveria permanecer inculto por um ano ou dois, quais deveriam ser semeados e com que colheita.

Quando se tornou cada vez mais provável que as divergências de longa data entre o Norte e o Sul resultariam em um conflito armado, Caroline temeu a guerra iminente entre os Estados, como fariam as pessoas mais sensatas, quaisquer que fossem suas lealdades. Ela continuou descendo as escadas, de volta ao corredor, mas ainda estava muito envolvida em pensamentos desconfortáveis para dedicar sua mão a qualquer tarefa útil.

Em vez disso, ela passou para o cravo. Ela não era uma sonhadora ou dada a distrações caprichosas; na verdade, raramente tocava, embora adorasse música, pela simples razão de que o dia só tinha vinte e quatro horas e, quando não dormia, trabalhava. Fazendo coisas produtivas.

Como qualquer boa esposa e mãe faria.

Hoje, ela abriu uma exceção. Ela alisou as saias, sentou-se no banco estreito e pegou as chaves de marfim, que estavam lascadas em alguns lugares e haviam desbotado com o tempo para um bege amarelado. Ela pigarreou delicadamente e abriu o livro de canções que Rogan havia enviado para “Flow Gently, Sweet Afton”, se contorceu um pouco para se acalmar e começou a tocar.

A princípio, as notas eram hesitantes e desajeitadas; por mais familiar que a peça fosse para Caroline, ela estava sem prática e nunca havia tentado antes.

O esforço foi calmante, no entanto, e sua frustração começou a diminuir. Por um tempo, Caroline rendeu-se à música, permitiu que ela a levasse para longe, para um reino onde não havia guerra, nem injustiça, nem arrependimento.

Depois da primeira música, ela tocou de memória, hinos familiares, passagens de Mozart e, finalmente, baladas sentimentais. Com estas últimas, porém, voltavam-lhe fragmentos de letras, todas tristes. Linhas sobre donzelas solitárias jurando nunca se casar, descrições de pores do sol lembrados e as costas de casa desaparecendo em névoas fantasmagóricas, nobres amantes perdidos na morte e, finalmente, berços vazios.

O que havia consolado Caroline no começo parecia insuportavelmente piegas agora, mas ela precisava da música e da composição dela, então recorreu mais uma vez ao cancionero.

Ela escolheu uma música de campana com um ritmo alegre e a tocou com exuberância, ignorando propositalmente a letra, que provavelmente era obscena.

Foi só quando as últimas notas estavam vibrando em direção ao silêncio que Caroline fez a conexão óbvia e foi emboscada por pensamentos de Rogan.

Ele era certamente bonito, especialmente em seu uniforme. Os presentes que ele enviou encantaram a todos, embora ele pudesse não ter agido puramente por generosidade, afinal, ele praticamente forçou Bridger a ela, e então teve a audácia de adicionar uma cadela

Não que Caroline se importasse com Sweet Girl; ela era uma alegria para Rachel.

Sim, decidiu Caroline. Ela poderia perdoar Rogan pela cachorra; perdoá-lo por infligir Bridger a ela, no entanto, pode ser mais complicado.

Ele despertou algo dentro dela, mudou-a de maneiras que ela não conseguia entender, virou toda a sua concepção de quem e o que ela era de cabeça para baixo e de dentro para fora. E ele conseguiu isso tão facilmente.

Para ele, o beijo deles tinha sido um mero flerte. Depois que ele se fosse, provavelmente nunca mais pensaria nela.

Ela, por outro lado, se lembraria dele. Ela sentia a boca dele na dela em momentos inesperados, quando suas defesas estavam baixas, quando ela estava sozinha, desanimada ou cansada depois de um dia de trabalho duro.

Quer ela se casasse de novo, quer vivesse o resto de sua vida como viúva, cuidando da fazenda e criando sua filha, ela se lembraria de que, no verão de 1863, ela enterrou seu jovem marido e ouviu, horrorizada, o rugido quase constante de armas enquanto uma grande batalha acontecia ao redor. Ela havia cuidado de homens gravemente feridos, em seu próprio quintal e na cidade próxima, ouvido seus gritos, assistido impotente enquanto eles morriam. Ela se lembraria dos enterros apressados, em toda aquela parte do condado de Adams.

Pelo menos ela não estaria sozinha nisso; incontáveis outros se lembrariam daqueles três primeiros dias de julho, da brutalidade indescritível, do preço incompreensível pago por tantos. A própria terra, escavada e chamuscada, manchada com o sangue de milhares, testemunharia o que acontecera dentro e ao redor da pequena cidade de Gettysburg por muito tempo.

Basta do dia, o mal dele, Caroline pensou sombriamente. Ela, como seus amigos e vizinhos, carregaria o fardo dessas memórias até que fosse para seu próprio túmulo, provavelmente ao lado do de seu marido.

— Mamãe?

Caroline olhou para cima, viu Rachel parada na porta da sala, a cachorra ao lado dela. Ela se levantou do banco em frente ao cravo, alarmada com a expressão tensa no rosto da filha, a palidez de sua pele, a própria imobilidade de seu corpinho.

— O que aconteceu? — ela perguntou, já se movendo em direção à criança. — Você está doente?

— É Jubie—, disse Rachel, com a voz trêmula. — Ela disse para vir te encontrar e ser rápido, porque o bebê dela está chegando.

Meu Deus, pensou Caroline, em pânico. Pelo bem de Rachel, ela fingiu estar calma. — Tudo vai ficar bem, querida. Você não deve se preocupar.

— Estou com medo, mamãe. Jubie está segurando sua barriga e rolando, e ela está fazendo barulhos como se estivesse enjoada.

Caroline pegou a filha gentilmente pelos ombros. — Onde está Jubie?

Rachel balançou a cabeça e lágrimas brotaram em seus olhos. — Estávamos no pomar, Jubie, Sweet Girl e eu. E então ela começou a se sentir mal e me disse que precisa de você para ajudá-la.

— Eu vou—, disse Caroline. — E quanto a Enoch? Onde ele está?

— Eu não sei—, Rachel respondeu. — Diga-me o que devo fazer agora, mamãe.

— Você já fez tudo o que pode—, Caroline disse a ela. — Agora, você e Sweet Girl ficam bem aqui em casa. Se Enoch vier, peça a ele para ir até a cidade e chamar sua bisavó, caso precisemos dela.

— Tudo bem—, Rachel concordou, com um aceno de cabeça. — Mas ainda estou com medo.

Caroline curvou-se e beijou o topo da cabeça da criança. — Vou voltar logo—, ela disse. — Eu prometo.

Ela ouviu o baque rítmico de Bridger descendo do andar de cima, enquanto ele gritava, — Caroline? O que há de errado?

Caroline foi até o pé da escada e olhou para cima. dele. — Jubie está no pomar e está em trabalho de parto. Eu tenho que chegar até ela imediatamente.

Bridger assentiu, descendo as escadas de forma dolorosa e deliberada.

— O que você está fazendo? — Caroline protestou. — Volte para a cama imediatamente. Não tenho tempo para discutir com você!

— Não, você não tem—, Bridger disse, e ele continuou vindo. — Então vai. Faça o que você precisa fazer. Vou ficar com Rachel e Sweet Girl enquanto isso.

— Mas...

— Caroline, *apenas vá*.

— Mas... — Ela não ousou hesitar muito. Foi Rachel quem finalmente decidiu a questão marchando para o lado de Caroline, olhando escada acima para o confederado que descia mancando e perguntou: — Você pode me ensinar a jogar damas, por favor, Sr. Windlesnow? Eu gostaria muito disso.

O sorriso de Bridger era para a criança, mas seu calor se derramou sobre Caroline. — Tudo bem—, respondeu ele, com relutância fingida—, se você prometer me deixar ganhar de vez em quando.

— Eu prometo—, disse Rachel.

Caroline saiu apressada sem dizer mais nada, através da sala, ao longo do curto corredor, e saiu pela porta lateral. Levantando as saias para evitar tropeçar na bainha do vestido, ela correu para o pomar.

Ao se aproximar, ela ouviu os gritos de Jubie e correu ainda mais rápido.

Ela poderia ter gritado que estava quase lá, que tudo ficaria bem, mas não podia perder o fôlego.

Quando viu Jubie, Enoch já estava lá, erguendo-a gentilmente do chão. Caroline diminuiu para uma caminhada rápida e se aproximou, ofegante, com uma mão no peito.

— Enoch—, ela deixou escapar. — Graças a Deus!

Jubie gemia nos braços grandes de Enoch, mole como uma das bonecas de pano de Rachel. — Não deixe que nada machuque meu bebê—, ela implorou.

— Silêncio—, Enoch disse a ela rispidamente. — Ninguém vai machucar ninguém.

Caroline se arrastou até eles, ainda respirando com dificuldade devido ao esforço. — Você vai levá-la para a cozinha? — ela perguntou. — Vou precisar do fogão por perto, para poder esquentar bastante água enquanto você vai à cidade buscar minha avó.

Enoch, entrando mais fundo no pomar, balançou a cabeça e continuou andando na direção oposta, seus passos se alongando a cada passo. Suas costas eram largas, seus músculos definidos sob o tecido áspero e manchado de suor de sua camisa. — Não há tempo para isso, senhora—, disse ele. — Esta criança deve ter negócios importantes neste mundo, porque está com muita pressa para chegar aqui.

— Mas... como... onde...?

Enoch não olhou para trás nem diminuiu o passo. — Minha cabana é mais próxima do que a cozinha—, ele disse com determinação.

Caroline não ofereceu nenhum argumento. Segurando as saias, ela seguiu, abrindo caminho entre os troncos dos pessegueiros, macieiras e cerejeiras, tomando cuidado para não tropeçar em raízes expostas ou torcer o tornozelo pisando em um buraco.

A robusta cabana de Enoch, a propriedade original de Hammond, ficava em uma pequena clareira escondida, cercada por veneráveis carvalhos e bordos. A casinha havia sido mantida em bom estado ao longo de seus quase noventa anos de existência; a linha do telhado estava nivelada e a chaminé de pedra recém-rebocada. Janelas de vidro, uma adição mais recente, brilhavam à luz do sol, e atrás delas havia cortinas de cores vivas.

Embora Caroline tivesse visto a cabana muitas vezes, ela nunca tinha estado lá dentro. Em circunstâncias menos difíceis, ela poderia ter ficado curiosa, até mesmo intrigada, mas Jubie estava com muita dor naquele momento, contorcendo-se nos braços de Enoch e clamando pela misericórdia de Deus.

Caroline estremeceu com o som, lembrando-se de sua própria dor quando ela deu à luz Rachel. Ela ficou um pouco para trás enquanto Enoch subia os degraus da varanda estreita, sombreada por um pequeno telhado. Ele se curvou para levantar a trava com um movimento hábil de um cotovelo, segurando Jubie com segurança o tempo todo.

Jubie continuou a lamentar e ansiosa.

Enoch atravessou a soleira e Caroline afastou o pior de seu medo, forçando-se a seguir em frente.

Fechando a porta e recostando-se nela, precisando de alguns minutos para superar sua covardia, Caroline se permitiu olhar em volta.

O cômodo único não devia ter mais de quatro metros quadrados, mas parecia estranhamente espaçoso, talvez porque houvesse tão poucos móveis, um pequeno fogão, uma mesa de madeira com duas cadeiras, um grande baú e uma cama de ferro forrada com uma desbotada colcha de retalhos.

Enoch colocou Jubie de pé e jogou a colcha para trás, depois a deitou sobre os lençóis. Ele falou algumas palavras para ela, palavras tranquilizadoras, embora Caroline não pudesse entendê-las.

Jubie arqueou as costas e gritou.

Enoch alisou o cabelo dela. — Vá em frente e continue, Jubie, se sentir necessidade. Enquanto isso, a Sra. Caroline e eu cuidaremos bem de você e de seu bebê também.

A ternura na voz de Enoch trouxe lágrimas aos olhos de Caroline, mas também lhe deu força. Ela desabotoou os punhos, arregaçou as mangas e assumiu o comando.

24

Hammond Farm

3 de agosto de 1863

Caroline

— Enoch foi até a fonte buscar água—, Caroline disse, apertando as mãos de Jubie nas dela e segurando-as firmemente.

— Essa criança está vindo rápido, Sra. Caroline—, Jubie se preocupou, jogando a cabeça de um lado para o outro.

— Eu sei—, Caroline disse calmamente. — Vai acabar logo. Agora, se tentar ficar quieta, vou dar uma olhada em você.

Jubie mordeu o lábio inferior com força e assentiu.

Caroline examinou a menina e se assustou ao ver o topo da cabeça do bebê já emergindo.

Enoch certamente voltaria a qualquer momento, trazendo a água que fora buscar, mas, assim como o fogão, estaria fria. Ele não teria motivos para acender uma fogueira em um dia tão quente, já que fazia as refeições na cozinha da casa com os outros.

Caroline, neta de um médico, ansiava por lavar as mãos, mas parecia que não teria chance de fazer nem isso.

Jubie gritou novamente, mas desta vez, o som era parte de um esforço feroz, parte de triunfo.

A cabeça estava fora, embora Caroline ainda não pudesse ver o rosto do bebê.

— Não force, Jubie—, ela disse. — Tire um minuto para respirar antes de tentar novamente.

— Você pode ver ele? — Jubie ofegou.

— Sim—, Caroline respondeu, fascinada, seu medo anterior esquecido. — Ele, ou ela, tem muito cabelo.

A porta da cabana se abriu, mas ela não desviou o olhar de sua tarefa. — Preciso de água quente, Enoch—, disse ela. — Tenho que lavar as mãos.

Enoch grunhiu em resposta, e ela ouviu o barulho da tampa do fogão.

Outra contração tomou conta do pequeno corpo de Jubie. — Senhora Caroline—, ela engasgou—, eu tenho que empurrar agora. Eu preciso!

— Tudo bem, Jubie—, Caroline disse. — Empurre com toda força.

Com um grito rouco de dor e vitória, Jubie empurrou.

Um ombro minúsculo apareceu, depois outro. Depois disso, o bebê escorregou facilmente do corpo tenso de Jubie para as mãos de Caroline.

A criança era muito pequena, mas claramente viva, dedos minúsculos flexionados, boquinha perfeita trabalhando, como se estivesse com fome de leite materno.

— Jubie—, Caroline disse, maravilhada com o milagre se contorcendo contra suas mãos—, você tem um filho.

Jubie levantou a cabeça do travesseiro de Enoch, o rosto brilhando de suor. — Por que ele não está chorando?

Mais por instinto do que conhecimento real, Caroline limpou a boca do bebê com a ponta de um dedo, então o virou o tempo suficiente para lhe dar um tapinha firme nas costas.

Ele gritou, furioso, e Caroline o colocou no peito de Jubie, cuidando do cordão umbilical, ainda preso.

Radiante, exausta, Jubie murmurou para o bebê, beijando sua testa.

— Não é muita coisa, não é? — Enoch comentou levemente atrás de Caroline. — Homenzinho. Já vi ratos do campo maiores do que ele.

Caroline virou a cabeça, pretendendo repreender Enoch pela insensibilidade, apenas para encontrá-lo sorrindo com tanto carinho como se ele próprio fosse o pai da criança.

— Isso aqui—, Jubie disse suavemente, ainda olhando para o rosto de seu filho—, não é um rato do campo. Este aqui é Gideon, e ele vai crescer e se tornar um homem bom e forte. Um homem *livre*, nunca um escravo.

Caroline não olhou para Enoch e nenhum dos dois falou.

Enoch voltou para o fogão, abrindo a porta, enfiando gravetos e jornais amassados, acendendo um fósforo. Encheu uma chaleira de um dos baldes, colocou-a no fogão para esquentar, encontrou uma bacia e um sabonete e colocou-os sobre a mesa.

Do baú que Caroline tinha visto antes, ele pegou uma toalha, quase transparente pelo uso prolongado e frequente, e a trouxe para Jubie.

— Tenho que amarrar e cortar esse cordão—, ele disse.

Caroline, ainda de pé ao lado da cama, olhou para ele com um alarme repentino. — Eu não sei como fazer isso—, ela disse, em um sussurro inútil.

— Bem—, Enoch disse—, eu tenho. Tenho barbante aqui em algum lugar. Assim que essa água ferver, deito um pouco na lâmina do meu

canivete, já que não tenho tesoura. Então esse bebê deve ser lavado e enrolado na toalha. A essa altura, ele estará uivando pelo leite de sua mãe.

Caroline não corou ou estremeceu com tal franqueza. Depois de visitar Jacob nas esqueléticas tendas hospitalares da cidade de Washington, cuidar de soldados doentes e feridos após uma batalha de três dias e agora ajudar uma mulher no parto, ela não era mais propensa a melindres.

Quando havia bastante água quente, ela e Enoch se revezavam para encher a bacia, lavando as mãos com sabão forte. Enoch certificou-se de que sua faca estava limpa e afiada, então ele mostrou a Caroline como amarrar o cordão umbilical em dois lugares, depois cortar entre eles.

O bebê se agitava e dormia, se agitava e dormia, aconchegado nos braços da mãe. Caroline lavou a bacia, encheu-a com água quente e esperou até que esfriasse, então pegou o pequeno Gideon dos braços de Jubie. Ela o banhou e o enrolou frouxamente na velha toalha de Enoch. Mais uma vez, ela teve o cuidado de não mexer no toco de cordão em seu umbigo; ela sabia por experiência que deveria ser deixada secar e cair por conta própria.

Havia outras tarefas, é claro.

Jubie deu à luz a placenta, e Enoch levou-a para fora na bacia, para ser enterrada, como era o costume. Ele sentou-se com a mãe e o bebê enquanto Caroline voltava para a casa principal para pegar os lençóis, já que os da cama de Enoch estavam sujos. Suspeitando que ele possuía apenas aquela toalha puída, agora servindo como um cobertor de bebê, ela fez um inventário mental de seu próprio estoque não muito abundante de roupas de cama enquanto caminhava. Ela certamente poderia dispensar uma ou duas, ela pensou, cheia de satisfação cansada.

Quando ela entrou na casa, ela encontrou Bridger e sua filha sentados no sofá da sala, o tabuleiro entre eles, Sweet Girl descansando contra os pés de Rachel.

Bridger olhou para cima quando ela entrou, leu seu rosto e relaxou visivelmente. Então, fingindo resignação taciturna, indicou Rachel com um leve aceno de cabeça e disse: — Eu sabia que seria um erro ensinar o jogo a esta jovem. Ela é absolutamente implacável.

Rachel ergueu os olhos do tabuleiro, sobre o qual estivera ponderando solenemente, e se iluminou. — Jubie está melhor agora, mamãe?

— Jubie está *muito* melhor —, Caroline respondeu com um sorriso. — E há um bebê novinho em folha na Hammond Farm. O nome dele é Gideon, e ele é *lindo*.

— Meninos não devem ser bonitos—, Rachel disse. Ela fez uma careta com a mera sugestão, embora seus olhos brilhassem de interesse.

— No entanto, Gideon é—, Caroline disse.

— Posso ir vê-lo? — Rachel perguntou, deslizando para fora do sofá.

— Não—, Caroline disse—, você não pode. O pequeno Gideon acabou de nascer, e isso é um trabalho árduo. Ele ainda não está recebendo visitas, nem Jubie.

A testa de Rachel franziu. — Mas não podemos deixá-los no pomar! — ela declarou. — E se chover?

— Jubie e Gideon não estão no pomar. Eles estão descansando muito confortavelmente na cabana de Enoch.

— Sim, mas... não tenho permissão para ir lá sozinha.

Bridger, reunindo as peças de damas e devolvendo-as à caixa, sorriu, mas não disse nada.

— Amanhã—, Caroline prometeu. — Preciso levar algumas coisas para a cabana agora, mas não vou demorar—, continuou ela. — Quando eu voltar, farei o jantar.

Bridger deixou o tabuleiro de lado e lentamente se levantou. — A cozinha não é longe—, disse ele. — E a caminhada vai ser boa para mim. Dê-me uma chance de esticar as pernas e tomar um pouco de ar fresco. — Ele olhou para Rachel. — Suponha que você e eu saíamos e roubemos um pouco de comida? Assim, quando sua mãe voltar, ela não terá que cozinhar. Ela pode simplesmente sentar e comer.

Rachel considerou a sugestão tão solenemente que Caroline quase riu. — Tudo bem—, ela finalmente concordou. — Mas eu *ainda* gostaria de ver o bebê.

— *Amanhã*, Rachel Hammond. E você também não verá Gideon ou Jubie se não parar de me importunar.

Os ombrinhos de Rachel subiam e desciam com sua decepção, mas no final ela cedeu.

Caroline sentiu alguma preocupação com a condição de Bridger. Claramente ele estava ficando mais forte, mas ela tinha visto a tensão em seu rosto quando ele subiu as escadas. A cozinha separada ficava a pelo menos duzentos metros de distância, em terreno irregular.

— Eu não tenho certeza se seria sensato para você andar tão longe ainda —, ela disse a ele.

— Embora eu aprecie sua aparente preocupação com meu bem-estar—, ele disse, o tom suave de sua voz muito em desacordo com sua expressão —, eu entendo minhas capacidades muito bem e não preciso de seu conselho.

Essencialmente, ele estava dizendo a ela para cuidar de seus próprios negócios. Ela não cometeria esse erro novamente.

Com seu sorriso mais brilhante, ela respondeu: — Ora, *é claro* que você não precisa do meu conselho, por mais gentil que tenha sido, capitão Winslow. *Acredite em mim*, eu não *pensaria* em atrasar sua partida por um único momento.

— Sweet Girl está com fome—, Rachel interrompeu. — E eu também.

O sorriso de Bridger era genuíno e totalmente reservado para a garotinha e sua cadela. — Então acho que é melhor abordarmos o problema diretamente—, disse ele.

Rachel, encantada com a atenção dele, atravessou a sala de estar, Sweet Girl se arrastando atrás dela, dirigindo-se para a porta lateral.

Bridger hesitou por um momento, olhando para Caroline com consternação, como se estivesse prestes a dizer algo conciliador.

No final, ele apenas balançou a cabeça, como um homem diante de um quebra-cabeça que não pode ser resolvido, e se virou. Ele mancou por alguns passos, então murmurou alguma coisa e agarrou um batente da porta.

Caroline, que estava observando seu progresso, gritou.

Bridger olhou para ela, furioso. — O que? — ele perdeu a cabeça.

— Nada.

O ar entre eles parecia carregado.

— É só que... você parece precisar de ajuda—, ela finalmente disse.

— Não há nada de errado com minhas pernas—, Bridger disse a ela com determinada paciência. — Sou um pouco lento, só isso.

Embora Caroline duvidasse que ele pudesse chegar até a cozinha sozinho, ela não estava disposta a dizer isso. — Tudo bem—, disse ela levemente. E então ela se obrigou a se virar, subir as escadas e se dirigir ao baú onde guardava seus lençóis. Ela selecionou duas toalhas e um par de lençóis. O pequeno cobertor que Rogan tinha enviado estava sem dúvida no quarto dos fundos e teria que esperar.

Ao ouvir Rachel tagarelando, correu para a janela mais próxima, a do quarto da filha, que dava para o pátio lateral.

Ela observou como Bridger avançava lentamente pelo chão, Rachel e Sweet Girl empinando ao lado. Seus passos eram deliberados, embora um pouco hesitantes.

Caroline afastou-se da janela, com os lençóis e toalhas dobrados ainda em seus braços, e notou que a cama estava bem arrumada. A mesinha de cabeceira, anteriormente atulhada com as páginas da carta de sua irmã e o bilhete que Rogan havia enviado, além de pedaços de papel com seus diagramas a lápis de jogos de xadrez imaginários, estava vazia.

Certamente Bridger não estava se preparando para partir! Ele não estava pronto, não estava forte o suficiente.

E ainda assim o quarto parecia estranhamente arrumado, com as coisas de Rachel de volta em seus lugares habituais. Era como se Bridger nunca tivesse estado ali.

Você deveria estar feliz por ele estar indo embora, Caroline disse a si mesma.

Mas ela não estava. De jeito nenhum.

Ela tentou trazer a imagem de Jacob à mente, mas não veio. Suas feições, tão familiares, a iludiram; ela correu para o quarto que ela e seu marido tinham compartilhado, deixou cair os lençóis na cama, e estudou a pequena imagem que Jacob tinha enviado para casa alguns meses depois que ele se alistou.

Lá estava ele, seu Jacob, de uniforme, um rifle encostado em um soldado.

Ela examinou as linhas de seu rosto, o conjunto de seus olhos e boca, a maneira como seu cabelo, castanho claro e um pouco longo demais, aparecia em ambos os lados de sua boina, um quepe, como ele chamava. Seu uniforme parecia novo, e a coroa e o cano de seu rifle brilhavam, como se ele tivesse acabado de poli-los.

Ele era tão jovem, tão determinado, tão seguro de si. Ele não tinha ideia, como poderia ter?, dos horrores que o esperavam. Tantas batalhas, tanta dor e sangue e morte... Como deve ter ficado brutalmente surpreso naquele momento terrível quando percebeu pela primeira vez que a guerra não era a aventura gloriosa que ele provavelmente imaginara que fosse, feita de desfiles, grandes estratégias e multidões aplaudindo. Em alguma parte de sua mente, Caroline sabia, Jacob tinha sido mais um menino do que um homem, fora para brincar de rei do pedaço, vestido com um uniforme azul chamativo e botas brilhantes.

Por que, ela se perguntou, ela nunca tinha visto o quão inocente ele tinha sido, o quão inocente, o quão vulnerável?

Ela chorou por ele, trouxe seu corpo para casa em um vagão de trem, viu seu caixão ser baixado ao solo e coberto de terra. Ela chorou por ele.

Agora, ela lamentava o menino que partiu para a guerra, sem pensar em morrer.

Quando lhe ocorrera o conhecimento de que era mortal? Esse combate não era um jogo de pátio de escola, mas um empreendimento mortal de matar ou morrer, e que balas e bolas de canhão atingiam sem discriminação ou misericórdia.

Era chocante pensar nas ramificações de uma única morte.

As contribuições que um homem poderia ter feito, se tivesse sobrevivido, foram perdidas, assim como as dos filhos que ele poderia ter gerado, e dos filhos deles, e assim por diante.

Pegando os lençóis e toalhas que pretendia levar para a cabana de Enoch, Caroline partiu para completar a tarefa. Enquanto caminhava, ela continuou a considerar o terrível custo da guerra e todos os outros tipos de violência. Ela havia entrado na clareira ao redor da cabana de Enoch, quando o viu sentado nos degraus da frente, sorrindo para si mesmo enquanto talhava um pedaço de madeira.

Ela o observou até que ele a notou, colocou a faca de lado e se levantou.

— Antes que você pergunte—, disse ele, ainda sorrindo—, Jubie está bem, e o menino também.

— Eles estão descansando?

Ele assentiu. — Profundamente adormecidos, os dois.

— Eu não vou incomodá-los, então—, Caroline disse, estendendo a pequena pilha de lençóis.

Enoch pigarreou, pegou-os e permaneceu no lugar. Seu sorriso vacilou um pouco. — Eu sou obrigado, senhora—, disse ele, em sua voz grave.

Caroline inclinou a cabeça para o lado. — Enoch, o que você quer dizer?

Ele desviou o olhar dela, depois de volta. — Jubie e eu pretendemos nos casar, pular a vassoura, por assim dizer. Quando ela for capaz, quero dizer.

Ela assentiu. — Jubie me disse. Estou muito feliz por vocês dois. — Fazendo uma pausa, ela perguntou: — De onde vem essa expressão?

— É um termo que os escravos usam no sul—, explicou Enoch. — Eles não podem se casar da mesma forma que os brancos, com licença, pregador

e tudo. No Sul, isso é contra a lei.

— Oh—, Caroline disse, estranhamente confusa com o anúncio de Enoch. — Por que?

Enoch riu baixinho. — Por que é ilegal que os escravos se casem? — ele perguntou.

— Por que existem escravos em primeiro lugar? — ela respondeu, sem esperar uma resposta. Querendo se fazer entender, ela continuou. — Sei que você está sozinho, Enoch, provavelmente há muito tempo. Se você quer ter uma esposa, você deve.

Ele não respondeu e ela continuou. — É só que Jubie é uma fugitiva. Não sabemos quase nada sobre ela. Ela tem sido uma grande ajuda, com Rachel e Br... Capitão Winslow, e aqueles pobres homens do exército, e eu não poderia estar mais grata. A escravidão é uma coisa terrível, e não culpo Jubie, nem um pouco, por escapar, mas...

A expressão de Enoch era gentil. — O que há em Jubie que te preocupa?

— Ela é tão *jovem*, Enoch. Sim, ela é mãe, mas isso não significa que ela está pronta para ser esposa. Ela passou por muita coisa, incluindo escapar de caçadores de escravos. Você se lembra de como ela estava assustada, antes da batalha, quando todas aquelas tropas confederadas cavalgaram pela fazenda.

— Eu também estava com muito medo naquele dia—, disse Enoch suavemente. — Acho que me acostumei a viver como um homem livre todos esses anos, sem ninguém me caçando, ninguém querendo me arrastar para alguma jaula ou poste de açoitamento. Eu não precisava mais ter medo. Tive um bom lugar para morar e sou pago por um dia de trabalho honesto, em dinheiro que posso gastar ou economizar como achar melhor. Mas quando vi todos aqueles homens de casaco cinza, lembrei-me do que significava ser um escravo, e quis rastejar para aquele buraco no chão, a sala secreta, e levar Jubie comigo. A única diferença é que não deixei transparecer o quanto estava com medo.

Caroline não disse nada; sua garganta parecia ter sido amarrada em um nó.

Enoch continuou. — Você está certa sobre Jubie ser um pouco jovem demais para ser uma esposa de verdade—, disse ele. — Eu não vou pedir isso a ela. Eu só quero mantê-la o mais segura possível e ser um pai para aquele menino lá dentro. E então, quando ela *estiver* pronta...

— E se eles ainda estiverem atrás dela, Enoch? Caçadores de escravos, quero dizer?

— Se houver problemas, farei o que tiver que fazer—, disse Enoch, desviando os olhos agora, olhando para algo distante. Caroline sabia que ele estava se lembrando do homem que matara naquele dia, no riacho.

Ambos ficaram em silêncio por algum tempo, pensando em seus próprios pensamentos.

Então veio o berro abafado de uma criança.

Enoch sorriu, ergueu os lençóis e as toalhas que segurava. — Vou entrar com estes—, disse ele. — Sou grato a você, Sra. Caroline, por essas coisas aqui e muito mais também.

Foi uma despedida, embora muito educada. Enoch, Jubie e o pequeno Gideon já estavam se tornando uma família e, por enquanto, Caroline tinha feito tudo o que podia por eles.

Ela se sentiu estranhamente sozinha quando acenou com a cabeça em despedida, virou-se e começou a atravessar a clareira, tomando cuidado para manter os ombros retos e a cabeça erguida.

Alcançando o pomar, ela fez uma pausa, olhando para as folhas que se agitavam com a brisa que passava no alto, lançando luz e sombra sobre o solo macio e protegido em padrões em constante mudança.

Caroline adorava o pomar nessa época do ano; era mais fresco ali, silencioso, exceto pelo trinado ocasional do canto dos pássaros e pelo murmúrio vago do riacho que corria atrás da cabana de Enoch.

Ali, ela encontrava a paz, quase podia esquecer que havia uma guerra sendo travada.

Quando o tempo permitia, Caroline vinha a este lugar e ficava entre as árvores, encontrando consolo quando estava com problemas, companheirismo tranquilo quando estava sozinha, abundância, ou a promessa dela, quando os fundos acabavam.

Em todas as estações, as árvores eram lindas, exuberantes e perfumadas com flores rosas e brancas na primavera. Elas tinham cem tons de verde glorioso no verão, lembrando Caroline de cortesãs em veludo rico ou matronas elegantes reunidas para o chá da tarde. No outono, elas vestiam roupas de amarelo ardente, ruivo e carmesim, que logo seriam trocadas, e ainda mais adoráveis por isso.

Mesmo no inverno, quando se destacavam contra a brancura da paisagem, como linhas rápidas e nítidas desenhadas em carvão, eram

gravemente esplêndidas, traçadas em geada brilhante ou rendas nevadas gotejantes.

A fome repentina acabou com o devaneio de Caroline, lembrando-a de que Bridger estava na cozinha, se é que tinha chegado tão longe, tentando preparar uma refeição. Rachel certamente estava com ele, provavelmente se aproximando, ansiosa para ajudar, pegando, talvez, uma panela de água fervente ou uma frigideira quente. A imagem colocou Caroline em movimento, primeiro andando rápido, depois correndo, as laterais da saia enroladas nas mãos.

Ela explodiu, ofegante, do pomar, seu coração batendo de alarme.

E lá estava Rachel, brincando alegremente com Sweet Girl na frente da cozinha. A garotinha se virou e, quando viu Caroline saindo correndo das árvores, pareceu assustada.

— Mamãe! — ela gritou, correndo em sua direção. — Há um urso atrás de você?

— Não—, ela conseguiu dizer quando a criança a alcançou.

Ela pegou a criança, rindo, beijando-a na bochecha. Sobre a cabeça de Rachel, ela viu Bridger parado na porta da cozinha, observando. Ele agarrou a armação de ambos os lados, e Caroline viu sua expressão sombria se transformar em um sorriso.

Sweet Girl corria em círculos em volta de mãe e filha, fazendo muito barulho.

Caroline tentou desviar o olhar do rosto de Bridger, mas não conseguiu.

Parecia a ela, não pela primeira vez, que algo acontecia entre eles... Lentamente, ela colocou Rachel no chão, endireitou o chapéu da criança, silenciou a cachorra, tudo sem desviar o olhar de Bridger.

— Sem urso, então? — ele perguntou levemente.

Caroline balançou a cabeça, ignorando o que poderia ter sido zombaria.

A realidade era que ele tinha sido uma ameaça à sua presença de espírito desde o início, mas por mais razões do que as óbvias, que ele era um oficial confederado, um inimigo declarado de tudo em que ela acreditava, um incriminador, talvez até traidor presente em sua casa. Mas agora ela entendia que esses eram os menores perigos que Bridger Winslow representava.

Ele só tinha que sorrir ou olhar para ela de uma certa maneira, ou beijá-la, para desviá-la do curso que ela havia estabelecido para si mesma. O de uma mulher forte e de princípios, viúva e mãe, com uma guerra para

enfrentar e uma fazenda para administrar. Mesmo com a ajuda de Enoch e sua avó, nada disso seria fácil; ela teria que orar muito e trabalhar mais para ter os campos arados e as colheitas plantadas a cada primavera, vê-los durante a estação de crescimento, passando por perigos como seca e granizo e soldados furiosos e, finalmente, colher o milho e os grãos e obter um preço decente por eles.

Ela tinha que estar vigilante, ela decidiu, quando Rachel pegou sua mão e quase a arrastou para a cozinha e para Bridger.

— O Senhor capitão Windlesnow disse que não poderíamos comer nada até que você voltasse.

Rachel puxou sua mão com tanta força que Caroline quase tropeçou.

Caroline a corrigiu rapidamente. — Capitão *Winslow*, Rachel. O nome do homem é “Capitão Winslow”.

— Foi o que eu disse—, Rachel insistiu.

Bridger riu, então se afastou da porta e entrou. Seu andar, Caroline notou, havia melhorado no curto período de tempo em que ela esteve fora.

Havia pratos na mesa, e as facas, garfos e colheres estavam em ordem. Bridger cortou pão e presunto defumado, abriu um pote de pickles doces e colocou a manteigueira. Alface recém-colhida do jardim, crocante e úmida da lavagem, enchia uma tigela pequena.

Quando Rachel subiu em sua cadeira de costume, ele encheu um pote de geléia da jarra de leite e o colocou ao alcance dela.

Então Bridger afastou a cadeira de Caroline e esperou educadamente que ela se sentasse.

Ela atrasou lavando as mãos e insistindo que Rachel fizesse o mesmo, mas o processo não durou muito.

Quando ela se virou da pia com a toalha na mão, Bridger ainda estava de pé atrás de sua cadeira. Não havia um lampejo de impaciência em seus olhos; na verdade, ele era a personificação da graça social e das boas maneiras.

Caroline corou e sentou-se.

Ela abaixou a cabeça, fechou os olhos e cruzou as mãos.

— Mamãe—, Rachel informou a Bridger em um sussurro alto—, vai falar com Deus.

Caroline limpou a garganta. Então ela agradeceu pela refeição diante deles, o parto seguro do bebê de Jubie e todas as outras bênçãos, conhecidas e desconhecidas, lembradas e esquecidas. Passado e futuro...

Quando ela fez uma pausa para respirar, Rachel acrescentou um exuberante—, Amém!

Bridger riu. — Amém—, ele confirmou.

Caroline preparou o prato de Rachel, cortando uma pequena fatia de presunto em pedaços manejáveis, cortando em quatro e passando manteiga no pão. Ela pegou um pickles doce do pote, acrescentou e passou a comida para a filha.

Rachel esperou até que todos estivessem servidos antes de pegar o garfo, parecendo muito satisfeita com seu próprio comportamento.

Por um tempo, todos comeram em silêncio, inclusive Rachel que, Caroline notou, estava colocando um pedaço de presunto para Sweet Girl para cada dois que entravam em sua boca.

Terminada a refeição, depois de lavar e secar a louça, ela colocava Rachel para dormir um cochilo à tarde.

Bridger, notou Caroline, parecia preocupado. Ele comeu distraidamente, seu olhar voltado para qualquer mundo interior que o envolvesse.

De certa forma, ela se sentiu *aliviada* com o silêncio dele agora...

E, no entanto, inegavelmente, ela reconheceu a verdade inquietante, que ela temia a partida dele tanto quanto ansiava por isso, e por muitas das mesmas razões.

Logo, Rachel estava balançando a cabeça em sua cadeira, olhos pesados e cheia de boa comida e pronta para uma soneca.

Caroline, que havia chorado mais nas últimas semanas do que em todo o resto de sua vida, estava cansada de seus próprios choramingos, fungadelas e ira. Não importava que tudo tivesse sido justificado, ela sentiu outro ataque de choro chegando. — Será que tudo, sempre e para sempre, será triste? — ela perguntou de repente. Ela pretendia apenas *pensar* na pergunta, não dar voz a ela.

Para sua total surpresa, Bridger simplesmente descansou uma de suas mãos sobre a dela e disse baixinho: — Não. Você não ficará triste para sempre, Caroline. Você é muito inteligente, muito forte e muito bonita para ser infeliz.

Ela hesitou por um longo tempo antes de puxar a mão para trás, e ela o fez lentamente, mesmo assim. *Fique e discuta comigo, deixe-me afiar minha mente contra a sua*, ela pensou. *Fique atrás de mim quando estou lavando a louça, preparando o jantar ou passando uma camisa, um avental*

ou um dos vestidinhos de Rachel. Coloque seus braços em volta de mim e acaricie meu pescoço com seus lábios.

Ela se afastou da mesa, passou pela porta e atravessou o quintal até a casa. Ela pegou a filha e a levou para dentro de casa.

Bridger não falou, ou seguiu.

Seu quarto era fresco e mal iluminado; Caroline havia fechado as cortinas para evitar o calor.

Ela levantou Rachel, colocou-a ao lado da cama, então se agachou para desamarrar os sapatos da criança e tirá-los.

Sweet Girl afundou no tapete com um suspiro satisfeito.

— Sem coberturas—, Rachel murmurou. — Está muito quente.

— Sem coberturas—, Caroline concordou. — Deite-se agora e vá dormir. Antes que você perceba, será hora de se levantar novamente.

— Mmm. — Rachel se espreguiçou, fechando os olhos.

Havia tantas coisas para fazer. Carregar água para o jardim, arrancar ervas daninhas, lavar os pratos, planejar o jantar, cuidar das contas da casa.

Disputa verbal com Bridger Winslow.

Caroline foi para o outro lado da cama e sentou-se para tirar os próprios sapatos. Então, com um bocejo, ela se acomodou na frente de Rachel, fechou os olhos e imediatamente adormeceu.

25

Hammond Farm
10 de agosto de 1863
Bridger

No final da tarde, Bridger pegou seus poucos pertences, a carta de Amalie, aquele maldito uniforme azul, a boa moeda yankee, lastreada em ouro federal, que Rogan lhe enviara, mais um pedaço de papel e o toco de um lápis, e mudou-se da casa para o celeiro. Se lhe pedissem uma explicação, naquele momento de decisão, ele não teria nenhuma para oferecer, exceto para dizer que era hora de Rachel ter seu quarto de volta.

Caroline trouxe o jantar para ele, o prato coberto por um guardanapo xadrez vermelho e branco, bem passado. “Pode estar frio”, ela disse, “quando você não veio para a cozinha, pensei que talvez você não estivesse se sentindo bem.

Ele estava limpando uma sela, feliz por ter algo para ocupar suas mãos. Seu ombro direito doía muito, mas isso era de se esperar; a cura, como a maioria das bênçãos de Deus e da natureza, não vinha sem custo. Então ele cerrou os dentes durante o pior e continuou a escovar a sujeira e a lama do couro gasto.

— Obrigado—, disse ele, mantendo os olhos em sua tarefa, maravilhado com o estado lamentável da sela que Enoch lhe dera. Ele tinha visto muitos desses equipamentos, cobertos de poeira de trilha, manchados de sangue, também, depois de uma batalha, mas esta relíquia era tão imunda que poderia ter sido enterrada na terra, ou encontrada em alguma tumba velha, ainda presa ao esqueleto de um cavalo morto há muito tempo.

Ele não disse nada sobre sua condição para Enoch, é claro. Mendigos não podiam escolher.

Caroline se aproximou, colocou o prato ali perto. Então ela ficou em um raio de luz, o último do dia, partículas de poeira se movendo ao seu redor, brilhando como pequenas estrelas em alguma galáxia distante.

Com um olhar de soslaio, Bridger viu que seus olhos estavam arregalados. Ele se perguntou se ela reconheceria a sela, se teria pertencido a seu falecido marido, talvez, já que parecia ser o objeto de sua atenção.

— Você não pode ficar muito confortável aqui fora—, ela finalmente arriscou—, mesmo que esteja recuperando suas forças. — Sua voz tremeu ligeiramente. — Você é bem-vindo para dormir na casa.

Bridger balançou a cabeça e olhou para ela, então se lembrou de suas maneiras e se levantou. Ele lamentou não ter contado a ela que estava se mudando para o celeiro. Ele estava achando muito difícil deitar sozinho naquela cama estreita, sabendo que ela estava apenas a um quarto de distância.

Como ele poderia ter dito a ela que era uma agonia, o desejo de abraçá-la, enterrar o rosto em seu cabelo, beijá-la, dar-lhe prazer? Que, à medida que ficava mais forte, a impossibilidade de fazer qualquer uma ou todas essas coisas era cada vez mais difícil de suportar?

Ela teria se sentido insultada, escandalizada. Talvez até com medo.

— Algo está errado? — ele perguntou. Ela ainda estava olhando para a sela, quase como se esperasse que ela ganhasse vida.

— Essa sela—, Caroline disse, finalmente encontrando seu olhar. — Onde você conseguiu isso?

— Enoch deu para mim—, Bridger respondeu. — Junto com o cavalo. — Ele indicou o baio, parado em uma baia próxima, com um gesto da mão direita. Estremeceu com o lampejo de dor resultante, centrado no ombro ferido, mas espalhando-se ao longo do braço e descendo pelo lado. — Disse que queria se livrar do bicho e da sela também.

— Oh—, Caroline disse, e ela relaxou um pouco. Quase sorriu.

— Prometi que enviaria dinheiro a ele assim que pudesse—, Bridger disse a ela, querendo manter a conversa por um tempo, para que ela ficasse um pouco mais. — Ele disse que não aceitaria nenhum pagamento, que eu estaria fazendo um favor a ele, já que ele nunca mais queria ver o animal ou a sela novamente.

Ela assentiu com a cabeça, disse que fazia sentido.

Contra seu melhor julgamento, Bridger deu um passo em direção a ela. Parou. — Caroline—, ele começou, franzindo a testa—, esse cavalo pode não ser nada especial, mas ele é bom. Por que Enoch está tão ansioso para se livrar dele?

— Se você quer saber isso—, ela disse razoavelmente—, você terá que perguntar a Enoch.

Bridger suspirou. — Isso é tudo que você vai dizer?

— Sobre o cavalo? Sim.

Estranho, pensou Bridger, mas sabia que seria inútil insistir no assunto. — Tudo bem—, disse ele. — Não vamos discutir sobre o cavalo.

— Não—, Caroline concordou. — Não vamos.

— O que, então? Porque tem outra coisa, não tem? — *Calma*, ele pensou. *Não force*.

Caroline estava relutante, mas, graças a Deus, ela não parecia estar com medo, como no começo. — Não é nada importante—, ela disse a ele.

— Se você tem algo a dizer, eu quero ouvir—, ele insistiu.

— A menos, é claro, que você não concorde—, Caroline disse, com aquela franqueza singular que ele tanto admirava. — Se minhas opiniões forem diferentes das suas.

— Seja o que for, não vou discutir. Você tem minha palavra.

Ela soltou um suspiro, e ele tentou não notar a subida e descida de seus seios cobertos de chita.

— Muito bem, então—, ela cedeu, embora não docemente. — Claramente, você pretende partir em breve, e eu ia dizer que não acredito que você esteja bem o suficiente para pegar a estrada. Ainda não.

Ele tinha acabado de dar sua palavra a ela, e já estava prestes a quebrá-la. Tanto pela honra do sul. Caroline era atraente em qualquer humor, mas quando ela estava irritada, ele não conseguia resistir a ela.

— Tanta preocupação—, ele disse, exagerando seu sotaque. —Um homem pode quase... *quase*... pensar que você gosta da companhia dele.

A recompensa dele foi o rubor instantâneo em suas bochechas, a centelha de fúria esplêndida em seus olhos. Senhor, ele poderia brigar com esta mulher por horas, dias, o resto de sua vida.

Caroline olhou para ele por um momento longo e perfeitamente delicioso, então levantou suas saias ligeiramente, *muito* ligeiramente para o gosto de Bridger, recuou um pé, e chutou o prato que ela tinha acabado de entregar, enviando seu jantar cuidadosamente coberto. Frango frio, fatias de frutas e dois biscoitos voaram em direções totalmente díspares, enquanto o guardanapo xadrez flutuava graciosamente até o chão coberto de feno.

Nesse ponto, Bridger fez a pior coisa possível. Ele riu.

— Passa fome, então! — disse Caroline. Mas, segundos depois, ela ficou imóvel, levou as mãos ao rosto e soltou um soluço estrangulado.

Ele foi até ela, sabendo que era um erro, mas incapaz de se conter.

Usando o que restava de seu controle, ele não a abraçou, mas a segurou gentilmente pelos ombros. Antes que ele pudesse se desculpar, ela deixou

cair as mãos e ele viu o verdadeiro sofrimento em seu rosto e perplexidade.

Bridger se desprezou naquele momento.

— Eu sinto muito! — Caroline lamentou. — Não sei por que fiz isso, por que *chutei* seu prato e estraguei seu jantar! — Seguiram-se algumas respirações trêmulas e algumas fungadas. — Foi uma coisa tão infantil de se fazer.

Bridger segurou suas bochechas em suas mãos. — Caroline—, disse ele, usando os polegares para enxugar as lágrimas dela. — Não. Por favor. Eu estava provocando você, e isso estava errado. Eu é que deveria estar me desculpando, e sinto muito. Verdadeiramente.

— Preciso assoar o nariz—, disse ela.

— Sim—, ele concordou, tomando cuidado para não sorrir. — Infelizmente, não posso lhe oferecer um lenço.

Ela recuou um pouco, esfregou o rosto com o avental.

— Meu comportamento esta noite... — ela disse sinceramente, sorrindo bravamente agora. — Essa não sou eu, eu garanto.

Ele levantou uma sobrancelha e voltou para o gelo mais fino. — Não é?

Caroline riu, e o som era lindo. Mas então, no momento seguinte, ela parou de rir, deixou cair a testa no peito dele, passou os dois braços em volta da cintura dele e gemeu.

Foi quase sua ruína, mas algum fragmento de controle permaneceu nele, e ele simplesmente a segurou, esta mulher que testava sua sanidade a cada passo. Ele apoiou o queixo no alto da cabeça dela e ansiou pelo que nunca teria.

Ela acabara de perder o marido.

Ela era uma yankee, por completo.

A guerra continuaria, sem fim à vista.

E o melhor amigo que ele já teve, que poderia ter, a amava.

— Por que—, ela soltou, em voz abafada—, estou agindo como outra pessoa, alguém que nem reconheço?

Bridger sabia que a pergunta não exigia uma resposta. Ele continuou a segurá-la, embalando-a gentilmente, e disse: — Shh.

Ela se agarrou a ele por um tempo, uma concessão a si mesma, umedecendo sua camisa com suas lágrimas, e Bridger pensou que ele poderia ter ficado assim, com Caroline em seus braços, até a hora da morte.

Logo, porém, ela recuou, deu um passo para trás. — Eu gostaria de pedir uma coisa a você, Bridger Winslow—, ela disse—, e nada mais.

— Estou ouvindo—, disse ele, com a voz rouca.

— Se você deve ir, diga adeus primeiro. Não vá embora.

Ele tentou responder, não conseguiu. Então ele simplesmente assentiu.

A pequena distância entre eles parecia infinita para Bridger, um terreno intransponível, tão cheio de perigos quanto qualquer campo de batalha.

Caroline observou-o em um silêncio miserável do outro lado do abismo, então, finalmente, virou-se e foi embora; Bridger não a seguiu, embora tudo nele o obrigasse a fazer exatamente isso, apesar dos riscos. Ele ficou parado onde estava, nas sombras cada vez mais densas do celeiro, e lamentou-a tão profundamente como se ela tivesse morrido.

Na manhã seguinte, depois de uma noite sem dormir, ele se levantou de sua cama de palha, saiu e começou a andar, testando suas forças. Ele foi até o portão, ficou olhando para a estrada por um longo tempo e depois voltou.

Ele se lavou na bomba do lado de fora da cozinha e entrou, onde encontrou Enoch no fogão, fritando ovos, carne de porco e batatas, tudo na mesma frigideira. Havia café, e Bridger encontrou uma xícara e jogou um pouco nela.

Ele pensou, com amarga diversão, que o resultado de um encontro emocional com Caroline Hammond não era diferente de uma bebedeira de três dias. Ele se sentia oco, como se suas entranhas tivessem sido raspadas com o bisturi de um cirurgião e descartadas sumariamente. Sua cabeça latejava no ritmo das batidas do coração, e ele ansiava por comida sólida, embora duvidasse que fosse parar no estômago.

— Você quer me contar sobre aquele cavalo, Enoch? — ele perguntou, depois de um longo intervalo de silêncio e café forte. — Por que você não aceita nada por ele?

Enoch o estudou por tanto tempo que Bridger estava começando a pensar que ele não iria responder nada, quando ele disse—, Eu não estou inclinado a dizer. Não apenas agora, de qualquer maneira. Você precisa de um cavalo, e eu lhe dei um, e isso é tudo.

Bridger bebeu mais café, ponderando a resposta de Enoch. Ele decidiu não prosseguir com o assunto por enquanto; em vez disso, ele esperaria que uma brecha se abrisse.

— Onde está Caroline? — ele perguntou, não muito casualmente.

Enoch voltou a cozinhar, espetando as batatas com a ponta de uma espátula amassada. — Acho que a senhora pode estar dormindo até tarde

esta manhã. Está na hora, se você me perguntar. Ela não viveu um dia fácil desde antes de aquele homem dela ter a ideia de atender a convocação.

— Como ele era? Hammond, quero dizer?

— O Senhor Jacob era um bom homem. Ele era bom para mim, e seus pais também. Se não fosse pelo pai dele, eu ainda estaria colhendo algodão... ou estaria morto.

— Jacob foi bom para Caroline? — Era uma intromissão, essa pergunta, mas Bridger precisava saber, e ele não tinha nada a perder perguntando.

— Ele a amava—, disse Enoch. — E sua filhinha também, é claro. Ele fez o melhor que podia.

— Mas? — Bridger perguntou com cuidado, pois notou uma pitada de reticência na resposta de Enoch, uma qualificação não dita.

O homem não tinha obrigação de falar e, por um tempo, não disse nada. Ele empurrou a frigideira do fogo, pegou dois pratos de uma prateleira, encheu um com comida fumegante e entregou a Bridger, então começou a encher o seu próprio.

Finalmente, Enoch disse: — Sente-se e coma, Sr. Winslow. Você está tão pálido como se tivesse acabado de acordar em um caixão e saído do buraco.

— Obrigado—, Bridger murmurou ironicamente, pegando o prato, servindo-se de uma faca, garfo e colher de uma gaveta próxima. — Pelo café da manhã, de qualquer maneira.

Sentaram-se frente a frente, comendo em silêncio.

Bridger estava meio faminto e, após as primeiras mordidas, o latejar em sua cabeça começou a diminuir.

Enoch mastigou pensativamente, engoliu, espetou os dentes do garfo em uma fatia de batata frita.

Bridger também comeu entre goles de café.

Ele sentiria falta de um café de verdade, assim que partisse para o sul. Por causa dos bloqueios, os cozinheiros do exército há muito haviam recorrido a substitutos inovadores, apenas um pouco mais saborosos do que ninhos de pássaros cozidos na água do banho do dia anterior.

As coisas não estariam melhor em Fairhaven, onde pretendia ir primeiro. Agora que seu pai se fora, Amalie estava sozinha, exceto por Rosebud e alguns trabalhadores do campo.

Ele pediria licença assim que visse como as coisas estavam, iria ao próprio general Lee com sua petição, se isso fosse necessário. Se ele

recusasse a permissão, uma forte possibilidade, dado o atual estado das coisas, Bridger sabia que o faria com pesar, sendo um homem compassivo, capaz de uma empatia tão profunda que Bridger o vira quase destruído pela devastação da guerra. O general parecia distante para quem não o conhecia bem, mas havia um verdadeiro sofrimento por trás daquela dignidade e decoro. Ele lamentou pelos caídos, feridos ou mortos, desesperou-se com homens famintos e cavalos famintos, e implorou constantemente ao Presidente Davis, principalmente em vão, por suprimentos vitais, botas, tendas e cobertores, quinino, láudano e morfina, farinha, fubá e feijão.

Por tudo isso, Lee foi um soldado, primeiro, último e sempre. Para ele, o dever era primordial; não se poupava a sacrifícios e esperava o mesmo dos oficiais, praças e voluntários, até do mais humilde soldado raso ou tocador de tambor.

Seus próprios filhos e um sobrinho favorito se dirigiam a ele como “General”, quando se cruzavam e não recebiam tratamento especial.

Não, o general Lee, por mais amigo da família que fosse, não hesitaria em recusar o pedido de Bridger para uma licença, breve ou não, se as circunstâncias assim o exigissem.

Envolto em suas reflexões, Bridger se assustou quando Enoch falou. — Pela sua aparência, você está pensando em assuntos muito sérios—, ele disse.

— Existem outros tipos? — Bridger rebateu.

— Não hoje em dia—, admitiu Enoch. Ele havia terminado sua refeição e sem dúvida tinha muito o que fazer, mas demorou. A expressão em seu rosto largo era solene. — O que está por trás daquelas perguntas que você fez antes, sobre o Sr. Jacob e seus assuntos com sua patroa? E não diga que você estava apenas curioso, porque posso dizer que há mais do que isso.

Bridger não sabia como responder sem mentir descaradamente.

Ele respeitava Enoch e tinha uma dívida com ele, não apenas pelo uso de um cavalo e sela, mas por sua ajuda e companhia quando Bridger estava confinado à cama, e por todos aqueles jogos de damas. Ele compreendia os fundamentos do xadrez, mesmo sem as peças adequadas, debruçando-se sobre os diagramas, fazendo perguntas inteligentes.

Agora ele descansou os antebraços no tampo da mesa e se inclinou um pouco para a frente. Tudo em seu rosto dizia: — Bem?

Bridger suspirou. Ele confiava em Enoch, e se o favor não fosse retribuído, isso não seria surpreendente, considerando todas as coisas, e não

havia absolutamente nada que ele pudesse fazer sobre isso.

— Se eu tivesse conhecido Caroline em outro momento, em melhores circunstâncias, eu a cortejaria—, disse Bridger.

Enoch sorriu, um pouco triste. — Mas você não fez isso—, disse ele.

— Não—, Bridger confirmou, sentindo-se miserável.

— A senhora terá muitos pretendentes quando esta guerra terminar e as pessoas voltarem a si—, observou Enoch. — Seu tempo de luto terminará, e os que permanecerem de pé baterão à sua porta antes que o eco da última corneta desapareça.

— Se você está tentando me fazer sentir pior—, disse Bridger—, você está conseguindo.

Enoch riu. — Acho que aquele seu amigo, o capitão McBride, pode tentar colocar um anel no dedo antes que qualquer um dos outros tenha a chance de tirar o chapéu e dizer olá.

Bridger gemeu. — Isso é algum tipo de vingança? Porque se for, sou apenas um sulista, não toda Dixie.

— Senhor, não—, disse Enoch. — Sou um homem livre. Eu tenho uma mulher e uma criança agora, ganhava um salário no bolso, bastante para comer e uma boa casa com meu nome na escritura, graças ao pai do Sr. Jacob. Essa é toda a vingança de que preciso.

— Você e Jubie?

— Assim que ela melhorar, vamos nos casar, Jubie e eu.

Bridger sorriu. — Isso é bom—, disse ele. — Caroline já sabe?

— Sim. Jubie disse a ela—, ele respondeu com um aceno de cabeça. — A senhora parece feliz com isso.

— Tenho certeza que ela está muito feliz.

Enoch assentiu mais uma vez. — Esse bebê precisa de um pai e Jubie precisa de um lar, alguém para protegê-la. Além disso, nos damos bem. Cuidamos um do outro. Quanto a mim, bem, estive sozinho por muitos anos, então se eu puder voltar para aquela cabana depois de um longo dia e ouvir uma voz que não é a minha, isso será o suficiente.

— Você é um bom homem, Enoch.

Novamente, eles ficaram quietos, pensando em seus próprios pensamentos, mas era um silêncio bom e confortável.

Bridger levantou-se, depois de um tempo, pegou seu prato vazio e o de Enoch, levando-os para a mesa de trabalho.

— No momento—, disse ele, de costas para Enoch—, não sou muito útil para ninguém, mas tenho propriedades e alguns contatos. Se houver algo que eu possa fazer por você ou por Jubie, escreva-me em Fairhaven, nos arredores de Savannah.

A cadeira de Enoch arranhou o chão quando ele se levantou. — Você não vai voltar para o exército?

— Eu vou—, Bridger disse a ele. — Mas primeiro quero ir para casa, me certificar de que minha irmã está bem. Se você escrever e eu não estiver presente, Amalie cuidará para que sua carta chegue até mim.

— É muito gentil da sua parte—, disse Enoch, mas não parecia convencido. Sem dúvida, ele não dava muita importância às promessas de um estranho, especialmente quando esse estranho era um oficial da cavalaria confederada, com uma plantação e escravos. Em seu lugar, Bridger também não teria aceitado a oferta.

— Eu quis dizer o que disse, Enoch—, disse Bridger.

Enoch considerou essa declaração por um momento, e quando falou novamente, Bridger sabia que tinha ganhado a confiança do homem, pelo menos em parte.

— Há uma mulher que era dona de Jubie. Ela colocou um prêmio na cabeça da garota depois que Jubie fugiu. Mandou alguns caçadores de escravos atrás dela, e um deles a alcançou, bem aqui nesta fazenda. Eu lidei com ele, tive que fazer, e foi assim que consegui o cavalo e a sela também. Isso é tudo o que quero dizer sobre isso, mas não acho que você terá muita dificuldade em juntar as peças.

— Meu Deus, Enoch—, Bridger explodiu, atordoado. — Você precisa de ajuda, *quer* saiba disso ou não.

— Ah, eu sei. Jubie está com medo, e não sem razão. A senhora também. Ambas acham que isso não acabou, e eu tenho um péssimo pressentimento de que elas estão certas.

— Eu ficarei—, Bridger disse.

Mas Enoch balançou a cabeça. — Não. Os homens da União voltarão para buscar seus mortos a qualquer momento. Eles o encontram aqui e não haverá fim para seus problemas, nem para os do capitão McBride.

Ou de Caroline.

— Esta mulher—, Bridger disse. — Essa de quem Jubie fugiu. Qual é o nome dela? Onde ela mora?

Enoch pensou um pouco. — Perguntei a Jubie, mas ela não disse. Ela está meio assustada de novo e não quer que eu ou a senhora se envolvam nisso.

— Pode haver algo que eu possa fazer—, Bridger reiterou. — Mas *eu preciso de um nome* e qualquer outra informação que você possa obter dela. Se ela não lhe contar, peça a Caroline para tentar.

— Pedir a Caroline para tentar o quê? — Caroline estava parada na porta, usando seu costumeiro vestido de chita e um avental engomado com babados, presumivelmente para não ser usado como lenço. Seus cabelos grossos, brilhando de uma escovação recente, ondulavam ao redor de seu rosto. Já estava ameaçando se soltar de seus alfinetes e pentes e cair em sua cintura em gloriosa desordem.

Bridger estava muito obcecado para formular uma resposta, então Enoch explicou.

Quando ele terminou, Caroline voltou os olhos ligeiramente inchados para Bridger, cheio de perguntas, nenhuma das quais chegou a sua língua.

Ela entrou pela porta, no entanto.

Voltando-se para apertar os cordões do avental, ela se aproximou do fogão, moveu a frigideira que Enoch havia usado, depois escolheu uma panela, derramou água e acrescentou sal.

— Como estão Jubie e Gideon esta manhã, Enoch? — ela perguntou, abrindo o fogão e cutucando-o com um atizador antes de jogar outro pedaço de madeira.

Bridger e Enoch trocaram olhares confusos.

— Eles estão bem, senhora—, disse Enoch, após um breve atraso. — Eles ainda estavam dormindo quando saí da cabana, mas Jubie vai acordar logo. Eu estava prestes a voltar e fritar alguns ovos para ela.

— Essa é uma boa ideia—, Caroline disse. Então, apontando para uma tigela de louça cheia de ovos, ela acrescentou: — Sirva-se.

Enoch pegou vários e hesitou. — Acho que pensei que você daria uma opinião, madame. Sobre fazer Jubie nos contar sobre sua... dona e tudo.

A espinha de Caroline endureceu visivelmente. — Estou cansada de compartilhar minhas opiniões—, ela disse friamente. — Elas invariavelmente me colocam em apuros.

Bridger reprimiu um suspiro.

— Você vai falar com Jubie? — perguntou Enoch. — Se ela vai me dizer o que precisamos saber?

Caroline pegou uma vasilha e colocou-a à mão. — Sim—, ela disse com um suspiro. — Na verdade, acho que você deveria deixar toda a conversa comigo. Farei outra visita a Jubie depois do café da manhã.

Enoch acenou com a cabeça e saiu correndo, os ovos embalados em uma mão grande.

Caroline continuou a bater nas coisas, tampas do fogão, a vasilha, uma lata de canela.

— O que eu fiz agora, Caroline? — Bridger perguntou. Eles estavam sozinhos, mas não por muito tempo; Rachel e o cachorro podiam ser ouvidos brincando no quintal, aproximando-se.

Ele viu seus ombros caírem sob o peso de seus pensamentos, rezou para que ela se virasse e permitisse que ele pegasse, e segurasse, seu olhar.

Ela fez.

— Não é o que você fez—, Caroline disse tristemente. — Bem, *principalmente* não, de qualquer maneira. É o que você é, Bridger. É *quem* você é.

— Um rebelde? — ele cutucou. — Um senhor de escravos? Um libertino declarado?

Ela foi pega de surpresa, mesmo que apenas por um momento. — Você possui escravos—, ela disse. Ela pode ter entendido a frase como uma pergunta, mas provavelmente foi mais um lembrete para si mesma.

— Meu pai possuía. Eu os herdei, aparentemente, junto com a terra. Se o velho já não estivesse morto, provavelmente o teria matado ver o menos amado de seus filhos assumir Fairhaven.

— Você vai libertá-los?

— Eu vou—, disse Bridger. — Mas não posso garantir que eles realmente deixarão a plantação.

— Você honestamente acredita que eles *escolheriam* ficar, e permanecer em cativeiro? — A ideia claramente a afrontava. Caroline era inteligente, mas ingênua em muitos aspectos. Criada no Norte, trabalhadora, mas ainda assim relativamente protegida, imersa nas elevadas filosofias de Quakers, Presbiterianos e Transcendentalistas, totalmente familiarizada com o romance da Sra. Stowe e outros semelhantes, não se podia esperar que ela compreendesse certas realidades.

— Alguns dos escravos, sem dúvida, escolherão permanecer em Fairhaven, sim—, Bridger disse cuidadosamente.

— Por que os *escravos* recusariam a liberdade?

— Eles *não* vão recusar sua liberdade, Caroline. Eu garanto a você, eles terão sua liberdade, indo ou ficando. E alguns deles *vão* ficar, porque Fairhaven é o lar deles, para muitos deles, o único que já conheceram. Eles suportaram e ali criaram seus filhos. Seus mortos estão enterrados na plantação.

— Oh—, disse Caroline, refletindo agora.

— Sim—, disse ele. — Oh.

Caroline deixou a chaleira de água ferver no fogão, deu alguns passos em direção a Bridger e parou. Sua garganta trabalhava enquanto ela lutava com o que queria dizer, ou *não* dizer, a seguir.

— *Você é*— aqui, sua voz caiu para quase um sussurro —como você disse antes, “um libertino declarado”?

— Eu fui—, disse Bridger, sem vergonha nem orgulho. — Oh, eu fui isso e muito mais, um amante de brigas de bêbados, jogos ilícitos de azar e mulheres baixas.

— Por que? — Caroline perguntou, como se estivesse perplexa. Seu tom era quase lamentoso.

— Acho que não vi nenhuma razão para ser diferente. Não até que me tornei um soldado. — *E até te conhecer.* — Se há algo de redentor na guerra, pode ser que, vendo tanta dor e morte, um homem comece a fazer uma contagem das coisas que fez ou deixou de fazer. Ele olha para o seu passado, o presente sendo em grande parte intolerável, e o futuro, bem o futuro pode não existir. Na próxima curva da estrada, além da próxima rajada de canhão, da próxima bala ou baioneta, pode não haver nada. Com sorte, toda essa reflexão produz alguns conhecimentos preocupantes.

— Que conhecimentos? — Caroline queria saber. Ela falou baixinho e sem sarcasmo.

Bridger deu um grande suspiro. — Nada profundo ou edificante—, advertiu como preâmbulo. — Eu simplesmente tomei nota de algumas das minhas falhas pessoais, que, é claro, eram óbvias para todos os outros. Havia uma espécie de raiva, para começar. Sempre senti um ultraje interior, minha mãe morreu quando eu ainda precisava dela mais do que teria admitido, meu pai era... meu pai. Ele sempre favoreceu meu meio-irmão mais velho, Tristan. Eu era o filho mais novo e, portanto, condenado à eterna meninice, dependente do velho e, depois dele, meu meio-irmão. Isso me tornava uma espécie de eunuco financeiro, pensei. Pobre e infeliz de mim.

Rachel espiou pela porta, seu pequeno corpo emoldurado pela luz da manhã. — Ainda estamos comendo mingau no café da manhã, mamãe? Espero que não, porque não gosto de mingau, e Sweet Girl também não.

Com um pequeno sorriso, Caroline virou a cabeça para abordar as preocupações de sua filha. — Isso é realmente uma pena, Rachel—, ela disse. — Porque você vai comer mingau, e eu também.

— Eu quero o que os homens comeram—, Rachel persuadiu docemente. — O que eles comeram?

— Mingau—, Bridger mentiu.

Rachel franziu a testa, chutou a soleira elevada com um pé minúsculo, então voltou para as novas delícias da grama alta, céu azul e um cão fiel.

Bridger riu. — Essa criança é resiliente—, disse ele. — Também é uma boa jogadora de damas.

Caroline estava ao seu alcance, e teria sido tão fácil beijá-la.

Havia uma carroça na estrada; ambos ficaram tensos ao som disso.

— Fique fora de vista—, Caroline disse rapidamente.

Bridger balançou a cabeça, indo para a janela mais próxima.

Caroline agarrou-o pelo braço. — Espere—, ela disse. — Deixe-me ver quem é.

Seguiu-se um breve impasse. Bridger tinha um braço ruim, mas ainda era um homem, e não alguém que se escondia atrás da saia de uma mulher.

— Tem uma espingarda no porão—, Caroline disse. — Atrás do barril de farinha.

Com isso, ela correu para a porta e para o quintal.

Bridger começou atrás dela, parou quando ouviu a cordial ascensão e queda da voz de Caroline enquanto ela cumprimentava alguém, um homem, pelo timbre da voz de resposta. Um vizinho? Alguém da cidade?

Ele foi até a janela, mantendo-se de lado, deliberando. Quando finalmente se arriscou a dar uma olhada lá fora, viu a estrada, o portão, parte do pátio, depois um soldado de uniforme azul.

Desceu rapidamente as escadas do porão e fechou a porta atrás de si.

Bridger encontrou a espingarda onde Caroline disse que estaria, mas ele teve pouco conforto em sua descoberta. Os canos estavam opacos com a poeira acumulada e teias de aranha cobriam a coronha, penduradas no guarda-mato.

Bridger suavizou a tensão em seus braços e ombros, colocou a espingarda no cano com tampa. Provavelmente era inútil, de qualquer

maneira; se Caroline pedisse ajuda, ele usaria a coisa como um porrete.

Ele queria sair, certificar-se de que ela estava bem.

Mas ele ouviu o cavalo e a charrete fazendo uma lenta retirada para a estrada, e um momento depois, passos pesados soaram no alto.

A porta do porão se abriu com um rangido. — Aquele companheiro do exército se foi—, Enoch gritou do topo da escada do porão.

Bridger pegou a espingarda, pensando que poderia ser recuperada se o mecanismo de disparo não tivesse enferrujado, e disparou.

Caroline estava de volta lá dentro, resmungando enquanto colocava farinha de milho na chaleira no fogão. — Aquele homem demorou tanto—, ela reclamou—, eu pensei que esta panela iria ferver até secar.

— Alguém vai me dizer o que ele queria? — disse Bridger.

Enoch pegou a espingarda da mão de Bridger e a examinou, franzindo a testa. — Ele queria avisar a senhora que virão alguns homens, no dia seguinte, para recolher os pobres meninos mortos e providenciar para que eles voltem para casa.

— E ele levou todo esse tempo fazendo isso—, Caroline agitou. Ela cortou um pedaço de pão, passou manteiga nos pedaços e entregou dois a Rachel, que acabara de entrar com seu cachorro. — Aqui, querida. Aposto que você está com fome.

— Eu estou—, disse Rachel. — E Sweet Girl também. *Podo* dividir minha comida com ela?

— “Posso”—, Caroline corrigiu com carinho. — E sim, você pode. — Uma leve carranca vincou sua testa. — Onde está seu chapéu de sol, Rachel Hammond?

Uma nuvem cobriu todo o semblante de Raquel. Então ela fez sua confissão. — Está embaixo da sua cama, mamãe. Sweet Girl mastigou e achei que você ia ficar brava, então escondi.

— Você tem outros—, Caroline apontou. — Coma seu pão e depois vá buscar um.

— Devo pegar um para você também, mamãe? — ela perguntou.

Bridger mordeu o lábio por dentro para não rir.

Enoch sorriu. — Acho que ela lhe pegou, senhora—, disse ele.

Fingindo que não tinha ouvido, Caroline balançou a cabeça. — Sim—, ela disse, com as bochechas rosadas. — Por favor, traga um chapéu para mim também.

Rachel se dirigiu para a porta.

— Fique na sombra enquanto está comendo—, Caroline gritou atrás dela. — Esse sol vai transformar sua pele em couro se você não o fizer.

Quando a criança e a cachorra foram embora, ela se virou, e o rosa havia desaparecido de suas bochechas. Ela olhou diretamente para Bridger e disse, — Eu acho que você não concordaria em se esconder no porão de novo, ou dentro da casa.

— Não, Caroline—, Bridger respondeu, lamentando não poder ficar. Desculpando-se por tantas coisas que ele não conseguiu colocar em palavras. — Vou embora amanhã, antes do amanhecer.

Ela assentiu e desviou o olhar.

— Esta espingarda—, Enoch interveio, um pouco alto demais—, pode causar mais danos a quem atira do que ao alvo.

Com isso, ele se sentou na outra ponta da mesa e começou a desmontar a arma, peça por peça. Ele murmurava enquanto trabalhava, levantou-se para buscar óleo e um pano macio e um pedaço de arame grosso para uma vareta.

Bridger deixou a cozinha, sentindo-se inexplicavelmente deprimido. Assegurando-se de que não seria visto da estrada, dirigiu-se ao riacho, pensou em segui-lo por alguns caminhos, ver aonde levava. Ele se cansou mais cedo do que gostaria, considerando a longa viagem na frente dele. Eventualmente, ele encontrou uma pedra parcialmente sombreada por um bosque de árvores e sentou-se, jogando pedrinhas na água e meditando.

Ele tinha que deixar Rogan saber onde ele estava de alguma forma, dizer a seu amigo que ele tinha fortes sentimentos por Caroline. Ele não sabia qual era a intenção de Rogan com relação a ela, mas precisava deixar claro. Eles estavam acostumados a competir, e isso remontava aos seus dias de escola e verões em Fairhaven. Mas isso era diferente. As apostas eram altas demais.

Ele sempre se perguntou se Rogan e Amalie tinham sentimentos um pelo outro, sentimentos além da afeição lúdica que eles compartilharam em tempos anteriores, quando Rogan costumava visitar Fairhaven regularmente. Bridger sabia que os dois ainda trocavam cartas ocasionalmente. Isso significava alguma coisa, além da continuação de uma amizade? Em seus dias de juventude, a companhia de Amalie certamente não havia interferido na competição entre ele e Rogan.

Bridger bufou tristemente com as memórias, jogou outra pedra, observou-a espirrar e afundar. Antes de cada competição, cada dança, onde

havia garotas bonitas em abundância, eles apertavam as mãos e concordavam com um desafio esportivo, sempre com o entendimento tácito de que não havia barreiras.

E agora havia Caroline.

Ele não deveria ter ficado surpreso, realmente. Mas tudo teria sido muito mais fácil se ele nunca tivesse posto os olhos nessa mulher em particular.

As chances agora, é claro, estavam a favor de Rogan. Ele era nortista e, quando chegasse a hora, poderia cortejar Caroline livremente, sem correr o risco de ser capturado. Ele escrevia longas cartas, cada uma um pouco mais pessoal que a outra, mandava presentes para ela, como aquele cancionero de que ela tanto gostava. Além disso, Rogan provavelmente seria um marido melhor, um provedor melhor também, com seu diploma de direito e seu excelente histórico militar.

Ainda assim, Bridger havia incitado Caroline à paixão; ele sabia que um beijo a havia abalado, assim como a ele.

Ele se sentiu tentado a usar todos os truques que conhecia, sem negar isso, mas não o fez, exatamente pelas mesmas razões que poderiam tê-la levado a ceder, sua solidão, sua tristeza, sua vulnerabilidade.

Ele não seria capaz de viver consigo mesmo depois se tivesse se aproveitado de Caroline. Ela era o tipo de mulher com quem um homem se casaria, amaria freneticamente em lençóis limpos, com quem teria filhos e estimaria para sempre.

Ele deveria desistir, desejar felicidades ao amigo e seguir em frente. Termine esta guerra estúpida e vá para casa para ficar, faça o possível para ressuscitar Fairhaven. Encontrar uma linda esposa sulista que ficaria orgulhosa por ele ter lutado pela Confederação, vencendo ou perdendo.

Se ele tivesse algum bom senso, ele faria essas coisas.

O problema era que, quando se tratava de Caroline, ele não tinha um *pingo* de bom senso.

Seu amor por ela era uma coisa imprudente, perigosa e desajeitada, mas ele não podia se afastar disso.

Não, ele encontraria uma maneira de acertar as coisas com Rogan, se elas *pudessem* ser ajustadas. Deixar suas intenções claras. Qualquer coisa menos seria desonroso.

Estava decidido, então. Ele, Bridger Winslow, o mais inadequado dos segundos maridos para uma firme viúva yankee, estava disposto a fazer

papel de bobo e arriscar a perder seu melhor amigo no processo, para ter Caroline ao seu lado e em sua cama. Por agora e para sempre.

26

Hammond Farm
12 de agosto de 1863

Caroline

Eles se encontraram no pátio ao amanhecer na manhã seguinte, onde as tendas estavam, e pararam na grama umedecida pelo orvalho, ao lado do cavalo do caçador de escravos morto, Bridger bonito e barbudo no uniforme azul engomado de seus inimigos, Caroline em um vestido comum, um xale apertado sobre os ombros para se proteger do frio da última hora antes do amanhecer.

A mochila de Bridger continha seus poucos pertences pessoais, assim como algumas roupas civis, uma vez de Jacob, que Caroline lhe dera. Quando ele chegasse ao Sul, ele se transformaria neles; dificilmente seria visto em azul União.

Em vez do alívio que ela esperava com a partida dele, Caroline sofria com uma tristeza tão profunda que pensou que a própria estrutura de seu coração poderia desmoronar, cada pilar e viga, como uma casa velha. Ela tinha tanto a dizer e, por isso, não ousava falar.

Os olhos de Bridger pareciam luminosos quando ele olhou para ela, e parecia a Caroline que, nesses momentos, nenhuma palavra serviria.

Ela não iria chorar. Suas lágrimas eram como a foz de um rio caudaloso, mal contidas, sempre surgindo, tentando se libertar; ela poderia muito bem ser arrastada por sua corrente traiçoeira, girando e girando, para se afogar ou dar à costa em alguma costa temida, seu próprio fantasma, inútil para todos que precisavam dela.

Bridger foi o primeiro a se mover, o primeiro a falar; ele levantou uma mão enluvada, as rédeas do capão descansando na outra, e pousou a palma suavemente na bochecha dela. — Caroline—, ele disse, em um tom de desolado assombro. — Acho que prefiro morrer a deixar você.

— Mas você deve ir—, Caroline conseguiu dizer, embora as palavras saíssem trêmulas. — Você *deve* ir.

Ele tocou seus lábios em sua testa, muito levemente e muito brevemente.

— Eu sei—, ele murmurou, seu rosto tão perto do dela que ela sentiu sua respiração em sua pele, as cócegas de seus bigodes vermelho-dourados contra suas pálpebras.

Caroline recuou, embora apenas um pouco, pois não podia suportar ir mais longe. Não, ela queria a pequena graça de estar dentro do calor de seu corpo, o cheiro de sua pele e seu cabelo. Certamente, não era pedir muito.

— A dona de Jubie—, Caroline sussurrou, pois algo de bom *tinha* que resultar dessa separação. — O nome dela é Sra. T.A Templeton.

— Ah, sim—, Bridger disse, sua boca a uma fração de centímetro do rosto de Caroline. — Delia Templeton. Nós nos conhecemos.

Caroline recuou novamente, repentinamente, sacudida por um lampejo impróprio de ciúme, uma coisa que ela não tinha o direito terreno de sentir. Ela não tinha direitos sobre este homem, e isso a assustou o quanto ela desejou que isso acontecesse.

— Ah—, ela disse.

Ele fez um som de gargalhada. — Caroline—, ele disse novamente, e ela se surpreendeu com o quanto ele poderia transmitir dizendo o nome dela, segurança, humor, ternura, raiva, tristeza. Um mundo de sentimentos.

— Vá—, Caroline implorou, porque ela queria agarrá-lo e se agarrar, ficar na ponta de suas botas, envolver seus braços em volta dele e segurá-lo com força. — Eles estarão aqui em breve. Os soldados.

— Sim—, Bridger respondeu, mas ele não se moveu para se afastar dela, montou em seu cavalo, cavalgou para as sombras brilhantes da noite tornando-se dia. — Caroline...

Ela ergueu a mão, pressionou as pontas de dois dedos na boca dele. — Não, Bridger. Por favor. — *Oh, por favor.*

Vá agora.

Fique, para sempre.

Muito lentamente, ele recuou. Acenando com a cabeça uma vez, virando-se para balançar habilmente na sela. Ela viu a garganta dele mexer, mas ele não disse a palavra que ela tinha ouvido muitas vezes.

Adeus.

Ele ergueu a boina, olhou para ela por um longo momento e então conduziu o cavalo para qualquer destino que o esperasse.

Caroline ficou parada sob a luz crescente e observou como Bridger cavalgava para o portão aberto, então para a sinuosa estrada de terra. Ela

observou enquanto a distância crescente fundia cavalo e homem em uma única forma.

Observou até não haver mais nada para ver.

27

Hammond Farm
19 de agosto de 1863

Enoch

Como a senhora havia sofrido, naquela segunda semana de agosto, depois que o capitão Winslow partiu para o sul.

Ela tentou o seu melhor, sendo quem ela era, para esconder sua dor, mas Enoch a conhecia muito bem para ser enganado; o jovem Sr. Jacob a cortejou por um longo tempo antes de finalmente trazê-la para Hammond Farm como sua noiva, e ela esteve lá muitas vezes antes disso. Costumava ir com o avô dela, o velho Doc Prescott, quando ele fazia suas rondas naquela charrete antiga dele, mesmo quando era uma garotinha, e eles paravam às vezes, os dois, para que Doc pudesse dar água à sua mula e esperar um pouco com a antiga senhora para se certificar de que seu reumatismo não a atormentava demais.

Parecia que Jacob, apenas um rapaz, gostou dela imediatamente. Ele a seguia, puxava suas tranças, mostrava a ela um bezerro recém-nascido ou uma ninhada de gatinhos no celeiro, fingia que pretendia jogá-la no riacho, vestida de babados, sapatos de couro envernizado e tudo. Ela ficava indignada e o chamava de dez tipos de malandro, dizia que não ia voltar nunca mais.

Na próxima vez que Doc aparecesse, porém, lá estaria ela, bem ao lado dele na charrete.

Enoch tentou ficar longe da casa quando havia visitas, mas muitas vezes a pequena Srta. Caroline Prescott o encontrava de qualquer maneira. Ela perguntava se ele queria pegar emprestado o livro que ela acabara de ler, conversava sobre o último que haviam compartilhado. Ela sempre tinha muitas perguntas, sobre as plantações, os animais da fazenda e o clima, e também confiava nele. Ela dizia que não conseguia entender o que fazia Jacob Hammond agir como um tolo.

“Acho que ele é um tolo”, Enoch se lembra de ter dito a ela uma vez, quando ela tinha treze ou quatorze anos. Ele estava cavando batatas em um sábio abafado no final de setembro, e ela ficou na beira do canteiro do jardim, observando-o trabalhar, tendo de alguma forma evitado Jacob por

meio minuto. “Mas espere, Srta. Prescott. Esse menino terá mais juízo à medida que crescer.

Enoch sorriu com a lembrança, de pé ao lado do fogão da cabana naquela manhã quente, esperando que a borra de café assentasse na cafeteira.

Jubie, que já estava de pé, embora faltando uma ou duas semanas para se casar, notou e disse: — Por que você está sorrindo, senhor, parecendo triste e feliz ao mesmo tempo?

Ele gostava que ela o chamasse de “senhor homem”, embora nunca tivesse dito isso a ela. — Estava me lembrando da patroa quando ela era menina, vindo para a fazenda com o avô.

— Essa é a parte feliz ou a triste? — Jubie queria saber. Ela havia feito uma espécie de tipoia para o bebê, de modo que pudesse carregá-lo consigo durante o dia. Ela tinha um instinto maternal, sabia quando manter o menino por perto e quando deixá-lo deitado no caixote de madeira que servia de cama. Enoch estava construindo um berço adequado para o pequeno Gideon, bom como qualquer outro para ser tido, mas isso era um segredo, por agora; ele queria o presente pronto para dormir antes de mostrá-lo a ela.

— É a parte feliz—, respondeu ele, pegando uma caneca.

— Qual é a triste? — Jubie insistiu, entregando-lhe um pegador de panela quando ele queimou a mão na alça da cafeteira e recuou com um silvo, sacudindo-a.

— Eu não deveria dizer—, Enoch disse, usando o pegador agora e despejando bebida em sua caneca. Ele não tinha muitos utensílios domésticos, pelo menos ainda não. Apenas um de tudo o que é necessário, e poucos de coisas como aquele pegador de panela, já que ele sempre fazia suas refeições na cozinha.

Jubie deu-lhe uma forte cutucada nas costelas, quase fazendo-o derramar o café até a boca. — Se vamos nos juntar—, ela o informou—, você não pode ter segredos de mim.

Enoch olhou para ela por cima da borda de sua caneca, viu-a através de um fio de vapor perfumado. — É assim mesmo? Então eu acho que você sabe que tem algumas conversas que temos que ter. — Ele balançou sua cabeça. — Tem muita coisa que eu não sei sobre você.

— Eu não contei à Sra. Caroline tudo sobre a Sra. Templeton e como ela me tratou? — Jubie desafiou. — Eu não dei o nome daquela mulher

horrível e tudo mais, sabendo que isso poderia me matar?

Enoch suspirou. — Eu não vou deixar isso passar, e você não acha que vou. — Ele fez uma pausa, relutantemente colocou seu café de lado. — Você me entende, Jubie?

Ela deu um aceno curto e relutante. Alisou a cabecinha do bebê, descansando contra seu seio como estava. O bebê emitia doces murmúrios enquanto dormia, satisfeito com a robustez macia de sua tipóia.

— Eu acredito que o capitão Winslow levou um pedaço da senhora junto com ele quando ele partiu daqui—, Enoch admitiu, tentando transmitir por suas sobrancelhas abaixadas que ele estava acompanhando as confidências trocadas. — *Essa é a parte triste.*

— Aquele homem é um rebelde—, Jubie apontou, embora não tão ousada como ela poderia ter sido. — Quando a senhora Caroline estiver pronta para se casar de novo, e isso não vai demorar muito, será melhor ela ficar com o capitão McBride. Ele é nortista e também bonito.

— Por que isso é melhor? — Enoch perguntou, honestamente curioso. — O capitão Winslow não é feio e, quando esta guerra acabar, não haverá mais yankees e confederados. Seremos todos americanos, como antes.

O bebê se mexeu e choramingou.

Jubie foi até a mesa, sentou-se, abriu o vestido e colocou a criança no peito.

Enoch desviou o olhar, sentiu o rosto queimar.

Por alguns momentos, não houve nenhum som além da sucção do bebê.

— Eu não acho que um seja melhor que o outro—, Jubie admitiu com um suspiro. — A verdade é que, com todos aqueles homens atirando uns nos outros, é improvável que a Sra. Caroline coloque os olhos em *nenhum* deles novamente, não nesta vida. Ela vai se casar com outro homem, mas quando o fizer, aposto que vai noivar com alguém daqui.

— Eu odeio pensar nisso—, Enoch resmungou. — Qualquer pessoa assim estará procurando uma boa fazenda, e se conseguir uma esposa bonita no negócio, melhor ainda. Mas os outros dois, Bridger e Capitão McBride, eles a *amam*.

Jubie se balançava em seu assento, segurando o bebê com tanto carinho que a visão fez Enoch se sentir machucado por dentro. — Às vezes—, ela disse calmamente, refletindo em voz alta—, eu ainda acho que *você* ama a Sra. Caroline também, meu senhor.

— Acho que sim—, disse Enoch por algum tempo—, mas não no sentido de casar. Mais como se eu me importasse com Jacob e seus pais. Já lhe disse isso antes.

Os olhos escuros de Jubie examinaram seu rosto. — Você poderia se importar de uma maneira totalmente diferente, no entanto, se a pele dela fosse da mesma cor que a sua.

— Não é nada disso—, disse Enoch, ofendido por ter que dizer o óbvio. Então, ainda mais severo, ele acrescentou: — Não faz sentido ter tais pensamentos, não faz sentido algum. E eu lhe digo agora, Jubie, que embora eu não seja um homem por dominar minha mulher, eu *sou* um homem. E *não* serei importunado e criticado por coisas que *poderiam* ter acontecido, mas nunca aconteceram.

Jubie não se intimidou, isso era óbvio, e Enoch não gostaria que ela se intimidasse, mas ficou bastante confuso com o brilho que surgiu em seus olhos e a expressão suave de sua boca. — Quando você acha que poderei me deitar com você adequadamente, senhor? — ela perguntou. — Não parece certo para mim, você dormindo no chão a noite toda, e eu sozinha naquela bela cama.

Enoch ficou duro como pedra e se afastou de Jubie, para que ela não visse. — Eu não sei—, ele disse, e saiu pela porta em poucos passos. — Quando você estiver pronta. Quando... quando você se recuperar do bebê, eu acho.

Assim que saiu da cabana, ele caminhou ainda mais rápido, pensou em mudar de curso, indo para o riacho para mergulhar naquela água fria, muito fria.

Descartou logo a ideia, pois só lhe causaria mais aborrecimento, ter que voltar para a cabana, buscar roupas secas e depois sair de novo para vesti-las, para que Jubie não visse.

Em vez disso, ele vagou pelo pomar, esperando que seu desejo diminuísse.

Tal era o seu desejo, tão intenso era o seu desejo, que nunca teria tido alívio se não tivesse ouvido os sons, naquele momento, de pelo menos uma dúzia de carroças vindo da estrada além da casa principal. Cavalos também.

Isso foi tudo o que precisou para virar a mente de Enoch e, portanto, seu corpo, em uma direção totalmente nova.

Ele foi até a beira do pomar, parou atrás do tronco largo e nodoso de uma das macieiras mais antigas do condado de Adams, olhando para longe.

Com certeza, os Yankees voltaram para buscar seus mortos. Três cavaleiros encabeçavam a procissão, todos vestidos de azul e sentados eretos em suas selas.

Um deles desmontou para abrir o portão, conduziu o cavalo e voltou a montar, ajeitando o quepe enquanto se acomodava novamente. Os outros dois cavaleiros os seguiram, e as carroças seguiram atrás deles.

Enoch, já correndo em direção à casa, contou dez carroças, cada uma puxada por uma parelha de quatro cavalos reluzentes e musculosos, nenhum deles igualado. A maioria das carroças estava vazia, embora duas estivessem carregadas com rolos do que parecia ser lona de tenda.

Ao ver a patroa sair da cozinha, enxugando as mãos no avental, Enoch quis correr ainda mais rápido, mas a prudência imperou e ele diminuiu o passo.

A visão de um homem avançando em direção a eles como um touro pode inspirar um ou mais desses soldados da União a sacar suas pistolas ou pegar seus rifles.

Eles estavam fadados a ficar nervosos, já que estavam ali para desenterrar os corpos em decomposição de camaradas caídos, envolvê-los em lona e carregá-los por quilômetros, por estradas esburacadas, atormentados por moscas a cada centímetro do caminho e engasgando com o fedor de decomposição.

Quando Enoch chegou ao lado de Caroline, todas as carroças já haviam entrado.

— Vá para dentro, senhora—, Enoch disse, respirando com dificuldade. — Cuide da senhorita Rachel.

Ela olhou para ele, piscou, como se assustada por vê-lo ali. — Eu estava amassando massa de pão—, explicou ela.

Enoch a estudou, um pouco abalado. — Sim, senhora—, disse ele. — Pode terminar agora. A senhorita Rachel também está? Na cozinha?

Só assim, a patroa voltou a si. — Sim, claro—, disse ela. Ela lançou um olhar ansioso para as carroças, que haviam parado, enquanto os condutores aguardavam instruções. Alguns eram carrancudo, outros mascavam e cuspiam tabaco, enquanto outros ainda a olhavam de soslaio. — É claro.

Com isso, ela correu de volta para dentro da cozinha e fechou a porta.

Enoch esperava que ela também a tivesse trancado, mas sabia que não seria sensato correr até lá para segurar a maçaneta e ter certeza. Estes eram homens da União, sim, mas isso não significava que as mulheres e crianças

estavam seguras perto deles, não significava que todos eram honrados, e tal movimento certamente chamaria a atenção deles.

Ele queria que eles esquecessem a senhora.

Na verdade, esquecer tudo sobre esta fazenda, exceto os cadáveres enterrados no campo de pousio logo após a batalha no início de julho.

Deixe-os fazer o trabalho para o qual vieram e depois partam.

Um dos cavaleiros se aproximou, tirando o chapéu ao se aproximar. Ele olhou para baixo de seu cavalo alto, um homem magro e solene, provavelmente na casa dos quarenta anos, a pele marcada ao longo de uma bochecha, evidência de um caso de varíola na infância ou de pústulas císticas na juventude. Seus olhos eram cinzentos, duros e afiados, como a lâmina de uma faca de caça.

— Suponho—, ele disse—, que a senhora não é sua esposa.

Enoch manteve o rosto impassível, não porque estivesse com medo, mas porque esse tipo de impertinência e frio desprezo, que, felizmente, ele raramente encontrara desde que viera para a Pensilvânia com o velho Sr. Hammond.

Ele queria agarrar o soldado por seu casaco fino, arrastá-lo para baixo daquele seu cavalo alto e jogá-lo no chão. Colocar um pé em sua garganta e pressionar com força suficiente para fazer seus olhos esbugalharem.

Ele não podia se dar ao luxo de fazer tal coisa, é claro, mas também não iria se humilhar. Ele era incapaz de subserviência, mesmo quando poderia ser mais inteligente do que um olhar fixo e nivelado e um tom implacável.

— A dama não é minha esposa—, ele confirmou, sua voz calma. — Meu nome é Enoch Flynn e sou o empregado.

— Flynn? — o soldado repetiu. Um sorriso zombeteiro iluminou seus olhos planos. — Você é irlandês?

— Sou americano—, respondeu Enoch. — Como você. E—, acrescentou—, também sou um apoiador da União.

O soldado ficou ligeiramente vermelho e cerrou os dentes de trás. — Temos negócios aqui—, ele disse rapidamente. — De acordo com nossos registros, há restos mortais da União enterrados nesta propriedade.

— Sim, de fato—, disse Enoch.

Ele estava pensando em Jubie, no bebê e na senhora, mas o homem que ele havia matado e enterrado no mesmo campo que os soldados mortos pairava no limite de sua mente. Mais uma vez, ele ficou aliviado por não ter movido o corpo pela segunda vez; depois de muita deliberação, ele decidiu

deixá-lo onde estava, em vez de chamar a atenção para o terreno recém-aberto.

O que quer que acontecesse, aconteceria.

Por enquanto, tudo o que ele podia fazer era dar o próximo passo que parecia certo para ele, e os seguintes, um por um.

Um segundo cavaleiro surgiu ao lado do primeiro, um jovem soldado com a pele creme e café de um mulato. Ele manteve seus olhos escuros inexpressivos em Enoch enquanto tirava um pequeno pacote do bolso interno de seu casaco e o entregava ao outro homem.

Um mapa, pensou Enoch. Desenhado à mão, em vez de impresso, esboçado às pressas por um dos soldados que fizeram o enterro. Ele se perguntou se eles tinham feito uma contagem precisa, aqueles coveiros relutantes, e esperava que eles estivessem com muita pressa para se incomodar.

Perguntou-se, também, sobre o jovem soldado olhando para ele agora. Ele pode ser um amigo, mas também pode ser um inimigo. Teria sido um consolo saber qual.

O cavaleiro de olhos de aço, tendo estudado o papel minuciosamente, dobrou-o e devolveu-o ao companheiro, que o guardou dentro do casaco. Durante todo esse tempo, o jovem soldado nunca desviou os olhos do rosto de Enoch, nunca falou ou deu qualquer indicação do que pensava de tudo isso.

Nada, talvez. Apenas mais um dia na dura e lamentável vida de um soldado.

Enoch olhou de volta, só para mostrar que não iria vacilar.

— Vamos acabar logo com isso—, disse o primeiro soldado. Ele ergueu uma mão, o couro da rédea da luva gasto e manchado de suor antigo.

Quando ele colocou o cavalo em movimento, o terceiro cavaleiro e depois as carroças o seguiram, movendo-se lentamente. O segundo soldado permaneceu, controlando seu cavalo sem o uso perceptível de seus joelhos ou mãos.

Por vários minutos, ele e Enoch se olharam em silêncio.

Enoch foi o primeiro a ceder. Ele poderia aguentar tanto quanto qualquer um quando se tratava de olhar para baixo, mas precisava ficar de olho nos homens da pá, ver se eles encontrariam a carcaça do caçador de escravos e o que pensariam se encontrassem.

— Acho que devemos dar uma mão—, disse Enoch, com um gesto em direção às carroças que partiam. Logo eles estariam cruzando o riacho no lugar raso, seguindo a trilha bem usada que serpenteava atrás da cabana.

O jovem soldado finalmente abriu a boca. — Vá e diga à patroa para se esconder até a gente ir embora—, disse ele. Nada mudou em seu rosto, embora ele tenha dado um leve aceno na direção dos cavaleiros e carroças. — O sargento Baylor lá em cima, que estava falando com você, é um homem amargo. Imagina que ele deveria ser tenente, mas está furioso por não ser e por ter recebido a incumbência de desenterrar os mortos. Se ele tiver a chance, é provável que desconte sua raiva na dama, dizendo a si mesmo que deve algo por seu sacrifício. Já o vi fazer isso antes.

Enoch assentiu com a cabeça, com o rosto solene.

O jovem soldado apresentou-se como cabo Morris e continuou cavalgando, levando seu hábil pônei a um trote.

Enoch esperou, exatamente onde estava, até que a última das carroças sumisse de vista. Então ele correu para a cozinha.

Caroline havia trancado a porta, e ele teve que bater nela, chamá-la.

Ela abriu, os olhos arregalados, Rachel agarrada à saia com as duas mãos, enquanto a cachorra choramingava logo atrás delas.

— Você tem que ir para aquele esconderijo dentro da casa principal—, Enoch disse. — Você e a criança. Quero que fique ali, não importa o que ouça aqui fora, até que eu vá atrás de você. Vou pegar a cachorra e amarrá-la no celeiro.

Caroline era propensa a discussões, especialmente quando alguém lhe dizia o que fazer, como e quando fazer, mas desta vez ela apenas assentiu.

Enoch rapidamente liderou o caminho pelo pátio, sempre atento.

Uma vez dentro da casa principal, ele poderia respirar melhor, não tão rápido e profundo a ponto de fazer sua cabeça girar.

Chegando à sala, foi direto ao cravo, puxou o pequeno tapete para o lado e abriu o alçapão.

Caroline abaixou-se nele, e Enoch ajudou Rachel a descer atrás dela.

Só então Caroline, de pé naquele buraco, seu rosto erguido como uma oval branca na escuridão, perguntou: — Enoch, o que há de errado?

— Não há tempo para explicar—, respondeu Enoch. Em sua mente, ele já estava a caminho para avisar Jubie para ficar dentro da cabana e manter ela e o bebê quietos. — Eu estarei de volta para você, assim que eu puder.

— Tudo bem, então—, ela respondeu.

Enoch baixou o alçapão e colocou o tapete no lugar.

Ele deixou a casa principal e correu para o celeiro, usando uma corda para prender Sweet Girl a uma baia. Então ele correu para a cabana a uma velocidade que jamais sonharia que poderia alcançar ou manter.

Ele encontrou Jubie no fogão, mexendo algo em uma chaleira.

Ele disse a ela que havia homens no campo logo abaixo, yankees vindo buscar os corpos esperando para serem reclamados. Ele disse que tinha razão para acreditar que não havia contas entre os soldados recém-chegados, e ela deveria ficar parada e manter a si mesma e a criança quietas. Abaixar a trava assim que ele sair também.

— Mas se eles são homens da União...?

— Apenas faça o que eu digo, Jubie—, Enoch interrompeu. — E se alguém bater naquela porta, não abra. Se você pensar que soldados estão rondando no quintal, você vai para debaixo da cama, você e o bebê, e se ele fizer barulho, deixe-o mamar.

Enoch voltou para a porta, fechou-a atrás de si.

Esperou até ouvir a pesada barra ser derrubada lá dentro.

No momento em que ele chegou ao campo, os homens de Baylor estavam cavando enquanto ele sentava seu cavalo na sombra profunda de um carvalho que provavelmente era tão antigo quanto os sete pecados capitais muito antes de George Washington assumir o comando do Exército Continental e começar a liderar a revolução.

Morris, o soldado com quem ele havia falado antes, estava fora de seu pônei e bem ali no meio da escavação.

Alguns dos corpos já haviam sido desenterrados e davam uma visão horrível, aqueles cadáveres cobertos de terra, ainda em processo de decomposição. A equipe trabalhou rápido, enrolando-os em pedaços de lona imunda, empilhando-os nas carroças.

O cheiro era forte e enjoativo, amplificado pelo calor intenso, e a maioria dos soldados havia amarrado as bandanas sobre o nariz e a boca. Um dos mais jovens estava curvado, vomitando suas rações, enquanto alguns dos outros o insultavam, chamando-o de “Nellie” e insistindo para que voltasse ao trabalho.

Enoch ficou longe de Morris, para que Baylor não os visse juntos e decidisse que eles estavam em conluio, ambos sendo “de cor” e, portanto, suspeitos na mente de um homem como aquele.

— Diga—, disse um dos outros soldados. — Este aqui, ele não está usando o uniforme.

Enoch começou a suar, enxugou a testa com o lenço, mas devagar, para não parecer nervoso. Ele assistiu enquanto o soldado largava a pá e se aproximava para ficar na beira do buraco e examinar seu conteúdo.

Enoch sabia que deveria estar fazendo alguma coisa em vez de ficar ali parado como um dos pilares do templo de Sansão, mas não conseguia se mexer. Não conseguia nem respirar.

Morris olhou em sua direção, mas apenas brevemente, então se voltou para o buraco e o menino-soldado que o cavou.

— Enrole-o e coloque-o com os outros—, disse ele. —Deve ser um lojista ou um batedor.

O soldado mais jovem não fez perguntas, não hesitou. — Sim, senhor —, ele disse, então pediu uma lona. Quando foi trazida, os dois soldados levantaram o cadáver de seu lugar de descanso e o deitaram, envolveram-no em sua mortalha áspera e foram para outra sepultura.

Enoch sentiu uma onda de doce alívio tão intenso que quase dobrou seus joelhos. Quando percebeu que poderia andar direito em vez de tropeçar, ajudou a carregar as carroças.

O trabalho durou quase uma hora; era trabalho de parto quente e feio e o fedor era terrível. Havia larvas e fluidos imundos vazando pelos feixes de lona, pingando no chão pelas rachaduras entre as ripas das carroças.

Enoch pensou em semear milho, grãos ou feno neste terreno, e quase fez alguns levantamentos por conta própria. Se a patroa concordasse, ele deixaria o campo sem cultivo por um ou dois anos, dando tempo ao tempo para limpá-lo de toda aquela morte.

Quando aqueles pobres soldados mortos foram enrolados em panos e guardados, Baylor cavalgou preguiçosamente para fora de seu refúgio sombrio e disse a Morris: — Deve haver vinte e sete corpos, de acordo com as ordens.

A contagem era vinte e oito, e Enoch prendeu a respiração, esperando que alguma alma sincera gritasse que eles tinham corpos demais, mas ninguém o fez.

Esses homens estavam cansados, suando com o calor, as palmas das mãos e a pele dos dedos esfoladas de tanto segurar os cabos das pás. Vários pareciam doentes o suficiente para desmaiar em suas pegadas, poderiam ter

feito exatamente isso, se não significasse voltar para o acampamento sobre uma pilha de cadáveres.

— Temos todos eles, então—, disse Morris a Baylor.

— Você fez uma contagem?

— Eu fiz. — Ele fez uma pausa. — E eu acredito que você está certo, senhor. O sem nome é provavelmente um batedor ou algo assim.

— Bom o bastante. — Baylor ficou de pé nos estribos, esticando as pernas, voltando o olhar para a casa da fazenda, embora não pudesse ser vista daquele campo.

Eu não gostaria de matar você, Enoch disse a ele silenciosamente, por mais que você provavelmente precise ser morto. Mas farei isso se for preciso.

Estranhamente, Baylor virou a cabeça, como se o aviso silencioso de Enoch tivesse de alguma forma o alcançado.

Ele olhou.

Enoch olhou de volta.

— Temos um longo caminho a percorrer—, disse Morris em uma voz nivelada que, no entanto, era forte. — E a chuva está chegando.

Todos olharam para o céu então, incluindo Enoch. Com certeza, havia nuvens escuras pairando no horizonte, à beira de todo aquele azul brilhante, revirando como estômagos de monstros, digerindo coisas consumidas.

Era quase como se o jovem cabo tivesse conjurado aquelas nuvens...

Baylor deu ordem para partir, e os homens subiram nas caixas das carroças, soltaram as alavancas dos freios e pegaram as rédeas nas mãos. Todos os soldados montaram em seus cavalos e o lento e ruidoso êxodo começou.

Enoch olhou ao seu redor, estudando todas aquelas rupturas oblongas na terra, pensando que eram uma paródia sinistra do Julgamento.

Ele virou o rosto para cima, fechou os olhos e soltou um suspiro que parecia subir das solas dos pés. Quando chegasse o último dia, quando todos os relógios do mundo parariam de funcionar, de repente, parados para sempre, quando o céu se partisse como vidro fino e legiões de anjos vingadores rompessem e comesçassem a separar o joio do trigo, ele, que havia tirado a vida de um homem, certamente estaria entre os lançados no poço de fogo.

Era justo, decidiu ele, olhando diretamente para a face do céu, por mais invisível que fosse, e expressando sua oração em voz alta. Qualquer outra

maneira poderia parecer desrespeitosa.

— Fiz o que tinha que fazer, Senhor—, disse ele, enquanto as primeiras gotas quentes de chuva molhavam sua testa, suas bochechas e a cavidade de sua garganta. — E não posso dizer que me arrependo disso agora, então acho que não faz sentido pedir seu perdão ainda. — Ele passou alguns minutos lamentando profundamente, mas não porque ele tinha matado aquele caçador de escravos como ele tinha feito. Não senhor. Ele nunca se arrependeria por isso.

Ele lamentaria muito, porém, não ir para a Glória quando sua vida terrena terminasse. Nunca olhar para o rosto brilhante de sua mãe, nem para o jovem Jacob e seu bom pai e mãe e Tillie Mae e todas as outras pessoas, escuras e claras, que o trataram com decência e vários graus de bondade. Ele perderia a reunião dos santos, todo aquele cântico e toque de buzinas e gritos de aleluias, nunca colocaria os olhos no Cordeiro de Deus nem beberia das águas vivas.

Era um preço alto a pagar, com certeza, mas Jubie estava viva e tão livre quanto podia, do jeito que as coisas estavam. Quanto ao menino, bem, ele pode não ser fruto dos próprios lombos de Enoch, mas o pequeno ácaro criou raízes em seu coração.

Gideon teria um lugar para pisar e crescer.

Para Enoch Flynn, isso era o suficiente.

28

Hammond Farm
29 de outubro de 1863

Caroline

Conforme prometido, Caroline escreveu a Rogan no endereço que ele lhe dera, um escritório de advocacia na cidade de Nova York. Ela disse a ele que Bridger havia partido, embora tenha se passado mais de uma semana antes que ela pudesse se recompor o suficiente para colocar a caneta no papel. Ela mencionou Rachel, disse que a criança estava bem e gostava muito de Sweet Girl, que também estava bem, e relatou o nascimento do bebê de Jubie, concluindo sua carta com um breve relato do dia em que os soldados vieram buscar seus mortos, deixando de fora a provação que lhe custou.

Ela assinou a missiva “Atenciosamente, Caroline Hammond”, uma espécie de meio-termo entre a rígida formalidade de “Atenciosamente, Sra. Jacob Hammond” e o muito familiar “Atenciosamente, Caroline”.

Enoch levou o envelope fino para a cidade e o postou, e Caroline tirou Rogan e Bridger de sua mente, embora um ou outro deles, e às vezes ambos, aparecessem de vez em quando, especialmente nas noites em que ela estava cansada demais para dormir, depois de um dia de colheita e fazendo conservas de vegetais de sua horta e frutas do pomar. Com o bebê Gideon contente em sua tipóia contra o peito de sua mãe, Jubie trabalhou ao lado de Caroline, enquanto Enoch trabalhava para trazer as colheitas, com a ajuda de George McPhee e vários outros fazendeiros vizinhos.

Muitos não tinham nada para colher, já que seus próprios campos haviam sido pisoteados ou despojados por exércitos famintos, e eles ficavam felizes em ajudar seus vizinhos mais afortunados, em troca de uma parte para vender ou alimentar suas famílias e seus rebanhos ao longo do próximo inverno.

Caroline já tinha vendido ovos, leite, creme e manteiga para pessoas da cidade; agora, ela dava tudo menos o que precisava para Rachel, sua avó e ela mesma, e para Enoch e Jubie, é claro. Outros fizeram o mesmo, como vizinhos de todos os lugares e, aos poucos, o povo de Gettysburg e arredores começou a encontrar seu caminho.

As últimas semanas antes disso passaram rapidamente, com visitas à cidade para ver Geneva, bem como amigas do Ladies' Aid. O lugar ainda não havia voltado ao normal; Caroline suspeitava que isso poderia levar anos. A essa altura, os mortos já haviam sido enterrados e, em alguns casos, já exumados para serem devolvidos às suas famílias; os feridos quase todos foram levados para casa. Mas os danos às casas, marcadas por balas, permaneceram, um lembrete no futuro do que aconteceu ali. Isso e os danos aos corações e mentes das pessoas...

Infelizmente, a terra demoraria muito para se recuperar; ainda havia corpos para serem desenterrados na cidade e nos campos próximos, identificados e enviados para casa para amigos e familiares enlutados. Outros foram sepultados no cemitério nacional, terras reservadas, por ordem do presidente Lincoln e membros de sua administração, para esse fim.

Os mortos confederados foram colocados naquele mesmo solo sagrado, embora separados daqueles que morreram em defesa da União, na suposição de que, quando finalmente chegasse a paz, eles também voltariam para casa.

Poucos invejavam esse descanso temporário; nenhuma pessoa de boa vontade poderia olhar para os corpos despedaçados de homens sérios, jovens impetuosos e, em muitos casos, meras crianças, e sentir ódio. Cada um foi uma tristeza para alguém, próximo ou distante, ou seria, quando chegasse a terrível notícia.

Mães e pais, irmãs e irmãos, esposas e noivas, fossem da União ou da Confederação, eram iguais em seus corações. Todos eles amavam seus filhos, irmãos e maridos, todos oravam por seu retorno seguro e todos choravam as mesmas lágrimas salgadas quando todas as esperanças se perdiam, exceto uma, que seu querido Billy ou Johnny, embora perecido, pudesse ser encontrado e enviado de volta para eles, para receber um enterro cristão em um lugar próximo o suficiente para visitar. Deve haver uma lápide adequada também, para que ele seja lembrado.

Num dia fresco, no final de outubro, quando a colheita havia terminado, Enoch voltou da cidade com uma carta.

Ele encontrou Jubie e Caroline na casa principal, sentadas perto da lareira em um silêncio amigável, Caroline costurando, Jubie amamentando seu bebê. Rachel sentou-se perto no chão, rolando uma bola para Sweet Girl correr e pegar.

— Chegou uma carta para mim—, disse Enoch, com um tom de admiração em sua voz. — Eu nunca recebi nenhuma correspondência antes, exceto de Jacob.

Caroline não disse nada, mas suas mãos ficaram imóveis, acomodando-se em seu colo como se tivessem tomado a decisão por conta própria.

— Quem estaria escrevendo para você, senhor homem? — Jubie perguntou.

— Não sei direito—, respondeu Enoch. Ele segurava um envelope grosso em suas mãos enluvadas, que tremiam levemente. — Mas veio do sul... não tem carimbo, só uma marca aqui no canto.

O coração de Caroline, envolto em intencional indiferença todos esses meses, deu um pequeno e doloroso salto.

— Bem, *abra* logo isso—, disse Jubie. — Sente-se aqui ao meu lado e leia!

Enoch deixou-se cair na cadeira sem sequer tirar o casaco, o chapéu e as luvas.

Suas mãos grandes estavam desajeitadas quando ele quebrou o selo, levantou a aba pesada e tirou um maço de papel, dobrado em três. Ele fez um som rouco que poderia ter sido uma risada, então desdobrou o documento e o alisou contra sua coxa.

— Senhor, tenha piedade—, ele murmurou. — Estes são seus papéis de emancipação, Jubie. Foi Bridger, o capitão Winslow quem os enviou.

A resposta de Jubie foi um sussurro atordoado. — Eles são reais? Isso não é um truque? Nenhum caçador de escravos virá atrás de mim e de Gideon?

— Não virão mais caçadores de escravos—, Enoch confirmou sem levantar os olhos dos papéis. — Você está livre, Jubie, e esta é a prova. — Começou a folhear rapidamente as páginas.

— Ninguém está mais me perseguindo? — Jubie perguntou com descrença ofegante. — Como pode ser? A Senhora Templeton, ela é do tipo que me caçaria até eu ser pega!

O coração de Caroline parecia se apertar na garganta, tornando a fala impossível.

E isso foi uma coisa boa. Sim, ela estava feliz por Jubie, por Enoch e pelo bebê também. Tão feliz. Ela ficou impressionada com a generosidade do que Bridger havia feito, e ela estava verdadeiramente agradecida a ele.

Agora a compreensão veio, repentina e dolorida como um tapa.

Ela estava com ciúmes. *Ciumenta* por não haver nenhuma carta para ela.

Os documentos que Enoch e Jubie examinavam com tanto espanto e prazer eram de fato feitos de um milagre. Só o céu sabia como eles conseguiram passar sem serem perdidos ou confiscados ou simplesmente jogados fora, ou que riscos Bridger tinha corrido, não apenas para protegê-los em primeiro lugar, mas para mandá-los além das linhas confederadas.

Certamente, a correspondência circulava entre o Norte e o Sul, muito provavelmente por correio, sob guarda militar.

A Sra. Lincoln, nascida no Sul, tinha irmãos lutando pela Confederação e sem dúvida se correspondia com eles regularmente. Ora, ela até entreteve uma de suas cunhadas sulistas na Casa Branca, escandalizando muitos sindicalistas leais.

Sim, a Sra. Lincoln podia enviar e receber correspondência impunemente, mas ela *era* a Sra. Lincoln. A esposa do presidente dos Estados Unidos da América, que deveria, na opinião de Caroline, ser chamado de Estados Unidos da América, *pelo* menos por enquanto.

— Existe alguma outra carta aí? — Jubie perguntou. — Como você sabe que foi o capitão Winslow quem as enviou, se não há carta?

Enoch limpou a garganta. — Não há nenhuma carta—, disse ele diplomaticamente. — A assinatura dele está aqui, então acredito que seja prova suficiente de quem enviou isso. E há uma nota de venda assinada também.

— *Uma nota fiscal?* — Jubie chorou, acordando o bebê e fazendo-o choramingar e depois chorar. — Ele me *comprou* da Sra. Templeton? Isso não significa que *ele* é meu dono agora?

— Não—, respondeu Enoch, muito gentilmente. — Bridger redigiu esses papéis e depois os assinou, diante de testemunhas. Não sei o que mais o homem poderia ter feito para transmitir a ideia.

Jubie acalmou-se um pouco, ficando de pé agora, acariciando a cabeleira espessa de Gideon e balançando-o de um lado para o outro. — Então por que ele colocou essa nota de venda aí?

— Ele provavelmente imaginou que poderíamos precisar disso algum dia—, disse Enoch. — De qualquer forma, Bridger não pagou em dinheiro. Ele deu àquela mulher um garanhão de sangue, provavelmente um bom. O que importa aqui é que você está *livre*, e temos que agradecer a Bridger Winslow por isso.

— Você vai ficar aqui para sempre, Srta. Jubie? — Rachel perguntou baixinho, na ponta dos pés para admirar o bebê nos braços de Jubie.

Jubie virou a cabeça, olhou com carinho para a criança. Disse com uma voz terna: — Nós vamos ficar aqui enquanto eu for bem-vinda, pequenina. — Então, sobre a cabeça de Rachel, os olhos de Jubie encontraram os de Caroline, fazendo uma pergunta silenciosa.

— É claro que você é sempre bem-vinda, Jubie! — disse Caroline. — Esta é a casa de Enoch, e agora é sua e de Gideon também.

Os olhos de Enoch brilharam no início do crepúsculo de outubro e, como Jubie, ele falou sem palavras. *Obrigado.*

Caroline sorriu, levantou-se da poltrona e deixou o remendo de lado. — Para onde foi o tempo? — ela perguntou alegremente. — O jantar já deveria estar na mesa, especialmente esta noite, quando temos tanto para comemorar. E eu nem comecei.

Enoch também se levantou. — Você vai precisar de lenha, senhora—, ele disse. — Vou buscá-la para você.

— Vou ajudá-la a preparar o jantar assim que terminar de cuidar de Gideon—, Jubie ofereceu.

— Você não fará tal coisa—, Caroline disse a ela. — Você, minha amiga, é a convidada de honra esta noite. E amanhã, você terá um bolo para comemorar.

— Com cobertura de açúcar? — Rachel perguntou ansiosamente, na ponta dos pés novamente.

— Com cobertura de açúcar—, Caroline disse. Então ela se dirigiu para a cozinha para fazer a refeição.

Algum tempo depois, com o jantar terminado e os pratos lavados e secos e colocados de volta nas prateleiras, Enoch acendeu uma lanterna, enrolou seu casaco em volta de Jubie e do bebê e levou sua pequena família para casa.

A essa altura, Rachel estava cochilando em sua cadeira, Sweet Girl a seus pés.

Caroline estava prestes a pegar a criança nos braços, carregá-la para casa e prepará-la para dormir quando notou uma pequena folha de papel sobre a mesa. Ela tinha certeza de que não estava lá antes; ela limpou a superfície depois que os pratos foram limpos.

Franzindo o cenho, ela pegou o papel, reconheceu-o como a Nota de venda que Bridger havia anexado com os papéis de emancipação de Jubie.

Enoch deve ter esquecido, ela decidiu, embora isso parecesse improvável, dada a sua importância. Quando ela a virou, viu escrito no verso, apenas algumas linhas, inclinadas para a direita e de alguma forma apressadas, como se tivessem sido rabiscadas às pressas.

Seu nome saltou para ela quando ela se curvou para recuperar o papel.

Ela se endireitou e começou a ler.

Caroline, Bridger tinha escrito, eu sei que você precisa lamentar Jacob, e eu vou respeitar seus desejos de todas as maneiras. No devido tempo, você terá pretendentes; Conheço pelo menos um que provavelmente pedirá sua mão na primeira oportunidade decente. Você não me deve nada, mas não sou de fazer cerimônia, então vou perguntar o que devo. Espere por mim, Caroline. Eu tenho coisas para dizer a você. Se, depois de me ouvir, você me mandar embora, eu irei. Bridger.

Caroline leu o bilhete uma segunda vez, depois uma terceira, antes que as lágrimas obscurecessem as palavras. Então, ela segurou a página contra o peito, apertando-a, como se para absorver fisicamente o que ela dizia.

Enoch não havia esquecido nada, é claro. Ele tinha visto que havia uma mensagem escrita no verso da nota fiscal enquanto manuseava os outros papéis e garantiu que Caroline tivesse a chance de lê-la com relativa privacidade.

Enoch sabia o que dizia o bilhete? Quase certamente.

Ele o teria lido inteiro antes de perceber que era para outra pessoa. E porque não? Ele havia sido anexado à correspondência dirigida a ele.

Ele provavelmente sentiu um certo desgosto, do mesmo jeito, como se estivesse bisbilhotando, mas o fato era que Enoch não lia como a maioria das pessoas.

Uma vez, em uma tarde tranquila no inverno profundo, os dois sentados em lados opostos da mesa da cozinha com uma lâmpada acesa para afastar as sombras, Caroline redigindo uma carta para Jacob, Enoch debruçado sobre um livro, ela notou com que rapidez ele virava as páginas.

Ele admitiu, rudemente modesto e depois de muita insistência da parte de Caroline, que ele não lia palavra por palavra; quando ele olhava um artigo de jornal ou uma página de um livro, blocos inteiros de impressão saltavam para ele, todos de uma só vez. Ele parecia quase envergonhado por essa propensão, até nervoso, como se fosse magia de origem incerta. Algum tipo de feitiço ou magia, talvez. Ele não sabia por que acontecia assim, ele disse a Caroline. A velha patroa começou a ensinar-lhe as letras quando ele

já estava em Hammond Farm o tempo suficiente para se estabelecer, e uma vez que ele conseguia encaixá-las em palavras, era como se elas simplesmente assumissem o controle a partir daí.

Caroline dissera a Enoch que ele fora abençoado com um tipo raro de inteligência, um dom verdadeiro e precioso, e ele ficara tão perturbado com o elogio que fechara o livro, apresentando uma desculpa sobre a necessidade de cortar mais lenha e fugiu da cozinha.

Ela economizou elogios depois disso por causa do desconforto de Enoch, mas não foi fácil. Ele construía coisas maravilhosas, como armários, cômodas e brinquedos para Rachel, e Caroline não ousava fazer elogios, por mais que estivesse encantada. Ela teve que se contentar com “obrigada” e “tudo bem”.

Enoch. Querido, generoso e atencioso Enoch.

Ele sabia algo sobre suas trocas com o inconveniente hóspede; claro que sim. Ele entrou no quarto do doente naquela noite e viu Bridger beijando-a, e ela beijando Bridger de volta. Ele deve ter ouvido pelo menos um de seus desentendimentos, talvez até feito a comparação inevitável, ela e Jacob nunca levantaram a voz um para o outro, em público ou em particular.

Se ela tivesse pensado nisso, Caroline suspeitava que ela estava secretamente orgulhosa da falta de discórdia geral em seu casamento. Sempre que ela e Jacob estavam em desacordo, o que não era frequente, ela geralmente se retirava para uma reflexão silenciosa, enquanto ele tendia a se retirar para alguma parte distante da fazenda e, horas depois, quando ele gastava sua frustração com trabalho duro, ele voltava, encharcado de suor e coberto de terra do campo, assobiando alguma cantiga desafinada e sorrindo para si mesmo.

Agindo como se nada estivesse errado.

Para ele, era assim. Ele encontrava Caroline, geralmente na cozinha, e parava na porta, pedindo roupas limpas, afirmando razoavelmente que não se importaria de buscá-las para si mesmo, exceto que isso significaria rastrear os pisos limpos de Caroline, não é?

Ainda quieta, Caroline parava de amassar pão ou descascar batatas ou qualquer outra coisa que estivesse fazendo, ia para a casa principal e subia as escadas para o quarto deles para pegar uma camisa limpa e um par de calças para Jacob, trazê-los para ele no Jardim. Ele aceitava as roupas cuidadosamente dobradas com um sorriso tão ingênuo que Caroline não conseguia conter a raiva.

Pelo menos, na maioria das vezes ela não conseguia.

Jacob se dirigia para o riacho, tirava as roupas sujas, se lavava na água e deitava nu na grama alta até ficar seco o suficiente para se vestir novamente. Ele quase invariavelmente voltava para Caroline com o cabelo penteado a dedo e cílios espetados, cheirando a ar fresco, cheio de travessuras e terrivelmente certo de que a pequena mulher tinha visto o erro de seus caminhos e depois disso se lembraria de seu lugar.

Não que fosse duro ou brutal, como eram tantos maridos, nem parcimonioso. Não, Jacob era gentil e de boa índole, e Caroline apreciava essas qualidades, mas ela teria preferido uma gritaria total à maneira de Jacob descartar suas ideias como aberrações passageiras, típicas da mente feminina. Pensar, afinal, era a esfera *de um homem*. Não havia necessidade de sobrecarregar seu pobre cérebro.

Caroline sentiu o calor subir de seu pescoço para suas bochechas, apenas lembrando como ela concordava tão prontamente, apenas para ver por trás de seu doce sorriso de esposa, pensando em todas as coisas que ela deveria dizer a Jacob, mas não podia.

Ela poderia ter lembrado a ele, por exemplo, que ela não era estúpida, que, de fato, ela foi criada por avós inteligentes e bastante progressistas e educada de acordo. Ela poderia ter apontado que, embora nunca arasse ou cavasse buracos como ele fazia, ela limpava a casa, cuidava do jardim, ordenhava a vaca, alimentava as galinhas e juntava seus ovos, puxava água do poço, cortava e carregava lenha, preparava três refeições fartas todos os dias de sua vida, lavava a roupa e uma série de outras coisas.

Ela nunca se afastou dele em seu leito matrimonial, mesmo quando a fadiga, a decepção e a dor de cabeça haviam drenado qualquer possibilidade de ardor. Não, ela recebia o marido, acolhia-o com toda a graça que podia reunir e nunca pronunciava uma palavra de reclamação.

Ela tinha sido uma boa esposa para Jacob e uma excelente mãe para sua filha.

Nenhum homem sensato, e Jacob *tinha* sido um homem sensato, poderia ter refutado qualquer uma dessas afirmações. Se ela tivesse coragem de falar...

Do que ela tinha medo? Jacob não teria batido nela, não a teria jogado em uma nevasca, como uma heroína indolente em uma peça ruim, sem um tostão e vestida em trapos. Ele a *amara*, com seu jeito estável e previsível.

E sim, ela o amava. Mas, por alguma razão, ela não o amara com o tipo de maturidade respeitosa que lhe permitiria desafiá-lo.

Oh, a brilhante clareza da visão retrospectiva.

Se ela o *tivesse* desafiado, ele teria ficado emburrado por um tempo, sim. Quando Jacob estava zangado ou preocupado, e tais estados eram raros devido à sua disposição inerentemente equilibrada, seus pensamentos voltavam-se para dentro e ele precisava de tempo para remoer as coisas, caminhar por um labirinto mental até encontrar o centro e alguma solução que pudesse levar consigo para o mundo comum quando ele emergia. Quase invariavelmente, ele saía desses humores restaurado à sua certeza afável normal e alegre confiança na correção de suas crenças.

Se Caroline tivesse persistido, depois de qualquer um desses retornos, ainda determinado a defender seu ponto de vista, Jacob teria ficado surpreso a princípio, depois descontente. Tornando-se mal-humorado novamente. Eventualmente, porém, se ela tivesse se mantido firme, ela sabia que ele teria *ouvido*.

No que dizia respeito a algumas coisas, ele nunca teria concordado, mas isso não importava. Ela não precisava de acordo.

Ela precisava ser ouvida, sentir-se *visível*, vista como uma *pessoa inteira*.

Em vez disso, às vezes ela se sentia como o reflexo fraco e vacilante da pessoa que Jacob acreditava que ela deveria ser.

Com Bridger, ela tinha substância e fogo. Ela estava presente, sólida, *viva*.

Rogan também a via como uma mulher de carne e osso. E embora ela não o conhecesse tão bem quanto Bridger, ela estava ciente de sua boa aparência, sua masculinidade inabalável e sua inteligência.

Ela pensou, mesmo antes da referência oblíqua de Bridger a ele na nota, que Rogan McBride poderia cortejá-la a sério, assim que o decoro permitisse. Além disso, ele seria um excelente marido e um padrao dedicado para Rachel. Então ela ficou surpresa por ele ter sido tão formal na primeira carta que escreveu.

Dos dois, Rogan parecia a escolha mais sábia. Ele compartilhava sua crença de que a União deveria ser preservada, por um lado, enquanto Bridger havia feito, e continuaria a fazer, o máximo para ajudar na divisão de uma nação em duas.

O casamento com Rogan abriria um novo mundo para Caroline; ele havia escrito sobre sua vida na cidade de Nova York, aquela para a qual pretendia retornar depois da guerra e, embora não tivesse se gabado, ela sabia que ele havia sido bem-sucedido em sua advocacia. Ele tinha aspirações, planos, objetivos, havia considerado seriamente concorrer a um cargo público após sua dispensa.

Com Rogan, ela conheceria uma grande variedade de pessoas fascinantes, viveria em uma casa confortável e desfrutaria de um ambiente estimulante, a agitação das ruas da cidade e o barulho dos bondes que passavam, vastas bibliotecas, museus, teatros e bons restaurantes.

Estranho, pensou Caroline, enquanto pegava sua filha sonolenta nos braços, ali na cozinha, e chamava a cachorra, que quando Jacob estava vivo, ela havia resistido a seus sonhos de viagem. Ela amava a fazenda, nunca quis deixá-la, mesmo por algumas semanas ou meses.

Era o melhor lugar para se estar, verde e fértil, tranquilo e sossegado.

Naquela época, é claro, não havia guerra, nem tendas em seu pátio lateral com homens gravemente feridos lá dentro, deitados em macas frágeis, chorando, gemendo, clamando por alívio de sua terrível dor e medo. Moribundos.

Naquela época, não havia soldados mortos enterrados lá, jogados em covas rasas e cobertos às pressas, apenas para serem exumados e levados em carroças. Nenhuma carcaça de caçador de escravos para esconder, nenhum cavalo triste voltando repetidamente em busca de seu dono, não importa quantas vezes Enoch o tivesse solto.

Caroline amava a fazenda, como antes, mas não se sentia mais presa a ela.

Ela abriu a porta para a escuridão e o frio de uma noite de outono e saiu, seu braço direito em torno de Rachel, segurando uma lanterna bruxuleante em sua mão esquerda. Sweet Girl caminhou um pouco à frente, farejando o chão.

A nota fiscal, com a nota de Bridger rabiscada atrás, estava enfiada no bolso do avental, embora pudesse muito bem estar descansando contra sua pele nua, pela forma como pulsava em sua consciência.

Bridger. Ele havia falado de pretendentes em sua breve missiva, como se houvesse dezenas deles batendo em sua porta da frente assim que seu ano de luto por Jacob chegasse a uma conclusão respeitável. Enquanto

carregava a filha para casa, ela sorriu um pouco, ao pensar que ele tinha tanta confiança em seu apelo feminino.

Ela chegou em casa, girou a maçaneta e deixou Sweet Girl entrar antes de seguir com Rachel. Os pensamentos sobre Bridger e o bilhete permaneceram com ela, cansada como estava.

Ele havia pedido a ela que esperasse por ele, e isso só podia significar uma coisa. Ele pretendia fazer algum tipo de pedido, talvez casamento, talvez algo totalmente diferente.

Caroline apagou a lanterna e pousou-a; ela conhecia a casa tão bem que não precisava de luz para se orientar.

Bridger disse isso ele mesmo, ele era um libertino.

E se ele planejasse torná-la sua amante, em vez de sua esposa?

Um pequeno arrepio a invadiu, mesmo enquanto carregava Rachel escada acima, com Sweet Girl em seus calcanhares. Embora ela nunca fosse uma mulher mantida por nenhum homem, nem mesmo por Bridger Winslow, a ideia não deixava de ter um certo apelo ousado. De fato, gerou imagens escandalosamente deliciosas de corpos nus enredados em lençóis brancos engomados e de janelas abertas para noites abafadas e aromas de flores de magnólia, de paixões selvagens e ardentes...

Caroline se conteve.

Pelo amor de Deus! O que ela estava fazendo, permitindo que sua mente vagasse assim? Ela era a viúva de um fazendeiro da Pensilvânia, com uma filha para criar, não uma cortesã em algum decadente bordel estrangeiro. E se ela tivesse um segundo marido, provavelmente não seria Bridger *ou* Rogan, mas alguém que ela conhecia há anos, um veterano recém-chegado da guerra. Outro fazendeiro, ela pensou tristemente, um vizinho próximo, querendo estender seus limites de propriedade.

Levou Rachel para seu quartinho arrumado, despiu-a, ajudou-a a vestir a camisola. Ela lavou o rosto e as mãos da criança, sob protestos murmurados, e insistiu para que a menina escovasse os dentes e usasse o penico.

No instante em que Rachel foi colocada na cama, ela adormeceu.

Sweet Girl, mais ousada agora, pulou no colchão e aninhou-se aos pés de Rachel.

Caroline ficou parada, olhando para a filha, amando-a tanto que quase não suportou. Ela queria tudo para Rachel, saúde e felicidade, é claro, mas mais, também. Uma boa educação, viagens a lugares interessantes próximos

e distantes, uma vida próspera. Eventualmente, um marido que ela amava e que a amava em troca. Crianças barulhentas e robustas, prosperando desde a primeira respiração que derem.

E mais ainda. Ela queria que Rachel fosse uma cidadã responsável quando se tornasse adulta, com todos os direitos que a Constituição atualmente concedia aos homens brancos, mas havia claramente prometido a *todos*, independentemente de sexo ou raça, religião ou nenhuma religião.

Sim.

Se ela vivesse para ver sua filha tão abençoada, seu *país* tão abençoado, ela ficaria satisfeita. Contente com sua própria sorte, quer ela se casasse de novo ou não.

Por enquanto, ela se dedicaria a criar Rachel para ser forte e gentil, para amar com sabedoria, para permanecer firme diante da adversidade e oposição, sem medo de ser o que ela é mais verdadeiro e melhor.

Mais tarde, haveria escolhas que ela, Caroline, deveria fazer. Talvez muitas delas.

E se ela decidisse arranjar um marido, quem seria ele? Bridger ou Rogan ou outro homem? Um fazendeiro local, como ela pensara alguns minutos atrás?

Felizmente, ela não precisava decidir nada esta noite, amanhã ou na próxima semana. Havia muito tempo; esperaria e trabalharia, amaria a filha e veria o destino se desenrolar à sua maneira, sem tentar influenciar o rumo que tomava.

Ela se curvou para dar um leve beijo na testa pequena e lisa de Rachel. — Boa noite, meu querido amor —, ela sussurrou. — Bons sonhos.

— Mmm-hmm —, Rachel respondeu, aconchegando-se ainda mais na maciez de sua cama familiar, talvez já sonhando.

Caroline endireitou-se, ficou de guarda por mais um minuto ou mais, fazendo orações silenciosas e sem palavras, e então se virou para ir embora suavemente, para o corredor e para seu próprio quarto.

Ela se livrou de suas preocupações diurnas enquanto se despiu, lavava, vestia uma camisola e ia para a cama. Esta noite, ela decidiu, ela também sonharia, não com batalhas e corpos quebrados, não com canhões trovejantes e gritos de dor, mas com prazeres comuns, os aromas da grama da primavera e da terra recém-cultivada, o chilrear dos pássaros em galhos escondidos enfeitados com flores rosas e brancas, mais perfumadas do que qualquer perfume, a dança ondulante dos lençóis presos ao varal em um dia

de vento, o ritmo da chuva sobre um telhado robusto, o brilho da luz do sol nas penas vermelho-ferrugem de suas galinhas poedeiras .

Acalmada, Caroline fechou os olhos e mergulhou suavemente em seus sonhos.

29

Cemitério Nacional, Gettysburg *Quinta-feira, 19 de novembro de 1863*

Caroline

O dia finalmente chegou.

Caroline e Enoch estavam esperando por isso, a consagração do Cemitério Nacional, desde que ouviram falar sobre isso na cidade e leram sobre isso no *Compiler*.

Dizer que ela estava animada com a perspectiva de ver e ouvir o presidente era, como ela disse a Geneva quando se encontraram na cidade naquela manhã, um eufemismo. Ele e vários outros palestrantes, músicos e convidados de honra estariam lá para consagrar o novo cemitério, onde muitos dos soldados da União que morreram em Gettysburg seriam enterrados. E se Caroline reverenciava alguém neste mundo, era Abraham Lincoln.

Ela, Enoch, Jubie e as crianças começaram visitando a casa de Geneva, onde almoçaram cedo, depois seguiram para o sul pela Baltimore Street. O presidente Lincoln chegara no dia anterior, hospedando-se na casa do Sr. David Wills, que tanto fizera para garantir a criação do cemitério.

Caroline e Enoch conversaram calmamente sobre Cemetery Hill e o que aconteceu lá em julho; eles decidiram que era apropriado que Lincoln falasse de um estande na própria Colina. Ao se juntarem à multidão, pouco antes do meio-dia, já chegando aos milhares, eles se posicionaram perto de uma árvore protetora. Todos ficaram agradecidos por o clima de hoje estar ameno. Gideon dormia nos braços de Jubie, enquanto Rachel se apoiava na mãe; o silêncio incomum da criança sugeria que ela reconhecia pelo menos algo da natureza sagrada desse evento.

A cerimônia começou com música e uma oração, e foi seguida pela oração do Honrável Edward Everett. Amplamente considerado um dos oradores mais talentosos do dia, ele falou por duas horas, nunca olhando a anotações, movendo-se livremente pela plataforma. Caroline ficou impressionada com a habilidade de seu discurso, embora um pouco cansada por sua extensão. E ela ficou impressionada com o silêncio respeitoso da platéia.

Aplausos. Um hino especialmente composto e escrito para a consagração. Então...

Abraham Lincoln subiu ao palco, alto, magro, bastante pálido, vestido formalmente. Ele tirou um pedaço de papel do bolso, e começou a ler.

— Quatro vinte e sete anos atrás, nossos pais criaram neste continente uma nova nação, concebida na Liberdade e dedicada à proposição de que todos os homens são criados iguais.

Caroline olhou para Enoch, segurando o bebê, e para Jubie com os braços em volta de Rachel, e viu lágrimas em seus olhos.

— Agora estamos envolvidos em uma grande guerra civil... — Caroline apertou a mão de sua avó, e ela sabia que, como todos na grande audiência, ambas estavam absorvendo cada palavra.

Depois de exatamente dois minutos, o discurso foi encerrado, terminando com as palavras:

— ...que aqui decidimos fortemente que estes mortos não terão morrido em vão, que esta nação, sob Deus, terá um novo nascimento de liberdade, e que o governo do povo, pelo povo, para o povo, não perecerá da Terra.

Sabia que dois minutos teriam um impacto secular, um significado que definiria o futuro de seu país. Assim que esta guerra acabasse... Assim que a União prevalecesse. E isso *aconteceria*.

Houve um silêncio perplexo, um silêncio reverente, eventualmente superado por aplausos. Geneva, Jubie, Enoch, Caroline, todos se entreolharam, sorrindo. Caroline planejava garantir que Rachel soubesse que ela estivera presente em um evento tão histórico.

A cerimônia foi concluída com outro hino e uma bênção, e as pessoas começaram a sair de maneira ordenada. Enoch insistiu em ir à casa de Geneva buscar a carroça; quando ele voltou, ele a trouxe para casa e então eles foram para Hammond Farm. Ninguém falou. Caroline sentiu que qualquer coisa que ela dissesse quebraria o clima, o vínculo quase sagrado criado pelas palavras de Lincoln.

Chegando em casa, ela e Jubie prepararam rapidamente o jantar, uma refeição simples de batatas, milho e frango frito. Todos eles se retiraram logo depois. Apesar de ter dormido naquele dia, Rachel adormeceu

facilmente. Sweet Girl, alimentada muito mais tarde do que o normal, mas agora saciada, estava deitada ao lado de sua cama.

Caroline sentou-se à escrivaninha em seu próprio quarto, pegou a caneta e começou a escrever.

Querido Jacob,

Hoje aprendi para que serve tudo isso...

30

Maryland

30 de novembro de 1864

Bridger

Uma vela de sebo atarracada queimava no parapeito de uma janela estreita e suja na sala dos fundos da O'Malley's Tavern, um farol fraco em uma noite fria e sem luar.

Bridger sentou-se com os pés para cima no lugar vazio e abandonado, um charuto entre os dentes, e esperou, sedento por uma dose de uísque, mas resignado a um estado contínuo de sobriedade, já que todas as garrafas nas prateleiras da frente já haviam sido servidas há muito tempo pelas goelas de sem conta ou usado para tiro ao alvo.

Todo o edifício inclinado para a esquerda, pisos incluídos, e enormes teias de aranha pendiam dos tetos quebrados, como bandeirolas em uma reunião de políticos mortos se preparando para orar, e o cheiro de ratos, poeira e cocô de pássaros era pungente, mas ele sabia que poderia ser pior.

Muito pior.

Ele suspirou, deu uma tragada no charuto e soprou a fumaça, ouviu os rangidos e o deslizar, os ecos quase inaudíveis de tempos passados, prostitutas sussurrando falsas promessas lá em cima em seus leitos miseráveis, o tilintar metálico do piano apodrecido perto do bar, o lamento de bêbados arrependidos dobrando a orelha do garçom com suas inúmeras e encharcadas tristezas.

Deus salve os garçons em todos os lugares, ele pensou.

Lá fora, na escuridão, Orion, o último dos belos garanhões de Fairhaven, relinchou, um som quieto e curioso.

Bridger baixou os pés para as tábuas do assoalho que se dissolviam e se levantou, deixando cair o charuto e esmagando-o com a ponta de uma bota enquanto pegava sua pistola da mesa e se movia silenciosamente para a porta.

Lá, ele os ouviu, os cascos de um cavalo solitário, movendo-se a um galope rápido ao longo da terra batida da estrada próxima.

Ele sorriu, enfiou a pistola no cinto, na parte inferior das costas. Ele não precisaria dela se o cavaleiro fosse o que ele esperava, mas ele a queria ao

alcance fácil se algum ladrão renegado visse a chama da vela e decidisse investigar.

Orion jogou sua cabeça enorme para trás e ajustou os encaixes de suas rédeas.

— Silêncio—, Bridger ordenou. Exceto por uma pequena mancha branca em seu flanco esquerdo, o garanhão era mais preto do que a parte de trás de um buraco de rato em um porão, virtualmente invisível no escuro, mas este cavalo causaria três tipos de inferno se ficasse inquieto.

Não havia lua naquela noite, Bridger havia escolhido a data por esse motivo, entre outros, mas ele reconheceu seu velho amigo de qualquer maneira, pela postura de seus ombros e pela maneira como ele montava seu cavalo, um grande cinza, gracioso como um espírito flutuando por um cemitério.

Rogan recuou nas rédeas e desmontou. Como Bridger, ele usava calças simples, uma camisa escura e um chapéu puxado para baixo, de modo que a aba projetava uma sombra sobre seu rosto.

Os dois homens se cumprimentaram com um aperto de mão.

Rogan girou para avaliar o volume inclinado da taverna e deu uma risada baixa. Balançou a cabeça. — Droga—, disse ele. — Você não poderia ter escolhido um lugar um pouco mais difícil de encontrar? Devo ter passado por essa pilha de tábuas meia dúzia de vezes antes de ver esse ponto de luz.

— Acho que imaginei que uma fogueira poderia começar uma festa à qual não queria ir. —, Bridger respondeu, feliz por ver seu amigo novamente, e, ao mesmo tempo, temendo a conversa que viria.

Rogan cruzou as rédeas frouxamente sobre o pescoço do cinza e deixou o animal pastar na grama profunda. Ele tirou o chapéu e abaixou-o para o lado.

— Você se deu ao trabalho de organizar esta pequena reunião, Bridger —, ele disse calmamente—, e eu tive o dobro do trabalho para chegar aqui. Vá em frente e fale o que você tem a dizer.

Bridger suspirou. Ele ensaiou essa discussão em sua cabeça várias vezes, desde que deixou a fazenda de Caroline no verão anterior, esgueirando-se antes do nascer do sol como um ladrão, vestido com um uniforme yankee e montado em um cavalo inútil. Mas agora, enfrentando seu melhor amigo, ele ficou um pouco aquém da eloquência.

— Estou apaixonado por Caroline—, ele disse sem rodeios.

Rogan empurrou os dedos espalmados de sua mão esquerda por seu cabelo, desviou o olhar brevemente. — Eu estava com medo disso—, disse ele depois de um silêncio tão longo que Bridger começou a se preparar para um soco destruidor. Fúria controlada ardeu nos olhos de Rogan quando seus olhares se encontraram novamente. — Quão sério é isso?

— Do meu lado? Muito. Não tenho certeza de como Caroline se sente.

Rogan amaldiçoou, visivelmente se recompôs. — Você a viu? Desde que você deixou a fazenda dela depois de Gettysburg, quero dizer?

Bridger balançou a cabeça. — Não, eu não a vi. Consegui enviar um bilhete curto para ela, com alguns papéis que enviei a Enoch, mas, pelo que sei, Caroline nunca viu. — Ele fez uma pausa. — Ouça, Rogan, eu...

Rogan levantou sua mão livre. — Pare. Não diga que você não queria que isso acontecesse, porque se o fizer, teremos nossa própria guerra, aqui e agora. Eu *sabia* que você estava apaixonado por ela antes de eu partir. Foi por isso que contei o *que* sentia por Caroline.

— Eu realmente gostaria de uma bebida—, disse Bridger.

Inacreditavelmente, Rogan riu, o som rouco e de curta duração. Ele se virou, voltou para sua montaria, vasculhou seus alforjes e tirou um frasco de prata, então jogou para seu amigo.

Bridger pegou com facilidade, desatarraxou a tampa e tomou um longo gole. A coisa queimou até a barriga, onde explodiu como uma concha cheia de pedras e pregos enferrujados. — Bom Deus—, ele gaguejou, uma vez que recuperou o fôlego. — O que é isto? Formol?

— Você esperava um bom bourbon de Kentucky?

Bridger riu, firmou-se e tomou um segundo gole. Devolveu o frasco. Se Rogan quisesse contornar o assunto de Caroline por um tempo, ele aceitaria. — Na verdade não—, disse ele suavemente, passando as costas de uma mão em sua boca. — Teria sido uma surpresa agradável, no entanto.

Rogan suspirou. Ele mesmo engoliu um pouco do uísque antes de guardar o frasco. Ele caminhou até Orion, passou a mão experiente pelo flanco do garanhão e se agachou para examinar suas pernas.

— Este é um cavalo Fairhaven—, disse ele.

— Sim. E tenha cuidado. Uniforme ou não, Orion reconhece um Yankee quando sente o cheiro de um, e é provável que ele cave seu crânio se você o assustar.

Rogan demorou mais alguns minutos, à vontade com qualquer cavalo. Sempre intrigou Bridger como um homem criado nas ruas da cidade de

Nova York poderia adquirir tal afinidade; os melhores cavaleiros estavam na sela antes de terem idade suficiente para andar. Rogan não aprendeu a cavalgar até que ele começou o internato aos quatorze anos.

— Você está em casa desde a última vez que nos encontramos—, disse ele, endireitando-se, acariciando o pescoço de ébano de Orion algumas vezes antes de se voltar para Bridger. — Em Fairhaven, quero dizer.

— Depois que deixei a casa de Caroline—, Bridger afirmou. — Eu tinha que ver como Amalie estava se saindo. Cuidar de alguns negócios.

— Que tipo de negócio?

— Fiz um pequeno comércio de cavalos, libertei escravos que não queriam ficar, cuspi no túmulo de meu pai uma ou duas vezes. Com Amalie provida, pelo menos temporariamente, retornei ao meu regimento.

— Foi assim que você conseguiu Orion, aqui? Comércio de cavalos?

— Não. Ele nasceu em Fairhaven, o último de uma longa e ilustre linhagem. Troquei a irmãzinha dele, a potranca mais perfeita que já vi, por uma certa escrava fugitiva.

— Jubie, eu presumo?

Bridger assentiu.

— E por falar em irmãszinhas—, Rogan disse, —Amalie está bem?

— Ela está indo bem, considerando—, Bridger respondeu, sentindo uma pontada ao pensar em Sherman e seus barrigudos azuis, devastando a Georgia. Ele implorou a Amalie para deixar Fairhaven, refugiar-se no Norte, mas ela recusou, disse que preferia queimar com os campos e a casa da fazenda do que pisar em território yankee.

— Ela sempre foi uma mulher jovem e bonita—, Rogan disse calmamente.

— Acredite em mim—, respondeu Bridger. — Amalie ainda é linda. — Para provar isso, ele pegou uma pequena imagem fotográfica de seu kit e entregou.

Rogan foi ficar na frente da janela, examinou a foto na luz moribunda da vela do outro lado do vidro imundo. Ele ficou em silêncio por um longo tempo, estudando a imagem de Amalie. Então, depois de terminar, ele estendeu a fotografia para Bridger e perguntou: — Então ela ainda está em Fairhaven?

— Sim—, Bridger disse sombriamente. Ele não pegou a fotografia.

— Você percebe que Sherman está na Georgia, jurando que vai deixar o lugar em ruínas?

Bridger assentiu. O uísque ruim revirou suas entranhas, abriu caminho para cima e esaldou o fundo de sua garganta. — Fique com a foto—, ele murmurou. — Não estou em posição de pedir nenhum favor, mas se eu não voltar para casa quando isso acabar, você vai garantir que ela esteja segura? Você provavelmente é o único yankee em toda a Criação em quem ela confiaria.

— Você é muito ruim para morrer—, Rogan disse. — Mas se eu estiver errado sobre isso, irei para Fairhaven, assim que souber de sua morte prematura e provavelmente aventureira. — Ele fez uma pausa. — Eu pretendo ver Amalie de qualquer maneira.

Bridger desviou o olhar, perguntando-se como no passado, se ainda existiam sentimentos entre aqueles dois. Ele suspeitava que sim, especialmente da parte dela. Mas quando ele tentou falar com sua irmã sobre isso, ela foi vaga. — Obrigada.

— Qualquer coisa pelo meu melhor amigo—, disse Rogan, com uma ligeira ênfase nas duas últimas palavras.

Bridger sabia que essa zombaria viria e a ignorou. Havia coisas mais importantes para falar. — O que acontece agora? — ele perguntou. — Além de nós dois fazermos o nosso melhor para sobreviver a esta guerra?

Rogan demorou a responder, esfregou a nuca e estudou o céu salpicado de estrelas. Suspirou. — Voltamos para Caroline—, disse ele.

— Sim—, Bridger concordou.

Seguiu-se outro silêncio.

Rogan foi o único a quebrá-lo. — Isto não é uma corrida de cavalos ou uma partida de xadrez, Bridger, e não somos mais crianças, jogando o rei da colina no terreno da escola.

— Eu notei—, Bridger disse. — Eu nunca tive um amigo melhor que você, Rogan. Se estivéssemos falando de qualquer mulher além de Caroline, juro para você, eu me afastaria. Isso é diferente.

Rogan sorriu tristemente. — Eu sei.

Pela primeira vez, Bridger reconheceu conscientemente uma verdade amarga. Não importa como as coisas acabassem com Caroline, a perda dessa amizade o deixaria com uma ferida que talvez nunca cicatrizasse, e feridas na mente e no espírito infeccionavam e espalhavam seu veneno secreto tão certo quanto a física apodrecia a carne.

O resultado final era o mesmo. Morte do corpo, ou morte de todas as coisas boas que um homem acalentava em si mesmo, coragem, integridade,

razão e, pior de tudo, a capacidade de amar verdadeiramente, sem reservas.

Ele fechou os olhos ao pensar no que poderia se tornar. Alguma versão de seu pai, talvez, ou de seu meio-irmão.

Felizmente, embora ele provavelmente não tivesse a intenção, Rogan o sacudiu de seus pensamentos escuros. — Talvez tenhamos tido a ideia certa quando éramos crianças, nós dois indo para o que, ou quem, quiséssemos, depois de um aperto de mão. A partir daí era a todo vapor, sem freios, o diabo leva quem fica para trás. Lembra?

A voz de Bridger estava rouca, e seus olhos arderam. — Eu me lembro —, ele respondeu. O que mais importava era o aperto de mão, o acordo tácito de que, ganhando ou perdendo, a amizade permaneceria.

Sem outra palavra, Rogan estendeu a mão e Bridger a apertou.

Ambos os homens apertaram o braço, segurando-se, selando silenciosamente o acordo e depois soltando-o.

Rogan se afastou, indo para seu cavalo, montando. — Não pegue balas de canhão—, disse ele se despedindo. Com uma saudação irônica, ele virou o cinza e partiu na direção de onde tinha vindo.

Bridger não viu seu amigo fora de vista. Embora ele nunca tivesse subscrito a superstição, ele estava imerso nela desde tenra idade; sua mãe e todos os escravos da casa preocupavam-se com pequenos sinais e presságios, os perigos de colocar um chapéu na cama, de derramar sal, de abrir um guarda-chuva dentro de casa, de ficar olhando para alguém saindo até que você não pudesse ver essa pessoa não mais.

Ele havia desrespeitado deliberadamente tais regras, passando por baixo de escadas, cortejando a companhia de gatos pretos, recusando-se a bater na madeira à menção de alguma possibilidade terrível.

Hoje à noite, no entanto, ele não arriscaria.

Ele entrou nos destroços da O'Malley's Tavern, apagou a vela e se despediu dos fantasmas. Ele deixou a porta ágape, no caso de algum daqueles espíritos desesperados desejar vagar, subiu na sela de Orion e começou a voltar para seu regimento, de volta para o sangue e a fome e a orgulhosa recusa em admitir a derrota.

Mesmo que parecesse inevitável.

31

*Appomattox, Virginia,
9 de abril de 1865*

Rogan

O general Robert E. Lee, vestido com seu esplêndido uniforme cinza com sua vistosa faixa escarlate, mostrava uma figura majestosa ao cavalgar até a casa de um certo Wilmer McLean, montado em seu grande cavalo de guerra malhado cinza, Traveller. Olhando para ele, ninguém suspeitaria que houve uma batalha feroz naquela mesma manhã no Appomattox Court House, uma vitória da União, embora ainda houvesse tiros de canhão intermitentes enquanto a luta diminuía.

Rogan observou o grande inimigo da varanda da McLean House, um emaranhado de emoções em sua garganta, admiração, simpatia, alívio, tristeza. Quando o general desceu da sela, a espada cerimonial ao seu lado brilhou à luz do sol da tarde. Ele era o homem mais digno e contido que Rogan já tinha visto, esta lenda, este Titã da guerra estratégica; ele tinha sido derrotado, ele tinha que saber disso, mas ele se manteve firme. Entregou as rédeas a um jovem soldado federal, que ficou esperando em um temor trêmulo.

Ainda era especulação, é claro, que o General Lee pretendia entregar a si mesmo e seu amado Exército da Virginia do Norte à mais alta autoridade da União, exceto o próprio Lincoln, o general Ulysses S. Grant.

Rogan foi promovido ao posto de major durante o interminável cerco de Petersburg e, por um acaso, foi designado para a equipe de Grant vários meses atrás, quando o general o viu derrubar um tenente de cavalaria por chicotear seu cavalo.

Para total surpresa de Rogan e, a princípio, alarme, Grant se aproximou dele, ficou ao seu lado, um charuto preso entre os dentes, seus olhos penetrantes no tenente esparramado a seus pés. Como sempre, ele não se parecia em nada com um general, um homem de pequena estatura e inteligência silenciosa, parado ali com suas botas sujas de lama e o traje de um soldado raso.

— Estou agradecido, major—, ele disse amigavelmente. — Você me salvou do trabalho de levantar um chicote para esse sujeito. Não suporto

crueldade com um animal. É um sinal de caráter desviante.

— Sim, senhor—, Rogan respondeu, um pouco confuso. Até aquele dia, ele tinha visto o general apenas de longe, mas tinha ouvido falar muito sobre ele, boas e más.

Ele era considerado um bêbado incorrigível, para começar. Rogan tinha duvidado disso, mesmo antes de sua transferência, quando ele conheceu Grant como um homem cujas piores falhas eram provavelmente sua tendência a confiar muito facilmente e um caso simples, mas extremo, de saudade de casa. Ele sentiu que Grant sentia muita falta de sua esposa e filhos, e refletia sobre eles nas raras horas de silêncio que a guerra lhe concedia.

Seus dons, sendo mais óbvios, eram sua determinação feroz de terminar a guerra e restaurar a União, sua extraordinária equitação e, em total contraste com seus predecessores, a capacidade de perseguir o exército de Lee implacavelmente, como um cão faminto em busca de um coelho. Ele parecia entender, ao contrário de McClellan, Hooker e até mesmo Meade, que Lee e seu astuto grupo, principalmente Jeb Stuart e o falecido Stonewall Jackson, esquivos como eram, tinham de ser perseguidos até serem pegos, mesmo que isso significasse colocá-los direto em suas covas. Para Grant, eles não eram sobre-humanos, como os nortistas temiam, mas homens mortais, cansados, famintos e sitiados por todos os lados.

Eles poderiam ser subjugados; tratava-se de esgotá-los, cortar suas linhas de abastecimento e telégrafo, destruir suas pontes e ferrovias e, finalmente, encurralá-los, de uma vez por todas, como fizera em Petersburg, na Virginia. Esse cerco durou quase um ano, 292 dias para ser exato. No final, há pouco mais de duas semanas, havia custado cerca de 70.000 mortes.

No entanto, o objetivo de Grant não era de vingança, mas de resolução e, eventualmente, reconciliação. Para atingir esses objetivos, no entanto, ele não deu trégua. Ele não se contentaria com nada menos que a vitória completa; daí seu apelido: Concessão de Rendição Incondicional.

Agora, pensou Rogan, aqui estava, ao seu alcance.

Ele tinha que saber que Lee estava na casa de McLean, pronto para discutir os termos.

Então, onde diabos ele estava?

Lee estava se aproximando dos degraus da frente e seu olhar solene encontrou o de Rogan. Ele deu um aceno quase imperceptível de saudação

ou reconhecimento, mas sua expressão era sombria.

Rogan removeu seu chapéu de campanha, acenou com a cabeça em troca. Ele respeitava esse homem, até o admirava, embora tivesse lutado com todas as suas habilidades para vê-lo derrotado, teria feito tudo de novo e mantido o empreendimento até que a vitória fosse garantida, independentemente do custo terrível.

Assim que o General Lee entrou na McLean House, escoltado por vários oficiais da União, mas não sob guarda formal, Rogan recolocou o chapéu e examinou a pequena multidão reunida no pátio.

Todos eram Federados de diferentes patentes, reunidos em pequenos grupos, conversando entre si, calma e sinceramente. Rogan sabia, sem ouvir suas palavras, que eles estavam especulando, imaginando o que a visita de Lee pode significar, se é que significa alguma coisa. Alguns estavam convencidos de que o pior da guerra, se não a própria guerra, finalmente havia passado.

O pensamento positivo provavelmente desempenhou um papel em seus raciocínios; Cansados da batalha e ansiosos para deixar para trás o exército para sempre, eles queriam ir para casa.

Outros, no entanto, quase certamente argumentavam que um homem como Lee nunca se renderia, e sua posição tinha seus méritos, dadas as muitas campanhas bem-sucedidas do general.

Mentalmente, Rogan revisou a situação, tentando pensar objetivamente. Embora o próprio Lee tivesse proposto esse encontro com Grant, depois de perder mais da metade de seu exército quebrado, com os pés doloridos e faminto no decorrer de uma única semana, e com eventos que culminaram naquela mesma manhã em uma vitória decisiva da União ali mesmo na vila de Appomattox Court House, o chefe das forças confederadas não concordou em se render.

Ele e seu exército foram pegos, como tantas galinhas do jantar de domingo lutando em sacos de estopa, destinadas ao cepo. Rogan sabia que não haveria escapatória; A única esperança de Lee, a de unir forças com o general Joe Johnston, atualmente na Carolina do Norte, reagrupar-se e seguir em frente com bravura, acabou.

Se Lee não acreditasse nisso, ele não estaria aqui.

O orgulhoso Sul finalmente caiu de joelhos, mas Rogan não teve nenhuma satisfação com isso. Para ele, o Sul era mais do que o cenário de livros como *Uncle Tom's Cabin*, mais do que capatazes cruéis, aristocratas

mimados, campos de algodão e escravos. Era a casa de Bridger e de Amalie.

Ele tinha visto sua cota de cidades abandonadas, miséria e pobreza, tanto no Sul quanto no Norte.

O Sul tinha barracos e meeiros, sim, mas não tinha limites para a pobreza. Ele mesmo sabia em primeira mão, órfão que era. Além disso, havia pequenas fazendas, bem como trechos difíceis de terra rochosa, fazendas do sul que valiam o tempo e o esforço para torná-los produtivos novamente. Havia fábricas e lojas, cidades e vilas, igrejas, escolas e cemitérios.

E havia grandes, ou outrora grandes, casas, como Fairhaven. Isso o mudou, aquela mansão, desde o momento em que ele desceu da carruagem naquele primeiro verão distante, logo atrás de Bridger. Havia casas maiores na Park Avenue, onde uma vez ele dividiu um sótão abafado com sua mãe antes que ela decidisse deixá-lo, mas nenhuma delas se igualava a Fairhaven, com seus vastos terrenos, seus jardins floridos e muitas árvores frondosas. Seus celeiros e piquetes e pastagens de grama doce.

Pelo que Rogan sabia, Sherman havia reduzido aquele glorioso e sufocante Éden a madeiras e cinzas.

Se sim, o que aconteceu com Amalie desde aquela carta que ele recebeu há dois anos? Ela havia se tornado uma beleza, ele sabia disso pela fotografia dela que Bridger lhe dera na última vez que se encontraram; ele carregava a fotografia consigo aonde quer que fosse, olhava para ela com frequência.

Amalie tinha sido uma moleca brilhante e bonita naqueles verões memoráveis, com seu cabelo preto em tranças. Ela seguiria Bridger e Rogan onde quer que eles fossem, constantemente fazendo travessuras, roubando suas calças das margens do lago quando eles iam nadar, escondendo-se debaixo de suas camas ou dentro de seus guarda-roupas e denunciando sua presença com risos.

Lembrou-se da última manhã do terceiro verão em que estiveram lá, pouco antes de ele e Bridger voltarem para a escola. Ela pegou a mão de Rogan e puxou até que ele se inclinou. — Quando eu crescer, vou me casar com você, Rogan McBride—, ela sussurrou em seu ouvido.

Ele sorriu, endireitou as costas, puxou levemente uma de suas tranças. — Bem, Snippet—, ele disse a ela gentilmente. — Fico lisonjeado. Suponha que voltemos a falar sobre isso quando você for mais velha.

Para não ser aplacada, Amalie olhou para ele e acusou, — Você acha que sou apenas uma garotinha e que não sei *nada* sobre como escolher um marido!

— Snippet—, ele disse razoavelmente, tentando bravamente não rir, — você *é* uma garotinha. E vai levar muito, muito tempo até você pensar em se casar. Quando chegar a hora, você terá sua escolha de pretendentes.

Ela colocou os punhos pequenos nos quadris estreitos e projetou o queixo de uma forma que o lembrou de seu irmão mais velho. Seus grandes olhos âmbar brilharam com convicção e temperamento. — Eu não *quero* nenhum pretendente, ela declarou. — Eu quero me casar com *você*, e se você não voltar para Fairhaven e me cortejar adequadamente, você vai se arrepender, porque eu vou ser a mulher mais bonita de *todo* o estado da Georgia!

Sorriu com a lembrança, tocou o peito da túnica, sentiu o contorno do pequeno estojo que continha a fotografia. *Com certeza, Snippet*, ele pensou com tristeza, *você cresceu e se tornou uma beleza, exatamente como disse que seria.*

Esse último pensamento foi preocupante, mas era melhor do que repassar o conteúdo da carta de Caroline, que chegara a ele pouco mais de uma semana antes. Como um tolo, ele havia escrito para ela, um mês atrás, dizendo que planejava visitá-la na fazenda assim que pudesse sair.

A resposta de Caroline foi educada, mas presciente. Ela ficaria feliz em recebê-lo, desde que ele entendesse que ela estava bem sozinha e não estava interessada em um relacionamento romântico.

Ela havia explicado que, caso voltasse a se casar, seria por amor e, sim, paixão.

A princípio, Rogan estava ansioso para desafiar seus desejos e ir até ela, convencê-la, de alguma forma, que ele poderia oferecer sua paixão, que ele a amava o suficiente por ambos, até que ela o amasse de volta.

No final, porém, ele percebeu que *porque* amava Caroline, ele tinha que honrar sua decisão.

Ele escrevera para ela mais uma vez, para dizer que apreciava sua franqueza e que a compreendia. Ele desejou-lhe boa saúde e toda a felicidade, quer ela decidisse se casar novamente ou não, e expressou a esperança de que ela sempre o considerasse um amigo querido e fiel, como ela era para ele. E, se conseguisse, faria uma visita quando voltasse para o norte, quando a guerra terminasse.

Desde a carta de Caroline, ele se concentrou em lutar. O inimigo cooperou, deixando-o, junto com o resto do exército da União, pouco tempo para pensar em qualquer coisa além de permanecer vivo.

Os rebeldes haviam lutado com tanta ferocidade que era difícil acreditar que aqueles soldados de infantaria empoeirados e enlameados para os quais ele estava olhando agora, vindo de todas as direções para permanecer silenciosamente a uma curta distância, eram os mesmos homens.

Os que ainda tinham armas seguravam-nas pelo cano, com a coronha no chão. Ficou tacitamente entendido que eles não tinham vindo para lutar, esses Johnnies, mas simplesmente para testemunhar o que viesse a seguir. Para mostrar, mesmo que apenas por sua presença, sua profunda consideração por seu general.

Eles estavam magros, quase esqueléticos, com olhos febris e assombrados e cavidades sombreadas sob as maçãs do rosto que se destacavam como saliências em uma encosta íngreme. A maioria era pouco mais que meninos de escola, armados com armas *squirrel*, e muitos não carregavam nenhuma arma. Eles exalavam um fedor coletivo de suor, urina rançosa, latrinas, feridas pútridas e dentes podres e, no entanto, apesar de tudo, não havia como duvidar de sua dignidade; eles lutaram corajosamente, bravamente até, e sabiam disso.

Tristes, cadavéricos e famintos como estavam, eles foram os instrumentos de muitas campanhas brilhantes, atormentando as tropas federais repetidas vezes, aparecendo do nada, fluindo por encostas e curvas da estrada, centenas ou mesmo milhares deles, perfurando o ar com aquele estranho grito do demônio, o Rebel Yell. O som, especialmente em coro, poderia fraturar a haste dos ossos de um homem e congelar a medula.

Rogan falou com um moço ruivo com mais sardas do que pele branca. — Você precisa de água, John? — ele perguntou. — Algo para comer?

O Reb pareceu cauteloso no começo, mas então ele deu um aceno curto, seus olhos encontraram os de Rogan, e ele disse, — Sim, Bill. Precisamos de quase tudo que você possa imaginar, agora mesmo.

— Eu enviarei as provisões—, Rogan disse a ele. — Enquanto isso, há uma bomba manual atrás da casa. Você pode encher seus cantis lá.

— Obrigado—, disse o Reb. Ele lançou um olhar para os Yankees agrupados no pátio. — Eles vão atirar em nós?

— Não—, disse Rogan. — Eu caminharei ao seu lado. Se eles atirarem, vão me atingir.

— Você não pode andar ao lado de todos nós—, o menino apontou.

— Eu sou o oficial de mais alta patente aqui no momento—, respondeu Rogan. — Não haverá tiroteio, embora eu suponha que alguns deles não se importariam de explodir um pedaço da minha cabeça. Eles teriam que prestar contas ao general Grant, no entanto, e ele não ficaria satisfeito, principalmente com o general Lee no local.

— Vamos então—, o menino decidiu, depois de pensar um pouco. — Mas faremos isso em revezamentos, alguns de cada vez.

Rogan assentiu. — Tudo bem.

Eles partiram para a bomba então, Rogan, o menino e cerca de meia dúzia de rebeldes sedentos.

Ninguém atirou neles.

— É melhor vocês, federais, tratem bem o general—, disse o garoto ruivo enquanto caminhavam. — Se vocês não fizerem isso, bem, nós, rapazes, não seremos tão pacíficos como agora.

Rogan sorriu para si mesmo. Perguntou-se se Bridger tinha estado nesta última luta. Se ele tinha sobrevivido. — Entendido—, ele disse gravemente. — O fato é que a maioria de nós pensa muito bem do seu General Lee. O general Grant negociará duramente, é verdade, mas será um cavalheiro em relação a isso.

O menino fez um som bufando. — O Sr. Grant é um inútil—, ele murmurou. — Ele não serve para cuspir as botas do General Lee.

Rogan não disse nada. Se o rapaz precisava desabafar um pouco, deixei-o.

Quando os últimos cantis foram preenchidos e os suprimentos enviados, o General Grant chegou, acompanhado por um pequeno grupo. Seu uniforme estava tão enlameado e de má reputação como sempre, o charuto de costume projetava-se entre os dentes, e ele retribuía as saudações de seus homens de forma distraída.

Ele desmontou, subiu os degraus da varanda e entrou decididamente em McLean House, ladeado por alguns de seus aliados de maior confiança.

O encontro durou algum tempo.

A carroça de suprimentos chegou e Rogan supervisionou a distribuição de biscoitos duros, frutas secas e carne seca. Os confederados devoraram tudo o que receberam.

Rogan estava tão absorto no processo que se esqueceu dos dois homens dentro da casa, trabalhando no destino dos exércitos, e não notou Bridger

até que ele saltou de seu garanhão e parou ao lado dele.

— Bem—, Rogan conseguiu dizer, assustado e muito aliviado—, eu acho que não vou ter que cavalgar até Savannah e parar em Fairhaven depois de tudo.

Bridger estava mais magro do que antes, e precisava muito de um banho e fazer a barba, mas fora isso ileso. — Não—, ele respondeu. — Você pode ir direto para a Pensilvânia.

Rogan chamou seu amigo de lado. — Eu não vou até Caroline—, ele disse. — Acontece que ela não está interessada em casamento, não comigo, pelo menos. Acha que isso pode arruinar nossa amizade.

Bridger sorriu levemente, mas seus olhos estavam tristes, provavelmente por muitas razões. — Sinto muito, Rogan.

— Não sinta. Ela pode recusar você também.

Bridger assentiu. — Há uma boa chance de ela fazer exatamente isso—, disse ele. — Mas eu tenho que tentar.

— Eu sei—, disse Rogan. Ele se sentiu triste e, ao mesmo tempo, estranhamente esperançoso por Bridger.

O olhar de Bridger se deslocou para a casa, e a tristeza se espalhou de seus olhos para todo o seu rosto. — Se isso acabar—, disse ele, quando olhou para Rogan novamente—, o que você fará? Voltar para a cidade de Nova York, retomar a advocacia?

— Não tenho certeza. Talvez eu vá para o oeste. Recomeçar. E você?

Bridger deu uma risada crua. — Meu alistamento terminou há seis meses. Tudo o que quero fazer é me casar com Caroline, se ela me aceitar, e voltar para Fairhaven. Há muito trabalho a ser feito.

— Sherman não destruiu o lugar?

— Ele causou alguns danos, mas a casa e o celeiro estão exatamente onde os deixei. Um pouco pior pelo desgaste, é claro, mas ainda de pé.

Satisfeito, Rogan bateu levemente no ombro de Bridger. — E Amalie? Ela está bem?

Bridger sorriu. — Minha irmãzinha está furiosa com todos os yankees de Lincoln em diante, mas ela está inteira. Ela decidiu ser uma solteirona, já que, como ela disse, os únicos homens solteiros que ela provavelmente encontrará, quando esta guerra terminar, têm mais de oitenta ou menos de quatorze anos.

Rogan sorriu, lembrando-se da garota que planejava se casar com ele quando crescesse, comparando-a com a fotografia no bolso de sua camisa.

— Talvez eu vá para Savannah antes de ir para o oeste. Eu não me importaria de ver Fairhaven novamente.

— Não é o lugar que você lembra, Rogan—, Bridger disse, melancólico agora. — Mas você é bem-vindo lá a qualquer hora. Eu não apareceria naquele uniforme azul, no entanto. Amalie é uma mão justa com uma espingarda.

Rogan riu. — Eu poderia arriscar uma visita de qualquer maneira.

— Eu consideraria isso um favor—, Bridger disse a ele. Ele olhou e soou sério.

Vendo a expressão de Rogan, ele continuou.

— A vida tem sido difícil para Amalie há muito tempo. Ela coloca uma cara corajosa, mas ela está cansada, Rogan. Francamente, estou preocupado com ela. Uma visita sua quebraria a monotonia, para dizer o mínimo.

— Mesmo que ela me cumprimente com uma espingarda?

— *Especialmente* se ela o cumprimentar com uma espingarda—, respondeu Bridger. — Não precisa se preocupar. Amalie não atirará para matar, desde que você não se apresente com esse uniforme. Mesmo assim, ela pode deixar você viver, apenas porque ela está apaixonada por você desde aqueles verões que você passou em Fairhaven.

— Na verdade—, Rogan respondeu—, ela me pediu em casamento no dia em que partimos depois de uma de nossas visitas. Disse que ela cresceria e se tornaria a mulher mais bonita de toda a Georgia, e eu me arrependeria se não voltasse.

Bridger riu novamente. O som era o próprio cansaço, mas também genuíno. — Bem, então acho que é melhor você fazer a coisa honrosa e voltar. Duvido que ela queira se casar com você, mas ela foi precisa sobre uma coisa, minha irmãzinha. Ela é definitivamente linda.

Rogan não falou. Ele queria ver Amalie novamente, e Fairhaven também.

E então ele iria para o oeste.

Se Bridger conseguisse, e trouxesse Caroline para casa em Fairhaven como sua esposa, Rogan não estaria lá quando eles chegassem.

Hammond Farm
10 de maio de 1865

Bridger

Caroline estava no pátio quando ele e o garanhão fizeram a última curva da estrada. Seus braços estavam erguidos, prendendo a roupa no varal. Seu vestido preto, em total contraste com o lençol branco como a neve esvoaçando atrás dela, a destacava em nítido relevo, mesmo de costas para ele.

Bridger, nervoso, cansado até os ossos, cheio de expectativa e doce temor, sentiu seu coração tropeçar ao registrar o modo de vestir de Caroline.

Ele cutucou Orion de um trote para um galope com um movimento de seus calcanhares, e ela deve ter ouvido os cascos do garanhão batendo no chão duro. Ela lentamente abaixou os braços, virou a cabeça.

O portão da fazenda estava fechado, mas a essa altura Orion havia acertado o passo e, com uma explosão de velocidade, ele voou por cima da cerca que corria ao lado, como um corvo levantando voo.

Caroline, imóvel como um poste até aquele momento, levou a mão à boca, deixou-a cair e, agarrando o tecido sombrio de suas saias com os dois punhos e erguendo-os até os tornozelos, começou a correr.

Bridger refreou o garanhão, passou uma perna sobre a sela e aterrissou em uma corrida.

Eles se encontraram, ou mais precisamente, colidiram, no meio do caminho entre a estrada e o varal, Caroline envolvendo seus braços ao redor do pescoço de Bridger, Bridger levantando-a e girando-a em círculos até que ambos estivessem tontos.

Seu rosto, enterrado em seu ombro, estava molhado de lágrimas, e ela se agarrou a ele, como um sobrevivente de naufrágio a um mastro afundando. — Bridger—, ela sussurrou. — Bridger.

Ele a colocou de pé, firmou-a. Firmou os pés para se firmar até que o campo verde parasse de girar ao redor deles.

No limite de sua visão, Orion relinchou e se esquivou, as rédeas balançando.

— Caroline—, Bridger disse gentilmente. — Olhe para mim.

Ela jogou a cabeça para trás, mas seus olhos estavam baixos, e ele curvou um dedo sob seu queixo trêmulo e o ergueu para poder ver seu rosto.

— Eu não pensei... eu não tinha certeza se veria você de novo—, ela murmurou, fazendo um esforço para recuperar a compostura.

Ele sorriu, roçou os lábios no centro da testa dela. — Eu disse a você que voltaria—, ele a lembrou.

Um estremecimento passou por ela, e ela mordeu o lábio inferior, olhou para ele com olhos vermelhos. Assentiu.

Ele a pegou pelos ombros, com medo de que seus joelhos se dobrassem. — Quem morreu, Caroline? — ele perguntou ríspidamente, aterrorizado com a resposta. *Por favor, Deus, não a criança. Raquel não.*

Caroline piscou, fungando, e ele viu perplexidade em sua expressão, embora logo mudasse para compreensão.

Ela olhou para seu traje de luto, depois olhou para cima novamente. — O vestido — murmurou ela, como se respondesse a alguma pergunta que fizera a si mesma, e não a ele. — O *vestido*.

— Não Enoch—, Bridger disse. — Ou...

— Oh, não—, Caroline disse rapidamente. — Todos aqui estão bem. Uma das mulheres locais, membros da minha igreja e da Ladies' Aid Society, concordaram em usar roupas de luto em memória do pobre Sr. Lincoln. Só até o dia 14, quando terá passado um mês de sua morte. — Ela olhou para baixo. — Alguns de nós fomos para Harrisburg quando o trem funerário parou lá. Nós... participamos da exibição à noite.

— Deve ter sido difícil—, disse ele, pensando na dor e na tristeza que ela deve ter sentido e nas lembranças que isso teria trazido de volta.

Ela assentiu.

Bridger moveu suas mãos de seus ombros para segurar seu rosto, cuidando para não irritar sua pele com suas calejadas palmas. Por um longo tempo, ele simplesmente olhou para ela, sem saber o que dizer.

O assassinato de Lincoln, ocorrido apenas cinco dias depois de Appomattox, ofuscou a rendição; As manchetes do norte, cantando a vitória e a restauração da União, imediatamente se transformaram em elogios sombrios, relatos dos trágicos eventos no Ford's Theatre, a vigília da morte, os ataques simultâneos a outras pessoas naquela mesma noite, principalmente os que visavam o secretário Seward e seu filho, ambos sofreram ferimentos quase fatais.

As tropas federais rastrearam o ator, John Wilkes Booth, que colocou uma bala na nuca do presidente e quebrou uma perna em um salto dramático da varanda para o palco, por dias. Eles o encontraram escondido no celeiro de um fazendeiro, no interior da Virginia, junto com um cúmplice. Seguiu-se um impasse, de acordo com os jornais, e, aqui, a história tomou duas direções diferentes, um lado alegando que Booth havia ateado o incêndio que consumiu o celeiro, e ele com ele, em uma demonstração maníaca de desafio, o outro igualmente convencido de que seus perseguidores haviam ateado fogo em um esforço para fumegar suas presas. Ou matá-lo.

Bridger começou a falar, mas Caroline o impediu pressionando dois dedos levemente em sua boca.

— Agora não, Bridger—, ela disse suavemente. — Tem havido muita tristeza, muita morte. Falemos de coisas felizes. A guerra acabou e você está aqui, diante de mim, são e salvo. Por enquanto, isso é o suficiente.

Bridger beijou os dedos que o haviam silenciado momentos antes. — Eu te amo, Caroline—, ele disse.

Ela corou, desviou os olhos timidamente, mas quando ela olhou de volta para o rosto dele, ela sorriu. — Verdadeiramente? Não serei sua amante, Bridger Winslow.

Ele sorriu. — Não—, ele concordou. — É uma esposa que eu quero. — Ele fez uma pausa, deliciando-se com seu calor, o cheiro de seu cabelo, o brilho atraente em suas bochechas. — Embora eu não me importasse se você agisse como uma amante de vez em quando.

A cor de Caroline mudou de rosa pálido para damasco. Por um segundo ou dois, ele pensou que ela iria se soltar e dar um tapa forte em seu rosto.

Mas então ela falou. — Existem muitas razões pelas quais eu deveria recusar sua proposta, senhor—, ela disse, não se retirando, mas se aninhando mais perto. — Se é isso que você quis dizer.

Ele abaixou a cabeça, beijou-a, muito brevemente, na boca. — É precisamente o que eu quis dizer—, disse ele. — E, dada a oportunidade, acredito que posso... convencê-la a aceitar minha proposta, em vez de recusar.

Caroline deu um suspiro suave e satisfeito que deixou Bridger duro de desejo por ela, e do jeito que ela se acomodou contra ele, ela tinha que estar ciente disso.

— Devemos entrar—, ela disse, tão baixinho que ele mal a ouviu. — Estamos nos comportando de maneira escandalosa, parados aqui, nos abraçando assim.

Bridger limpou a garganta. — Caroline—, ele sussurrou. — Eu me declarei. Agora, você me ama ou não?

Ela inclinou a cabeça para trás, os olhos brilhando com malícia e algo mais. — Sim, Bridger—, ela respondeu. — Eu te amo.

— E?

— E eu vou me casar com você, o céu me ajude.

Ele riu, levantou-a do chão novamente, desta vez pela cintura, e a girou, em comemoração. Orion, assustado, relinchou alto.

Caroline riu também, colocando as mãos no rosto de Bridger, ficando na ponta dos pés para beijá-lo. — Temos muito que conversar, Sr. Winslow—, disse ela, recuando. Com isso, ela pegou a mão dele, puxando-o pela encosta gramada em direção à casa.

Orion o seguiu, dócil como um pônei de circo.

Bridger libertou sua mão da de Caroline e agarrou as rédeas do garanhão, franzindo o cenho agora. — Onde está todo mundo? — ele perguntou. — Enoch? Rachel?

— Eles foram passar o dia na cidade—, Caroline respondeu. — Enoch, Jubie, o pequeno Gideon e Rachel. Enoch está fazendo reparos na casa da minha avó.

— Oh—, Bridger disse.

Mais uma vez, Caroline riu. — Coloque seu cavalo no celeiro, Sr. Winslow—, ela instruiu. — Enquanto eu troco este vestido.

— E depois?

— Então—, Caroline brincou—, quem sabe o que vai acontecer?

O que aconteceu, como se viu, foi isso. Bridger levou Orion a um estábulo, aliviou o animal da sela, cobertor e freio, escovou-o, certificou-se de que ele tivesse bastante feno e água em abundância.

Caroline, por sua vez, entrou na casa, onde permaneceu por tanto tempo que Bridger teve tempo de se banhar nas águas geladas do riacho, secar-se com a camisa e vestir as roupas relativamente limpas que havia tirado de seus alforjes, junto com uma lasca de sabão e uma navalha dobrável.

Quando ele voltou do riacho, ainda tremendo um pouco e todo arrepiado, ouviu Caroline se movimentando na cozinha. Ela estava cantando, e sua voz flutuou pela porta aberta para o quintal, onde Bridger

estava, rezando para que não estivesse sonhando, esparramado em um colchonete em algum acampamento do exército.

A cachorra de Rachel apareceu na porta, observando-o com curiosidade.

Caroline se materializou ao lado da cachorra, sorrindo. Seu cabelo estava solto, ondas de trigo dourado caindo até a cintura, e ela estava usando um lindo vestido de verão, feito de algodão fino, rosas minúsculas salpicadas contra um fundo verde claro.

Bridger, que havia suportado imersão em água fria por motivos que iam além da limpeza pessoal, endureceu novamente, instantaneamente e, desta vez, dolorosamente.

Ele gemeu alto.

Encantada, Caroline sorriu. — Está com fome? — ela perguntou.

— Deus, sim—, Bridger resmungou. Ele estava, de fato, faminto. Mas não apenas pela comida.

Mais uma vez, ela riu. Ela sabia exatamente o que estava fazendo com ele, divertia-se com isso. — Venha para dentro, então—, disse ela. — Eu vou ter uma refeição pronta para você em alguns momentos.

— Caroline...

Ela fingiu perplexidade. — Algo está errado?

— Venha aqui fora—, disse ele. — Por favor.

— Mas acabei de fazer sanduíches.

— Os sanduíches podem esperar. Você está me deixando louco, Caroline, com seu cabelo solto, usando esse vestido e... onde diabos estão seus sapatos? — Bridger fez uma pausa, exasperado. — Você está fazendo isso de propósito, maldição. — Já não era castigo suficiente perder a guerra?

Caroline foi até ele então, ficou perto. Toda suave. Deliciosa.

— Você *disse* que queria que eu me comportasse como uma amante—, ela o lembrou docemente. — Como eu estou indo?

Bridger se inclinou até que seu nariz quase tocou o de Caroline. — Você está indo *muito bem*. Se você está tentando me matar, é isso!

— Eu não estou tentando te matar, seu idiota teimoso. Estou tentando *seduzi-lo*.

— Caroline—, ele avisou. — Ainda não somos casados.

Ela realmente piscou para ele. — Nós seremos—, disse ela. — Não seremos?

— Sim, se você não me mandar para o manicômio primeiro!

Seu sorriso era francamente atrevido. — Nós dois podemos enlouquecer —, ela disse—, se você não fizer amor comigo. Muito em breve.

Foi isso.

Ele a envolveu em seus braços. Levou-a para casa. Parou.

A casa de outro homem. A cama de outro homem.

Mas *sua* mulher.

Caroline descansou uma mão contra sua bochecha, traçou os contornos de seus lábios com a ponta do polegar e resolveu seu dilema com uma única palavra.

— Rápido.

33

Gettysburg
21 de maio de 1865
Caroline

Caroline estava no espaçoso e arejado quarto de sua infância, vestida com um simples vestido rosa-escuro, feito de um dos vestidos de noite de sua avó, diante do espelho de corpo e meio, virando-se lentamente para um lado, depois para o outro. Seu cabelo estava preso em um coque solto e, em vez de um véu de noiva, ela usava uma coroa de flores silvestres da primavera.

Rachel e Jubie estavam sentadas lado a lado na cama de dossel, Sweet Girl aninhada confortavelmente atrás delas, nos travesseiros, observando-as.

Gideon, andando agora, contorcia-se no joelho de Jubie, uma mãozinha descansando na protuberante barriga de sua mãe. Em poucos meses, Jubie daria à luz um segundo filho, dela e de Enoch, e ela brilhava de felicidade.

— Me põe no chão —, o garotinho se preocupou. — Quero descer.

— Para você ir direto até a Sra. Caroline e pegar seu lindo vestido? — Jubie respondeu, balançando seu belo filho e segurando-o firme. — Isso não vai acontecer.

Rachel, de renda cor de marfim, deu um tapinha na coxa roliça de bebê de Gideon e disse: — Seja bonzinho, Gideon, ou não vai ganhar bolo de casamento.

— Rachel—, Caroline alertou, distraída. — Pare com isso.

— Quer parar de se preocupar, Caroline? — Jubie brincou bem-humorado. Exuberante com a gravidez e as alegrias particulares de seu casamento com Enoch, ela estava linda em sua melhor roupa de domingo, um vestido verde esmeralda que ela mesma havia costurado. — Você está linda. Você vai colocar todas aquelas beldades esnobes do sul de volta em seus sapatos de dança quando elas derem uma olhada na Sra. Bridger Winslow.

Caroline esqueceu a imagem no espelho e ficou de frente para seu pequeno público, torcendo um pouco as mãos. Se não fosse pela presença

de Rachel, ela poderia ter começado a chorar na hora. Como era possível uma pessoa ser tão feliz e morrer de medo ao mesmo tempo?

Jubie colocou Gideon no chão, levantou-se e caminhou até Caroline. Segurou as mãos dela.

— Aquele homem lá embaixo na sala, esperando com Enoch, o pregador e sua avó? Ele te *ama*, Caroline. Com exceção de meu próprio marido, nunca vi um homem olhar para uma mulher do jeito que ele olha para você. Você conhece Enoch e eu, vamos cuidar da fazenda, então vá em frente e deixe-se ser feliz, pare de procurar coisas com as quais possa se preocupar, ouviu?

— Vou ter um quarto grande, grande como este, em nossa nova casa—, Rachel disse, movendo-se rapidamente para afastar Gideon das saias de sua mãe. Ela adorava o garotinho, e Caroline se perguntou se ela percebia o quanto sentiria falta dele quando elas partissem para Fairhaven, a plantação de Bridger nos arredores de Savannah, Georgia. Com menos de seis anos, a criança provavelmente não tinha noção da distância. — Eu também terei um pônei. E voltaremos para visitar, assim que as ferrovias estiverem consertadas. Meu padraсто prometeu.

Caroline e Jubie sorriam com sorrisos úmidos e enevoados, ainda de mãos dadas.

— São *seiscentas milhas* até Savannah—, Rachel tagarelava. — Vamos na carroça que meu padraсто comprou e, algumas noites, quando não houver pousadas para ficar, *dormimos* nela.

Uma leve batida soou na porta do quarto, e Geneva espiou, então entrou.

— Meu Deus—, disse ela, admirando a neta. — Você é a noiva *mais adorável*, Caroline.

— Eu também sou adorável? — Rachel queria saber.

Geneva sorriu. — Sim, querida, você certamente é.

Jubie deu um passo para trás, apertando as mãos de Caroline uma vez antes de deixá-las cair, encurralou Gideon e içou-o em um quadril, estendendo a mão para Rachel.

— Vamos descer aquelas escadas elegantes para a sala de estar e nos situarmos da maneira certa, para que possamos nos casar.

Rachel pegou a mão de Jubie, disposta a ser conduzida, mas lançou um olhar de soslaio para Caroline. — Você e ele vão pular um cabo de vassoura, mamãe, como Jubie e o Sr. Enoch fizeram quando se casaram?

— Não, querida—, Caroline disse, com uma risada. Jubie e Enoch se casaram na Fazenda Hammond no ano anterior, em uma cerimônia que incluiu um ministro e a tradição da vassoura.

Rachel parecia desapontada. — Bem—, ela disse, enquanto Jubie a puxava em direção à porta, —quando *eu* crescer e me casar, vou pular a vassoura.

— Senhor, tenha misericórdia—, Jubie riu. — É uma visão que espero viver para ver. E acho que você também vai conseguir. Agora, vamos lá, porque seu padraсто, ele está lá embaixo esperando, prestes a explodir de sua pele, ele está tão ansioso para fazer de sua mãe sua esposa e você sua própria filhinha.

A cachorra pulou e os seguiu para fora do quarto, e Jubie fechou a porta suavemente atrás deles.

A voz de Rachel veio do corredor. — Meu novo papai não vai *realmente* sair de cena, vai?

Jubie riu, e o som era rico e ressonante. — Não, criança—, ela respondeu. — Isso é apenas uma maneira de dizer, Sr. Bridger, ele está pronto para continuar com o casamento.

Caroline aceitou o lenço oferecido por Geneva e enxugou os olhos. — Tem certeza de que não virá para a Georgia conosco, vovó?

Geneva sorriu e balançou a cabeça. — Estou velha demais para viajar para tão longe e, além disso, ainda há muita coisa aqui que precisa ser feita.

Caroline assentiu. — Eu sentirei muito sua falta.

— E vou sentir sua falta. Mas vamos escrever e manter uma a outra em nossas orações, e ficaremos bem, todos nós.

— Nunca pensei em deixar a fazenda—, confessou Caroline.

— Eu sei que você não pensou—, Geneva concordou. — É uma grande coisa que você está fazendo, porém, para Enoch e Jubie, e para Rachel também. Enoch e Jubie terão um bom lugar para criar seus filhos, uma parte justa de tudo o que as colheitas renderem quando forem vendidas e uma escritura clara de vinte acres de sua propriedade. Quando Rachel atingir a maioridade, Hammond Farm deixará um legado muito bom, quer ela escolha morar aqui ou não.

— Espero estar fazendo o que é certo, só isso—, Caroline se preocupou.

— Você ama esse homem com quem está prestes a se casar? — Geneva perguntou.

— Sim—, Caroline respondeu. — Muitíssimo.

— Então você está fazendo a coisa certa. Não é fácil deixar as pessoas e os lugares que conhecemos, Caroline, mas às vezes a vida exige que façamos isso de qualquer maneira, apenas nos arrasta para algum lugar novo, e podemos afundar ou nadar. Se decidirmos ser felizes, porém, seremos. Não importa o que.

— Foi assim para você? Quando você se casou com o vovô?

— Foi—, disse Geneva. — E estou tão feliz por ter feito isso. Se eu tivesse ficado parada, com medo de me arriscar com um jovem e bonito médico, pobre como um rato de igreja e positivamente crepitante de amor e ambição e um monte de outras qualidades interessantes, eu teria perdido muito.

Caroline suspirou e sorriu. — Não tenho certeza se teria coragem—, disse ela.

— Bobagem—, respondeu Geneva. — Você tem agora. Você a teve quando era criança e perdeu sua família. Você a teve quando procurou Jacob em uma cidade estranha e quando trouxe o corpo dele para casa. Quando você acolheu Jubie e cuidou de seu filho e, acima de tudo, quando a guerra encontrou nossa pacata comunidade agrícola e trouxe seus muitos males à nossa porta. E agora você ama um homem que pode acreditar que não deveria, um antigo inimigo que vai levá-la para viver em um lugar que é estranho para você, entre pessoas que se rebelaram contra seus valores mais queridos.

— Você está tentando me convencer a não me casar com Bridger? — Caroline perguntou, com um sorriso trêmulo.

— Consegurei? — Geneva perguntou.

— Não—, Caroline respondeu sem hesitação.

— Então pare de tentar se convencer *disso*. Desça, tome seu lugar ao lado de Bridger Winslow e *case-se com* ele, pelo amor de Deus.

Uma pequena emoção percorreu Caroline, um doce estremecimento. Ela ligou seu braço ao de Geneva. — Avante, então—, ela disse. — Na tempestade.

34

Gettysburg *Três dias depois...*

Bridger

Ela era uma maravilha, sua noiva. Ela brilhava, uma deusa em chita e um chapéu, mesmo enquanto se despedia de Enoch, Jubie e do jovem Gideon no gramado ao lado da casa de pedra.

Enoch se levantou, chorando sem vergonha enquanto Caroline pegava suas grandes mãos nas dela e ficava na ponta dos pés para beijar sua bochecha.

Tendo se despedido, Bridger se afastou, ao lado da carroça carregada.

Orion, amarrado atrás, seguiria.

Rachel, como Bridger, tinha completado as formalidades, e ela tinha mostrado notável serenidade para uma criança tão pequena. Ansiosa para começar a grande aventura, ela já estava na carroça com Sweet Girl, segurando a porta traseira trancada e quicando de joelhos. Ela estava emoldurada pelo arco de lona nova que os abrigaria e pelas poucas coisas que Caroline decidira levar.

— Por que mamãe não se *apressa*? — Rachel perguntou intermitentemente.

— Algumas coisas são muito importantes para serem apressadas—, Bridger rebateu. Respondeu com um sorriso. — Seja paciente, Sugarplum. Esta vai ser uma longa viagem, então agora é provavelmente um bom momento para praticar.

Caroline e Jubie estavam se abraçando, dois bebês entre eles, um ainda por nascer, o outro se contorcendo e estendendo a mão para Enoch.

Com uma gargalhada profunda, Enoch pegou o menino de sua mãe, sorrindo orgulhosamente enquanto seu filho colocava uma pequena palma gorda em seu rosto molhado, tentando enxugar as lágrimas do grande homem.

Depois do casamento, quando Caroline disse a Enoch que queria que ele e Jubie se mudassem para a casa principal para que tivessem espaço para sua família crescente, ele recusou a princípio. Balançou a cabeça e disse: “Não, senhora. É demais e, de qualquer forma, a cabana está boa.

Para a diversão de Bridger, Jubie deu uma cotovelada em seu marido e o informou que se ele fosse tolo o suficiente para morar em um quarto quando poderia ter aquele lugar grande e agradável, com uma cozinha e um celeiro robusto, seria melhor ele se acostumar sua própria companhia novamente, porque *ela* queria um quarto de verdade e uma sala de estar e um lugar onde ela pudesse cozinhar sem se segurar nos cotovelos. Além disso, ela não pretendia caminhar pelo pomar para ordenhar a vaca, capinar o jardim e pendurar a roupa lavada no varal, depois se arrastar de volta colina acima depois de trabalhar o dia todo.

Sabidamente, Enoch admitiu o ponto.

— Gideon será um menino grande quando eu o vir novamente—, Rachel anunciou. — É o que mamãe diz.

Bridger se apoiou contra a porta traseira, seus braços cruzados. — Ele vai ser maior do que é agora, tudo bem. Você o verá mais cedo do que pensa, no entanto.

As despedidas estavam quase no fim agora; Caroline estava começando a se desvencilhar, prometendo escrever com frequência, lembrando a Jubie e Enoch que ela esperava respostas. Ela queria saber tudo sobre o novo bebê e Gideon, disse a eles pela centésima vez. Ah, e se não conseguirem encontrar isso ou aquilo, deveriam perguntar à avó dela.

Bridger sorriu novamente. Havia uma lista, é claro.

Caroline cuidara disso.

Ela estava vindo em sua direção agora, olhando para trás, enxugando as lágrimas com as costas da mão.

Bridger a segurou com os olhos.

Deus, ele a amava. Ele nunca sonhou que fosse possível cuidar de uma mulher do jeito que cuidava de Caroline Hammond Winslow. Sua esposa, uma dama durante o dia, uma gata selvagem à noite, e tão linda que ele poderia se perder só de olhar para ela.

Inteligente, também, com uma mente que se desdobrava em novos territórios de pensamento, uma mente que explorava a sua própria, e abria porta após porta, deixando a luz entrar, levantando a poeira, levantando janelas.

Toda a troca foi fascinante.

Ela o alcançou, olhou para ele. — Isso é difícil—, disse ela.

— Eu sei—, Bridger respondeu, beijando sua testa.

— Eu e Sweet Girl vamos viajar até a Georgia nesta mesma carroça—, Rachel disse.

Caroline riu baixinho. — “Sweet Girl e eu”—, ela corrigiu. — E, sim, você vai viajar até a Georgia nesta carroça. É muito longe para caminhar.

Bridger descansou suas mãos em cada lado da cintura estreita de Caroline. — Pronta? — ele perguntou.

Ela sorriu para ele. — Ah, sim—, disse ela. — Estou definitivamente pronta, Sr. Winslow.

— Bem, então, *Sra.* Winslow, vamos partir. — Ele pegou Caroline pela mão, conduziu-a ao redor da carroça e ajudou-a a subir no assento alto.

Enoch, Jubie e Gideon ficaram de pé, sorrindo, acenando e chorando.

Bridger fez uma saudação rápida, certificando-se de que a porta traseira estava bem presa e a longa corda de Orion seguraria. Ele deu um tapinha no pescoço do garanhão, contornou a carroça, subiu ao lado de Caroline e soltou a alavanca do freio com um pé.

Ela havia tirado um lenço de algum lugar escondido, dentro de uma manga ou entre os botões de seu corpete, e ela estava enxugando os olhos.

— Estou tão feliz por já termos nos despedido de Geneva—, disse ela.

Bridger tomou as rédeas. A parelha tinha quatro cavalos fortes e os arreios estavam rígidos de novo. — Se você quiser vê-la novamente, vamos parar na cidade.

Caroline balançou a cabeça. — Não. Eu só começaria a chorar, e então vovó me daria um sermão sobre como segurar a vida com as duas mãos e sacudir todas as bênçãos concebíveis dela.

Ele baixou as rédeas e a parelha se movimentou, indo para o portão aberto e a estrada além. — Parece uma boa filosofia para mim.

Caroline se inclinou para o lado dele e permaneceu lá. Então um pensamento deve ter ocorrido a ela, porque ela se endireitou e franziu a testa, virou-se para olhar para a carroça, além das colchas, do cravo e dos baús de roupas.

— Rachel está segura lá atrás?

Ele colocou um braço em volta dos ombros dela, apertou uma vez, ignorando a pontada de dor do ferimento de espada. — Ela está segura, Caroline.

Aparentemente tranquilizada, Caroline voltou a olhar para a frente.

— E você também—, Bridger acrescentou, muito gentilmente.

Eles viraram para a estrada, e ela olhou para trás, viu Jubie ainda de pé no quintal, segurando Gideon, e Enoch caminhando resolutamente pela trilha de terra para fechar o portão.

Caroline deixou sua cabeça descansar em seu ombro novamente. — Conte-me sobre Amalie e sobre Fairhaven, e não se atreva a dizer que já me contou. Quero ouvir sua voz, só isso, e você pode falar sobre qualquer coisa, menos sobre a guerra e as mulheres que conheceu antes de nos conhecermos.

Ele beijou o topo de sua cabeça, sentiu o tecido de seu chapéu contra seus lábios e então começou.

— Era uma vez, no reino chamado Dixie...

35

Fairhaven

15 de junho de 1865

Amalie

Ela havia varrido, tirado o pó e polido a manhã toda, e Amalie Winslow estava apenas começando. Ainda havia camas a serem feitas, tapetes a serem batidos e lençóis a serem retirados dos móveis nos melhores cômodos, especialmente na sala de estar e na sala de jantar.

Sala de jantar.

Senhor tenha piedade. Ela não tinha pensado em comida, e Bridger e sua noiva yankee estariam famintos quando chegassem, e a garotinha também.

Eles estariam desgastados depois de semanas gastas chacoalhando por estradas esburacadas naquele meio de transporte inadequado. Uma carroça coberta. Não era uma carruagem pequena e elegante, um veículo gracioso que seria de alguma utilidade no futuro.

Amalie tinha suas suspeitas. Embora Bridger a tivesse assegurado repetidamente sobre a bondade e inteligência de Caroline, sua nova cunhada poderia ser um desses tipos dominadores, sempre falando o que pensava e fazendo exigências. As mulheres eram assim no Norte, ela ouviu, estridente, marchando nas ruas, carregando cartazes e bandeiras. Elas careciam de elegância social e usavam roupas feias e sem graça e algumas delas até fumavam e bebiam uísque. Provavelmente jogavam cartas também.

E agora que o exército do Sr. Lincoln havia devastado o sul, deixando a Georgia em ruínas, além da própria cidade de Savannah, elas seriam ainda mais insuportáveis do que antes, olhando para baixo com seus narizes de machado com seus olhinhos redondos tudo e todos que tentaram viver de forma civilizada, cacarejando suas línguas perversas.

Certo, Caroline havia enviado a ela uma carta adorável, mas Amalie teve que se perguntar o quão genuíno era...

A porta da frente, arrombada duas vezes por rudes yankees, abriu-se com estrondo, batendo com força contra a parede interna e provavelmente amassando os lambris de mogno no processo.

Amalie tentou se lembrar onde ela havia colocado a espingarda. Ela gostava de mantê-la à mão, e isso também era bom, porque Fairhaven não passaria de vigas carbonizadas e mármore quebrado se ela não tivesse feito isso. Mas agora que o exército do general Sherman não estava rondando o campo, ela não estava tão vigilante.

Ela simplesmente teria que se contentar com a vassoura.

— Senhorita Amalie! Senhorita Amalie, você está em casa?

Amalie suspirou. Soltou o cabo da vassoura.

A voz pertencia à fera de sete anos de idade de Bella e Joseph, Molly Sue.

— Senhorita Ammmmmmmmmmalie!

Amalie chegou ao grande foyer, viu a criança descalça e de olhos arregalados sob o lustre que outrora enfeitara algum palácio europeu.

— Molly Sue Ryan—, Amalie repreendeu. — Por que você está agindo assim? E é melhor você torcer para não ter arranhado os lambris...

— Senhorita Amalie—, a garotinha sussurrou, e cada pequena trança em sua cabecinha parecia prestes a decolar em uma direção diferente. — Eu vi um *yankee* chegando, com certeza eu vi! Ele está vestido todo de azul e está montando um cavalo que não vejo igual desde que o Sr. Bridger levou Orion embora!

Em sua mente, Amalie viu a espingarda. Ela a havia deixado no escritório de seu pai.

— Molly Sue—, ela disse, já se dirigindo para as altas portas duplas em frente ao melhor salão—, vá e conte ao seu pai o que você acabou de me dizer, o mais rápido que puder. E não deixe esse *yankee* te ver também!

Molly Sue assentiu, ajustando suas tranças para balançar novamente.

— Vá! — Amalie ordenou, abrindo as portas do escritório. — Use o caminho de volta e lembre-se do que eu disse, você tem que ficar fora de vista. Não importa o que aconteça.

O lábio inferior de Molly Sue tremeu, mas ela assentiu novamente e correu em direção aos fundos da casa, seus pezinhos batendo no chão enquanto avançava.

Amalie tirou a espingarda do suporte atrás da escrivaninha de seu pai, engatilhou-a e viu que estava carregada.

Bom.

Ela podia ouvir o cavalo agora, trotando ao longo dos paralelepípedos na frente.

Ela endireitou a coluna, marchou de volta para o foyer e plantou-se diretamente no limiar, espingarda em punho e lutando loucamente.

Ela teve todo o assédio que iria suportar daqueles demônios de azul, e isso, por Deus, bastava.

Ele se sentava alto na sela, esse yankee, e seu uniforme era tão novo que provavelmente não teve tempo de começar a cheirar a suor. Botões de latão brilhavam como sóis de bebê na frente de sua túnica, e seu chapéu de aba preta estava impecável, com uma faixa dourada. Suas pernas eram longas e musculosas, e suas botas brilhavam como ônix.

Ele a examinou, da cabeça aos pés, com um olhar. Também registrou a espingarda, a menos que fosse cego, o que não parecia provável.

Por mais ousado que pudesse ser, o nortista cavalgou até o poste de amarração, desmontou e amarrou o cavalo frouxamente, para que ele pudesse beber do cocho de metal enquanto ele fazia sua visita, e não importava que não tivesse sido convidado.

Ele se aproximou, todo tranquilo, e havia algo vagamente familiar na maneira como ele se movia, mas Amalie não pensou nisso.

Ela apontou a espingarda. — Pode parar aí mesmo, yankee—, disse ela. — Mais um movimento, e eu vou mandar você para o seu Criador em pedaços.

O yankee parou na base dos três degraus que levavam à varanda, mas não parecia nem um pouco assustado.

— Se importa se eu tirar o chapéu?

Aquela voz. Ela tinha ouvido isso antes, mas onde?

— Vá em frente—, Amalie disse, a arma ainda apontada para sua cintura. — Só não tenha a impressão de que vou convidá-lo para entrar, porque não vou.

Ele estendeu a mão, tirou o chapéu e Amalie quase desmaiou quando viu seu cabelo preto brilhante, seus olhos índigo e aquele sorriso branco.

— Bem, Snippet—, disse Rogan McBride—, ouvi dizer que você era habilidosa com uma espingarda.

AGRADECIMENTOS

Minha sincera gratidão vai para:

Grady “Skip” Lael, meu falecido pai, e Hazel Bleecker Lael, minha mãe. Papai me ensinou persistência obstinada e mamãe me deu meu grande amor pela leitura.

Meus irmãos, Jerry Lael, Sally Lael Lang e Pamela Lael, que têm sido pilares de força.

Irene Goodman, minha agente há trinta e cinco anos, e Alex Kamaroff, seu marido e sócio. Irene e Alex acreditaram em mim e neste projeto desde a sua concepção.

Minha filha, Wendy Miller, que me inspira apenas por existir, e seu parceiro, Jeremy Hargis, um dos melhores homens que conheço. Eu amo vocês dois.

Jennifer Readman Gebhardt, minha sobrinha/assistente, que viajou comigo em muitas ocasiões, dirigiu carros alugados, despachou bagagem, reservou quartos de hotel e fez recados em cidades desconhecidas.

Kathy Sagan, minha editora na Mira, que me guiou com sabedoria e paciência durante o processo de elaboração desta história.

Paula Eykelhof, minha editora de longa data na HQN e uma amiga muito querida. Agradecimentos especiais, Paula, por fazer sua mágica e por nossas muitas conversas longas sobre a Guerra Civil e nossos vários e amados animais de estimação.

Debbie Macomber, escritora de classe mundial e parceira de plotagem verdadeiramente incrível. Obrigada pelas aventuras que compartilhamos, pelas vezes que rimos e pelas vezes que choramos.

Sandra Penesse e Janet Wahl, minhas amigas de “Gettysburg”, que me fizeram sentir muito bem-vinda em todas as visitas, compartilharam seus conhecimentos e me mimaram descaradamente. Eu aprecio vocês duas.

Cynthia Miller Taylor, que leu meu manuscrito e ofereceu garantias inestimáveis.

Meu mais profundo agradecimento aos especialistas:

Gary Roche, guia de campo de batalha licenciado, Gettysburg National Military Park. O conhecimento de Gary sobre a Guerra Civil Americana em geral, e a Batalha de Gettysburg em particular, é realmente impressionante.

Sua apresentação sobre seu ancestral, Patrick DeLacy, do 143º Regimento de Voluntários da PA, que recebeu a Medalha de Honra, é uma aula em si.

Gary foi incansável em seus esforços para me mostrar os pontos turísticos e explicar o que aconteceu, onde e quando. Sua adorável esposa, Marsha, trouxe sorrisos calorosos e garrafas de água gelada exatamente quando mais precisávamos.

Wayne E. Motts, guia licenciado do campo de batalha (Gettysburg), compartilhou sua enorme experiência e deu ao nosso pequeno grupo um extenso tour pelo Museu da Guerra Civil Americana em Harrisburg, Pensilvânia, além de organizar uma visita à Fazenda Spangler, perto de Gettysburg.

Debra Novotny, também guia licenciada do campo de batalha no Gettysburg National Military Park, nos mostrou o Cemitério Militar Nacional e o Cemitério Evergreen, para civis, e compartilhou muitas histórias fascinantes. Minha favorita envolvia um cão leal, um bravo soldado por mérito próprio.

O Coronel John Fitzpatrick, Esq., Guia de Campo de Batalha Licenciado, Gettysburg National Military Park, preencheu um dia chuvoso com uma palestra abrangente sobre Lincoln e a lendária Brigada Irlandesa.

Finalmente, meus agradecimentos a Nancie W. Gudmestad, que generosamente nos cedeu um passeio detalhado pelo Shriver House Museum, em Gettysburg.

Muitos, muitos outros contribuíram para minha pesquisa; seria impossível incluir todos vocês.

Quaisquer erros encontrados em A VIÚVA YANKEE são inteiramente meus.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: A VIÚVA YANKEE

Primeira publicação em 2019

Copyright © 2019 Hometown Girl Makes Good, Inc.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL:

The Yankee Widow

TRADUÇÃO:

Dee Dee

REVISÃO:

C. B.

DISTRIBUIÇÃO:

MR

ADAPTAÇÃO DE CAPA:

2D

LEITURA FINAL:

Equipe MR

Caroline, a jovem esposa de Jacob, um soldado da União em guerra, está criando sua filha sozinha na fazenda da família nos arredores de Gettysburg. A notícia chega de que seu marido está ferido, então ela viaja para Washington City para encontrá-lo. Quando Jacob sucumbe, ela traz seu corpo para casa na véspera da batalha mais mortal da guerra. Com tropas e saqueadores vagando pelo campo, é impossível para ela saber quem é amigo e quem é inimigo. Caroline luta para proteger aqueles que ama enquanto permanece compassiva com os mais necessitados ao seu redor, incluindo dois estranhos de lados opostos da guerra. Cada um está ferido. Cada um é atraído por sua bondade. Ambos oferecem conforto, mas apenas um captura secretamente seu coração. Ainda assim, ela deve resistir a expor sua vulnerabilidade nestes tempos incertos, quando tanto está em risco.

Em **A Viúva Yankee**, a talentosa contadora de histórias Linda Lael Miller explora as complexidades e o desgosto que as mulheres experimentaram quando seus homens pegaram em armas para preservar a nação.